

Rei Salomão

As tentações do Dinheiro, Sexo & Poder

Philip Ryken

Esse é Ryken em seu melhor estilo: cheio de verdade, sabedoria e discernimento. [...] O livro conta a história de Salomão, sua ascensão e queda, e habilmente investiga os temas de sua estranha tragédia à luz da esperança do evangelho. Há uma variedade de ilustrações convincentes e motivadoras, extraídas de fontes clássicas e contemporâneas, bem como insights literários sobre como a história de Salomão se encaixa na Bíblia. Ryken deixa em aberto a questão de no final Salomão ter voltado ou não para Deus, embora, por aquilo que se pode perceber no final de Eclesiastes, fique implícito que é bem possível que tenha voltado. É particularmente útil a seção em que Ryken descreve, com cuidado pastoral e ênfase prática, as possíveis tentações que podem advir com o poder e o sucesso e como evitá-las. No frigar dos ovos, uma ótima leitura, uma meditação esclarecedora sobre Salomão e um forte argumento para manter a piedade em meio à pressão para o sucesso.

Josh Moody, pastor titular da igreja College Church, em Wheaton, Illinois, e autor de *No other gospel*

Ryken produziu mais um excelente recurso pastoral para ajudar os crentes em seu crescimento espiritual, ao mesmo tempo que equipa líderes para desenvolverem um ministério de discipulado eficaz e centrado no evangelho. A exibição da majestade de Cristo, “aquele que é maior que Salomão”, é a bênção suprema que se extrai dessa análise bíblicamente fiel e biográfica da vida de Salomão. À medida que Ryken percorre a vida desse rei, examinando seu dom divino de sabedoria, seus anseios surpreendentes e suas realizações de destaque, ele expõe os grandes pecados de Salomão e a graça maior de Deus em Cristo. Essa exposição notável também permite que o leitor se beneficie de insights instrutivos sobre ciladas sutis e esquemas enredantes de Satanás no uso idólatra do dinheiro, poder e sexo. Embora seja uma leitura extremamente cativante, o livro oferece pausas intencionais para meditação e reflexão, permitindo-nos aplicações práticas que obedeçam à admoestação bíblica de “não ignorar as estratégias de Satanás”, mas nos concentrar na suficiência do grande Rei, Cristo Jesus, nosso Senhor.

Harry L. Reeder, pastor titular da Igreja Presbiteriana de Briarwood, em Birmingham, Alabama, Estados Unidos, e autor de *The leadership dynamic: a biblical model for raising effective leaders*

Rei
Salomão



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ryken, Philip Graham

Rei Salomão : as tentações do dinheiro, sexo e poder / Philip Graham Ryken; tradução de Marcio L. Redondo.

-- São Paulo: Vida Nova, 2018.

304 p.

ISBN 978-85-275-0825-4

Título original: King Solomon: the temptations of money, sex, and power.

1. Salomão, Rei de Israel 2. Dinheiro – Doutrina bíblica 3. Sexo – Doutrina bíblica 4. Poder – Aspectos religiosos I. Título II. Redondo, Marcio L.

Índices para catálogo sistemático:

1. Salomão, Rei de Israel

Rei Salomão

As tentações do Dinheiro, Sexo & Poder

Tradução
Marcio Loureiro Redondo

Philip Ryken



VIDA NOVA

©2011, Philip Graham Ryken

Título do original: *King Solomon: the temptations of money, sex, and power*,
edição publicada por CROSSWAY (Wheaton, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2018

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram
traduzidas diretamente da English Standard Version (ESV).
As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente
da King James Version (KJV) e da New International Version (NIV).
Todos os grifos em passagens bíblicas são do autor.

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Norma Braga
Rosa M. Ferreira

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Victória Cardoso
Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Gustavo N. Bonifácio

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

Dedicado a

JONATHAN e BETSY ROCKEY,

amigos fiéis, companheiros de conversas animadas,
modelos de caridade e piedade,

e ao

SENHOR JESUS CRISTO,
cuja vida de simplicidade, pureza
e humildade é nossa salvação.

“Eis que alguém maior
do que Salomão está aqui”
LUCAS 11.31

SUMÁRIO

Prefácio

- 1 Vida longa ao Rei!
- 2 O reino em primeiro lugar
- 3 O desejo de Salomão
- 4 A sabedoria de Salomão
- 5 O reino pacífico
- 6 Dentro do Templo de Salomão
- 7 Uma casa melhor
- 8 A Arca da Aliança e a glória
- 9 A escolha de Salomão
- 10 Salomão e a rainha de Sabá
- 11 *Sic transit gloria mundi*
- 12 Uma tragédia na realeza
- 13 A queda da casa de Davi

O epitáfio de Salomão

Índice de passagens bíblicas

Índice remissivo

PREFÁCIO

Enquanto escrevo, nos Estados Unidos o noticiário é dominado por uma história chocante: Tiger Woods, jogador de golfe de renome mundial, passou a ser rejeitado pelo público.

Por mais de uma década, Woods foi um dos homens mais admirados do mundo. É amplamente considerado um dos maiores jogadores da história do golfe — talvez o maior. Alto, forte e bonito, casou-se com uma mulher lindíssima. Com seu estilo vencedor e sua fama de procurar ser o melhor, ganhou centenas de milhões de dólares em prêmios e patrocínios.

No entanto, parece que agora Tiger perdeu tudo. Primeiro surgiu a notícia de um misterioso acidente de carro ocorrido tarde da noite na propriedade da família, na Flórida. Logo em seguida vieram acusações de desavenças conjugais e infidelidade sexual. Todos os dias, tabloides, jornais e programas de televisão noticiavam mais um relacionamento sórdido com uma garçonne, uma acompanhante ou uma prostituta de Las Vegas.

As consequências dessas transgressões foram devastadoras. Woods deixou de ser um dos homens mais admirados no mundo para ser um dos mais desprezados. A esposa e os filhos o abandonaram. Apesar de um pedido público de desculpas, sua reputação foi destruída, provavelmente para sempre. A carreira de Tiger como jogador de golfe ficou no limbo. Seus patrocinadores o abandonaram, e ele perdeu milhões de dólares por deixar de aparecer em peças de publicidade. Em resumo, sua vida foi devastada.

Qual foi a causa da queda de Tiger? Em parte, foi o adultério. Incapaz de resistir a um prazer proibido, ele cedeu à tentação sexual. É possível que o dinheiro também esteja relacionado com isso. Sendo extremamente rico, Tiger podia ir a lugares e fazer coisas com que a maioria das pessoas só poderia sonhar, e, por onde passava, algumas mulheres estavam prontas a se

jogar a seus pés. As transgressões de Tiger também significavam abuso de poder. Por causa da posição, simplesmente supunha que poderia fazer tudo o que quisesse e, mesmo assim, se safar. As tentações que provocaram a queda de Tiger são as mesmas que causaram a ruína de muitos famosos: dinheiro, sexo e poder.

O que aconteceu com o mais famoso jogador de golfe do mundo deve soar familiar para qualquer um que conheça a história de Salomão. Assim como Tiger Woods, o rei Salomão teve toda a fama e sucesso que qualquer pessoa possa desejar. Foi o rei mais sábio e mais rico do mundo. E, apesar disso, lamentavelmente jogou tudo fora. Em vez de permanecer fiel ao Deus vivo, seu coração foi desviado pela abundância de riqueza, pelos prazeres do sexo e pelo poder de um reino terreno.

Este livro reconstitui a vida de Salomão desde a coroação até o sepultamento. Antes ainda, na história que antecedeu seu reinado, vemos homens que lutaram com as mesmas tentações que Salomão enfrentou mais tarde: dinheiro, sexo e poder. São as mesmas tentações que todos enfrentamos. Portanto, ao observarmos as vitórias morais e os fracassos pecaminosos de Salomão, aprendemos a viver com mais sabedoria. Pela graça de Deus, podemos evitar que nós mesmos soframos uma queda trágica e podemos também aprender a usar o dinheiro, o sexo e o poder para a glória de Deus.

A maior parte do conteúdo deste livro foi inicialmente apresentada em forma de sermão na Décima Igreja Presbiteriana de Filadélfia, onde tive a alegria de servir por quinze anos no ministério pastoral. Sou grato aos bons amigos que, enquanto eu revisava o manuscrito para publicação, fizeram muitas sugestões úteis: Lois Denier, Cathy Kempf, Glenn McDowell, Robert Polen, Mary Ryken e Lydia Brownback. Uma palavra especial de agradecimento vai para minha irmã mais nova, Nancy Taylor, que preparou o guia de estudos.

Quando estudamos a vida de Salomão, percebemos tanto a verdadeira grandeza quanto o trágico fracasso de nossa própria humanidade. Somos feitos à imagem régia de Deus e, apesar disso, temos caído em pecado grave. Felizmente, há alguém que ainda pode nos salvar: aquele que é maior que Salomão no reino de Deus. Quando Jesus disse "... alguém maior do que Salomão está aqui" (Lc 11.31), estava se referindo à vida

perfeita e ao ministério perfeito dele próprio. Jesus Cristo, como a tragédia de Salomão mostra, é a esperança da qual todos precisamos.

Philip Graham Ryken
Wheaton, Illinois

VIDA LONGA AO REI!

E o rei lhes disse: “Levem consigo os servos de seu senhor, façam com que meu filho Salomão monte em minha mula e levem-no a Gíom. E que ali o sacerdote Zadoque e o profeta Natã o unjam rei sobre Israel. Em seguida, toquem a trombeta e digam: ‘Viva o rei Salomão!’” (1Rs 1.33,34).

A história do rei Salomão começa com o rei Davi, que “... era idoso e de idade avançada. E, embora o cobrissem com roupas, não conseguia se aquecer” (1Rs 1.1). Para qualquer um que admira o rei Davi, essa cena causa muita tristeza. Davi foi um dos maiores reis terrenos — talvez o maior. Desde menino, realizou muitos feitos heroicos em combate. Matou leões e ursos para defender as manadas e os rebanhos de seu pai. Matou gigantes. Conquistou reinos. Construiu uma fortaleza para seu povo em Jerusalém. Dele nasceu uma dinastia real, com muitos filhos que se tornaram príncipes de Israel, entre os quais o príncipe Salomão. Todavia, agora o famoso rei estava idoso e abatido e, apesar de toda a sua antiga grandeza, não havia nada que pudesse fazer além de tentar manter-se aquecido em seu leito (ou devo dizer leito de morte?).

O IDOSO REI DAVI

O definhamento de Davi é uma triste lembrança de nossa própria fragilidade. O rei tinha cerca de setenta anos por ocasião desses acontecimentos. O que aconteceu com ele acontecerá com (quase) todos nós. A audição falhará; a visão ficará cada vez mais fraca; braços e pernas se tornarão frágeis e se quebrarão com facilidade. Por fim seremos confinados ao nosso leito e talvez descubramos que é difícil nos manter aquecidos. Por isso, como é importante que cada um dê atenção ao conselho que Salomão deu mais tarde, nos dias de sua sabedoria: “Lembre-se também de seu Criador nos dias de sua juventude, antes que venham os maus dias e se aproximem os anos dos quais você dirá ‘Não tenho

nenhum prazer neles” (Ec 12.1). Se, à semelhança de Davi, entregamos o coração a Deus quando jovens, ainda nos lembraremos dele quando formos idosos, e ele se lembrará de nós.

Pobre Davi! Enquanto buscava se aquecer, seus servos tentavam ajudar. Eles o vestiram com pijamas mais quentes, mas o rei ainda estava com frio. Então eles empilharam cobertores pesados sobre o rei, mas ele ainda tremia de frio debaixo das cobertas. Assim, propuseram uma solução prática, mencionada em vários antigos livros didáticos de medicina:¹

Seus servos lhe disseram: “Que se procure uma jovem para o rei, meu senhor, e que ela sirva o rei e esteja a seu serviço. Que ela se deite em seus braços, para que o rei, meu senhor, fique aquecido”. De modo que procuraram uma jovem atraente por todo o território de Israel; e encontraram Abisague, a Sunamita, e a trouxeram ao rei. A jovem era muito bonita e estava a serviço do rei e cuidava dele, mas o rei não a conheceu (1Rs 1.2-4).

O uso de Abisague como uma espécie de bolsa de água quente humana gera mais perguntas do que respostas. Os servos de Davi estavam simplesmente tentando mantê-lo aquecido? Nesse caso, por que será que realizam um concurso de Miss Israel para encontrar a jovem mais linda de todo o país? A situação parece carregada de sensualidade, e, ainda que sejamos informados que Davi não teve relações sexuais com essa mulher, permanece uma sensação de inconveniência.

Também sentimos que o rei perde algo da sua reputação. Dificilmente esse é o Davi que conheceu Bate-Seba — o Davi que foi pai de Salomão e de muitos outros filhos. Nem mesmo uma jovem virgem e deslumbrante consegue despertar seu ardor. Pelo contrário, ele perdeu a vitalidade e a virilidade.

Enquanto o reinado de Davi chegava ao fim, sua corte se enchia de intriga. Os cortesãos estavam cochichando pelos corredores: “Quem será o próximo rei?”. A pergunta permanecera durante anos na mente das pessoas, assim como hoje as pessoas especulam sobre quem sucederá à rainha Elizabeth II da Inglaterra. Aliás, já haviam ocorrido pelo menos duas tentativas de destronar Davi: a rebelião de seu filho Absalão, a qual levou a uma guerra civil (2Sm 14—18), e a revolta de Sebá, o benjamita (2Sm 20). Davi conseguiu reprimir ambas as rebeliões, mas, à medida que foi envelhecendo, também foi se tornando mais fraco. Agora não conseguia nem mesmo se aquecer na cama, e aquilo que um estudioso descreveu como “sua trêmula impotência” estava criando um vácuo de poder.²

No que dizia respeito a Deus, supunha-se que o herdeiro legítimo de Davi fosse Salomão. Embora Salomão não fosse o filho mais velho — era o décimo

—, foi o filho escolhido. Deus não escolhe sempre o filho mais velho, conforme ilustrado pela coroação do próprio Davi (1Sm 16.10-13). Sabemos que a palavra do Senhor havia anunciado a Davi que Salomão seria o rei: “Eis que você terá um filho que será um homem de descanso. Darei a ele descanso de todos os seus inimigos ao redor. Pois o nome dele será Salomão, e eu darei paz e tranquilidade a Israel em seus dias. Ele construirá uma casa para o meu nome. Será meu filho, e eu serei seu pai e firmarei o trono de seu reino em Israel para sempre” (1Cr 22.9,10). Por direito divino, Salomão seria o rei de Israel.

Havia, contudo, outro candidato ao reinado — um candidato alternativo para assentar-se no trono de Israel. A maioria das pessoas o viam como o príncipe herdeiro. Seu nome era Adonias, e ele parecia ser tudo aquilo que Davi costumava ser, mas agora não era mais. A Bíblia o descreve como “... um homem muito bonito que nasceu logo depois de Absalão” (1Rs 1.6). Humanamente falando, Adonias tinha tudo a seu favor. Exibia todas as qualificações que as pessoas esperam. Tal como seu irmão mais velho Absalão (uma associação sinistra), Adonias era atraente, o que vale muito na vida — mais do que às vezes gostamos de admitir. No que dizia respeito ao ofício de rei, Adonias parecia ser a pessoa certa (pelo menos para quem olha para a aparência, o que não é o caso de Deus; 1Sm 16.7). Além disso, sendo o mais velho dos filhos vivos de Davi, Adonias era o sucessor natural ao trono.

INSTRUÇÕES PARA UMA COROAÇÃO

De acordo com o costume antigo, a morte de um governante era saudada com as seguintes palavras: “O rei morreu; viva o rei!”. A frase pode parecer contraditória. Se o rei morreu, então para que desejar-lhe que viva? Mas a ideia é que o reino continuará existindo. Ainda que um rei tenha morrido, outro rei vive para ocupar o lugar daquele que morreu. A realeza sobreviverá, e, portanto, as pessoas que esperam a continuidade da monarquia dizem: “O rei morreu; viva o rei!”.

Esse costume ajuda a explicar o que a rainha Bate-Seba disse ao rei Davi, quando procurou garantir o trono para Salomão como o legítimo rei de Israel. O rei idoso estava com dificuldades de se aquecer, de modo que todo mundo pensava que ele estava em seu leito de morte. Seu filho mais velho, Adonias, tinha chegado a ponto de proclamar-se o próximo rei (1Rs 1.5-10). Enquanto isso, o profeta Natã tinha feito tudo o que podia para garantir o reinado de Salomão, que Deus havia prometido para o trono de Davi. Natã e Bate-Seba

foram juntos informar a Davi sobre o que estava acontecendo com seu reino e persuadi-lo a coroar Salomão como rei. Assim que Davi prometeu fazer isso, “Bate-Seba se inclinou com o rosto até o chão e prestou tributo ao rei: ‘Que meu senhor, o rei Davi, viva para sempre!’” (v. 31).

Dadas as circunstâncias, não era algo estranho de dizer? Davi e Bate-Seba estavam tendo essa conversa justamente porque ambos sabiam que o rei *não* viveria para sempre; ele estava prestes a morrer. Por que essas palavras? Bate-Seba ainda tinha esperança na promessa do reino eterno de Davi. O rei ainda vive e sua dinastia também vive, para a alegria eterna de todo o povo de Deus.

Davi podia estar morrendo, mas ainda não estava morto. Assim que terminou sua audiência com Bate-Seba, pôs-se a dar ordens. Não havia tempo a perder. Na tentativa de usurpar o trono, Adonias já havia anunciado que seria o rei. Davi sabia que era agora ou nunca: se não agisse imediata e decididamente para colocar Salomão no trono, seu filho nunca se tornaria rei.

Então o rei retomou o controle. Ele ordenou: “... Chamem para mim o sacerdote Zadoque, o profeta Natã e Benaia, filho de Joiada...” (v. 32). Essa foi uma jogada astuta e piedosa. Davi estava reunindo o profeta, o sacerdote e o representante do rei. Adonias não havia consultado nenhum desses homens, mas Davi o fez e, ao fazê-lo, uniu seu reino sob o governo de Deus, que os havia designado para servir como os governantes de Israel. Então Davi deu as ordens para a coroação de Salomão. Estas foram suas instruções régias:

... Levem consigo os servos de seu senhor, façam com que meu filho Salomão monte em minha mula e levem-no a Giom. E que ali o sacerdote Zadoque e o profeta Natã o unjam rei sobre Israel. Em seguida, toquem a trombeta e digam: “Viva o rei Salomão!”. Vocês subirão, então, atrás dele, e ele virá e se assentará em meu trono, pois ele será rei em meu lugar. E eu o designei para ser o governante sobre Israel e sobre Judá (v. 33-35).

Podemos dizer que o rei estava acostumado a dar ordens e que sabia exatamente o que fazer. Primeiro Salomão montaria na mula pessoal de Davi — a mula do rei, aquela que simbolizava sua realeza. Cavalgar em uma mula ou jumento era um antigo símbolo de realeza. Fazendo uma comparação, ver Salomão andar em uma mula seria como ver a rainha da Inglaterra em sua carruagem real ou observar o avião oficial da presidência dos Estados Unidos decolar com o presidente.³ O rei estava desfilando com toda a pompa real.

Em seguida, Salomão seria ungido — o ritual sagrado que oficialmente o consagraria como o próximo rei. Isso estava de conformidade com a vontade de Deus, o qual, como já vimos, havia prometido que Salomão reinaria no trono de Davi. Ungir também era um costume; os dois primeiros reis de Israel — Saul e

Davi — haviam sido ambos ungidos com óleo (1Sm 10.1; 16.13). Agora o sacerdote Zadoque e o profeta Natã derramariam óleo sagrado na cabeça de Salomão, designando-o divinamente como o novo rei para o povo de Deus.

Em seguida viria a entronização de Salomão. Trombetas tocando bem alto anunciariam sua chegada, como rei, ao trono de Davi. Com gritos de aclamação, as pessoas proclamariam que ele era rei: “Viva o rei Salomão!”. Então os líderes de Israel acompanhariam seu novo governante até o trono de Israel, onde ele se sentaria no lugar majestoso de Davi.

Essa era a maneira certa de o rei Davi anunciar seu sucessor e de os líderes de Israel tornarem Salomão o seu rei. Davi sempre havia chamado Salomão de seu filho amado; agora era o primeiro a proclamá-lo rei. Ele o fez com sua autoridade real como representante de Deus e o fez à plena luz do dia. Ao contrário de Adonias, que foi o anfitrião de sua própria coroação, realizada em particular, Salomão desfilaria pelas ruas da cidade e seria coroado no palácio real — não por vontade própria, mas sob a chancela de homens piedosos que agiam sob a vontade de Deus. Essa era a maneira correta de proceder a uma coroação: com uma mula régia em desfile de rei, com óleo santo para a unção sagrada, com gritos altos e toques de trombeta e com o novo rei assentado em seu trono de ouro.

COROEM-NO!

Assim que Davi deu essas ordens, as pessoas tiveram de fazer uma escolha. É a mesma escolha que enfrentamos todos os dias na vida cristã: aceitaremos o Rei que Deus ungiu, submetendo nossa vida ao seu governo, ou nos colocaremos no trono, vivendo de acordo com as regras de outro reino?

O primeiro capítulo de 1Reis mostra a escolha que as pessoas fizeram quando Davi disse que Salomão seria o rei. As pessoas que aceitavam a autoridade de Davi como a vontade régia de Deus passaram imediatamente a coroar Salomão como rei. Sentimos a alegria delas na resposta maravilhosa de Benaia, filho de Joiada, ao rei: “... Amém. Que o SENHOR, o Deus do rei, meu senhor, confirme isso. Assim como o SENHOR tem estado com o rei, meu senhor, que da mesma maneira ele esteja com Salomão e torne seu trono maior do que o trono do meu senhor, o rei Davi” (v. 36,37).

Com um coração cheio de alegria, Benaia disse “Amém!” para a coroação de Salomão, fazendo sua escolha pelo reino de Deus. Benaia honrou o rei Davi, concordando com suas instruções. Honrou o rei Salomão, reafirmando sua

realiza. E honrou a Deus como o Senhor de todos os reis, reconhecendo sua soberania sobre todos esses acontecimentos. Benaia estava do lado do rei e de seu reino.

Benaia também era um homem de oração, pois isso é o que ele estava realmente fazendo: orando pela vinda do reino. Estava pedindo a Deus que ajudasse na concretização dos planos de Davi. Estava pedindo a Deus para estar com Salomão da mesma maneira que ele sempre tinha estado com Davi. E estava pedindo a Deus que ampliasse o reino de Davi, abençoando Salomão ainda mais do que já havia abençoado Davi. Benaia teve a visão da glória do reino vindouro e orou nesse sentido, pedindo a Deus que ampliasse ainda mais o domínio de Davi. Pediu a Deus para que fizesse mais do que ele esperava ou imaginava e, agindo assim, prestou honra a Davi, honra a Salomão e honra ao Deus deles.

Contudo, Benaia não foi a única pessoa a escolher o rei certo. A Bíblia diz ainda que “... o sacerdote Zadoque, o profeta Natã, Benaia, filho de Joiada, os queriteus e os peleteus desceram e fizeram Salomão montar na mula do rei Davi e o levaram a Gion. Ali o sacerdote Zadoque apanhou o chifre de óleo que estava na tenda e ungiu Salomão...” (v. 38,39). Esses homens seguiram cuidadosamente as instruções régias de Davi. O profeta, o sacerdote e o representante do rei ajudaram Salomão a subir na mula do rei. A eles se juntaram os “... homens poderosos...” de Davi (v. 8), seus soldados pessoais.⁴ Juntos esses homens o levaram até a tenda santa, onde o sacerdote guardava seu óleo sagrado para unção ritual. Assim, ungiram Salomão como rei.

Logo em seguida aclamou-se merecidamente que agora ele era rei. O reino inteiro estava escolhendo Salomão. Os sacerdotes “... tocaram a trombeta, e todo o povo disse: ‘Viva o rei Salomão!’. E todo o povo subiu atrás dele, tocando flautas e se regozijando com grande alegria, de modo que a terra se fedia com o barulho deles” (v. 39,40).

A repetição do refrão régio funciona como o ponto alto de 1Reis 1. Que alegria foi ver o rei Salomão ascender a esse trono naquele dia feliz! A notícia de sua coroação se alastrou por toda a cidade como fogo em palha, e logo todo mundo estava acompanhando Salomão desfilar. Músicos tocavam trombetas. Homens adultos aplaudiam e gritavam. Mulheres cantavam e dançavam nas ruas. Crianças pulavam sem parar; estavam tão empolgadas que mal sabiam o que fazer. O som da celebração deles era tão alto que quase gerou um terremoto. Essa é a maneira de saudar um rei: com pompa régia, formalidade

régia e comemoração pública — algo que dificilmente se tem a felicidade de testemunhar na vida.

Até o velho rei Davi pôde sentir a alegria. O rei ainda estava fraco demais para levantar da cama, porém mais tarde ficamos sabendo que “... os servos do rei vieram cumprimentar nosso senhor, o rei Davi, dizendo: ‘Que Deus torne o nome de Salomão mais famoso do que o seu e faça o trono de Salomão maior do que o seu trono’. E o rei se curvou no leito. E o rei também disse: ‘Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel, que neste dia concedeu alguém para se assentar em meu trono, o que meus próprios olhos viram’” (v. 47,48).

Quando esses servos oraram para que o reino de Salomão superasse o de Davi, não estavam insultando seu senhor, mas honrando a promessa de Deus de lhe dar uma dinastia (veja 2Sm 7.12-16). Deus de fato ampliaria seu reino, e Davi se alegrou ao ver chegar esse dia. Bem ali, enquanto ainda estava imóvel na cama, ele se curvou para adorar a Deus e bendizê-lo pela dádiva da realeza de Salomão. Davi não precisava ser o maior rei do reino mais famoso. O que ele queria ver era a glória do reino de Deus. Por isso, longe de invejar seu filho, Davi louvou a Deus pelo novo rei ungido de seu reino futuro.

A COROAÇÃO DE CRISTO

Quase todos os detalhes dessa cerimônia de coroação nos ajudam a compreender a realeza de Jesus Cristo: sua unção, sua entronização e seu domínio eterno. A maioria das pessoas nunca assistiu pessoalmente a uma coroação de verdade. Nos Estados Unidos nunca tivemos uma coroação. Entretanto, reis de verdade devem ser coroados, e, ao nos contar como Salomão foi coroado, 1Reis 1 também nos ajuda a entender a coroação de Cristo como rei.

Jesus de Nazaré era o legítimo herdeiro do trono de Davi. Conforme o Evangelho de Mateus nos diz em sua famosa genealogia, Jesus era um descendente direto de Salomão e de Davi por meio de Bate-Seba (1.6,7). Por isso, ele era um legítimo pretendente ao trono de Davi. E, quando chegou a hora de sua realeza ser abertamente reconhecida, Jesus montou em um jumento régio na cidade régia de Jerusalém (Mt 21.1-11). Há muito havia sido prometido que o Cristo montaria na cria de um jumento (Zc 9.9). Então, quando Jesus montou em um jumento no primeiro Domingo de Ramos, assinalando sua entrada triunfal em Jerusalém, essa foi uma declaração pública de seu ofício como rei. O Rei estava no desfile.

O Rei Jesus também foi ungido. Aliás, esse é o exato significado da palavra *Cristo*, que significa literalmente “o Ungido”. Jesus não foi ungido por um profeta ou por um sacerdote, mas pelo Espírito de Deus. Isso aconteceu por ocasião de seu batismo no rio Jordão, quando o Espírito Santo desceu do céu como pomba e pousou sobre o Filho de Deus (Mt 3.16; Lc 3.21,22). Conforme Jesus disse mais tarde: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu...” (Lc 4.18).

Isso mostra a superioridade da realeza de Cristo. O óleo que os profetas e os sacerdotes usavam para ungir os reis do Antigo Testamento era um sinal do Espírito; esse óleo mostrava que Deus Espírito Santo havia designado e equipado o rei para servir como rei. No entanto, Jesus foi ungido com o próprio Espírito — a terceira pessoa da Trindade. Sua realeza não era, portanto, um mero sinal do governo régio de Deus, mas a realidade viva do domínio de Deus. O Rei divino foi divinamente ungido para exercer governo divino.

Finalmente, à semelhança de Salomão, o Rei Jesus foi entronizado, ocupando seu lugar à destra de Deus no trono do universo. Entretanto, primeiramente algo estranho aconteceu — algo que nunca havia ocorrido com qualquer outro rei de qualquer outro reino: o Rei com a coroa de espinhos foi para a cruz, onde deu a vida para salvar seu povo.

A maioria dos reinos faz qualquer coisa para proteger seu rei. Essa é, por exemplo, a premissa implícita do jogo de xadrez. Quando o rei cai, o reino está perdido. Por isso, é preciso proteger o rei a todo custo! Um exemplo notável é a invasão da Normandia pelos aliados em 6 de junho de 1944, naquele que ficou conhecido como o Dia D. Winston Churchill, o primeiro-ministro britânico, queria por todas as maneiras se juntar às forças expedicionárias e assistir à invasão da ponte de comando de um navio de guerra no canal da Mancha. O general norte-americano Dwight David Eisenhower não sabia como impedir Churchill, pois receava que o primeiro-ministro pudesse ser morto na batalha. Quando ficou claro que ninguém conseguiria dissuadir Churchill, Eisenhower apelou para uma autoridade superior: o rei George VI. O rei foi e disse a Churchill que, se o primeiro-ministro tinha o dever de testemunhar a invasão, ele só podia concluir que seu dever como rei também era estar com ele na nau de guerra. A essa altura, com relutância, Churchill concordou em abandonar a ideia, pois sabia que jamais poderia expor o rei da Inglaterra a esse perigo.

O Rei Jesus fez exatamente o contrário. Com coragem digna de um rei, entregou o corpo para ser crucificado. Na cruz ofereceu o resgate de um rei: sua vida pela vida de seu povo. Ele morreria por todas as coisas erradas que fizemos,

expiando totalmente nossos pecados. E Jesus faria isso como nosso rei. A coroa de espinhos que era para zombar de suas reivindicações como rei proclamou, na verdade, sua dignidade de rei, mesmo na morte.

Quando Jesus morreu na cruz, Satanás e todos os inimigos de Deus puderam dizer: “O rei morreu!”. Mas esse não é o fim da história, porque no terceiro dia Deus disse: “Viva o Rei!”, e Jesus saiu para fora do túmulo. Logo foi entronizado como rei, quando Deus cumpriu sua antiga promessa à casa de Davi. Deus Pai disse a Deus Filho: “... Assenta-te à minha direita...” (Sl 110.1). Ele “... exaltou supremamente...” seu Filho, dando-lhe toda a autoridade sobre todas as coisas no céu e na terra (Fp 2.9-11). Que alegria deve ter havido no céu quando o Filho de Deus ascendeu ao seu trono! Gritos de vitória! Toques de trombetas! Cânticos de louvor! Seu trono é maior do que o trono de Davi e Salomão. É superior a todos os outros domínios, pois Jesus Cristo está sentado para sempre no trono régio do céu como rei sobre todos — o Rei de verdade que Deus ungiu.

Nós também podemos aclamá-lo nosso rei. Podemos fazê-lo como Benaia fez: dizendo “amém” à realeza de Jesus Cristo e orando para que seu reino cresça. Cada vez que oramos para que o reino venha, para que o evangelho alcance nossos amigos e vizinhos e para que a igreja cresça ao redor do mundo, honramos a Cristo como rei. Também podemos reconhecer a realeza de Cristo com nossa adoração, assim como as pessoas fizeram nas ruas de Jerusalém. Quer sejamos homens, quer mulheres, quer crianças, todos podemos entoar músicas ao nosso Rei, honrando a Cristo com músicas jubilosas e cânticos de louvor em alta voz. É desta maneira que servimos a Cristo e seu reino: entronizando Jesus em nosso coração e dizendo: “Viva o rei!”.

Nosso Rei ainda vive. Por fim, Davi morreu, e o mesmo aconteceu com Salomão. Porém Jesus ressuscitou dentre os mortos para dar vida eterna a Davi, a Salomão e a todos os seus régios filhos e filhas. Nunca haverá um interregno no reino de Deus, porque Jesus Cristo é o rei imortal de todas as eras.

Agora todo aquele que, por ter escolhido a Cristo, pertence ao reino de Davi pode dizer: “O rei morreu; viva o Rei!”. Viva o Rei que acolhe os indignos! Viva o Rei que morreu pelos pecadores! Viva o Rei que ressuscitou do túmulo! Viva o Rei que está voltando! Pois Deus nos deu esta promessa: “Não terá fim a ampliação de seu governo e da paz sobre o trono de Davi e sobre seu reino, para firmá-lo e mantê-lo com justiça e com retidão desde agora e para sempre...” (Is 9.7). Viva o Rei e todos os súditos leais de seu reino majestoso, os quais vivem pela fé no Filho de Deus.

GUIA DE ESTUDO

Todos já vimos fotografias da esplendorosa coroação da rainha Elizabeth II ou de monarcas anteriores. Como na história recente não tem havido contestação da linhagem real, o primeiro na linha de sucessão ascende pacificamente ao poder. Contudo, na época de Salomão, quando a monarquia israelita era bem nova, havia contenda pelo poder quando um monarca morria. A sucessão estava aberta à disputa, e outros membros da família real podiam armar suas estratégias para ficar com o trono. É o que estava acontecendo no início de 1Reis, quando o rei Davi estava perto de morrer.

1. Pense nas fotos de coroações que você já viu. Quais são as cerimônias e expressões de honra obrigatórias em uma coroação?
2. Leia 1Reis 1.32-53. Pouco antes desses versículos, em 1Reis 1.5-10, Adonias, filho de Hagite, se estabelece como rei. A partir do versículo 32, lemos o que Davi fez quando descobriu o que Adonias havia feito. O que a reação de Davi às tentativas de usurpação do trono revela sobre ele?
3. Quais as providências que Davi tomou para mostrar que Salomão era o novo rei (veja v. 32-35)?
4. O que Benaia pediu quando orou em favor de Salomão nos versículos 36 e 37? O que a oração de Benaia revela sobre a reação de seu coração ao fato de Salomão ser rei?
5. Quando o povo de Israel viu Salomão montado na mula de Davi, testemunhou a unção pelo sacerdote e ouviu a trombeta, não teve nenhuma dúvida sobre quem Davi achava que devia ser o próximo rei. De acordo com os versículos 39 e 40, como o povo reagiu? O que essa reação nos ensina sobre o coração do povo?

	Coroação de Salomão	Entrada triunfal de Jesus
Meio de transporte		
Unção — quem ungiu?		
Reação da multidão		
“Celebração” ou coroação		

6. Jesus é o derradeiro rei de Israel, e sua história tem muitos paralelos com a cena de coroação em 1Reis 1. Leia Mateus 21.1-11 e 27.27-31 e, em seguida, preencha a tabela a seguir com as semelhanças e diferenças que você percebe entre essas duas histórias.

7. Neste capítulo, assinalamos uma diferença-chave entre a coroação de Salomão e a ascensão de Jesus a seu trono no céu. O que é tão peculiar na exaltação de Jesus? O que tinha de acontecer primeiro e por quê?

8. À semelhança do povo nos dias de Salomão e do povo nos dias de Jesus, temos uma escolha a fazer sobre quem será nosso rei. Se escolhermos Jesus como nosso rei, que consequências isso terá na maneira de vivermos nossa vida? Você já fez essa escolha?

9. Quando Adonias soube que Salomão havia sido ungido rei, percebeu que seu próprio reinado tinha acabado. O que ele fez (v. 50)? Por que ele fez isso (veja Êx 21.12-14)?

10. Como você descreveria a reação de Salomão a Adonias nos versículos 52 e 53? Que traços de caráter ele demonstra?

11. Que lições Deus colocou em seu coração quando você meditou sobre o relato da ascensão de Salomão ao trono comparando a reação de Adonias com a daqueles que apoiaram o governo de Salomão? Como você reagirá a seu Rei?

¹Howard Vos cita Galeno, entre outros; veja Howard F. Vos, *1, 2 Kings*, Bible Study Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1989), p. 34.

²B. O. Long, "A darkness between brothers: Solomon and Adonijah", *Journal for the study of the Old Testament*, vol. 19 (1981): p. 84.

³Walter Brueggemann, *1 and 2 Kings*, Smyth and Helwys Bible Commentary (Macon: Smyth and Helwys, 2000), p. 16.

⁴Iain W. Provan, *1 and 2 Kings*, New International Biblical Commentary (Peabody: Hendrickson, 1995), p. 29.

O REINO EM PRIMEIRO LUGAR

O rei também disse a Simei: “Você sabe em seu próprio coração todo o mal que fez a Davi, meu pai. Por isso, o SENHOR fará recair o mal sobre sua cabeça. Mas o rei Salomão será abençoado, e o trono de Davi será estabelecido para sempre perante o SENHOR”. Então o rei deu ordem a Benaia, filho de Joiada, e ele saiu e o feriu, e ele morreu. Assim o reino foi estabelecido na mão de Salomão (1Rs 2.44–46).

Em um artigo intitulado “A new kind of urban Christian” [Um novo tipo de cristão urbano], Tim Keller defende que “os cristãos devem ser uma contracultura dinâmica. Não basta os cristãos apenas viverem como indivíduos na cidade. Eles têm de viver como um tipo específico de comunidade. Os cristãos são chamados a ser uma cidade alternativa dentro de cada cidade terrena”.

O tipo de comunidade que Keller tem em mente é uma comunidade em que dinheiro, sexo e poder são usados para a glória de Deus — não de forma egoísta, mas sacrificial. Esta é a maneira de ele descrever essa comunidade:

Quanto ao sexo, a cidade alternativa [...] ensina seus membros a conformarem seu lado físico ao molde do evangelho: abstinência fora do casamento e fidelidade dentro dele. Quanto ao dinheiro, a contracultura cristã incentiva um compromisso radicalmente generoso de tempo, dinheiro, relacionamentos e espaço de convivência com a justiça social e as necessidades do pobre, do imigrante e daquele econômica e fisicamente impotente. Quanto ao poder, a comunidade cristã está visivelmente comprometida com o compartilhamento do poder e o desenvolvimento de relacionamentos entre raças e classes que, fora do corpo de Cristo, se encontram afastadas.¹

A Bíblia tem um nome para essa comunidade alternativa: ela se chama reino de Deus. Um dia, que já está próximo, veremos esse reino em toda sua glória, por ocasião da segunda vinda de Jesus Cristo. Entretanto, nesse

ínterim, a luta para estabelecer seu reino é travada em cada coração humano, em cada decisão que tomamos sobre nosso dinheiro, nossa sexualidade e as coisas da vida que queremos ter sob controle.

A mesma batalha foi travada quando Salomão estabeleceu seu reino em Israel, e, se examinarmos atentamente as opções que as pessoas fizeram a favor ou contra Salomão ser rei, é possível que consigamos ver a nós mesmos e nossa própria necessidade de um Salvador.

VINGANÇA RÉGLA

A pergunta em 1Reis 1 foi sobre sucessão (Quem seria o próximo rei?). Essa pergunta foi respondida de forma bem clara quando Salomão foi coroado rei. A pergunta no capítulo 2 é sobre segurança (Será que o reino vai resistir?).² Davi tinha morrido (1Rs 2.10,11), e, depois de Salomão receber as instruções finais de seu pai, cabia-lhe proteger seu reino. Essa pergunta é respondida no versículo 12 e de novo no versículo 46. Juntos, esses dois versículos formam um moldura — ou seja, assinalam o início e o final de uma seção da Bíblia — e nos dizem qual é o tema da seção. No versículo 12, lemos que “Salomão se assentou no trono de Davi, seu pai, e seu reino foi estabelecido com firmeza”. O versículo 46 diz a mesma coisa com palavras ligeiramente diferentes: “... Desse modo, o reino foi estabelecido na mão de Salomão”.

As profecias estavam se cumprindo. Deus havia prometido “estabelecer” o reino do filho de Davi: “... Eu estabelecerei o trono do seu reino para sempre” (2Sm 7.12,13). Ao usar o mesmo vocabulário em 1Reis 2, a Bíblia nos mostra que Deus é fiel em cumprir suas promessas de realeza à casa de Davi. A maneira em que essas promessas se cumpriram não foi por um milagre divino e sobrenatural, mas pela rápida execução da justiça. Salomão estabeleceu o seu reino mediante a eliminação de todos os seus inimigos.

O Primeiro Livro de Reis começou com uma tentativa de golpe de estado em que Adonias, o filho mais velho de Davi, anunciou que seria rei. Em vez de procurar a aprovação dos líderes que Deus havia designado sobre Israel — o rei Davi, o sacerdote Zadoque e o profeta Natã —, o aspirante reuniu seu próprio grupo de leais apoiadores. Entre os que

conspiraram junto com Adonias estavam o sacerdote Abiatar e o general Joabe.

Assim que ascendeu ao trono, Salomão teve de decidir o que fazer com os homens que haviam tramado contra seu reino. Sem meias palavras, seu pai o havia aconselhado a esmagá-los. Em suas últimas palavras e instruções finais, Davi disse a Salomão para executar vingança contra Joabe (1Reis 2.5,6) e também contra Simei, que havia amaldiçoado Davi com uma maldição mortal (v. 8,9). Foi exatamente isso o que Salomão fez. O restante do 1Reis 2 narra como ele executou Adonias (v. 13-25), desterrou Abiatar (v. 26,27), matou Joabe (v. 28-35) e liquidou Simei (v. 36-46).

Muitos comentaristas criticam o rei por eliminar cada um dessa lista de inimigos. Terence Fretheim se refere a essa decisão como “a política de sempre, mas com uma crueldade maior do que de costume”.³ Walter Brueggemann diz que Salomão é culpado de “eliminar, de forma impiedosa e sistemática, todas as ameaças”.⁴ Iain Provan comenta que os motivos para Salomão matar esses homens foram “ardilosos”.⁵ Outros têm comparado os métodos brutais de Salomão aos de Maquiavel ou Karl Marx, que acreditavam que todos os governos se baseavam na violência.

É possível que algumas dessas críticas sejam procedentes e que 1Reis 2 trate basicamente de jogo de poder. Todavia, lembre-se de que Salomão era o rei ungido do Senhor. Ele tinha sido devidamente coroado de acordo com a promessa de Deus. Por isso, era necessário que seu reino fosse estabelecido. Na verdade, isso era necessário para a salvação do mundo, porque Deus havia prometido que nosso Messias viria da linhagem de Davi e Salomão. Além disso, todos em Israel tinham o dever de ser totalmente leais a Salomão como o legítimo rei. Essa não era simplesmente uma questão política, mas, sim, uma questão de submissão obediente ao reino de Deus. Se esses homens eram rivais de Salomão, então eram inimigos da coroa que Deus havia colocado na cabeça de Salomão.

Adonias e seus lacaios eram, por esse motivo, culpados do pecado de alta traição, que, com razão, sempre tem sido considerado um crime passível de pena de morte. Não estamos aqui falando de homens que simplesmente discordavam das políticas de Salomão, mas de homens que queriam tomar o próprio trono dele. A maneira correta e devida de um rei castigar esses inimigos mortais não é dar-lhes liberdade, mas dar-lhes a morte, ou pelo

menos o exílio. Conforme Dale Ralph Davis escreveu: “A segurança do reino exige a eliminação de seus inimigos. O reino tem de ser preservado daqueles que estão tentando destruí-lo e solapá-lo”.⁶ Discordar disso é não entender o que, para um rei, significa ser rei. Por isso, conforme as circunstâncias vão surgindo ou a situação exige, Salomão tem de ser sábio para seguir os conselhos de Davi e estabelecer seu reino, livrando-se de seus inimigos.

A LOUCURA DE ADONIAS: SEXO E PODER

Salomão tinha quatro inimigos para eliminar: Adonias, Abiatar, Joabe e Simei. O que é importante observar sobre esses homens é que todos eles colocaram seu desejo de dinheiro, sexo ou poder acima da obediência amorosa ao reino de Deus. Por esse motivo, as histórias desses homens nos oferecem exemplos que nos ajudam a enfrentar tentações parecidas.

O primeiro homem com quem Salomão teve de lidar foi Adonias, que desejava sexo e poder mais do que desejava o reino de Deus. A ambição de Adonias pelo poder é óbvia desde o início de 1Reis, quando tentou corar-se rei. Entretanto, no exato momento em que estava comemorando sua própria coroação, Adonias ouviu que Salomão havia se tornado rei em Jerusalém. Isso fez com que ele temesse pela própria vida. Porém Salomão lhe deu uma segunda chance. Se Adonias demonstrasse dignidade, sua vida seria poupada, mas, se fosse perverso, com certeza morreria (1Rs 1.52).

No início Adonias tratou com honra o novo e legítimo rei. Salomão lhe disse para ir para casa em paz, mas o que ficamos sabendo em seguida é que ele está de volta ao palácio para fazer um pedido ímpio, que tinha origem em um desejo nada santo:

Então Adonias, filho de Hagite, veio a Bate-Seba, mãe de Salomão. E ela disse: “Você vem em paz?”. Ele disse: “Em paz”. Então ele disse: “Tenho algo a lhe dizer”. Ela disse: “Fale”. Ele disse: “Você sabe que o reino era meu e que todo o Israel tinha total expectativa de que eu reinasse. No entanto, as circunstâncias do reino mudaram, e ele se tornou do meu irmão, porque esse foi o desígnio do SENHOR. E agora tenho um pedido a lhe fazer; não me recuse”. Ela lhe disse: “Fale”. E ele disse: “Peça, por favor, ao rei Salomão — ele não recusará um pedido seu — que me dê Abisague, a Sunamita, como esposa” (1Rs 2.13-17).

Esse pode parecer um pedido pequeno. Adonias estava disposto a abrir mão do reino todo e até mesmo a reconhecer que Salomão era rei por

vontade de Deus. Tudo o que ele queria era a mão de Abisague em casamento. No entanto, observe que Adonias ainda tinha um forte apego a seus direitos. Ele estava irado porque suas expectativas de vida não tinham se concretizado. “O reino era meu”, ele disse, “e você sabia!”. Mesmo quando reconheceu a realeza de Salomão como obra do Senhor, podemos perceber o quanto ele se ressentia amargamente disso. Adonias queria que as pessoas sentissem pena dele e lhe dessem um prêmio de consolação. Salomão já havia tido misericórdia dele, poupando-lhe a vida. Todavia, para Adonias não bastava misericórdia. O pedido todo se baseava na premissa de que receberia algo mais. Ele tinha perdido o reino — até aí tudo bem —, mas o que havia para ele? Ele exigia algum tipo de compensação.

Como é fácil adotarmos a mesma atitude quando as decepções da vida interferem em nossos planos para nosso reino! Sofremos um revés financeiro, uma dificuldade de saúde ou um fracasso em um relacionamento; então, em vez de crer que a misericórdia de Jesus é suficiente para nós e de confiar que nosso Rei sabe o que está fazendo, pedimos algo para compensar aquilo que perdemos. “Eu tenho direito”, dizemos, e então tomamos para nós algo que Deus não quer que tenhamos — talvez algum prazer pecaminoso ou um novo e atraente produto. Em vez de abrir mão do que queremos para receber o que Deus quer nos dar, insistimos em alcançar o que desejamos do nosso próprio jeito.

Adonias quis tomar Abisague, a linda jovem que havia cuidado de Davi quando ele estava em seu leito de morte. Sem dúvida seu desejo era em parte sexual. Afinal, Abisague era a mulher mais atraente de todo o reino, e, quando Adonias a viu, ele a quis. Entretanto, ele também quis o poder que ela representava. Abisague foi a última concubina de Davi, e naqueles dias ter relações sexuais com as mulheres do rei era uma maneira de reivindicar o trono. Possuir o harém era dominar o reino. Por exemplo, quando Absalão tentou tomar o reino de Davi, seu pai, foi para o terraço do palácio dormir com as concubinas do rei (2Sm 16.21,22). De modo que Adonias não abandonou de forma alguma suas ambições de ser rei. Ele não quer apenas Abisague; quer o reino todo.

Somos culpados do mesmo pecado sempre que decidimos que existe pelo menos uma coisa da qual não abriremos mão pelo reino de Deus. Muitos se recusam a abrir mão exatamente daquilo de que Adonias se recusou a

desistir: um relacionamento sexual ou talvez um pecado sexual secreto. Entenda que, quando insistimos em conseguir nossa satisfação independentemente dos meios, estamos dizendo não para o reino de Deus. Estamos dizendo que a misericórdia de Jesus não é suficiente para nós; ainda queremos ser reis (ou rainhas, conforme o caso). Qual é aquela coisa específica que está impedindo você de dar tudo para o reino de Deus?

Adonias queria Abisague e achava que sabia como consegui-la. Ele requisitou que Bate-Seba fosse a intermediária. Afinal, como Salomão poderia recusar um pedido da própria mãe? “Tudo bem”, respondeu ela; “falarei em seu nome com o rei” (1Rs 2.18). Desse modo, assim como tinha ido ao rei Davi a pedido de Natã, Bate-Sebaalaria com seu filho a pedido de Adonias.

Não sabemos por que a rainha-mãe concordou em fazer isso. Talvez tenha ido a Salomão para interceder por Adonias, mas parece igualmente provável que ela sabia exatamente como seu filho reagiria.⁷ Observe que ela nunca indica de fato se concorda com Adonias. De qualquer modo, “... Bate-Seba foi ao rei Salomão para falar com ele em nome de Adonias. E o rei se levantou para ir ao encontro dela e se curvou diante ela. Então ele se assentou em seu trono e ordenou que trouxessem um assento para a mãe do rei, e ela se assentou à sua direita” (v. 19). Seguindo cuidadosamente o protocolo da realeza, Salomão tratou a rainha-mãe com honra e respeito. Então Bate-Seba passou a fazer seu pedido:

“Tenho um pequeno pedido a lhe fazer; não me recuse”. E o rei disse a ela: “Faça seu pedido, minha mãe, porque não lhe recusarei”. Ela disse: “Permita que Abisague, a Sunamita, seja dada como esposa a seu irmão Adonias” (v. 20,21).

Nesse momento um estudioso comenta com ironia: “Infelizmente para Adonias, Bate-Seba faz aquilo que prometeu”.⁸ O rei reagiu explodindo de indignação. Ele disse:

“E por que você pede Abisague, a Sunamita, para Adonias? Peça também o reino para ele, porque é meu irmão mais velho, e ao seu lado estão o sacerdote Abiatar e Joabe, filho de Zeruia”. Então o rei Salomão jurou pelo SENHOR, dizendo: “Assim me faça Deus e ainda mais, se essa palavra não custar a vida de Adonias! Agora, portanto, assim como vive o SENHOR, o qual me estabeleceu e me colocou no trono de Davi, meu pai, e que fez uma casa para mim, conforme prometeu, hoje Adonias será morto”. Então o rei Salomão deu ordem a Benaia, filho de Joiada, e ele o feriu, e ele morreu (v. 22-25).

Algumas pessoas podem acusar Salomão de reagir com exagero. Afinal, Adonias *não* pediu o reino todo; pediu apenas Abisague. Contudo, Salomão percebeu acertadamente que o pedido insensato de seu irmão mais velho era na verdade uma artimanha para conseguir poder. Ele também sabia que Adonias tinha aliados influentes (Joabe e Abiatar) que apoiariam suas pretensões ao trono. De modo que Salomão fez um juramento solene de executar Adonias por alta traição. Alguns estudiosos têm chamado essa sentença de morte de “decreto hipócrita e interesseiro”.⁹ No entanto, ao fazer esse juramento, o rei reconhece que seu reino é, na realidade, o reino de Deus e que, por isso, é necessário defendê-lo de todos os inimigos mortais.

Assim, Adonias terminou mal. Seu pedido pecaminoso demonstrou que não era um homem digno. Ele sabia quem devia ser o rei, mas se recusou a se submeter a esse rei. Colocou sua ambição pelo poder e pelo prazer acima do reino de Deus. Não quis abrir mão daquilo que desejava a favor da glória de Deus, de modo que pereceu em seus pecados.

A LOUCURA DE JOABE: PODER E VIOLÊNCIA

Os dois homens com quem Salomão teve de lidar em seguida foram Abiatar e Joabe — o sacerdote e o general —, que colocaram poder e violência acima do reino. A história de Abiatar é contada muito por alto:

E ao sacerdote Abiatar o rei disse: “Vá para a sua propriedade em Anatote, porque você merece a morte. Mas neste momento eu não o executarei, porque você levou a arca do Senhor Deus diante de Davi, meu pai, e porque você partilhou de todas as aflições de meu pai”. Dessa maneira Salomão expulsou Abiatar de ser sacerdote do SENHOR, cumprindo assim a palavra do SENHOR que ele havia dito acerca da casa de Eli em Siló (v. 26,27).

Abiatar tinha apoiado Adonias em sua fracassada tentativa de se apoderar da coroa de Davi. De modo que ele também era um adversário do reino de Deus — um inimigo do ungido do Senhor que merecia ser condenado pelo crime capital de traição. Ainda assim, Salomão não executou Abiatar. Pelo fato de ele ser sacerdote e de ter prestado serviço religioso ao rei Davi, mesmo em meio a sofrimento e exílio, Salomão poupou-lhe a vida. O sacerdote foi expulso em vez de ser executado.

Salomão o depôs do cargo e o mandou de volta para sua casa fora de Jerusalém.

Não duvide de que, assim como o juízo sobreveio a Abiatar, o juízo também sobrevirá a todos os inimigos do reino de Deus que não se arrependem. A única maneira de estar seguro é submeter-se ao reinado de Jesus Cristo. A Bíblia diz que no reino de Deus não existe nenhum lugar para “... os covardes, os incrédulos, os abomináveis, [...] os homicidas, os de comportamento sexual imoral, os feiticeiros, os idólatras e todos os mentirosos...”, pois irão para o “... lago que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte” (Ap 21.8). O próprio Jesus disse que ele iria “... reunir fora de seu reino [...] todos os transgressores da lei e lançá-los na fornalha ardente. Naquele local haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça” (Mt 13.41-43). Jesus tem imenso prazer em mostrar misericórdia àqueles que se arrependem de verdade, mas, à semelhança de Salomão, julgará com justiça todo aquele que insiste em continuar seu inimigo.

Essas advertências assustadoras nos levam de volta a Joabe, o antigo e perigoso guerreiro que Davi havia acusado de assassinato. A fim de promover seus próprios interesses e em conflito direto com Davi, Joabe assassinou cruelmente dois homens a sangue frio: Abner e Amasa (2Sm 3.1-30; 20.1-23). Joabe estava entre os homens que haviam se oposto à coroação de Salomão e, quando ouviu o que tinha acontecido com Adonias e Abiatar, soube que era um homem morto: “Quando a notícia chegou a Joabe — pois Joabe tinha apoiado Adonias, embora não tivesse apoiado Absalão —, Joabe fugiu para a tenda do Senhor e se agarrou nas pontas do altar” (1Rs 2.28). O altar fora do tabernáculo era o derradeiro refúgio de um assassino (Êx 21.12-14). Ali Joabe estaria seguro, ou pelo menos esperava que estivesse.

Logo a notícia do que Joabe havia feito chegou ao palácio real, onde Salomão tomou uma rápida decisão: “Quando disseram ao rei Salomão: ‘Joabe fugiu para a tenda do SENHOR, e eis que ele está junto do altar’, Salomão enviou Benaia, filho de Joiada, dizendo: ‘Vá e elimine-o’” (1Rs 2.29). O homem que viveu pela espada morreria pela espada: “Então Benaia veio até a tenda do SENHOR e lhe disse: ‘O rei lhe ordena: “Saia”’. Mas ele disse: ‘Não. Aqui morrerei...’” (v. 30).

A recusa de Joabe criou um sério dilema para Benaia, que não quis realizar uma execução no pátio do tabernáculo sagrado. De modo que “... Benaia falou de novo ao rei, dizendo: ‘Assim falou Joabe e assim me respondeu’” (v. 30). A reação do rei foi repetir suas ordens e deixar claro por que razão Joabe merecia morrer:

... Faça como ele disse; elimine-o e sepulte-o, e assim afaste de mim e da casa de meu pai a culpa pelo sangue que Joabe derramou sem motivo. O SENHOR fará recair seus atos sangrentos sobre sua cabeça, porque, sem que Davi, meu pai, soubesse, ele atacou e matou à espada dois homens mais justos e melhores do que ele: Abner, filho de Ner, comandante do exército de Israel, e Amasa, filho de Jéter, comandante do exército de Judá. Por isso, o sangue deles recairá sobre a cabeça de Joabe e sobre a cabeça de sua descendência para sempre (v. 31-33).

Deus odeia a violência injusta, e Joabe era um homem violento. Era culpado de derramar sangue inocente, e sua culpa desse pecado de derramamento de sangue ainda não tinha sido paga. Gênesis diz: “Quem quer que derrame o sangue de homem, pelo homem será seu sangue derramado...” (9.6). Se Salomão não tratasse Joabe com justiça, dando-lhe o castigo que seus pecados mereciam, então ele mesmo se tornaria culpado, pois sua responsabilidade como rei era cuidar para que a justiça fosse feita. Só então o seu reino poderia ser estabelecido em paz, conforme Deus havia prometido: “... Mas para Davi e para seus descendentes e para sua casa e para seu trono haverá, para sempre, paz da parte do SENHOR!” (1Rs 2.33).

Dessa vez Benaia fez o que Salomão disse, executando Joabe: “Então Benaia, filho de Joiada, subiu e o feriu e o executou. E foi sepultado em sua casa, no deserto. O rei colocou Benaia, filho de Joiada, no comando do exército em lugar de Joabe, e o rei colocou o sacerdote Zadoque em lugar de Abiatar” (v. 34,35). A Bíblia parece deixar implícito que Benaia matou Joabe bem no tabernáculo. Mas é possível que ele tenha feito aquilo que a Lei de Moisés exigia nessa situação: que o criminoso fosse arrastado para longe do altar e executado fora do tabernáculo (Êx 21.14). Nunca se pretendeu que o altar de Deus protegesse alguém que era culpado de violência assassina.

No final, Joabe recebeu o que merecia. Seu final infeliz nos lembra que nunca devemos desculpar nosso próprio amor pela violência. Espancar o cônjuge, bater em alguém com ira, usar palavras de ódio e de ameaça ou mesmo imaginar matar alguém — esses são os pecados contra a paz da

humanidade e a santidade de Deus. Se não nos arrependermos de nossos corações violentos, mas insistirmos em abusar do poder para obter aquilo que queremos de outras pessoas, não há lugar para nós no reino de Deus. Ir à igreja não nos salvará, assim como ir ao tabernáculo não salvou Joabe. A única coisa que nos pode salvar é uma oferta de sangue para fazer expiação por nossa alma culpada.

Louvado seja Deus porque é isso exatamente o que Jesus fez quando foi crucificado: uma expiação de sangue por todos os nossos pecados. Não basta simplesmente ficar desesperado por misericórdia, como foi o caso de Joabe; temos de ir a Deus com arrependimento verdadeiro pelos nossos pecados e com uma fé genuína em Jesus Cristo. Se nos apegarmos à sua cruz, seremos plenamente perdoados. Conforme disse Charles Spurgeon, ao contrastar o triste fim de Joabe com a misericórdia que Deus tem por nós em Cristo: “O Senhor designou um altar na pessoa de seu Filho querido, Jesus Cristo, em quem haverá abrigo para os mais vis dos pecadores, se tão somente eles vierem e se apegarem a ele”.¹⁰

A LOUCURA DE SIMEI: DINHEIRO

O último homem a sofrer a ira de Salomão foi Simei, condenado por colocar o dinheiro acima do reino de Deus. Simei foi o homem que atirou pedras no rei Davi, amaldiçoando-o e acusando-o injustamente de assassinato (2Sm 16.5-13). Davi havia jurado não matar Simei, mas Salomão não estava preso ao juramento de seu pai. De modo que, em suas palavras finais, Davi aconselhou Salomão a não deixar Simei viver, mas fazer com que morresse logo (1Rs 2.8,9).

Em vez disso, o que Salomão decidiu fazer foi colocar Simei sob prisão domiciliar: “Então o rei mandou chamar Simei e lhe disse: ‘Construa uma casa em Jerusalém e more ali, e não saia dali para absolutamente nenhum outro lugar. Pois no dia em que você sair e atravessar o ribeiro de Cedrom, saiba com certeza que você morrerá. Seu sangue cairá sobre sua cabeça’” (v. 36,37). Isso manteria Simei em Jerusalém — onde Salomão poderia ficar de olho nele — e longe de sua base política na tribo de Benjamim.

Simei concordou com as condições graciosas impostas por Salomão, posando de servo fiel do rei: “E Simei disse ao rei: ‘Aquilo que você diz é

bom; conforme meu senhor, o rei, disse, assim seu servo fará”. Desse modo, Simei viveu em Jerusalém por muitos dias” (v. 38). Tendo dado sua palavra, tudo o que tinha a fazer era permanecer em Jerusalém.

Contudo, Simei não ficaria quieto e, por fim, violou sua promessa: “Mas aconteceu ao fim de três anos que dois servos de Simei fugiram para Aquis, filho de Maaca, rei de Gate. E, quando disseram a Simei ‘Eis que seus servos estão em Gate’, Simei se levantou e selou um jumento e foi até Aquis, em Gate, em busca de seus servos. Simei foi e trouxe seus servos de Gate” (v. 39,40). Ao ir até a Filistia atrás de seus escravos fugidos, Simei violou as condições de sua prisão. Também quebrou sua promessa ao rei. Ele sabia que estava errado, mas ainda assim o fez, pois queria seus bens de volta.

Logo os informantes de Salomão vieram lhe dizer o que Simei havia feito:

E, quando disseram a Salomão que Simei tinha ido de Jerusalém a Gate e voltado, o rei mandou convocar Simei e lhe disse: “Acaso não fiz você jurar pelo SENHOR e acaso não o adverti solenemente, dizendo: ‘Saiba com certeza que no dia em que você sair e for a qualquer lugar que seja, você morrerá’? E você me disse: ‘O que você diz é bom; eu obedecerei’. Então por que você não manteve seu juramento ao SENHOR nem obedeceu à ordem que lhe dei?” (v. 41-43).

Simei não tinha nenhuma boa resposta para dar nem nada para dizer em defesa própria. Com insensatez, ele tinha feito pouco caso da ordem clara de seu rei, a quem havia prometido obedecer com um juramento solene feito na presença de Deus. Diante disso, Salomão passou a pronunciar a sentença de Simei: “Você sabe em seu próprio coração todo o mal que fez a Davi, meu pai. Por isso, o SENHOR fará recair o mal sobre sua cabeça. Mas o rei Salomão será abençoado, e o trono de Davi será estabelecido para sempre perante o SENHOR” (v. 44,45). Salomão narrou os crimes de Simei, tanto passados quanto presentes. Então a sentença foi executada rapidamente, então “... o rei ordenou a Benaia, filho de Joiada, e ele saiu e o feriu, e ele morreu...” (v. 46).

Dessa maneira Simei foi eliminado, e o reino de Salomão foi estabelecido. Entretanto, será que, de fato, houve justiça? É claro que foi estupidez Simei ter saído da cidade de Jerusalém, mas será que isso era suficientemente pecaminoso para que fosse punido com a morte?

Para responder a essa pergunta, lembre de novo que Salomão era o rei ungido do Senhor e que seu domínio era o reino de Deus. A raiz do crime de Simei foi sua recusa em colocar aquele reino em primeiro lugar. Para ele sua prosperidade financeira pessoal era mais importante do que a obediência ao reino de Deus. Ele se parece com o jovem rico a quem Jesus ordenou que vendesse tudo o que tinha e desse seu dinheiro aos pobres (Mt 19.16-22). O jovem infelizmente não aceitou, porque amava seu dinheiro mais do que amava o reino de Deus. Simei fez o mesmo cálculo profano. Queria manter para si todos os seus bens. Não podia suportar a ideia de ficar sem um deles, ainda que isso significasse desobedecer ao rei e quebrar sua promessa a Deus.

O REINO DE CRISTO

Cada um dos homens que Salomão executou tinha determinado desejo do qual não quis abrir mão em favor do reino de Deus. Adonias tinha de possuir Abisague. Joabe queria vingança. Simei não abria mão de seus servos.

Todos enfrentamos tentações parecidas. Alguns de nós somos como Simei: nossa tentação é aquilo que o dinheiro pode comprar. Por isso não estamos dispostos a abandonar um negócio lucrativo que não é totalmente honesto. Ou construímos nossas carreiras às custas de nossas famílias. Ou somos mesquinhos com Deus, sendo avarentos em relação a nossos dízimos e ofertas. Outros são como Adonias: colocam o prazer sexual acima do compromisso com o reino. Ou, à semelhança de Joabe, são culpados de violência colérica.

A pergunta para cada um de nós é: o que especificamente está me impedindo de dar tudo para o reino de Deus? Com Deus é tudo ou nada, assim como acontece com todo rei que respeita a si mesmo. É da própria natureza do rei exigir lealdade absoluta. Se seguimos a Deus apenas quando ele nos dá o que queremos, então não estamos de modo algum tratando-o como rei, mas apenas como um servo. Para Deus estar em primeiro lugar para nós, ele tem de estar em primeiro lugar em tudo, inclusive acima daquele desejo específico de que realmente não queremos abrir mão em favor de seu reino, não importando qual seja esse desejo específico. Jesus

disse: “Busquem primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6.33).

O problema, sem dúvida, é que muitas vezes colocamos o que queremos acima de tudo o que Deus quer. Construímos nossos próprios reinos em vez de buscar primeiro o reino de Deus. Isso fica evidente cada vez que nos entregamos a um prazer pecaminoso, pronunciamos uma palavra com raiva ou fazemos uma compra egoísta. E é por isso que precisamos da misericórdia e do perdão que Deus nos oferece em Jesus, o rei que estabeleceu para sempre o reino de Deus, ao sangrar na cruz e, em seguida, ressuscitar da sepultura. À semelhança de Salomão, Jesus estabeleceu seu trono eliminando todos os seus inimigos, só que seus inimigos eram os mais fortes de todos: o pecado, a morte e o Diabo. Jesus derrotou esses inimigos quando sofreu o castigo mortal que merecemos por causa de nossos pecados (aliás, o mesmo castigo que os inimigos de Salomão mereciam), para que não morrêssemos, mas vivêssemos.

Para realizar essa obra salvadora, Jesus teve de colocar o reino em primeiro lugar, e assim ele fez. Ele disse que não veio fazer sua própria vontade, mas a vontade de seu Pai celestial (Jo 6.38). Isso incluía renunciar a todas as tentações envolvendo dinheiro, sexo e violência. Jesus poderia ter reivindicado a riqueza das nações, mas, em vez disso, escolheu viver na pobreza, demonstrando que o dinheiro não era seu senhor. Jesus também não cedeu à tentação sexual, satisfazendo pecaminosamente seu desejo sexual, mas, em vez disso, viveu em perfeita pureza e castidade. Ele não buscou o poder por meio de violência criminosa, mas sofreu com paciência os maus tratos de homens pecadores, a ponto de morrer. Jesus colocou o reino em primeiro lugar, não aceitando que nem mesmo um único detalhe se interpusesse no caminho que o levaria a dar sua vida para nossa salvação e fazer o trabalho do reino de Deus.

Agora Jesus nos chama a nos unirmos a ele, colocando o reino em primeiro lugar — em primeiro lugar em nossa mente e coração, em primeiro lugar em nosso corpo e em primeiro lugar em nossa conta bancária. Somente quando compartilhamos nossos bens em prol da obra do reino, protegemos a pureza de nossa sexualidade e abrimos mão de qualquer pretensão de controlar nosso destino é que conseguimos parar de usar o

dinheiro, o sexo e o poder em benefício próprio e, em vez disso, usá-los para a glória de Deus e o reino de Jesus Cristo.

GUILA DE ESTUDO

Toda vez que um novo político chega ao poder, tem de escolher como lidar com a oposição. Um presidente recém-eleito, por exemplo, simplesmente tece alguns comentários elogiando o comportamento dos adversários na disputa. A eleição acabou, e está claro quem é o vencedor. O candidato perdedor não representa nenhuma ameaça ao novo presidente e tem de aguardar outra oportunidade de concorrer ao cargo. Já nas monarquias da antiguidade, em geral havia contínuas ameaças ao trono. Aquele que perdia o trono geralmente não desistia sem lutar. Assim que o reino de Salomão se estabeleceu, ele teve de decidir o que fazer com os inimigos que ainda ameaçavam seu governo dentro do reino: Adonias, Abiatar, Joabe e Simei.

1. A vingança é correta e justificada em um contexto político? Em que situações? Que crimes podem justificar prisão? Que crimes podem justificar a pena de morte?
2. Leia 1Reis 2.13-46. No início desse relato Adonias pede a Bate-Seba que converse com Salomão sobre obter Abisague como esposa. O que você consegue descobrir a respeito de Adonias com base nesse pedido? Que palavras você usaria para descrever o caráter e as ações de Adonias?
3. Por que você acha que Bate-Seba concordou com o pedido de Adonias? Quais foram ou quais seriam suas tentações se você resolvesse fazer algo em favor de um filho que contrariasse a vontade de Deus?
4. Por que o pedido de Adonias deixou Salomão tão indignado? O que Adonias estava de fato pedindo?

5. Neste capítulo consideramos alguns motivos pelos quais pode ter sido necessário Salomão matar Adonias. Como você sustentaria o ponto de vista de que ele estava certo em mandar executar Adonias?
6. Que crimes Abiatar cometeu? (Veja 1Rs 1.7.) Por que Salomão poupou Abiatar apesar de seus crimes?
7. Que crimes Joabe cometeu? (Veja 2Rs 2.5,32.)
8. Quando foi acusado desses crimes, Joabe correu e agarrou os chifres do altar, como Adonias havia feito, em uma tentativa de se refugiar na misericórdia de Deus. Nesse caso, isso não o salvou. Por que sua vida não foi poupada? (Veja, e.g., Gn 9.6.) Que princípios isso ilustra a respeito do pecado?
9. Leia a história de Simei em 2Samuel 16.5-13. Que crimes ele cometeu? Que pecados do coração estavam envolvidos nessas ações?
10. O castigo de Simei foi anunciado em 1Reis 2.37. O que aconteceu quando ele quebrou o acordo?
11. Cada um dos homens que Salomão executou havia se recusado a abrir mão de algo específico em favor do reino de Deus. Relacione as coisas das quais Adonias, Joabe e Simei se recusaram a abrir mão em favor de Deus.

12. Existe algo específico que está impedindo você de dar tudo para o reino de Deus? A que você está se apegando tão firmemente a ponto de isso ter se tornado um ídolo? Que passos você dará para colocar Deus no seu lugar de direito no trono de seu coração?
13. Em que parte dessa passagem vemos em ação tanto o juízo quanto a misericórdia? O que você pode aprender sobre essas doutrinas com base nessa história?

¹Tim Keller, “A new kind of urban Christian”, *Christianity Today* (May 2006): 36.

²Dale Ralph Davis, *The wisdom and the folly: an exposition of the Book of First Kings* (Fearn: Christian Focus, 2002), p. 25-6.

³Terence E. Fretheim, *First and Second Kings*, Westminster Bible Companion (Louisville: Westminster, 1999), p. 26.

⁴Walter Brueggemann, *1 Kings*, Knox Preaching Guides (Atlanta: John Knox, 1982), p. 5.

⁵Iain W. Provan, *1 and 2 Kings*, New International Biblical Commentary (Peabody: Hendrickson, 1995), p. 40.

⁶Davis, *The wisdom and the folly*, p. 31.

⁷Paul R. House, *1, 2 Kings*, The New American Commentary (Nashville: Broadman, 1995), p. 100.

⁸Ibidem, p. 99.

⁹Walter Brueggemann, *1 and 2 Kings*, Smyth and Helwys Bible Commentary (Macon: Smyth and Helwys, 2000), p. 34.

¹⁰Charles Spurgeon, “The horns of the altar”, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit* (Pasadena: Pilgrim, 1971), vol. 31, p. 114.

O DESEJO DE SALOMÃO

Deus lhe disse: “Porque você pediu isso e não pediu para si uma vida longa ou riquezas ou a vida de seus inimigos, mas pediu para si mesmo entendimento para discernir o que é correto, eis que faço agora de acordo com sua palavra. Eis que eu lhe dou uma mente sábia e com discernimento, como ninguém teve antes de você nem terá depois de você” (1Rs 3.11,12).

Se você pudesse desejar qualquer coisa no mundo, o que seria? Algumas pessoas gostariam de ter habilidades diversas. Outros gostariam de uma mudança nas circunstâncias de sua vida. Existem coisas que elas têm que gostariam de não ter ou coisas que não têm que gostariam de ter. O que você gostaria de ter: mais dinheiro, mais poder, mais prazer?

O *reality show Three Wishes* [Três Desejos], que passou na televisão dos Estados Unidos em 2005, foi até cidadezinhas daquele país e escolheu pessoas para receberem aquilo que desejavam mais do que qualquer outra coisa na vida. O convite para possíveis participantes dizia: “Estamos procurando histórias comoventes sobre pessoas com necessidades. Queremos ajudar pessoas que merecem — pessoas que sempre ajudam os outros, mas nunca pensam em si mesmas”. Então fazia a pergunta básica: “Se você desejasse uma coisa bem específica e pudesse, do fundo do coração, pedir absolutamente qualquer coisa, o que seria?”.

Os produtores de televisão diziam que dinheiro não era obstáculo, o que pode explicar por que o programa foi cancelado depois de apenas uma temporada: fazer com que desejos se tornem realidade pode custar muito caro. Mas e se o maior desejo que você tem pudesse realmente se tornar realidade? E se a pessoa que estivesse perguntando o que você queria tivesse

recursos infinitos? E se você fosse o rei Salomão e Deus dissesse: “Peça o que deseja que eu lhe dê”? Que desejo você pediria do fundo do coração?

UM HOMEM SEGUNDO O CORAÇÃO DE DAVI

Para entender o desejo de Salomão, precisamos conhecer o tipo de homem que ele era. Salomão tinha ascendido ao trono de seu pai, Davi, não por ambição própria, mas pela unção sagrada do Deus onipotente. Depois de um curto espaço de tempo no poder, ficou evidente que ele tinha a coragem para liderar. Salomão havia estabelecido seu reino, eliminando todos os seus inimigos. De modo que sabemos que ele é astuto politicamente, um homem de ação. Mas que tipo de pessoa ele é lá dentro, na vida espiritual de sua alma?

A Bíblia o descreve como um homem segundo o coração do próprio Davi: “Salomão amava o SENHOR, andando nos estatutos de Davi, seu pai...” (1Rs 3.3). Esse é praticamente o maior elogio que qualquer pessoa poderia receber. Aliás, Salomão é, em toda a Bíblia, o único homem sobre o qual se afirma explicitamente que “amou o Senhor”. Seu coração estava repleto de santos afetos pelo Deus vivo. Ele adorava o ser divino, reagindo a Deus com seus sentimentos. Tinha um profundo anseio espiritual na alma, um desejo apaixonado de um relacionamento mais íntimo com Deus.

Todavia, o amor é mais do que um sentimento, e o amor de Salomão por Deus se expressava de maneiras tangíveis e práticas. Adorava com frequência a Deus e, nessas ocasiões, oferecia, com toda devoção, muitos sacrifícios dispendiosos: “... o rei foi a Gibeão para oferecer sacrifícios ali, porque aquele era o grande lugar alto. Salomão costumava oferecer mil holocaustos naquele altar” (v. 4). Imagine a enorme despesa e o trabalho extraordinário envolvido no sacrifício de mil animais no altar de Deus! Salomão demonstrou seu amor por Deus por meio de sacrifícios.

Esse era um relacionamento pessoal e íntimo, pois, quando Salomão fez seus sacrifícios, Deus lhe apareceu e falou com ele (v. 5). Então, quando chegou a hora de falar com Deus, Salomão expressou seu afeto por meio de uma oração: “... Tens demonstrado um amor grande e inabalável pelo teu servo Davi, meu pai, porque ele andou diante de ti com fidelidade, justiça e

coração correto contigo. E tens mantido por ele esse amor grande e inabalável e lhe deste um filho que se assenta hoje em seu trono” (v. 6).

É próprio do coração de quem ama louvar o amado. Aqui Salomão solenemente honra a Deus por aquilo que tem feito. Louva a Deus pelo seu amor confiável — especificamente o amor fiel que tem demonstrado ao manter sua aliança. Com gratidão, ele relata o que Deus tem feito na história de sua família — suas ternas misericórdias por Davi. Ele celebra com alegria as promessas que Deus cumpriu em sua própria vida, colocando-o no trono de Davi (veja 2Sm 7.12).

A oração afetuosa de Salomão é um modelo para nossa própria vida amorosa com o Deus vivo. Será que é possível dizer acerca de você, da mesma maneira que se disse acerca do rei Salomão, que você ama o Senhor? Peça ao Espírito Santo que inspire seu coração com santos afetos, dando-lhe um forte desejo de estar com Jesus. Depois demonstre seu amor de todas as formas práticas que Salomão demonstrou. Encontre-se com frequência com Deus em adoração, tanto em público quanto a sós. Enquanto cultua, faça sacrifícios pessoais dispendiosos para promover a glória do Deus que você ama. John Piper escreve:

O caminho do amor é ao mesmo tempo o caminho da negação de si mesmo e o caminho da alegria suprema. Negamos a nós mesmos os prazeres fugazes do pecado, da lascívia e do ensimesmamento, a fim de buscar o reino mais do que qualquer outra coisa. Agindo assim, levamos aos outros o maior dos bens, enalteçemos o valor de Cristo como um tesouro de alegria e encontramos nossa maior satisfação. Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos nele. E a supremacia dessa glória resplandece com mais brilho quando a satisfação que temos nele perdura apesar do sofrimento e da dor na missão do amor.¹

À medida que você cultua e dá, louve a Deus o máximo possível por aquilo que ele tem feito por sua família. Enumere as maneiras pelas quais Deus abençoou você, ao abençoar pessoas de gerações passadas. Então celebre seu amor inabalável em sua própria vida, as promessas que ele fez e tem cumprido para sua salvação. Quando foi a última vez que você disse a Deus o quanto o ama por salvá-lo de uma eternidade de miséria?

Em *Personal narrative* [Narrativa pessoal], escrito para registrar sua autobiografia espiritual, muitas vezes Jonathan Edwards celebrou o amor de Deus com uma alegria extasiada. Estas palavras são típicas de seus sentimentos religiosos:

Por vezes tenho tido uma sensação da magnífica plenitude de Cristo e de sua mansidão e adequação como Salvador; pelo que, para mim, ele se parece, acima de tudo, como o chefe de dezenas de milhares. Seu sangue e expiação têm parecido doces, e sua justiça, doce, o que sempre foi acompanhado de fervor de espírito; e lutas e anseios íntimos, e gemidos que não podem ser exprimidos, para ser esvaziado de mim mesmo e absorvido em Cristo.²

Jonathan Edwards foi um homem de devoção singular, e alguns cristãos talvez raramente ou mesmo nunca alcancem o pináculo de seu ardor espiritual. Entretanto, todos podemos cultivar, orar e dar de nós mesmos como resultado do amor por Cristo. Então podemos pedir ao Espírito Santo que nos torne melhores amantes, dando-nos mais amor por Jesus.

SINAIS DE ADVERTÊNCIA

Por mais que Salomão amasse o Senhor, há sinais de que seu amor não era de todo o coração. A interpretação tradicional de 1Reis é que o rei foi fiel até perto do final de sua vida. Nessa interpretação, os capítulos 1 a 10 apresentam uma perspectiva quase totalmente positiva de seu reinado, ao passo que o capítulo 11 conta como Salomão se desviou do Senhor bem no final. No entanto, se estudarmos sua vida mais atentamente, vemos sinais precoces de sua queda e ao final, em especial seu amor por dinheiro, sexo e poder.

O primeiro sinal de advertência é a escolha por Salomão da companheira de sua vida: “Salomão fez uma aliança matrimonial com o faraó, rei do Egito. Ele tomou a filha do faraó e a trouxe à cidade de Davi até ter terminado a construção de sua própria casa e da casa do Senhor e do muro ao redor de Jerusalém” (1Rs 3.1).

Essa união era problemática de várias maneiras. Já que não vemos nenhum motivo para pensar que a filha do faraó tinha fé no Deus de Israel, podemos apenas concluir que Salomão ficou sob jugo desigual. Não é uma questão de etnicidade, mas de espiritualidade. A Bíblia dá pleno apoio à união de duas pessoas de origens étnicas diferentes, mas condena o casamento de crentes com incrédulos (veja Êx 34.15,16; Dt 7.3,4). Não causa surpresa que o fato de casar fora da fé tenha no final levado Salomão à idolatria, que o mesmo rei de quem certa vez se disse que “amou o Senhor” seja aquele de quem mais tarde se disse que “... amou muitas mulheres estrangeiras...” (1Rs 11.1). Seu mau exemplo é uma advertência

aos cristãos para não buscarem um relacionamento romântico com qualquer pessoa que não esteja comprometida com Cristo. Conforme Matthew Henry comenta: “Unões desiguais dos filhos de Deus com as filhas dos homens têm tido com frequência consequências perniciosas”.³

Outro problema com esse casamento é que ele estabeleceu uma aliança espúria justamente com o Egito. Um casamento de reis visava assegurar uma aliança política e militar. Casando-se com a filha do faraó, Salomão estava tentando ajudar Israel a se tornar um ator no palco da política internacional. O rei foi seduzido pelo poder tanto quanto pelo sexo. Mas a Bíblia desaprova esse tipo de jogo de poder, que com frequência foi uma tentação para Israel. Deus queria que seu povo confiasse exclusivamente nele para sua salvação, ao invés de tentar encontrar segurança no alinhamento com potências estrangeiras, como o Egito. Ao se tornar genro do faraó, Salomão estava buscando a ajuda de uma nação que era “a antítese de todo israelita”, um império que, na Bíblia, “é sinal de brutalidade, exploração e escravidão, do aviltamento do espírito humano e da supressão de relações de aliança com Deus”.⁴

Voltar-se ao Egito pode ou não ter sido uma boa decisão política, mas, com certeza, espiritualmente foi uma decisão ruim, pois, embora mais tarde a Bíblia apresente promessas grandiosas sobre a salvação futura dos egípcios (e.g., Is 19.19-25; Ez. 29.13-16), eles sempre tinham sido inimigos do povo de Deus. Essa também é uma advertência para nós — uma advertência para não tentar melhorar nossa situação unindo forças espirituais com pessoas ímpias que estão trabalhando contra o reino de Deus.

Esse também parece ser um sinal de alerta contra a maneira de Salomão cultuar. Em 1Reis 3.1, menciona-se a grande obra de sua vida que foi construir uma casa para Deus, o templo de Jerusalém. Todavia, também menciona-se que Salomão construiu uma casa para si, e, conforme descobriremos, ele gastou mais tempo e dinheiro em sua própria casa do que na casa que construiu para Deus (compare 1Reis 6 com os versículos iniciais de 1Reis 7). O coração de Salomão foi tentado a se afastar da devoção a Deus pelo amor ao dinheiro.

Houve alguns outros problemas com o culto prestado por Salomão. O texto de 1Reis 3.2 explica que, antes de ele construir o templo, “as pessoas sacrificavam nos altos [...] porque nenhuma casa havia ainda sido

construída para o nome do SENHOR”. À semelhança de seu povo, Salomão “... sacrificava e apresentava ofertas nos altos. E o rei foi a Gibeão para oferecer sacrifícios ali, porque aquele era o grande alto” (v. 3,4). Ao que parece, o rei e seu povo estavam cultuando o nome do único Deus verdadeiro. Apesar disso, o termo “alto” (*bemah*) tem conotações extremamente negativas no Antigo Testamento, em especial ao longo de 1 e 2Reis, em que todos os outros usos da palavra têm sentido negativo (veja 2Rs 14.4; 15.35). Os altos (ou lugares altos) eram locais elevados onde as pessoas cultuavam divindades estrangeiras, e não levou muito tempo até se tornarem inseparavelmente associados à idolatria pagã. Além disso, parece que 1Reis 3.3 apresenta o culto de Salomão nos altos como algo independente de seu amor ao Senhor: “Salomão amava ao Senhor, andando nos estatutos de Davi, seu pai; *apenas* oferecia sacrifícios e apresentava ofertas nos altos”. A expressão “apenas” (*raq*) é restritiva, indicando que o que se segue é uma espécie de exceção — nesse caso, uma exceção idólatra ao amor de Salomão pelo Senhor.

Como vamos entender o culto prestado por Salomão nos altos de Israel? Talvez nessa fase antiga da história de Israel, antes de o templo ser construído, fosse aceitável as pessoas cultuarem nesses locais.⁵ Afinal, onde mais poderiam cultuar? Além disso, quando Salomão fez seus sacrifícios no grande alto de Gibeão (onde ficava o altar de bronze; veja 2Cr 1.5,6), ali ele teve de fato um encontro pessoal e direto com o Deus vivo.

Em contrapartida, a aparição do Senhor em Gibeão revela mais sobre sua graça divina do que sobre a obediência de Salomão. A Lei de Moisés (que Davi recomendou a Salomão em 1Reis 2.3) ordenava explicitamente ao povo de Deus que destruísse os altos de idolatria pagã: “Com certeza vocês destruirão todos os locais onde as nações que vocês desapossarem serviram aos seus deuses, nos altos montes e nas colinas e debaixo de toda árvore verdejante. [...] Vocês não adorarão o SENHOR, seu Deus, dessa maneira” (Dt 12.2,4). Em vez de adorar nos antigos altos, o povo foi chamado a cultuar a Deus no local que ele escolheu em Jerusalém: “Mas vocês devem buscar o lugar que o SENHOR, seu Deus, escolher dentre todas as suas tribos para ali pôr seu nome e fazer sua habitação. Ali vocês irão e ali levarão seus holocaustos e seus sacrifícios...” (Dt 12.5,6).

Se isso é o que Deus ordenou, por que Salomão teria liderado o povo para a prática questionável de cultuar nos altos? Observe a mudança depois de Salomão ter se encontrado com Deus em Gibeão: "... Então foi para Jerusalém e ficou diante da Arca da Aliança do Senhor, e ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas e fez um banquete para todos os seus servos" (1Rs 3.15). É de presumir que a tenda do encontro em Jerusalém seria o local correto para o rei e seu povo cultuarem. Porém começaram cultuando nos altos. Esse é um prenúncio sinistro de sua futura apostasia, pois mais tarde tanto o rei Salomão quanto seu povo voltariam aos altos e cometeriam idolatria.

De modo que, embora seja verdade que Salomão foi um rei segundo o coração de Davi, isto é, um homem que amava o Senhor, também é verdade que ele tinha um coração errante que amava dinheiro, sexo e poder. Os sinais de advertência acerca da queda trágica de Salomão estão presentes bem desde o início de sua história, que não é apenas em preto e branco, mas matizada por várias tonalidades de cinza.

Em outras palavras, Salomão era muito parecido conosco. Ele amava o Senhor, da mesma maneira que todo cristão. No entanto, também teve alguns outros amores na vida, paixões pecaminosas fortes o suficiente para destruir sua liderança espiritual. Ele não amava o Senhor seu Deus de todo o seu coração, alma e força (Dt 6.4,5). Assim, ainda que haja alguma verdade na ideia de que, antes de terminar mal, sua vida começou espiritualmente bem, a verdade lá no fundo é que, à semelhança de cada crente, ele sempre foi tanto um pecador quanto um santo.

Enfrentamos a mesma luta. Nas famosas palavras de Martinho Lutero, cada um de nós é *simul iustus et peccator* — ao mesmo tempo justo e pecador. Por meio da fé em Jesus Cristo e com base em sua vida perfeita e morte expiatória, somos perfeitamente justos aos olhos de Deus. Contudo, enquanto vivermos neste mundo pecaminoso, continuaremos a lutar com a natureza pecaminosa. Isso significa que os sinais de advertência de nossa própria e trágica queda estão presentes bem em nosso coração.

Que desejos pecaminosos têm o poder de destruir sua vida da mesma forma que dinheiro, sexo e poder dividiram o reino de Salomão? Nós também somos tentados por aquilo que o dinheiro pode comprar, pelo prazer sexual e pela sedução do poder. Enfrentamos essas tentações cada

vez que seguramos o cartão de crédito, entramos na internet ou começamos a imaginar a melhor maneira de conseguir o que queremos de outras pessoas. Para resistir a essas tentações e viver segundo o amor de Deus, precisamos de sabedoria espiritual para escolher o que é certo.

O SÁBIO PEDIDO DE SALOMÃO

O pedido tão famoso feito por Salomão é precisamente este: a sabedoria de Deus. O rei fez seu sábio pedido no contexto de um sonho. Ele estava oferecendo mil sacrifícios em Gibeão, e, enquanto cultuava, "... o SENHOR apareceu a Salomão de noite em um sonho, e Deus disse: 'Peça o que deseja que eu lhe dê'" (1Rs 3.5).

Deus não impõe nenhuma condição ao pedido do rei, mas simplesmente o convidou a pedir o que quisesse. Esse convite extraordinário e sem precedentes foi também um sério teste, porque a resposta de Salomão revelaria a piedade (ou impiedade) de seu caráter. Foi assim que o rei orou: "E agora, ó SENHOR, meu Deus, tu fizeste com que teu servo se tornasse rei em lugar de Davi, meu pai, embora eu não passe de uma criancinha. Não sei como sair ou entrar. E teu servo está no meio de teu povo a quem escolheste, um grande povo, numeroso demais para ser contado" (v. 7,8).

Mais tarde Salomão se tornaria famoso por dizer: "O temor do SENHOR é o princípio do conhecimento..." (Pv 1.7). Seu próprio pedido é um exemplo perfeito desse conhecimento (ou desse temor), pois, em sua oração em que pede sabedoria, o rei começa reverentemente proclamando quem Deus é e o que Deus tem feito. Aí está um homem que temia ao Senhor, o que para ele é o início da sabedoria. Em sua oração, Salomão declara que o Senhor é o *seu* Deus, o Deus com quem tem um relacionamento pessoal. Ele reconhece que o Deus de Davi o colocou sobre o trono de Israel. Ele recorda que Deus escolheu seu povo, e, quando diz que é "... numeroso demais para ser contado" (1Rs 3.8), Salomão ecoa a promessa da aliança feita por Deus a Abraão: que seus filhos seriam incontáveis como as estrelas do céu ou como a areia no deserto (Gn 22.16-18).

O pedido sábio de Salomão — "Dá, portanto, a teu servo uma mente com entendimento para governar teu povo, para que eu possa discernir entre o bem e o mal, pois quem é capaz de governar este teu grande povo?"

(1Rs 3.9; veja também 2Cr 1.10) — estava firmado em um conhecimento correto da grandeza de Deus. Sua oração nos mostra como sempre devemos começar a orar por qualquer coisa: reconhecendo que Deus é Deus, que ele é nosso Deus, que ele está operando em nossa vida e que ele tem cumprido suas promessas de salvação.

Ao mesmo tempo, o pedido sábio de Salomão também se baseava em um conhecimento correto de suas limitações. À semelhança de Moisés antes dele e de Jeremias depois (veja Êx 4.10; Jr 1.6), Salomão tinha relativa incerteza quanto a suas habilidades. Quando diz que é “... uma criancinha...”, não está necessariamente referindo-se a sua idade. Não sabemos qual a idade de Salomão a essa altura, mas ele já tinha tido um filho.⁶ Por isso, ao aplicar a si mesmo o termo “criancinha”, quis dizer que era inexperiente e que, por esse motivo, dependia de Deus para lhe dar a ajuda necessária. Seu comentário sobre não saber como entrar ou sair é uma maneira diferente de dizer a mesma coisa. O comentário soa um pouco como aquilo que uma criancinha diria — uma criança que ainda precisa de permissão para ir lá fora ou tem dificuldade em abrir a porta para tornar a entrar. Mas a Bíblia normalmente usa essa expressão para se referir a liderança militar (e.g., Nm 27.16,17; Dt 31.2,3). Salomão não sabia como governar como um rei.

Independentemente de sua inexperiência por ser jovem, havia algumas outras razões para Salomão estar relutante em governar. Ele sabia que o povo que havia sido chamado a governar era o povo escolhido e que, sendo um povo tão precioso para Deus, merecia os melhores cuidados do rei. Também sabia que era um povo numeroso, o que significava que governá-lo seria um fardo pesado. A tarefa parecia quase esmagadora.

Salomão conseguiria fazer o que Deus estava chamando-o a fazer somente com a ajuda de Deus. Então ele orou por sabedoria. Em 1Reis 3.9, Salomão estava orando com a devida humildade. Ele sabia que era limitado, mas também sabia que Deus é ilimitado, e, desse modo, orou pedindo sabedoria divina. Pediu “... uma mente com entendimento...” ou, mais literalmente, “um coração que escuta”.⁷ A palavra traduzida por “ouvir” ou “escutar” (*shomea*) implica obediência, porque, se formos sábios, ouvir é obedecer. A palavra traduzida por “mente” ou “coração” (*leb*) não se refere apenas ao cérebro ou às emoções, mas à pessoa toda: o intelecto, os afetos,

até mesmo a vontade. Salomão estava pedindo que todo o seu ser fosse capaz de discernir a vontade de Deus.

O rei usaria essa sabedoria para governar o grande povo de Deus. O tipo de sabedoria que Salomão tinha especialmente em mente era a sabedoria prática para governar. Davi o havia aconselhado a ser sábio em lidar com seus inimigos (1Rs 2.6,9), e Salomão havia tentado seguir o conselho de seu pai. Agora precisaria do mesmo tipo de habilidade e intuição para todas as outras tarefas de seu reinado. Quer estivesse governando seu povo, quer conquistando seus inimigos, quer defendendo os fracos e os pobres, Salomão precisaria de uma mente com discernimento, de um coração com entendimento. Ele não fez esse pedido por interesse próprio, mas para o bem de seu povo e a glória de Deus. Foi um pedido de oração de alguém que pensava no reino. Salomão não pediu sabedoria para tornar-se um sábio famoso; seu desejo era que o povo de Deus fosse governado com sabedoria.⁸

A situação de Salomão era ímpar; só ele herdou o trono de Davi, de modo que só ele podia orar exatamente dessa maneira. Todavia, seu pedido sábio ainda é um ótimo exemplo para seguirmos. Ao contrário de Salomão, “eu não sou rei”, escreve um comentarista, “mas será que não devo orar como um rei?”.⁹

Sim, devemos orar como Salomão. Com toda a devida reverência, devemos começar com o caráter de Deus e sua obra salvífica. Com toda santa humildade, devemos reconhecer nossas limitações, admitindo abertamente que somos fracos em honrar nossos pais, ou servir ao nosso cônjuge, ou criar um filho, ou amar um vizinho, ou dirigir um ministério, ou compartilhar o evangelho, ou fazer qualquer outra coisa que Deus nos chama a fazer. Em seguida, com fé totalmente confiante, devemos pedir a Deus a sabedoria de que precisamos para servi-lo bem no que quer que tenha nos chamado a fazer. Em nós mesmos, não estamos à altura de quaisquer das tarefas que Deus nos deu, mas podemos pedir-lhe que nos dê uma mente com discernimento e um coração com entendimento. Não pedimos isso basicamente para nós mesmos, mas para o bem do povo de Deus e no interesse de seu reino.

O DOM GRACIOSO DE DEUS

Deus se agradou em responder à oração de Salomão e conceder-lhe seu sábio pedido:

Agradou ao Senhor que Salomão tivesse pedido isso. E Deus lhe disse: “Porque você pediu isso e não pediu para si uma vida longa, riquezas ou a vida de seus inimigos, mas pediu para si mesmo entendimento para discernir o que é correto, eis que faço agora de acordo com sua palavra. Eis que eu lhe dou uma mente sábia e com discernimento, como ninguém teve nem antes de você nem depois de você” (1Rs 3.10-12; veja tb. 2Cr 1.11,12).

Ao revelar-se satisfeito com Salomão, Deus disse que estava satisfeito tanto com o que o rei *não* havia pedido quanto com o que havia *de fato* pedido. Ao pedir sabedoria, Salomão estava se recusando a pedir qualquer uma das coisas que a maioria das pessoas quer da vida. A maioria se apega tão fortemente à vida que daria quase qualquer coisa para evitar o dia de sua morte. Porém Salomão não pediu uma vida longa a Deus. A maioria gostaria de mais dinheiro e já fez planos para o que faria caso pudesse pôr as mãos nesse dinheiro. Entretanto, Salomão não pediu riqueza a Deus. A maioria gostaria de se desferrar das pessoas que lhes fizeram mal. Contudo, Salomão não pediu vingança contra seus inimigos.

Não teria sido errado Salomão pedir qualquer uma dessas coisas. A vida é boa; o dinheiro pode ser útil; é melhor orar por vingança do que tomá-la em nossas próprias mãos. Salomão poderia até mesmo ter pedido essas coisas em benefício de seu reino. Ele poderia ter orado: “Dá vida longa ao rei!”, ou: “Dá-me ouro para as paredes de teu templo, ó Deus”, ou: “Vingate dos inimigos de Israel”.

No entanto, Salomão corretamente considerou esses bens terrenos como inferiores à dádiva suprema de sabedoria espiritual. “A sabedoria é melhor do que joias...”, ele escreveu mais tarde, “... e tudo o que você possa desejar não pode se comparar com ela” (Pv 8.11; veja também 16.16). O rei sabia que discernir o que é certo é algo útil em toda situação. A sabedoria ajuda um jovem a saber que caminho seguir na vida. Ajuda um homem a amar uma mulher, e uma mulher a amar um homem. Ajuda um casal a criar uma família. A sabedoria ajuda as pessoas a saber como viver, como trabalhar e como se divertir. Até mesmo ajuda as pessoas a morrer, porque pessoas sábias confiam no Filho de Deus para a vida eterna. Dessa maneira, Salomão pediu sabiamente a Deus a dádiva de um coração com discernimento.

Deus se agradou tanto do pedido de Salomão que lhe concedeu o pedido. O rei se tornou aquilo que Deus prometeu: o homem mais sábio que já existiu. Essa dádiva foi além da capacidade intelectual natural de Salomão (a qual deve ter sido excepcional) e o beneficiou com o tipo de percepção espiritual que só pode vir de Deus (Pv 2.6). Até hoje podemos aprender com a sabedoria do rei mediante seus ditos sábios no livro de Provérbios, estudar sua sábia filosofia de vida em Eclesiastes ou ouvir sua sabedoria sobre amor e romance em Cântico dos Cânticos.

Depois de dar essa sabedoria a Salomão, Deus passou a lhe dar até mais do que ele havia pedido ou imaginado (veja Ef 3.20). Ele disse: “Eu também lhe dou aquilo que você não pediu — tanto riquezas quanto honra —, de modo que durante todos os seus dias nenhum outro rei poderá se comparar com você. E, se você caminhar nos meus caminhos, guardando os meus estatutos e os meus mandamentos, da mesma maneira que Davi, seu pai, andou, então prolongarei os seus dias” (1Rs 3.13,14).

Assim, Salomão recebeu as mesmas dádivas que havia ignorado em sua busca de sabedoria. Deus acrescentou riqueza à sabedoria de Salomão, tornando-o o homem mais rico do mundo. Deu ao rei uma fama internacional de sagacidade intelectual: “... O rei Salomão sobrepujou todos os reis da terra em riquezas e em sabedoria. E toda a terra buscava a presença de Salomão para ouvir sua sabedoria, a qual Deus havia posto em sua mente” (1Rs 10.23,24). Deus até mesmo disse que o rei desfrutaria uma vida longa, desde que guardasse a aliança da mesma maneira que Davi havia guardado.

Embora Salomão não tivesse procurado as bênçãos de riqueza e fama, ainda assim elas lhe foram dadas. Portanto, o rei serve de exemplo ideal de um princípio importante que Jesus ensinou a seus discípulos: “... busquem primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6.33). De longe a dádiva mais importante que Salomão chegou a receber foi a sabedoria. Afinal, é preciso sabedoria para saber como lidar com todas as responsabilidades e tentações que vêm com a riqueza e a fama. Se o rei tivesse egoisticamente buscado fama e fortuna, Deus não teria se agradado de seu pedido. No entanto, Salomão pediu sabedoria, e, junto com a dádiva de sabedoria, Deus graciosamente acrescentou muitas outras bênçãos.

A RIQUEZA DA SABEDORIA

Se chegou a existir um homem que podia louvar a Deus como a fonte de todas as bênçãos, esse homem foi o rei Salomão. Depois de ter despertado de seu sonho, o rei subiu a Jerusalém, pôs-se diante da Arca da Aliança e apresentou muitas ofertas para o louvor de seu Deus (1Rs 3.15). Isso foi sábio: sempre que recebemos uma dádiva, devemos agradecer ao doador. Uma vez que toda dádiva boa e perfeita procede de Deus, vivemos mais sabiamente quando nossa vida está repleta do culto de gratidão a Deus.

Salomão nunca lamentou sua decisão de fazer da sabedoria seu único desejo. Por isso, ele nos aconselharia a fazer a mesma escolha. “O princípio da sabedoria é este...”, o rei disse certa vez: “... Adquira sabedoria e, mais do que qualquer outra coisa, adquira entendimento. Valorize-a bastante, e ela o exaltará; ela o honrará, caso você a acolha. Ela colocará uma linda guirlanda em sua cabeça; porá em você uma linda coroa” (Pv 4.7-9). Essa foi a história da vida de Salomão. Ele fez tudo o que foi possível para adquirir sabedoria, e então com o dom da sabedoria vieram riquezas e honra. O melhor conselho que Salomão poderia oferecer a alguém era procurar a mesma sabedoria superior que ele recebeu: a sabedoria que vem de Deus.

Para nós, a maneira de seguirmos o conselho sábio de Salomão é estudar as Escrituras, que podem nos tornar “... sábios para a salvação por meio da fé em Jesus Cristo” (2Tm 3.15), e buscar a sabedoria de Deus na pessoa de Jesus Cristo. Por mais sábio que Salomão tenha sido, a Bíblia diz que Jesus Cristo é infinitamente mais sábio. De modo que, quando o Evangelho de Mateus menciona a mundialmente famosa sabedoria de Salomão, passa a dizer que “alguém maior do que Salomão está aqui” (12.42). Esse “... alguém maior” é Jesus Cristo, o Filho divino de Deus e “... a sabedoria de Deus” (1Co 1.24).

A Bíblia diz que “... todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” estão ocultos em Jesus Cristo (Cl 2.3). Sua sabedoria é mais completa e extensa do que a sabedoria de Salomão, porque, na condição de Filho divino de Deus, Jesus conhece todas as coisas. Sua sabedoria é mais perfeita e permanente do que a sabedoria de Salomão, porque, na condição de Salvador sem pecado, Jesus nunca cedeu ao pecado e às tolas tentações que

provocaram a queda de Salomão. Conforme descobriremos, à semelhança de qualquer outro dom espiritual, a sabedoria do rei não acontecia sem uma fé viva e ativa no único Deus verdadeiro. A sabedoria de Jesus é mais vital e necessária do que a sabedoria de Salomão, porque, na condição de Rei eterno, Jesus continua governando todas as coisas na terra e no céu.

O que talvez não pareça particularmente sábio é como Jesus morreu: por crucificação. Aliás, a Bíblia admite com toda franqueza que a cruz de Cristo parece loucura para as pessoas deste mundo que estão morrendo em seus pecados. Que diferença poderia fazer um homem ficar pendurado em um madeiro e sangrar até a morte? Todavia, a Bíblia também explica que aquilo que talvez nos pareça louco é a sabedoria de Deus para nossa salvação. Com sua crucificação, Jesus pagou o preço de todos os nossos pecados. Por mais louco que isso pareça para algumas pessoas, a pregação da cruz traz perdão e vida eterna a todos aqueles que creem em Jesus, o qual, da parte de Deus, tornou-se nossa sabedoria (1Co 1.18-25,30).

Como resposta a isso, a melhor coisa que podemos fazer é dar nossa vida a Jesus Cristo. Sua sabedoria suprema está ao nosso alcance, mesmo para as pequenas coisas da vida cotidiana; basta pedi-la. Talvez pareça tentador invejar Salomão pelo convite que recebeu para pedir qualquer coisa que quisesse de Deus. No entanto, Deus está pronto a nos conceder o desejo de Salomão e nos dar “... um coração de sabedoria” (Sl 90.12). Jesus nos disse que simplesmente pedíssemos e nos seria dado; todo aquele que pede receberá (Mt 7.7,8). Por acaso você precisa de sabedoria para o trabalho, para o futuro, para um relacionamento rompido, para um obstáculo que está enfrentando no ministério ou para os problemas que tem na família? A Bíblia dá esta promessa a qualquer um que pede com fé: “Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça a Deus, que dá generosamente a todos sem repreensão, e lhe será dada” (Tg 1.5).

GUIA DE ESTUDO

Muitos contos de fadas giram em torno da ideia de um desejo a ser concedido à personagem principal. É engraçado imaginar uma cena tão fabulosa, mas não é assim que acontece na vida real — com a única exceção de um homem, Salomão, a quem Deus perguntou sobre um desejo

específico. Você consegue imaginar o que deve ter passado pela mente de Salomão quando Deus lhe perguntou o que ele mais queria? Teria sido fácil para Salomão manifestar um desejo apressado do qual mais tarde se arrependeria. A expressão “Cuidado com aquilo que você deseja” tornou-se uma maneira de advertir as pessoas de que algumas das coisas que achamos que queremos acabam não sendo boas para nós a longo prazo. Examinemos o desejo de Salomão e vejamos as consequências do que ele quis ao longo de sua vida.

1. Se você pudesse ser atendido em um único desejo, qual seria? Como você acha que teria respondido a essa pergunta cinco ou dez anos atrás?
2. Leia o início da história do desejo de Salomão em 1Reis 3.1-4. Por que Salomão se casou com a filha do faraó? O que ele esperava obter com isso pessoal e politicamente? Qual foi o resultado dessa decisão?
3. Leia 1Reis 11.1-8. Esses versículos mostram um padrão na vida de Salomão: deixar que mulheres desviassem seu coração para longe de Deus. O que podemos dizer sobre as prioridades de Salomão com base nas escolhas matrimoniais que ele fez mais tarde na vida? A que problemas essas escolhas levaram? Que lições tiramos da escolha de esposas por Salomão e das consequências dessas escolhas?
4. No início do reinado de Salomão, os israelitas estavam cultuando a Deus nos “altos”. Em todo o Antigo Testamento, esse termo se refere a cultos pagãos e idolatria. (Para mais informações sobre esse assunto, leia Dt 12.2-6.) Na sua opinião, por que Deus deu a seu povo a ordem de ficar longe dos lugares altos? Por que você acha que o povo de Deus foi tentado a esse tipo de culto? Quais foram as consequências?

5. Leia 1Reis 3ss. O texto nos diz que Salomão amava o Senhor e andou nos estatutos de seu pai, Davi. Salomão era muito parecido conosco. Ele amava o Senhor, assim como acontece com cada cristão. Contudo, também tinha outros amores na vida: paixões pecaminosas que tiveram o poder de destruir sua liderança espiritual. Que “amores” você tem em sua vida que podem ser perigosos e quais são os perigos inerentes à busca dessas coisas?
6. Com base na oração de Salomão em 1Reis 3.6-9, o que podemos aprender com a ideia que ele tinha de si mesmo e de seu relacionamento com Deus?
7. Que princípios podemos extrair da oração de Salomão? Como podemos imitar seu exemplo em nossas próprias orações? Que aspectos da oração de Salomão é mais provável que deixemos de fora de nossa intercessão?
8. O ponto central da oração de Salomão, seu maior desejo, encontra-se em 1Reis 3.9. Com base em sua oração, o que podemos aprender acerca da verdadeira sabedoria?
9. No Novo Testamento, temos mais uma descrição da sabedoria. Leia Tiago 3.17 e liste as características da verdadeira sabedoria.
10. Em 1Reis 3.10-14 lemos que Deus se agradou do pedido de Salomão e lhe deu não apenas sabedoria, mas também outras dádivas que Salomão havia ignorado em sua busca por sabedoria. Que importância você atribui às promessas de Deus a Salomão nesses versículos? Por que você acha que Deus deu essas bênçãos adicionais a Salomão?

11. Mais tarde Salomão escreveu: “... a sabedoria é melhor do que joias, e tudo o que você possa desejar não pode se comparar com ela” (Pv 8.11). De que maneira a sabedoria é melhor que uma vida longa, riqueza ou poder? De que modo obter os “... tesouros da sabedoria e do conhecimento” que estão escondidos em Jesus Cristo (Cl 2.3, muda a vida de alguém?
12. Como podemos obter a verdadeira sabedoria que vem de Deus? Existem coisas específicas que você pode fazer para buscar sabedoria (veja Pv 1.7; 2.1-12)?

¹John Piper, *Let the nations be glad! The supremacy of God in missions* (Grand Rapids: Baker, 1993), p. 12 [edição em português: *Alegrem-se os povos: a supremacia de Deus em missões* (São Paulo: Cultura Cristã, 2001)].

²Jonathan Edwards, “Personal narrative”, in: George S. Claghorn, org., *Letters and personal writings*, WJE Online, vol. 16, disponível em: <http://edwards.yale.edu/browse/PersonalNarrative>.

³Matthew Henry, *Matthew Henry's complete commentary on the whole Bible: Judges to Job* (New York: Fleming Revell, s.d.), vol. 2 [edição em português: *Comentário bíblico de Matthew Henry: Josué a Ester*, tradução de Degmar Ribas Júnior (Rio de Janeiro: CPAD, 2002), vol. 2].

⁴Walter Brueggemann, *1 and 2 Kings*, Smyth and Helwys Bible Commentary (Macon: Smyth and Helwys, 2000), p. 45.

⁵Para uma defesa completa desse ponto de vista, veja August H. Konkel, *1 and 2 Kings*, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2006), p. 78-80.

⁶Iain W. Provan, *1 and 2 Kings*, New International Biblical Commentary (Peabody: Hendrickson, 1995), p. 48.

⁷Paul R. House, *1, 2 Kings*, The New American Commentary (Nashville: Broadman, 1995), p. 110.

⁸A linda oração de Salomão no salmo 72 revela seu apego ao povo de Deus e seu zelo pela honra do nome de Deus.

⁹Dale Ralph Davis, *The wisdom and the folly: an exposition of the Book of First Kings* (Fearn: Christian Focus, 2002), p. 37.

A SABEDORIA DE SALOMÃO

E todo o Israel soube da sentença que o rei havia decretado e teve admiração pelo rei, porque percebeu que a sabedoria de Deus estava nele para fazer justiça (1Rs 3.28).

Há sempre algo profundamente gratificante em encontrar uma solução simples para um dilema difícil.

Um de meus exemplos favoritos é a história de um viajante em um lugar deserto que, ao chegar a uma bifurcação na estrada, não fazia ideia de qual caminho seguir. Haviam dito previamente ao viajante que existiam dois homens na região: um sempre dizia a verdade e o outro era um mentiroso patológico. Acontece que um desses homens estava ali na bifurcação e se ofereceu para ajudar. O problema é que o viajante não sabia qual dos dois era esse homem: o mentiroso ou o que falava a verdade. Por isso, como ele poderia saber se estava recebendo a orientação certa? Que pergunta ele poderia fazer que lhe diria exatamente qual caminho seguir?

Esse dilema difícil tem uma solução simples. O viajante só precisava fazer àquele homem a seguinte pergunta: “Se eu pedisse orientação ao outro homem, que caminho ele me diria para seguir?”. Então, assim que o homem respondesse, o viajante saberia que deveria pegar a outra estrada. Se estivesse falando com o mentiroso, com certeza o homem o levaria a pegar o caminho errado. Em contrapartida, se estivesse conversando com o homem que sempre dizia a verdade, ele tinha certeza de que descobriria a verdade sobre a mentira do outro homem. De um modo ou de outro, haveria uma mentira na orientação, de modo que o viajante saberia que deveria ir pelo outro caminho.

Um exemplo mais famoso de solução de dilema vem do mundo antigo. No palácio dos reis frígios, na cidade de Górdio, havia um carro de bois amarrado a um poste com um nó intrincado. De acordo com a lenda, quem fosse capaz de desfazer o nó governaria a Ásia Menor. Sendo alguém que jamais fugia de um desafio e que tinha ele próprio bastante interesse em governar a Ásia Menor, Alexandre, o Grande, tentou desfazer o nó quando passou o inverno em Górdio em 333 a.C. Ao descobrir que o nó não tinha nenhuma ponta para desembaraçar, Alexandre desfez o nó górdio apanhando sua espada e cortando-o em dois — uma solução simples para um dilema difícil.

UM DILEMA DIFÍCIL

Existe uma história da Bíblia que oferece a solução simples para um dilema ainda mais difícil. Esse dilema específico não pôde ser resolvido mediante apenas a pergunta certa, porque, mesmo depois de as perguntas certas terem sido feitas e respondidas, o dilema ainda continuava. Nem poderia ser resolvido com o golpe de uma espada, porque o centro do dilema não era um simples nó, mas um bebê.

O contexto desse dilema difícil e de sua solução engenhosa é o dom extraordinário que Deus dera ao rei Salomão: o dom de sabedoria. Conforme observamos anteriormente, Salomão sabia que não estava à altura da tarefa de governar o valioso e numeroso povo de Deus. De modo que orou pelo dom de uma mente que pudesse discernir a diferença entre o certo e o errado para o povo de Deus. Deus se agradou do pedido de Salomão e prometeu lhe dar exatamente o que ele pediu: “... uma mente sábia e com discernimento...” (1Rs 3.12). Junto com o dom de uma sabedoria excepcional, Deus também concederia ao rei riqueza incomparável e fama internacional.

Pouco tempo depois, a sabedoria de Salomão foi posta à prova na forma de uma disputa legal sobre a custódia de uma criança. À semelhança da maioria das questões que chegavam ao rei, esse famoso processo judicial foi igualmente difícil. Ninguém mais em todo o reino conseguiu decidir o que fazer. Não houve advogados nem outros representantes legais envolvidos nesse caso — apenas uma mulher contra outra: “... duas prostitutas vieram ao rei e se apresentaram diante dele” (v. 16).

A Bíblia deixa que essas duas mulheres contem sua história com suas próprias palavras. A primeira mulher era a demandante, e este é o testemunho que ela deu:

... Ah, meu Senhor, essa mulher e eu vivemos na mesma casa, e eu dei à luz a uma criança enquanto ela estava em casa. Então, três dias depois de eu dar à luz, essa mulher também deu à luz. E estávamos sozinhas. Não havia ninguém mais conosco na casa; só nós duas estávamos na casa. E o filho dessa mulher morreu de noite, porque ela se virou em cima dele. E ela se levantou à meia-noite e, enquanto sua serva dormia, tirou meu filho do meu lado e o deitou junto ao peito, e deitou seu filho morto junto do meu peito. Quando me levantei de manhã para amamentar minha criança, eis que estava morta. Porém, quando eu a olhei de perto de manhã, eis que não era a criança que eu tinha tido (v. 17-21).

Depois que ouvimos essa história, nunca mais a esquecemos. A primeira mulher descreve uma cena de miséria pecaminosa e de dar dó. Com detalhes chocantes, o testemunho da mulher nos leva para dentro de um prostíbulo na zona de meretrício nas cercanias de Jerusalém. Naquela noite não houve clientes, ela disse; apenas duas prostitutas solitárias e seus filhos recém-nascidos. Na manhã seguinte, ela teve um choque horrível: o bebê em seu peito estava morto. Todavia, uma mãe sempre conhece o próprio filho, e, ao fazer um exame mais cuidadoso sob a luz matutina, ela descobriu que aquele não era o seu bebê.

Então a mulher percebeu a horrível verdade. Embora não estivesse acordada na ocasião, era óbvio o que tinha acontecido. Em algum momento durante a noite, a outra mulher havia descuidadamente se virado sobre seu próprio bebê — um terrível caso de morte por negligência. Em seguida, com uma inveja marcada por amargura e desespero, a mulher que perdeu sua criança trocou os bebês no escuro, trazendo a criança viva para seu próprio peito e deixando a outra mulher com um cadáver.

Nesse ponto da narrativa, a segunda mulher interrompeu-a. Ela queria contar seu lado da história, que é como um julgamento funciona: o acusado sempre tem a possibilidade de apresentar defesa. Nesse caso, a ré não questionou o relato feito pela primeira mulher, mas teimosamente insistiu em que o bebê vivo era o seu. “... Não...”, ela disse, “... a criança viva é a minha, e a morta é a sua...”. Nesse ponto o julgamento degenerou numa disputa aos gritos. A primeira mulher disse: “... Não, a criança morta é a sua, e a viva é a minha...” (v. 22). E assim a discussão prosseguiu, para lá e para cá.

A situação toda é lamentável no sentido de que todos nessa história merecem nossa compaixão. Com certeza sentimos compaixão pela mulher cujo filho foi roubado durante a noite e que agora estava desesperada para tê-lo de volta. No desespero dela, enxergamos a saudade que cada mãe sente por um filho que se foi. Entretanto, também sentimos pena da mulher acusada do crime hediondo de sequestro de crianças. Como deve ter sido horrroso ela acordar no meio da noite e descobrir que tinha sufocado o filho!

E temos, então, o rei Salomão, e ele também merece pena. Como seria possível ele resolver esse caso? Normalmente, teria sido necessário o depoimento de uma testemunha adicional para chegar a um veredito. De acordo com a Lei de Moisés, que Salomão estava obrigado a seguir, “uma única testemunha não é suficiente para confirmar a acusação contra alguém por qualquer crime ou por qualquer erro ligado a qualquer ofensa que tenha cometido. Apenas com base no testemunho de duas ou três testemunhas se confirmará uma acusação” (Dt 19.15). No entanto, nesse caso em particular, não havia nenhuma outra testemunha. As duas mulheres tinham estado sozinhas durante a noite, de maneira que era a palavra de uma mulher contra a de outra.

Quem quer que já tenha tentado resolver um litígio sem nenhuma testemunha sabe como é difícil decidir exatamente o que aconteceu. Com frequência, pais enfrentam essa dificuldade, quando tentam chegar a uma conclusão sobre uma discussão entre dois irmãos. Professores podem ter esse problema na escola, quando dois alunos se metem em uma briga. Patrões às vezes se debatem para resolver uma desavença na empresa. Pastores podem achar difícil discernir a verdade em um conflito familiar ou em algum outro relacionamento rompido. Há momentos em que parece que a única pessoa que realmente conhece a verdade é o próprio Deus.

A SOLUÇÃO SIMPLES DE SALOMÃO

No caso das prostitutas e dos dois bebês, Salomão também ainda não sabia a verdade. Entretanto, o rei ouviu atentamente o testemunho delas e, dessa maneira, pôde apresentar um resumo preciso dos fatos em questão: “... Uma diz: ‘O meu filho é este que está vivo, e seu filho está morto’; e a outra diz: ‘Não; antes o seu filho está morto, e o meu filho é o que está vivo’” (1Rs

3.23). Qual mulher estava dizendo a verdade? Esse era um sério teste do dom que Deus havia prometido. Será que Salomão tinha sabedoria suficiente para discernir entre o bem e o mal nesse caso? Será que poderia descobrir a verdade e dar um veredito justo?

Assim que acabou de apresentar um resumo desse régio dilema, o rei pôs em ação sua solução simples. Primeiro ele disse: "... Tragam-me uma espada...". Só podemos imaginar como seus servos (sem falar as duas mulheres) devem ter ficado surpresos com essa ordem. O que Salomão pretendia fazer com essa arma mortífera? A espada foi trazida diante do rei. Então ele deu sua ordem mortal: "... Dividam a criança viva em dois e deem metade para uma e metade para a outra" (v. 24,25).

Havia uma espécie de imparcialidade nesse arranjo legal, mas também uma terrível crueldade. Foi uma decisão judicial brutal: dividir um bebê ao meio. As pessoas devem ter olhado para Salomão totalmente espantadas. Isso não era sabedoria; era loucura! Contudo, havia uma lógica por trás da aparente loucura do rei, pois Salomão nunca pretendeu que sua ordem fosse executada. Em vez disso, ele estava executando o teste que revelaria o coração de cada mulher.

Imediatamente o terrível decreto de Salomão teve o efeito desejado. A primeira mulher reagiu com toda emoção e compaixão do coração de uma mãe. A Escritura diz que "então, porque seu coração tinha um profundo sentimento pelo filho, a mulher cujo filho estava vivo disse ao rei: 'Ah, meu senhor, dê a ela a criança viva e de modo nenhum a faça morrer'" (v. 26). Assim que a mãe ouviu o que Salomão pretendia fazer com sua espada, seu instinto maternal tomou conta dela. Ela se sentia profundamente ligada a seu filho recém-nascido e faria qualquer coisa — qualquer coisa mesmo — para salvá-lo. Ela até mesmo o entregaria à sua inimiga, caso isso salvasse a vida dele. Tudo bem, arranque até mesmo o coração dela, mas ela salvaria o filho. Dessa maneira, ela gritou ao rei para poupar a vida da criança.

A primeira mãe se decidiu pelo tipo de sacrifício amoroso que algumas mulheres fazem quando entregam uma criança para adoção. Sem condições de elas mesmas cuidarem bem de suas crianças, estão dispostas a sofrer a perda de um filho ou filha para oferecer à criança uma chance melhor de vida. Bons pais e mães se sacrificam do mesmo modo a cada dia: em vez de fazerem aquilo que desejam para si, fazem o que é melhor para as crianças.

A outra mulher teve uma reação bem diversa à ameaça da espada de Salomão. Fria e cruelmente, ela observou: “... Ele não será nem meu nem seu; dividam-no ao meio” (v. 26). Na amargura de sua dor, ela só conseguia olhar para a outra mãe com uma inveja odiosa. Se ela não podia ter o próprio filho, então, tudo bem, nenhuma das duas teria. Com a horrível maldade da fúria repentina, ela disse ao rei para ir em frente e usar a espada; estava disposta a ficar com sua metade da criança.

Agora os corações das duas mulheres haviam sido revelados, e Salomão sabia tudo o que precisava saber para resolver o dilema, com ou sem testemunhas. Ele poderia dizer qual mulher era a mãe da criança com base na compaixão materna. Portanto, respondeu com toda tranquilidade ao pedido de vida por uma mulher e ao de morte pela outra: “... Deem a criança viva à primeira mulher e de modo algum a matem; ela é a mãe” (v. 27).

Foi uma solução simples para um dilema difícil. Com uma intuição brilhante e um discernimento sábio, Salomão tinha concebido o teste que revelaria o que cada uma tinha no coração. Quando testemunharam a solução do sábio rei para esse caso, as pessoas na sala do trono devem ter ficado atônitas. O semblante delas deve ter mudado de horrorizado para maravilhado, enquanto observavam a mãe legítima de novo com seu filho querido. A justiça havia sido feita; o rei tinha chegado ao veredito certo. É claro que sim! Parecia tão simples agora: uma verdadeira mãe fará sem dúvida qualquer coisa para salvar a vida do filho. Dessa maneira, Salomão salvou uma criança e a colocou de volta nos braços da mãe.

O feito do rei se espalhou rapidamente. As pessoas ficaram deslumbradas com a maneira sábia e simples com que ele havia resolvido esse dilema difícil. A história foi repetida vez após vez por toda a cidade e pela área rural ao redor: “... todo o Israel soube da sentença que o rei havia proferido e teve admiração pelo rei, porque percebeu que a sabedoria de Deus estava nele para fazer justiça” (v. 28). Se Salomão conseguira resolver esse caso, ele tinha a sabedoria para qualquer coisa. Isso comprovou que suas orações haviam sido atendidas — o rei havia recebido discernimento para governar o povo. Todos reconheceram sua sabedoria como nada menos do que divina, de modo que honraram seu rei por ter a sabedoria de Deus.

JUSTIÇA SÁBIA

O veredito de Salomão foi uma confirmação notável de que havia recebido o dom sagrado da sabedoria divina. Também comprovou que era o homem certo para governar sobre Israel. Em um de seus muitos e famosos provérbios, Salomão escreveu: "... a glória dos reis é investigar as coisas" (Pv 25.2). Ele também disse: "Um rei que se assenta no trono para julgar analisa cuidadosamente todo o mal com os olhos" (Pv 20.8). O veredito justo de Salomão para essas duas mulheres mostrou que ele era exatamente o tipo de rei de que seu povo precisava: alguém que, para a honra de seu nome, tinha a acuidade para investigar as coisas e identificar o mal.

Há, contudo, uma pergunta que ainda precisamos fazer: o que essa história tem a ver conosco e com nossa necessidade do evangelho de Jesus Cristo? Toda a Escritura é proveitosa para "... treinar na justiça" (2Tm 3.16). Além disso, tudo na Bíblia diz respeito ao sofrimento e à glória de Jesus Cristo (veja Lc 24.26,27). Então, como fazemos essas conexões entre a vida e o evangelho?

Sempre que consideramos o rei Salomão, precisamos nos lembrar de que Jesus descreveu a si mesmo como alguém "... maior do que Salomão..." (Mt 12.42). Portanto, o reino de Salomão sempre nos aponta para o reino maior do Senhor Jesus Cristo. Nesse caso, o que é maior a respeito de Jesus é sua sabedoria superior em fazer justiça. Em 1Reis 3.28, lemos acerca de Salomão que "... a sabedoria de Deus estava nele para fazer justiça". Podemos aplicar essa declaração diretamente à pessoa e à obra de Jesus Cristo: a sabedoria de Deus estava nele para fazer justiça.

Uma maneira de enxergar essa conexão é considerar a oração que Salomão fez no salmo 72, em que pediu a Deus sabedoria para julgar o povo de Deus:

Dá ao rei a tua justiça, ó Deus, e a tua retidão ao filho do rei!
Que ele julgue teu povo com retidão e teus pobres com justiça! [...]
Que ele defenda a causa dos pobres do povo, dê livramento aos filhos dos necessitados e
esmague o opressor! (Sl 72.1,2,4)

Nessa oração Salomão estava intercedendo por si mesmo. Na condição de filho régio de Deus, ele precisava de sabedoria para a justiça. Precisava ser capaz de defender a causa dos pobres, da mesma maneira que havia

impedido que a mãe perdesse o filho. Precisava ser capaz de dar livramento aos filhos dos necessitados, da mesma maneira com que havia salvo o filho daquela mulher. Precisava esmagar o opressor, da mesma maneira com que havia desmascarado a segunda mulher por tentar sequestrar o filho de outra. Por isso, Salomão orou por sábia justiça para resgatar os pobres e os necessitados de seus opressores. Ele não cedeu à tentação, que com frequência atinge os ricos e poderosos, de ignorar os clamores dos oprimidos.

A oração de Salomão é também um clamor por justiça no reino eterno de Deus. À semelhança de todos os salmos régios, o salmo 72 aguarda com expectativa a vinda de Cristo como o verdadeiro Filho de Deus. Jesus é o rei de toda imparcialidade e o juiz de toda justiça, aquele que defende a causa dos pobres, dá livramento aos filhos dos necessitados e esmaga aquele que os oprime. Jesus deixou isso bem claro desde o início do seu ministério. Quando pregou seu primeiro sermão em Nazaré, anunciou que tinha vindo para “... proclamar a boa notícia aos pobres...” e “... pôr em liberdade aqueles que estão oprimidos” (Lc 4.18).

Jesus nos prometeu justiça, e ansiamos que a justiça seja feita. Este é um mundo caído, em que vemos tanta injustiça que às vezes nos perguntamos quando ou até mesmo se tudo será endireitado. Injustiças permanecem impunes, inclusive injustiças cometidas contra criancinhas. Pessoas se safam de ser castigadas por coisas tenebrosas feitas no meio da noite. É difícil saber qual é a verdade. Uma pessoa diz uma coisa, outra diz outra, mas quem está dizendo a verdade? Quando alguém vem com a espada para fazer justiça, propõe um acordo, o bebê é cortado ao meio, e a justiça ainda não é feita.

Em um mundo de injustiça, oramos da maneira que Salomão orou: “Dá ao rei a tua justiça, ó Deus, e a tua retidão ao filho do rei!” (Sl 72.1). Essa oração é pela justiça sábia de Jesus Cristo. Oramos para que ele revele o mal que tem sido feito e endireite as coisas. Queremos que o pecador que mentiu, roubou e defendeu o assassinato seja encontrado e levado à justiça. Queremos que a criança inocente termine nos braços da mãe legítima. Queremos que Jesus faça o que é justo.

Às vezes vemos que a justiça foi feita nesta vida e às vezes não, mas a justiça será feita no final. A sabedoria de Deus está em Jesus para fazer

justiça, e ele endireitará as coisas. A Bíblia descreve o dia do juízo como um dia em que “... Deus julgará os segredos dos homens por meio de Jesus Cristo” (Rm 2.16). Por ocasião do juízo final, o que aconteceu com a segunda mulher acontecerá com todos os inimigos de Deus. Para surpresa e consternação eterna deles, seus pecados serão revelados, inclusive os crimes cometidos contra crianças no meio da noite. Jesus Cristo desmascarará as motivações secretas de cada coração decaído, da mesma maneira com que Salomão revelou o coração das duas mães. Obras pecaminosas que nunca foram descobertas se tornarão conhecidas diante da clara luz do dia eterno de Deus: “Porque todos temos de comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba aquilo que lhe é devido por causa do que fez no corpo, seja o bem, seja o mal” (2Co 5.10; veja também Mt 16.27; Ap 22.12).

Às vezes as pessoas se perguntam se algum dia será feita justiça. Em nossa ira, às vezes culpamos a Deus pelo que está errado com o mundo, em especial todos os terríveis males que parecem ficar impunes — os genocídios e infanticídios de uma raça decaída. Contudo, as pessoas é que são as culpadas, e não Deus, que nunca está do lado da injustiça. Ele deixará isso totalmente claro no derradeiro dia, quando toda injustiça será corrigida, todo terrível mal será castigado e todo pecador injusto será levado a julgamento. Jesus é o rei, e ele providenciará que se faça justiça.

Tudo isso será para o louvor de Deus e a glória de Jesus Cristo. Se as pessoas ficaram admiradas quando Salomão chegou ao veredito certo em um caso difícil, imagine quanto maior honra Jesus receberá por corrigir cada injustiça na história do mundo! Por ocasião do juízo final, quando virmos a justiça sábia de Deus em Cristo, teremos admiração pelo nosso grande Rei. O livro de Apocalipse diz que, quando Deus executar seus juízos finais e terríveis contra o pecado, seu povo gritará: “... Aleluia! A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus, porque seus juízos são verdadeiros e justos...” (Ap 19.1,2).

MISERICÓRDIA JUSTA

Talvez você se sinta pronto para se regozijar com a justiça de Deus no juízo final. No entanto, a justiça de Deus faz com que a maioria se sinta mais do que ligeiramente desconfortável. Isso acontece porque sabemos que nós

mesmos temos feito muitas coisas que nunca deveríamos ter feito. Mesmo que não sejamos culpados de sequestrar uma criança, também temos ficado amargurados por causa de nossas perdas, temos tido inveja daquilo que outras pessoas têm e temos tomado coisas que não nos pertencem. Também temos feito coisas no meio da noite que esperávamos que ninguém jamais descobrisse.

Portanto, o que estamos desesperadamente esperando receber não é justiça, mas misericórdia. Por mais que queiramos que outras pessoas recebam aquilo que achamos que elas merecem, lá no fundo sabemos que aquilo de que precisamos não é o que merecemos, mas a misericórdia de Deus. Um vislumbre dessa misericórdia é visto em Salomão, cujo veredito nos aponta para a sabedoria misericordiosa de Jesus Cristo. Essa história começou com duas prostitutas se apresentando diante do rei. A verdade nua e crua é que essas duas mulheres eram prostitutas; elas vendiam o corpo para pessoas que queriam sexo. Não obstante, Salomão demonstrou misericórdia a uma dessas mulheres, protegendo-a de injustiça.

A simples presença de prostitutas em Israel era um sinal evidente de problemas espirituais. Em seus provérbios, Salomão muitas vezes advertiu os moços a ficarem longe dessas mulheres (veja Pv 2.16-19; 5.1-23). Esse conselho sábio estava em conformidade com a lei de Deus, que condenava explicitamente a prostituição (Dt 23.17). Contudo, esse mesmo pecado era cometido em Israel, como parece ser cometido em todos os lugares. Sabemos disso porque duas prostitutas foram ao palácio em busca de justiça.

É notável que o rei tenha gastado tempo para considerar o caso delas. Essas mulheres também estavam debaixo da autoridade régia de Salomão, de modo que ele ouviu atentamente o que elas disseram. Muitas pessoas teriam dito que prostitutas e seus filhos ilegítimos não merecem nenhuma justiça ou misericórdia, mas Salomão as tratou como pessoas que eram realmente importantes. Como deve ter sido terrível para a primeira mulher conhecer a verdade aterradora e não ter testemunhas para provar. Entretanto, pelo bem dela, Salomão se deu ao trabalho de descobrir a verdade.

Então o rei cumpriu seu dever régio. Ele ofertou a essas pessoas verdadeira justiça, que foi um tratamento misericordioso dado à mulher que recebeu o filho de volta. Esse é o chamado de um rei justo: "... ele livra o

necessitado quando este clama; livra o pobre e aquele que não tem quem o ajude. Tem compaixão dos fracos e dos necessitados e salva a vida dos necessitados” (Sl 72.12,13). Dessa maneira, Salomão teve misericórdia de um bebê que estava prestes a perder a mãe e teve misericórdia de uma mulher que faria qualquer coisa para salvar o filho.

A vida dessas pessoas era importante para elas assim como a sua é importante para você. Mais importante ainda, cada vida é importante para Deus — até mesmo uma vida que está escravizada ao pecado. Um lembrete dessa verdade vital veio em um chocante boletim de oração de um ministério cristão que tira prostitutas das ruas de Gana. As mulheres do Projeto de Recuperação de Prostitutas de Accra (um ministério local apoiado por African Enterprise) são amadas em nome de Jesus Cristo. Nesse projeto elas são treinadas em técnicas de batique e de tingimento artístico de tecido para que possam se sustentar por meio de trabalho honesto. Elas leem as Escrituras juntas e ouvem a pregação do evangelho. Em sua maioria, as mulheres que concluem o treinamento louvam a Deus por sua misericórdia e se tornam discípulas fiéis de Jesus Cristo.

Boletins informativos desse ministério são sempre animadores, mas uma notícia foi particularmente tocante. Era simplesmente a lista com os nomes das mulheres que estavam entrando no treinamento, junto a um pedido de oração. Vi o nome delas na página: Victoria Kollie, Esther Sackie, Elizabeth Kpoleh, Roseline Clement, Helena Tokpah, Annie Manbu e todas as suas irmãs. Cada uma havia se perdido no pecado, mas cada uma também era uma criação única — alguém com um nome. Essas mulheres também eram conhecidas por Deus, eram amadas pelo povo de Deus, e foram-lhes oferecidas gratuitamente a esperança de perdão e a promessa de vida eterna.

Essa misericórdia divina não é apenas para prostitutas e seus filhos ilegítimos. Se Deus tem misericórdia delas, tem misericórdia de todos que se chegam a ele com fé. Deus conhece você pelo nome. Ele também sabe tudo o que você tem feito de errado. Todavia, ele ainda convida você a confiar no Salvador que é maior do que Salomão, naquele cuja justiça é sábia e cuja misericórdia é justa.

O profeta Isaías fez uma profecia maravilhosa sobre a justiça régia do misericordioso Rei da parte de Deus: “... O Espírito do Senhor repousará

sobre ele, o Espírito de sabedoria e de entendimento. [...] Ele não julgará com base no que seus olhos veem, nem decidirá desavenças com base no que seus ouvidos ouvem, mas com justiça julgará os pobres e decidirá com imparcialidade em favor dos mansos da terra...” (Is 11.2-4). Com todo o seu discurso sobre sabedoria, equidade e julgamento de desavenças, a profecia de Isaías nos lembra da sabedoria justa e misericordiosa do rei Salomão.

No entanto, a profecia de Isaías é, na realidade, sobre Jesus Cristo, a quem o Espírito Santo deu sabedoria para justiça. Por mais que as pessoas reverenciem o rei Salomão, devemos ter maior respeito e admiração por Jesus Cristo, que é a sabedoria de Deus. Tenha um temor respeitoso pela justiça que ele manifestará por ocasião do juízo final, quando cada injustiça será corrigida. Tremam diante de seus juízos. Deus julgará cada pecado de acordo com o que merece. Contudo, tenha também um temor respeitoso pela misericórdia de Deus por pecadores pobres e necessitados — as pessoas que Jesus conhece pelo nome e fez tudo para salvar.

Tenha um reverente temor pela sabedoria de Deus em proporcionar uma solução tão simples para o mais difícil de todos os dilemas: o problema do nosso pecado. Como Deus poderia manter sua perfeita justiça e ao mesmo tempo mostrar misericórdia pelos pecadores? Como poderia um Deus justo justificar os ímpios, um Deus reto tomar pessoas injustas e torná-las justas para a glória do próprio Deus? Jesus resolveu esse dilema ao morrer na cruz e ao receber sobre si a espada da justiça divina, de modo que o preço de nossa culpa fosse pago com sangue e pudéssemos receber a misericórdia de Deus (Rm 3.26). A crucificação é a solução simples de Deus — simples para nós, porém custosa para Cristo — para o problema de como expiar o pecado e ao mesmo tempo manter a misericórdia e a justiça de Deus. É a melhor das soluções para o pior dos problemas.

Agora somos chamados a servir nosso Rei sábio, mediante a prática da justiça e da misericórdia amorosa, mostrando a outras pessoas a mesma graça que Deus nos mostrou em Jesus Cristo. Somos agentes da misericórdia de Deus a fim de que as pessoas conheçam a graça do nosso Rei. Não importa quão difícil seja a situação, ninguém é indigno de nossa compaixão ou está além do alcance da misericórdia de Deus.

Já faz alguns anos que uma jovem mulher experimentou a misericórdia de Deus quando veio à igreja para confessar seu pecado sexual. Estava claro que ela estava realmente pesarosa pelo que havia feito e já tinha confessado seu pecado ao Senhor. No entanto, ela estava achando difícil crer que Deus ainda a amava. Ela sabia que Jesus havia morrido na cruz para perdoar seus pecados, mas lutava contra muitos pensamentos desesperadores de autocondenação. Alguma espécie de guinada espiritual era muitíssimo necessária, mas não estava claro que guinada seria essa. Por fim, alguém disse com sabedoria o que acabou sendo exatamente aquilo que ela precisava ouvir: “Entenda que, quando Deus olha para você, ele não fica dizendo: ‘Ali vai aquela prostituta’; ele diz: ‘Você é minha filha amada’”.

É isso o que significa estar sob a misericórdia sábia e salvadora de Cristo, o Rei. No que diz respeito a ele, na família de Deus não existe nenhuma prostituta e nenhum filho ilegítimo... apenas filhos amados, que ele prometeu amar para sempre.

GUIA DE ESTUDO

Quando apanhamos o jornal ou assistimos ao noticiário da televisão, quase sempre somos bombardeados com histórias de injustiça. Bons pais perdem seus filhos no divórcio enquanto pais sem condições ganham a guarda plena. Pessoas indefesas são maltratadas ou assassinadas. Um homem é solto da prisão depois de cumprir quarenta anos por um crime que não cometeu. E por aí afora. Ouvimos essas histórias e ansiamos pelo dia quando tudo será endireitado, quando a justiça prevalecerá. Na época do rei Salomão, Israel teve o privilégio de viver sob a autoridade de um rei que foi a pessoa mais sábia que já existiu. Não obstante, como sua sabedoria se revelaria quando posta à prova? E será que bastaria um rei sábio para permitir que a nação experimentasse justiça verdadeira e duradoura?

1. Você já teve de chegar a uma decisão mesmo sendo difícil descobrir a verdade? Como foi? Em retrospecto, você acha que fez a escolha certa?

- Leia 1Reis 3.16-28. Que fatores tornavam difícil decidir qual das duas
2. mulheres estava dizendo a verdade?
 3. Como Salomão aplicou a justiça nessa situação? Como, ao mesmo tempo, ele demonstrou misericórdia?
 4. Com base na reação de cada mulher, que palavras você usaria para descrever o caráter de cada uma?
 5. A mãe do bebê estava disposta a abrir mão do filho para salvar-lhe a vida. Que tipo de sacrifícios as mulheres de hoje em dia podem fazer por seus filhos?
 6. Leia a descrição de um rei ilustre em Salmos 72.1-4. Na história das duas prostitutas, como Salomão age de acordo com essa descrição de um rei ilustre? De que maneira ele fica aquém da descrição?
 7. A Bíblia nos diz que as pessoas se admiraram com a sabedoria de Salomão (1Rs 3.28). No entanto, sabemos que Jesus é maior que Salomão (Mt 12.42). De que modo Jesus é maior que Salomão ao demonstrar justiça e misericórdia? (Veja também Lc 4.18.)
 8. Uma das descrições da justiça que virá com a volta de Cristo está em 2Coríntios 5.10: “Porque todos temos de comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que merece por aquilo que fez no corpo, seja o bem, seja o mal”. Como esse lembrete do juízo vindouro proporciona tanto advertência quanto consolo?

9. Leia, em Isaías 11.2-4, a descrição do profeta Isaías acerca do Messias vindouro. Quais palavras e imagens são usadas ali para descrever a justiça de Cristo? De que maneiras Jesus cumpriu as palavras de Isaías?
10. Às vezes parece que a justiça e a misericórdia não se entendem. Apesar disso, na Escritura essas duas virtudes estão indissociavelmente ligadas. Como Jesus consegue expressar simultaneamente os dois atributos com perfeição? (Veja Is 30.18 e Rm 5.6-11.)
11. Descreva uma ocasião em que você recebeu misericórdia ou justiça. O que essa experiência lhe ensinou sobre Deus?
12. Como você pode agir para levar tanto a justiça quanto a misericórdia ao mundo? Quais são as áreas de influência em que você pode expressar esses aspectos complementares do caráter de Deus?

O REINO PACÍFICO

Judá e Israel eram tão numerosos quanto a areia do mar. Comiam e bebiam e estavam felizes. Salomão governava sobre todos os reinos desde o Eufrates até a terra dos filisteus e a fronteira com o Egito. Eles levaram tributos a Salomão e o serviram todos os dias de sua vida (1Rs 4.20,21).

Edward Hicks, artista da Pensilvânia que viveu no século 19, é lembrado principalmente por produzir dezenas de pinturas populares sobre um único tema. Nessas conhecidas imagens, uma criancinha está junto de um grupo tranquilo de animais selvagens e domésticos: um boi, um lobo, um leopardo, um leão e um cordeiro. Com frequência a criança tem um braço em volta do pescoço do leão — um gesto de intimidade calorosa e pacífica.

Hicks deu a essas pinturas cheias de imaginação o título de “O reino pacífico”. Elas se baseavam em uma linda promessa encontrada no profeta Isaías: “O lobo também habitará com o cordeiro; e o leopardo deitará com o cabrito; o bezerro, o leãozinho e o animal de engorda viverão juntos; e uma criancinha os conduzirá” (Is 11.6, KJV). Hicks ficou fascinado por essa promessa de paz na terra. Ele aguardava o dia em que as pessoas viveriam em perfeita harmonia — o dia, afirmou ele, “em que o homem se sente tocado e conduzido pela graça soberana a procurar esse estado de paz eterna”.¹

Contudo, aconteceu algo estranho e triste com essas pinturas com o transcorrer dos anos: elas se tornaram cada vez menos pacíficas. Edward Hicks continuou pintando o mesmo tema, mas de uma perspectiva diferente. Ao invés de parecerem pacíficos e satisfeitos, os animais de Hicks começaram a aparentar tensão e inquietação. Ele os foi colocando cada vez mais longe uns dos outros. Quando Hicks pintou seus últimos quadros,

alguns dos animais estavam lutando, atacando violentamente uns aos outros e grunhindo com dentes à mostra.

A diferença impressionante entre as primeiras e as últimas pinturas revela uma mudança na alma do artista. Edward Hicks tinha testemunhado tanta desunião e tanta discórdia, em especial na igreja, que pouco a pouco perdeu a confiança de chegar a ver paz na terra. O reino pacífico era apenas um sonho, não uma realidade.

A PROMESSA DO REINO

Quanto mais vivemos, mais parece que Hicks estava certo. Aqui não temos nenhum reino pacífico. Nações estão em guerra. Igrejas se dividem. Famílias se desintegram. Crianças morrem nas ruas. O pecado criou uma perturbação tão grande da paz que é sempre difícil e às vezes impossível viver em harmonia com Deus, com a natureza, uns com os outros ou até com nós mesmos. Com todos os horrores que testemunhamos em um mundo decaído e com todos os problemas que temos em nossos próprios relacionamentos, como ainda poderemos acreditar que haverá paz na terra?

Creemos em “paz na terra” não porque nós mesmos temos visto paz terrena, mas apenas porque lemos a promessa de paz na palavra de Deus. Quando Isaías profetizou a vinda de Cristo, declarou: “não haverá fim para o aumento de seu domínio e para a paz no trono de Davi e em seu reino, que será estabelecido e mantido com justiça e com retidão, desde agora e para sempre...” (Is 9.7). Anjos fizeram a mesma promessa na noite em que Cristo nasceu: “Glória a Deus nas alturas...”, disseram aos pastores da noite de Natal, “... e paz na terra, boa vontade para com os homens” (Lc 2.14, KJV). Um reino pacífico é uma das promessas de Deus.

Para nos ajudar a entender como seria viver para sempre em sua gloriosa presença, Deus descreveu nossa bênção futura como um reino — aquilo que a Bíblia chama de “... o reino de nosso Senhor e de seu Cristo...” (Ap 11.15). Por exemplo, Jesus disse que o Pai se agradou de nos dar o reino (Lc 12.32). O pregador escocês Thomas Boston cria que Jesus usou essa comparação porque “boas coisas terrenas na maior quantidade possível” aparecem juntas em um reino — um reino de paz e prosperidade para todos os seus cidadãos.²

O rei Salomão teve esse tipo de reino. Em 1Reis 4, diz-se explicitamente que ele governou um reino que tinha “... paz em todos os lados” (v. 24). Esse reino pacífico é um símbolo terreno de realidades espirituais. Charles Spurgeon afirmou que “o reino de Israel, sob a influência de Salomão, foi um exemplo razoável do reinado de nosso Senhor Jesus Cristo”. De acordo com Spurgeon: “Pode-se comparar a situação atual da igreja com o reinado de Davi: glorioso com vitórias, mas atribulado com batalhas”. Contudo, “há dias melhores pela frente, dias em que o reino será estendido e se tornará mais manifesto; e então o Senhor Jesus Cristo será visto ainda mais ostensivamente como o Salomão do reino”.³ Por esse motivo, olhar para o reino pacífico de Salomão é uma excelente maneira de vermos as bênçãos que Deus tem para nós em Jesus Cristo.

A FARTURA DA MESA DO REI

Os parágrafos finais de 1Reis 4 nos mostram pelo menos quatro coisas que Jesus agora nos oferece como o glorioso Salomão do reino de Deus. Em primeiro lugar, vemos a fartura da mesa do rei. A Bíblia diz que “a provisão de Salomão para um único dia era de trinta coros de farinha fina e sessenta coros de outros cereais, dez bois gordos e vinte cabeças de gado alimentadas no pasto, cem ovelhas, além de veados, gazelas, corças e aves engordadas” (v. 22,23).

Esses números visam impressionar. Anteriormente, ficamos sabendo que Salomão organizou seu reino em doze distritos para fornecerem alimento para a mesa do rei, um distrito por mês (v. 7-19). Aqui temos as exigências diárias do rei. Todos os dias os padeiros nas cozinhas de Salomão usavam cerca de 4.000 kg da melhor farinha e cerca de 9.000 kg de outros cereais para assar pão e outras massas. Também punham carne na mesa: dezenas de cabeças de gado, cem carneiros, animais do campo, aves do aviário real. Salomão tinha um banquete a cada dia da semana.

Essas provisões eram necessárias por causa do enorme contingente ligado ao palácio real ou de alguma outra forma ao serviço do rei. De acordo com a tradição da família, minha bisavó assava uma dúzia de pães todos os dias. Tendo em vista esse fato, não é difícil supor que havia em sua casa um monte de bocas para alimentar: dezesseis crianças ao todo, a maioria meninos que trabalhavam na lavoura e tinham um grande apetite.

Salomão precisava alimentar muito mais bocas, com estimativas variando entre catorze mil e 32 mil pessoas.⁴

E havia ainda todos os cavalos que precisavam de provisões. Lemos que Salomão “... tinha quarenta mil baias de cavalos para seus carros e doze mil cavaleiros. E aqueles oficiais, cada um em seu mês, forneciam provisões para o rei Salomão e para todos os que vinham à sua mesa. Não deixavam faltar nada. Da mesma forma, eles traziam aonde era necessário, cada um de acordo com sua responsabilidade, cevada e palha para os cavalos e corcéis velozes” (v. 26-28). Os estábulos de Salomão eram tão bem organizados quanto sua mesa. Cada cavalo de cada carro dispunha de toda comida e forragem de que precisava, e cada oficial da cavalaria tinha sua vez de levar suprimentos para a mesa de Salomão.

Conforme veremos quando chegarmos no fim da história, esse grande número de cavalos e carros era motivo de preocupação espiritual. De acordo com a lei de Moisés, o rei de Israel jamais deveria “... adquirir muitos cavalos para si...” (Dt 17.16). Os cavalos eram um meio de defesa militar. A única defesa de que Israel de fato precisava era da ajuda de Deus, mas Salomão procurou reforçar a segurança nacional, acrescentando mais e mais cavalos à sua cavalaria. Teria sido melhor que ele seguisse o exemplo de seu pai, Davi, que declarou: “Alguns confiam em carros, e outros, em cavalos, mas nós confiamos no nome do SENHOR nosso Deus” (Sl 20.7). Pois, conforme o salmista: “O rei não é salvo por seu grande exército; um guerreiro não vence por sua grande força. A cavalaria é uma falsa esperança de salvação...” (Sl 33.16,17; veja também Is 31.1). Iain Provan descreve todos os cavalos e carros do rei como uma bomba-relógio: confiar no poder militar conduziria à queda de Salomão.⁵ Em vez de resistir à sedução do poder, Salomão formou um exército mais forte e então confiou na segurança que isso supostamente trazia para o seu reino.

Em 1Reis 4, no entanto, a ênfase recai na fartura da mesa do rei. A corte de Salomão desfrutava daquilo que algumas pessoas chamam de “as coisas boas da vida”. Não faltava nada. Todos os que vinham à casa de banquetes do rei tinham muito para comer. Essa abundância se estendia aos demais súditos leais; cada um deles se assentava debaixo de sua própria videira e figueira (1Rs 4.25); as pessoas “... comiam e bebiam e estavam felizes” (v. 20).

Portanto, Salomão desfrutava daquilo que cada monarca que se preza necessariamente tem: uma mesa digna de rei. Reis não se tornam famosos por sua parcimônia. Quando as pessoas vão ao palácio para jantar, esperam um banquete; se o rei é incapaz de oferecer um, sua reputação ficará prejudicada. Para apresentar apenas um exemplo lendário, o rei Artur jamais teria conseguido reunir quaisquer cavaleiros em torno de sua célebre tábua redonda se não tivesse podido lhes dar algo bom para comer. Por definição, as mesas dos reis existem para banquetear.

Se Jesus Cristo é o Salomão do reino de Deus, em que consiste a fartura de sua mesa régia? Os profetas sempre prometeram que o Cristo daria "... a todos os povos um banquete de comidas esplêndidas, um banquete de vinho bem envelhecido..." (Is 25.6). Disseram que esse banquete seria oferecido sem nenhum custo a todos os pecadores pobres e famintos (Is 55.1,2). Então Jesus veio ao mundo e proporcionou o milagre do pão para seu povo no deserto (veja Lc 9.10-17). Fez isso para mostrar que tinha o poder de nos satisfazer — não apenas de alimentar nosso corpo, mas também de nutrir nossa alma.

Com frequência Jesus comparou seu reino a um grande banquete. Ele disse que as pessoas viriam do oriente e do ocidente para se reclinar à sua mesa (Mt 8.11). Acrescentou que todos eram convidados: não apenas as pessoas de boa aparência e os envolvidos com a religião, mas também os pecadores pobres e aleijados que nunca haviam sido convidados para nada (Lc 14.12-24). Sua mesa régia é aberta a qualquer um que venha.

Bem no final de sua vida, Jesus preparou a melhor de todas as mesas para seus discípulos — uma refeição física que simbolizava um banquete espiritual. Deu-lhes pão, que simbolizava seu corpo, e vinho, que representava seu sangue. Isso era alimento para a alma. Em seguida, Jesus ofereceu seu corpo e sangue na cruz, amando-nos até a morte, ao dar a vida pelos nossos pecados. Agora, todas as vezes em que comemos seu pão e bebemos seu cálice, anunciamos sua morte até que ele torne a vir (1Co 11.26). Quando Jesus voltar, banquetearemos com ele para sempre por ocasião da "... ceia das bodas do Cordeiro..." (Ap 19.9). A Bíblia descreve a salvação em termos culinários porque um banquete régio é uma das melhores coisas da vida, e, por sua régia graça, Deus nos prometeu as melhores de suas bênçãos para sempre (Sl 84.11; Ef 1.3).

Conhecer Cristo como rei é desfrutar o melhor banquete que alguém já provou. Embora se reconheça que a analogia tem algumas limitações, o banquete que Jesus oferece é algo parecido com a fabulosa refeição que Lisa e eu certa vez tivemos em Newark. Era nosso vigésimo aniversário de casamento, e os planos não estavam indo tão bem quanto eu esperava. Fomos passar alguns dias em Nova York, e, quando logo na primeira noite não consegui encontrar um bom quarto de hotel em Manhattan, no centro da cidade, acabamos em um hotel meia-boca no aeroporto de Newark, no estado vizinho de Nova Jersey. Até onde eu sei, Newark nunca seria o lugar escolhido para casais comemorarem vinte anos de casamento; é óbvio que eu estava desesperado para encontrar um local para ficarmos. Mas depois veio o jantar, quando minha esposa foi finalmente recompensada por nunca perder a esportiva. O hotel recomendou um lugar chamado Spanish Tavern [Taverna Espanhola], e decidimos experimentar. Um serviço gratuito de traslado nos levou a um restaurante de 1936, em um antigo bairro hispânico de Newark. Ali saboreamos comida magnífica e ótimo vinho — uma das melhores refeições que já experimentamos na vida.

O reino de Deus é assim. Primeiro, alguém lhe diz para tentar Jesus. Você não tem muita certeza de como ele será, mas, se estiver disposto, descobrirá um banquete para a alma — a fartura da mesa régia de Jesus.

A EXTENSÃO DO DOMÍNIO DO REI

O rei Salomão precisava de uma quantidade imensa de comida para um número imenso de pessoas por causa do tamanho de seu reino. Considere a extensão de seu domínio: “Salomão governava sobre todos os reinos desde o Eufrates até a terra dos filisteus e a fronteira com o Egito [...]. Pois dominava sobre toda a região a oeste do Eufrates, desde Tifsa até Gaza, sobre todos os reis a oeste do Eufrates...” (1Rs 4.21,24). O reino do rei Salomão foi praticamente um império. Para o norte chegava até o rio Eufrates, quase até a fronteira da Turquia de hoje. Ao sul ia até o Egito. Esse foi o maior território que Israel já teve até os dias atuais. O rei Salomão controlava um território igual ou maior do que todo o território que Davi conquistou. Seu império alcançava os quatro cantos da terra.

A extensão do domínio do rei Salomão foi um cumprimento direto das promessas pactuais que Deus fez a Abraão. Ao mesmo tempo em que

prometeu a Abraão descendentes como as estrelas no céu do deserto, Deus também prometeu que os filhos de Abraão teriam uma terra que chamariam de sua: “À sua prole dou esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o rio Eufrates” (Gn 15.18). Do Egito à Turquia, a promessa pactual de Deus se cumpriu no vasto domínio de Salomão.

O reino de Salomão também foi o cumprimento direto de uma ordem bíblica. Quando Deus criou primeiro Adão e Eva, deu-lhes “domínio” sobre todos os seres vivos (Gn 1.26). A palavra que 1Reis usa para descrever o reino de Salomão é a mesma palavra que encontramos em Gênesis, a palavra hebraica para domínio: *radah*. Dessa forma, o rei Salomão cumpriu o propósito original de Deus para as pessoas feitas à sua imagem. Com a bênção de Deus e sob a autoridade de Deus, Salomão foi ganhando domínio sobre uma parte do reino de Deus.

Há um contraste óbvio entre o reino de Salomão e o reino de Cristo. Enquanto Salomão governou um território limitado e cuidadosamente demarcado, Jesus reina como rei sobre todo o universo. Na condição de Deus criador, inicialmente Jesus fez todo o universo (Cl 1.16). Agora que ressuscitou dentre os mortos e ascendeu à destra do Pai, ele reivindica domínio soberano sobre todas as coisas no céu e na terra. A Bíblia diz que Jesus tem de reinar até que tudo esteja sob seus pés (1Co 15.24-28). Nem um único centímetro quadrado de todo este planeta está fora de sua autoridade régia, pois toda a autoridade no céu e na terra lhe foi dada (Mt 28.18).

O domínio régio de Jesus Cristo é a base de nosso trabalho como servos do rei. A extensão do seu domínio é o que impulsiona nosso envolvimento no trabalho do reino. Ao invés de entregar nossa cidade para as forças do inferno, afirmamos que nossa comunidade é aquele lugar onde Cristo é o rei, onde Deus está operando em nossa pregação de seu evangelho, onde o Espírito Santo dá fé salvadora às pessoas. Adotamos a mesma abordagem na pregação do evangelho de alcance global. Existem muitos lugares sombrios e perigosos no mundo, mas em cada um desses lugares Jesus Cristo é o legítimo rei, e vamos, portanto, a todo mundo com um convite para que as pessoas se submetam à autoridade régia de Jesus.

Por maior que tenha sido, o reino de Salomão nos oferece apenas um pequeno vislumbre do reino maior de Jesus Cristo. Deus emitiu um decreto

régio de que seu Filho majestoso “dominará de mar a mar e desde o rio até os confins da terra!” (Sl 72.8). Por esse motivo, vivemos e pregamos o evangelho do reino em todos os lugares aonde vamos, proclamando a realeza de Cristo em nossas palavras e mediante nossas ações. Conforme Charles Spurgeon disse certa vez: “Desde o início, o propósito foi que a igreja cristã fosse combativa. Em nenhum período deveria permanecer parada, mas avançar até que seus limites geográficos coincidissem com os do mundo”.⁶

A PAZ DOS SÚDITOS DO REI

O que Spurgeon afirma sobre expansão global talvez deixe algumas pessoas um pouco perturbadas. Entretanto, é importante dizer que o reino mundial de Jesus Cristo é um reino pacífico. Não avança por meio de armas de guerra, mas mediante a proclamação jubilosa de paz com Deus. O poder desse reino é colocado a serviço do amor.

Consideremos, em seguida, a paz dos súditos do rei. De acordo com 1Reis, Salomão “... teve paz por toda a volta. E Judá e Israel viveram em segurança, de Dã até Berseba, cada um debaixo de sua videira e debaixo de sua figueira, durante todos os dias de Salomão” (1Rs 4.24,25). Esse é um testemunho notável acerca da paz do reino do rei Salomão. A história da humanidade menciona muitos conflitos sangrentos, especialmente em Israel, que tem sido a área disputada com mais ferocidade em todo o planeta. Todavia, na época de Salomão, praticamente de modo único em sua história, Israel teve paz em todas as direções. Enquanto seu pai, Davi, estivera em guerra permanente, Salomão esteve em paz o tempo todo. Nunca o vemos cavalgar para a batalha ou conquistar alguma vitória famosa. Conforme Deus havia prometido, o filho de Davi governou um reino pacífico: “... designarei um lugar para meu povo Israel e o plantarei, para que habite em seu próprio lugar e nunca mais seja perturbado. E os homens violentos não mais o afligirão. [...] Darei a você descanso de todos os seus inimigos...” (2Sm 7.10,11).

A paz do reino do rei Salomão foi tanto externa quanto interna. Salomão não guerreou com os egípcios, nem com os sírios, nem com os filisteus, nem com qualquer dos outros vizinhos de Israel. Havia paz por todos os lados. Também havia paz dentro de Israel. Uma vez que a nação

não estava em guerra, as pessoas estavam livres para buscar a prosperidade pessoal. Para usar uma metáfora bíblica comum, cada homem se assentava “... debaixo de sua videira e debaixo de sua figueira...” (1Rs 4.25; cf. Mq 4.4; Zc 3.10). Em outras palavras, cada israelita tinha um lugar que podia chamar de seu — um lugar à sombra, com abundância de coisas boas para comer e beber.

Essa imagem da videira e da figueira era a metáfora bíblica favorita de George Washington. Como general vitorioso, Washington sabia como ganhar uma guerra, mas também sabia como desfrutar sua paz. Em suas cartas e em outros escritos, ele usou essa imagem mais de quarenta vezes, em especial quando sentado à sombra de sua própria videira e figueira em Mount Vernon, sua amada fazenda. O objetivo das guerras de Washington foi obter a felicidade da paz para si mesmo e para seus conterrâneos. Conforme escreveu ao Marquês de Lafayette não muito tempo depois da Revolução Americana, “cada um (sob sua própria videira e figueira) começará a saborear os frutos da liberdade”.⁷

A esperança de Washington é a promessa do Evangelho. Cristo prometeu paz a todo o seu povo, e o reino de Salomão nos ajuda a enxergar essa dimensão da obra salvadora de Cristo. À semelhança de Davi, Jesus luta para obter a vitória sobre todos os inimigos de seu reino. Ele o faz principalmente por meio da cruz e do túmulo vazio, onde derrotou o pecado, a morte e o Diabo. No entanto, à semelhança de Salomão, Jesus também reina sobre um reino pacífico: “... ele mesmo é a nossa paz...” (Ef 2.14).

Antes de qualquer outra coisa, Jesus nos dá paz com Deus. Já não estamos em guerra com Deus por causa da hostilidade de nosso pecado. Pelo contrário, “... visto que fomos justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1), que fez “... a paz pelo sangue de sua cruz” (Cl 1.20). Agora podemos descansar, sabendo que nossos pecados estão perdoados. Deus é por nós, e não contra nós, por isso estamos protegidos no conhecimento de seu amor.

A paz com Deus também nos dá paz neste mundo conturbado, onde com frequência experimentamos o tipo de agitação íntima e de relacionamentos rompidos que Edward Hicks retratou em suas pinturas. Ainda não vivemos em perfeita paz. Não obstante, podemos experimentar a

paz, e de fato a experimentamos, em tempos conturbados. A paz que temos com Deus nos dá paz interior. A Bíblia promete que “... a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará em Cristo Jesus o coração e a mente de vocês” (Fp 4.7; veja também Cl 3.15). Quando nossas almas estão agitadas, Deus pode nos dar paz, se tão somente confiarmos nele.

Um dia essa paz se tornará perfeita. Todos os nossos inimigos serão derrotados para sempre. Ninguém mais morrerá, e a própria morte terá fim. O Diabo e todos os seus demônios serão banidos para o inferno por toda a eternidade. Então cada um de nós terá, por assim dizer, sua própria videira e figueira. Jesus disse que há muitos quartos na casa de seu Pai, onde ele prometeu preparar um lugar para nós (Jo 14.2) — um lugar à sombra de seu descanso eterno. De vez em quando temos, já nesta vida, um vislumbre da paz régia de Deus. Sentamo-nos debaixo de alguma árvore à beira de um lago tranquilo, sentindo a brisa fresca no rosto e vendo o sol dançar na superfície da água. Ou temos um momento tranquilo em casa com um bom livro e uma temperatura amena. Infelizmente esses momentos não duram, como todos sabemos muito bem. Todavia, eles nos sussurram a paz de um reino celeste, onde nos assentaremos debaixo da videira de Cristo e debaixo de sua figueira.

A REPUTAÇÃO DA SABEDORIA DO REI

O domínio amplo e pacífico de Salomão, com sua mesa farta, nos ajuda a vislumbrar o reino de Deus. Entretanto, a melhor parte de qualquer bom reino é o próprio rei — não só sua riqueza e poder, ou a paz e a prosperidade que ele traz, mas a própria pessoa do rei. Portanto, 1Reis 4 termina lembrando-nos da proeminente característica de Salomão, aquele dom supremo e divino que o distinguiu de todos os outros reis. Consideremos, por fim, a reputação de sabedoria do rei. Deus tinha convidado Salomão a pedir qualquer coisa que quisesse. O pedido que Salomão desejou fazer foi algo que agradou a Deus: o dom de sabedoria. O rei tinha exercido esse dom no famoso incidente com as prostitutas e os dois bebês.

No final de 1Reis 4, o escritor bíblico celebra com alegria a sabedoria de seu rei, usando em quase todos os versículos palavras que se referem à sabedoria. A Bíblia declara essa sabedoria de inúmeras maneiras. Começa

simplesmente afirmando que “... Deus deu sabedoria a Salomão...”; então a sabedoria de Salomão é demonstrada por meio de uma analogia com a natureza: “... Deus deu a Salomão sabedoria e entendimento sem medida e uma mente ampla como a areia da praia” (v. 29). É claro que a sabedoria do rei não era infinita, porque só Deus é infinitamente sábio, mas ele era sábio em uma medida que nenhum ser humano poderia abranger. Sua sabedoria era como a areia da praia. Essa analogia nos recorda o motivo principal do pedido de Salomão: as pessoas sob seu governo eram numerosas demais (1Rs 3.8). No entanto, Deus deu a Salomão sabedoria suficiente para seu chamado — sabedoria como da areia na praia.

Em seguida, a sabedoria do rei é demonstrada mediante comparação com outros homens sábios: “... a sabedoria de Salomão ultrapassava a sabedoria de todos os povos do Oriente e toda a sabedoria do Egito. Pois era mais sábio que todos os homens, mais sábio que o ezraíta Etã, mais sábio que Hemã, Calcol e Darda, filhos de Maol, e sua fama alcançou todas as nações vizinhas” (1Rs 4.30,31). A maioria desses homens foi esquecida há muito tempo, mas na época eram quase tão famosos quanto poetas como Robert Frost ou compositores como George Gershwin. Etã e Hemã, por exemplo, foram poetas; são os autores dos salmos 88 e 89. No entanto, em comparação, Salomão foi mais sábio que todos eles. Sua sabedoria mundialmente famosa foi superior até mesmo aos gigantes intelectuais do Egito, da Pérsia e da Babilônia — os grandes centros de conhecimento no mundo antigo.

A sabedoria de Salomão é também demonstrada por tudo o que escreveu e afirmou. A Bíblia nos diz que o rei “... compôs três mil provérbios, e suas canções foram mil e cinco” (1Rs 4.32). Muitos desses ditos de sabedoria e muitas dessas letras de música estão preservados nas Escrituras. Encontramos canções de louvor do rei nos salmos 72 e 127. Lemos suas canções de amor em Cântico dos Cânticos. Aprendemos seus provérbios para a vida diária, a maioria escrita pelo próprio rei. A produção literária de Salomão é impressionante tanto em quantidade quanto em qualidade.

A abrangência do conhecimento do rei era igualmente impressionante. Não apenas era versado nas artes literárias, mas também tinha o amor do cientista pelo mundo natural. À medida que Salomão escrevia suas canções e provérbios, “... falava das árvores, desde o cedro que está no Líbano até o

hissopo que brota no muro. Também falou de animais, aves, répteis e peixes” (1Rs 4.33). O conhecimento de Salomão era enciclopédico. Conhecía de tudo, desde a árvore mais alta da floresta (o cedro do Líbano) até a menor planta que cresce no muro do jardim (o hissopo). Amava botânica e biologia; conhecia tanto a flora quanto a fauna de Israel, sua terra natal. Nas palavras de certo comentarista, seus interesses incluíam “o que está no celeiro e o que está no lago, o que embeleza o céu e o que desliza pelo chão da cozinha”.⁸

Com uma curiosidade tão vasta quanto o universo, Salomão tinha interesse em tudo o que Deus fez. Não causa surpresa que seus escritos estejam repletos de muitas analogias baseadas em uma observação cuidadosa do mundo criado. Quando não estava fazendo comparações com as águias no céu ou as lagartixas no palácio (Pv 30.19,28), o rei estava convidando seus leitores a “irem até a formiga...” (Pv 6.6) ou a ouvirem “... a voz da rolinha...” (Ct 2.12). Salomão foi o homem do Renascimento no mundo antigo — foi naturalista tanto quanto letrista de música, filósofo tanto quanto rei.

Se formos sábios, seguiremos seu exemplo e acharemos deleite no mundo que Deus criou, aprendendo tudo o que este mundo tem para nos ensinar. Contemple as constelações no alto do céu à noite. Observe o gavião-pescador mergulhar no lago junto à montanha para capturar sua presa. Sinta o aroma da flor ao longo da trilha de verão. Observe a fila de formigas que vão da comida do piquenique até o formigueiro. Não perca as maravilhas ao nosso redor — as coisas que Deus fez, as quais o Espírito Santo pode usar para nos ensinar a viver:

Visto que Deus deixou por toda parte as impressões digitais de sua sabedoria, visto que não há lugar nenhum onde Deus não nos forneça matéria-prima para pensar reverentemente acerca dele, os cristãos deveriam ser tomados de uma curiosidade irresistível de refletir sobre as obras de Deus, tanto as majestosas quanto as banais. A tarefa da sabedoria é, com regozijo, descrever e investigar todas as obras de Deus. É possível que não sejamos Salomões em perspicácia, mas podemos examinar com gratidão os mesmos dados.⁹

A sabedoria do rei é ainda demonstrada pelas pessoas que se aproximavam dele em busca de conselho: “... pessoas de todas as nações vinham ouvir a sabedoria de Salomão e da parte de todos os reis da terra, que tinham ouvido de sua sabedoria” (1Rs 4.34). Em 1Reis 10, há um

exemplo famoso, quando a rainha de Sabá vem para uma visita. No entanto, ao que parece, esse tipo de coisa acontecia o tempo todo. Chegava gente do mundo inteiro para visitar o rei Salomão, que praticamente se tornou uma atração turística internacional. Seja qual for o padrão pelo qual avaliemos — ou por comparação, ou por reputação, ou simplesmente mediante a mera afirmação do texto bíblico —, o rei Salomão foi o homem mais sábio do mundo.

Contudo, ele não foi tão sábio quanto o rei Jesus (em especial no que diz respeito a dinheiro, sexo e poder, os quais, no final, Salomão buscou, mas aos quais Jesus nunca se rendeu, por causa do reino de seu Pai). O reino de Salomão está sempre nos direcionando ao reino maior de Jesus Cristo. Conforme já vimos, Jesus está sentado em uma mesa mais farta, na qual ele dá seu próprio corpo e sangue como vida por seu povo. Ele governa um domínio mais vasto, que abrange o globo terrestre. Também governa com sabedoria superior, pois ele é maior que Salomão em todos os sentidos (veja Lc 11.31).

Assim como 1Reis nos mostra a sabedoria de Salomão, o Novo Testamento celebra a sabedoria de Jesus Cristo. Às vezes sua sabedoria superior é simplesmente declarada, como quando o apóstolo Paulo afirma que Jesus “... tornou-se para nós sabedoria...” (1Co 1.30). Em outras ocasiões, sua sabedoria é demonstrada por meio de analogias: a Bíblia diz, por exemplo, que em Cristo estão escondidos “... todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2.3). Se a sabedoria de Salomão era como a areia da praia, então a sabedoria de Jesus é como a areia que foi milagrosamente transformada em diamantes.

Também vislumbramos a sabedoria suprema de Jesus Cristo em todas as suas declarações sábias. À semelhança de Salomão, com frequência Jesus fez uso de analogias inesquecíveis extraídas do mundo criado. Contou histórias de agricultores com suas sementes e do vento que sopra onde quer; e, quando falava, manifestava sabedoria no que diz respeito a conhecer a Deus, uma sabedoria que jamais será esquecida. A sabedoria real de Jesus Cristo é ainda demonstrada mediante comparação. É tão superior, conforme diz a Escritura, que até mesmo sua aparente loucura acaba sendo mais sábia do que a sabedoria dos homens (1Co 1.21-25). Aquilo que

alguns acham que não passa de loucura — a saber, a cruz em que Jesus morreu — na verdade acaba sendo o plano sábio de Deus para a salvação.

Hoje, pessoas de todas as nações estão buscando a sabedoria de Jesus Cristo. Agora mesmo, pessoas de todo o mundo buscam essa sabedoria e cultuam a Deus no nome régio de Cristo, o Rei. Oro para que isso também seja verdade em sua vida; oro para que você venha a confiar em Jesus, que é o melhor e o mais sábio de todos os reis. Banqueteie-se na graça de Jesus. Sirva ao vasto domínio de Jesus mediante a realização da obra de seu reino. Confie na sabedoria dele, crendo que ele sabe o que é melhor para você. Descanse na paz dele enquanto você aguarda a vinda do reino de Cristo. Seu reino pacífico não é um sonho, mas uma realidade. Se você crê, você verá.

GUIA DE ESTUDO

Em geral, as crianças iniciam a vida com a ideia de que o mundo é um lugar seguro. Não têm quase nada com que se preocupar enquanto a mamãe ou o papai estiverem por perto. Infelizmente, não leva muito tempo para as preocupações chegarem. O mundo está cheio de situações desconhecidas e responsabilidades crescentes. Quando nos tornamos adultos, é comum tentarmos recuperar para nós mesmos e nossas famílias aquele sentimento de paz, mesmo que seja por momentos passageiros. Nós nos esforçamos para criar uma atmosfera que nos sussurre a paz eterna que experimentaremos no reino de Deus. Houve uma época na história de Israel quando o povo de Deus experimentou a alegria de viver sob a bênção de Deus. Os israelitas sob o domínio de Salomão desfrutaram de um tempo de paz e prosperidade que, de forma limitada, prenunciava a paz que experimentaremos plenamente quando estivermos sob o governo e a bênção de Deus no céu. É um alívio chegar a passagens como essa, em que tudo estava certo e corria bem no reino pacífico.

1. Fale sobre sua infância, quando você sentia que tudo estava certo no mundo.

2. Leia 1Reis 4.20-28. Que palavras você usaria para descrever o reino de Salomão?
3. Por que você acha que esses detalhes precisos sobre o reino de Salomão foram incluídos nesse relato? O que devemos deduzir dessa descrição? O que você esperaria acontecer em seguida?
4. Um dos detalhes de 1Reis 4.20-28 é o número de cavalos de Salomão (veja v. 26). Leia Deuteronômio 17.16, Isaías 31.1 e Salmos 33.16,17. Por que a grande cavalaria de Salomão era um problema? Que consequências negativas poderiam advir disso? Que tentações parecidas nossa sociedade enfrenta?
5. As realidades terrenas do reino esplendoroso de Salomão apontam para as realidades espirituais do reino futuro de Cristo, quando participaremos com ele do banquete por ocasião da “... ceia das bodas do Cordeiro...” (Ap 19.9). De que maneiras você tem experimentado Jesus como o pão da vida, o Rei que nos convida para o banquete? Ou, dito de outra maneira, como Jesus o tem abençoado?
6. Se o reino de Salomão é um tipo ou imagem do reino de Deus, oferecendo-nos um panorama terreno, inferior, de uma realidade espiritual maior e futura, o que podemos aprender sobre o reino de Deus a partir da descrição do reino de Salomão? Quais são as semelhanças entre Salomão e Jesus? De que maneira o reino de Jesus é superior ao de Salomão?

7. Israel experimentou paz durante o reinado de Salomão, mas foi uma paz temporária; só Jesus pode trazer paz duradoura. Leia Efésios 2.14 e Filipenses 4.7. De que maneiras Jesus nos traz paz?
8. Considere uma época em sua vida quando você experimentou uma paz que só podia vir de Deus. Cite resultados tangíveis da paz de Deus. O que essa experiência lhe ensinou sobre Deus?
9. Quais aspectos do reino que Jesus nos promete são mais significativos para você?
10. Leia 1Reis 4.29-34. O que essa descrição nos ensina sobre a origem e a natureza da sabedoria de Salomão? Que prova o escritor nos apresenta de que a sabedoria de Salomão era realmente grande?
11. O que podemos aprender com o exemplo de Salomão para aplicarmos em nossa própria busca de sabedoria?

¹Carolyn J. Weekley, *The kingdoms of Edward Hicks*, Abby Aldrich Rockefeller Folk Art Center Series (New York: Harry N. Abrams, 1999).

²Thomas Boston, *The complete works of the late rev. Thomas Boston of Ettrick*, edição de Samuel M'Millan (London, 1853; reimpr. Wheaton: Richard Owen Roberts, 1980), 8:318.

³Charles Spurgeon, "The dromedaries", in: *Metropolitan Tabernacle Pulpit* (Pasadena: Pilgrim, 1972), vol. 25, p. 637.

⁴Paul R. House, *1, 2 Kings*, The New American Commentary (Nashville: Broadman, 1995), p. 117.

⁵Iain W. Provan, *1 and 2 Kings*, New International Biblical Commentary (Peabody: Hendrickson, 1995), p. 59.

⁶Charles Spurgeon, "Metropolitan Tabernacle Statistics", *Sword and trowel* (Apr. 1865).

⁷Carta de George Washington ao Marquês de Lafayette (19 Jun. 1788), citada em Peter A. Lillback, *George Washington's sacred fire* (Bryn Mawr: Providence Forum Press, 2006), p. 317.

⁸Dale Ralph Davis, *The wisdom and the folly: an exposition of the Book of First Kings* (Fearn: Christian Focus, 2002), p. 49.

⁹Ibidem, p. 50.

DENTRO DO TEMPLO DE SALOMÃO

No quarto ano, no mês de zive, lançaram-se os alicerces da casa do SENHOR. E no décimo primeiro ano, no mês de bul, que é o oitavo mês, a casa foi concluída em todas as suas partes e de acordo com todas as suas especificações. Durante sete anos ele a construiu (1Rs 6.37,38).

O incêndio que devastou o Castelo de Windsor, na Inglaterra, foi uma catástrofe com um preço altíssimo. Para ajudar a pagar os reparos, que custaram milhões de libras esterlinas, a rainha Elizabeth II abriu sua casa para visitantes. Pela primeira vez na história, turistas comuns podiam pagar um pequeno valor para ter o privilégio de caminhar pelo Palácio de Buckingham.

A abertura do palácio à visita proporcionou um raro vislumbre do esplendor da rainha. Para saber como as pessoas são, é útil ver onde elas vivem, e, no caso da rainha da Inglaterra, seu lar revela sua majestade. Pessoas que tiveram a sorte suficiente de visitar o Palácio de Buckingham, como foi o meu caso, viram os aposentos régios da rainha, com seus ornamentos dourados e obras-primas famosas. Caminharam pelos magníficos jardins particulares. Entraram em sua sala de audiência para contemplar o trono dourado. Ver o palácio real foi experimentar a glória do reino de Elizabeth.

O Primeiro Livro de Reis nos proporciona uma experiência parecida, levando-nos a uma visita guiada ao Templo de Salomão, a casa de Deus. Às vezes as pessoas se perguntam como Deus é de fato. Como jamais o vimos face a face, pode ser difícil ter uma ideia clara de sua verdadeira e

impressionante glória. Visitar a casa que Salomão construiu pode nos ajudar a conhecer melhor a Deus. Quando examinamos a construção, sondando o esquema da estrutura e os detalhes do projeto, aprendemos sobre o caráter do Deus que viveu ali.

UMA LINDA CASA

O texto de 1Reis 6 começa com uma declaração formal que apresenta o templo e anuncia o início de sua construção. O capítulo termina com uma declaração parecida, descrevendo sua conclusão: “No quarto ano, no mês de zive, lançaram-se os alicerces da casa do SENHOR. E no décimo primeiro ano, no mês de bul, que é o oitavo mês, a casa foi concluída em todas as suas partes e de acordo com todas as suas especificações. Durante sete anos ele a construiu” (v. 37,38).

Estudiosos da Bíblia descreveriam essa técnica literária como *moldura*: algo no final do texto faz paralelo com algo no início e inclui tudo o que estiver no meio. A primeira parte do capítulo (v. 2-10) descreve a estrutura externa do templo. Então Deus interrompe a descrição desse projeto de construção para enumerar a Salomão todas as bênçãos por vir caso ele seja fiel em guardar os mandamentos da aliança com Deus (v. 11-13). O restante do capítulo mostra como o interior do templo foi concluído (v. 14-36) — a decoração que transforma uma casa em um lar.

Visto que apenas os sacerdotes eram autorizados a entrar no templo em si, a maioria dos israelitas jamais veria como ele era. Entretanto, 1Reis 6 nos conduz a uma visita dentro do templo. Enquanto visitamos o Templo de Salomão, devemos fazer a nós mesmos a seguinte pergunta: Que tipo de Deus viveria nesse tipo de casa? A resposta é que ele é um Deus que ama a beleza, um Deus que reina com uma glória majestosa e habita em uma santidade incomparável. Surpreendentemente, ele também é um Deus que nos convida a entrar e habitar com ele.

A primeira coisa que notamos no interior do Templo de Salomão é sua beleza:

De modo que Salomão edificou aquela casa e a concluiu. Revestiu o lado de dentro das paredes da casa com tábuas de cedro. Do chão da casa até o teto, do lado de dentro, ele as cobriu com madeira, e cobriu o chão da casa com tábuas de cipreste. Construiu vinte côvados na parte de trás da casa com tábuas de cedro do piso do chão até as paredes e o fez como um santuário interno, como o

Lugar Santíssimo. A casa, isto é, a nave na frente do santuário interno, media quarenta côvados de comprimento. O cedro dentro da casa foi esculpido na forma de cuias e flores abertas. Tudo era de cedro; não se via nenhuma pedra (v. 14-18).

Salomão construiu seu templo com pedras lavradas trazidas das montanhas, mas dentro tudo era coberto de cedro — não apenas o santuário principal, mas também o Lugar Santíssimo. Cedros dão uma linda madeira, de modo que Salomão havia adquirido de Hirão, rei de Tiro (1Rs 5.1-12), uma grande quantidade. Logo que a principal estrutura foi construída, Salomão revestiu suas paredes inteiramente de cedro. O chão também era feito de madeira — nesse caso, de cipreste, que é mais resistente que o cedro e mais apropriada para uma grande circulação de pessoas. Até onde sabemos, os tipos de madeira usados por Salomão não têm nenhum significado simbólico. No entanto, a madeira era bela, o que era motivo suficiente para utilizá-la: Salomão quis que essa casa fosse bela por dentro e por fora.

A madeira de cedro no interior do templo foi belamente decorada. Foi esculpida “... na forma de cuias e flores abertas...” (1Rs 6.18), como era a moda na época, pois decorações com motivos florais eram típicas do antigo Oriente Próximo.¹ Embora não saibamos qual foi a exata forma de decoração usada no Templo de Salomão, é fácil imaginar fileiras de flores desabrochando nas paredes, não por qualquer função utilitária, mas simplesmente por sua beleza.

Toda essa decoração nos diz algo importante acerca de Deus. O interior do Templo de Salomão era adornado com árvores, frutos e flores vistos no mundo criado por Deus, e, dessa forma, sua decoração refletia a beleza da criação e volta ao seu criador. Ele é um Deus que ama a beleza, que aprecia o trabalho artístico e mantém padrões estéticos elevados: “Esplendor e majestade estão diante dele; força e beleza estão em seu santuário” (Sl 96.6).

O amor de Deus pela beleza fica evidente nas coisas que ele fez. O universo está cheio de grande esplendor, desde as nebulosas de estrelas no espaço longínquo até o choupo amarelo na encosta rochosa de uma montanha. Agostinho se indaga:

Que palavras poderiam descrever adequadamente a beleza e a utilidade da criação, concedidas ao homem pela generosidade divina para sua contemplação e apreciação? Considere as inúmeras e variadas expressões de beleza do céu, da terra e do mar; a abundância de luz e sua maravilhosa peculiaridade, no sol, na lua e nas estrelas nas sombras das florestas; a cor e a fragrância das flores; a

diversidade e a infinidade de aves, com seus cantos e cores brilhantes; as multiformes espécies de seres vivos de todos os tipos, dos quais observamos até mesmo o menor com a maior admiração. [...] Considere também o grande espetáculo do mar, trajando-se de diferentes cores, como se fossem roupas: às vezes verde, e em um número tão grande de tonalidades, às vezes roxo, às vezes azul. [...] Quem poderia apresentar uma explicação completa de todas essas coisas?²

Deus não apenas cria e ama a beleza, mas ele próprio é um Deus belo. A fonte de toda e qualquer beleza que vemos no universo é a formosura do próprio Deus. Ele é “infinitamente o mais belo e excelente”, o “fundamento e fonte de toda a beleza”, escreveu Jonathan Edwards. “Toda a beleza que venha a ser encontrada na totalidade da criação é [...] reflexo dos raios difusos daquele ser que tem brilho e glória totalmente infinitos”.³

Quando o pai de Salomão sonhou em construir um templo para ali adorar, o motivo disso foi principalmente que ele queria ver essa beleza com os próprios olhos. “Uma coisa tenho pedido ao SENHOR...”, disse Davi, “... que eu possa habitar na casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar em seu templo” (Sl 27.4). A beleza de Deus não é sua aparência externa, mas seu caráter íntimo. Deus é belo no amor que demonstra a seus filhos, na misericórdia que demonstra a pecadores perdidos e na perfeita harmonia de todos os seus atributos divinos.

Vemos a beleza de Deus mais claramente na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Não que Jesus fosse especialmente bonito em sua aparência física. Aliás, a Bíblia diz exatamente o contrário: “... ele não tinha formosura nem esplendor para que olhássemos para ele e nenhuma beleza para que o desejássemos” (Is 53.2). No entanto, Jesus Cristo é mais belo que qualquer outra pessoa. É belo por causa da perfeição de seu amor e do elevado preço de seu sacrifício. Apesar de sua aparente feiura, sua morte na cruz foi a coisa mais bela que alguém já fez: uma vida perfeita oferecida em sofrimento e dor para que todo o que nele crê fosse perdoado.

Agora Deus está fazendo algo belo conosco. O Espírito Santo está atuando na feiura de nosso pecado, tornando-nos mais parecidos com Cristo e, por isso, cada vez mais belos o tempo todo. Essa beleza não é apenas individual, mas também comunitária, à medida que Deus constrói sua igreja como “... um templo santo no Senhor” e à medida que somos “...

edificados conjuntamente em habitação para Deus pelo Espírito” (Ef 2.21,22).

Se nosso Deus é um Deus assim tão belo, então nós — mais do que quaisquer outras pessoas — devemos ter o mais elevado apreço pela beleza. Quando cristãos se contentam com padrões estéticos baixos, comprometemos o caráter de nosso Deus. Por isso, observe as folhas avermelhadas nas árvores, escute o grasno da águia selvagem, admire a pincelada da pintura na tela, ouça a música harmoniosa e, em seguida, retribua com louvor a seu Criador. Faça com suas mãos coisas bonitas que deem testemunho do caráter de Deus e dos planos brilhantes dele para o futuro. Procure embelezar a cidade, para que as pessoas possam ver na igreja uma comunidade que cuida das necessidades estéticas da alma humana. Tenha um cuidado maior com a beleza crescente de seu caráter lá no íntimo do que com os atrativos exteriores da aparência física. Cultive um amor pela beleza que honre a seu belo Deus. Faça da oração de Moisés sua própria oração: “Que a beleza do SENHOR, nosso Deus, esteja sobre nós...” (Sl 90.17, KJV).

OURO MACIÇO

O belo Templo de Salomão também era de ouro em seu régio esplendor. Quando perguntaram a Howard Carter o que ele viu quando teve o primeiro vislumbre do tesouro do túmulo do rei Tutancâmon, o famoso arqueólogo disse: “Coisas maravilhosas!”. Os sacerdotes de Israel devem ter dito a mesma coisa quando entraram pela primeira vez no Templo de Salomão, pois esse templo também estava repleto de tesouros de ouro:

Ele preparou o santuário interno, na parte mais interior da casa, para ali colocar a Arca da Aliança do SENHOR. O santuário interior tinha vinte côvados de comprimento, vinte côvados de largura e vinte côvados de altura, e ele o revestiu de ouro puro. Também revestiu o altar de cedro. E Salomão revestiu de ouro puro o interior da casa e colocou correntes de ouro na frente do santuário interior e o revestiu de ouro. E revestiu de ouro toda a casa, até que toda a casa foi concluída. Também o altar que pertencia ao santuário interior ele revestiu inteiramente de ouro (1Rs 6.19-22).

Havia ouro brilhando por toda a parte da casa de Deus. Essa era a principal impressão que as pessoas tinham quando entravam: todo o interior reluzia com um esplendor dourado. Ouro cobria as paredes e o teto do

santuário principal tanto quanto o altar de incenso. Ouro cobria o santuário interior. Esse era o Lugar Santíssimo do templo, onde Salomão colocou a sagrada arca da santa aliança e onde se fazia expiação pelo pecado. O Lugar Santíssimo tinha a forma de um cubo perfeito, o que simbolizava ordem, santidade e perfeição. O cubo todo era revestido de ouro e separado do restante do templo por uma cortina de correntes de ouro (ou uma cortina de tecido que ficava pendurada em anéis de ouro). Salomão até mesmo dourou o chão: “O chão da casa ele revestiu de ouro nas salas interior e exterior” (v. 30). A casa de Deus era dourada em sua glória.

Alguns estudiosos tentaram sugerir que todo esse ouro é “invenção da imaginação de alguém”,⁴ “um exagero que provavelmente teve origem em uma tradição posterior sobre o esplendor do templo de Salomão”.⁵ Contudo, não há motivo razoável para duvidar da confiabilidade histórica do texto bíblico. O Templo de Salomão era coberto de ouro, conforme esse capítulo diz repetidas vezes. E não era simplesmente qualquer tipo de ouro: a Bíblia descreve explicitamente esse ouro como “ouro puro”, isto é, da mais alta pureza (v. 21).

Outros estudiosos têm criticado o ouro de Salomão como extravagância profana — um uso indevido da riqueza.⁶ Todavia, tratava-se da casa de Deus, o qual merece a mais elevada honra. Para ele só o melhor estaria à altura. Por conseguinte, Salomão não poupou nenhum recurso, mas usou o material mais caro que conseguiu comprar. Peter Leithart descreve essas despesas elevadas como “uma melhoria significativa em relação às paredes de cortina e ao piso de chão batido do tabernáculo. O tabernáculo era glorioso, mas Salomão constrói uma casa mais gloriosa. Com a construção do templo, Israel avança para uma glória maior”.⁷

Todo esse ouro era apropriado em uma casa construída para alguém tão glorioso quanto Deus. O próprio Deus confirmou isso quando o templo foi dedicado, dizendo a Salomão: “... Consagrei esta casa que você construiu, colocando meu nome ali para sempre. Meus olhos e meu coração estarão ali todo o tempo” (1Rs 9.3). Ouro é o metal dos reis. Uma vez que Deus governa sobre todos, era mais que adequado que Salomão lhe construísse um templo de ouro, o que era condizente com sua honra de rei. O famoso poeta inglês George Herbert estava certo em louvar o rei Salomão por sua gloriosa extravagância:

Senhor, como era impressionante a glória com que eras cultuado no passado,
quando o Templo de Salomão existia e vicejava!

Onde a maioria das coisas era do mais puro ouro;
a madeira era toda ornamentada.⁸

Há de se reconhecer que nem mesmo o ouro é totalmente digno da glória de Deus. Ouro era o melhor que Salomão tinha a oferecer, mas, porque Deus já possui tudo no universo, nada na terra jamais conseguiria se aproximar da verdadeira glória da majestade régia de Deus.

Aparentemente, a MasterCard fez uso desse princípio em uma campanha publicitária. Inaugurada no campeonato de beisebol norte-americano de 1997, uma série de comerciais estampava o *slogan*: “Existem coisas que o dinheiro não compra. Para todas as outras, existe MasterCard”. Os anúncios indicavam o preço de uma série de itens, tais como cachorro-quente, bonés de beisebol e dois bilhetes para o jogo, e em seguida declaravam que algo específico “não tem preço”, tal como assistir à equipe St. Louis Cardinals ganhar o campeonato. O Templo de Salomão seguiu uma lógica parecida. Tudo dentro do templo teve seu preço de compra: por exemplo, o cedro que Salomão comprou de Tiro ou o ouro que ele tirou de seu tesouro particular. Essas eram coisas que o dinheiro podia comprar, com ou sem MasterCard. Mas qual seria o preço que você daria para ter Deus na casa? O esplendor de ouro do Templo de Salomão não poderia nem mesmo começar a ser comparado com a incalculável glória de Deus.

O Deus adorado no Templo de Salomão é um Deus glorioso. Ele é o Rei de todos os reis. Agora sua glória como rei é manifesta em Jesus Cristo, o Salomão maior do reino de Deus. Depois de ter feito seu belo sacrifício, oferecendo seu corpo por nossos pecados, Jesus foi ressuscitado em um triunfo de rei. Deus “... o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória...” (1Pe 1.21). Agora Jesus reina supremo como o rei do reino de Deus.

Se nosso Deus é um rei tão glorioso, então nós, dentre todas as pessoas, devemos lhe prestar a honra e a obediência régias que só ele merece. Devemos trazer-lhe ouro para proclamar a vinda do seu reino em todo o mundo e para construir seu templo espiritual na igreja. Ainda que nosso dinheiro dificilmente se equipare à sua incalculável majestade e ainda que tudo já lhe pertença, ele graciosamente o recebe como nosso tributo ao rei — o ouro que levamos ao nosso Rei. Oferecer essas dádivas tem o benefício

adicional de nos ajudar a crescer na piedade, pois uma das melhores maneiras de dominar as tentações do dinheiro é simplesmente dá-lo!

Também temos algo ainda mais precioso para oferecer a nosso Rei: uma vida entregue ao seu serviço. Nosso serviço não é realmente digno de sua majestade, assim como nosso dinheiro também não é, mas é o melhor que temos a oferecer, de modo que devemos entregá-lo. Devemos oferecer a Jesus o tesouro do nosso coração, entronizando Jesus como nosso rei. Devemos oferecer-lhe o culto de nossa boca, louvando-o como nosso Deus glorioso. Devemos oferecer-lhe a obra de nossas mãos, alimentando os pobres e curando os feridos, porque Cristo é o nosso rei.

SANTO, SANTO, SANTO

Deus não apenas é o governante da terra, mas também o rei do céu. Isso igualmente foi simbolizado no interior do Templo de Salomão.

O templo propriamente dito era dividido em duas partes. O recinto externo era chamado de Lugar Santo, ao passo que o recinto interno na parte de trás era conhecido como Lugar Santíssimo. O Lugar Santíssimo abrigava a Arca da Aliança, onde se fazia expiação pelo pecado, e simbolizava o escabelo do trono de Deus. Esse era o lugar da presença de Deus, “a própria morada de Deus — até onde se pode dizer que Deus tinha uma morada terrena”.⁹ Contudo, com base no livro de Hebreus, sabemos que o Lugar Santíssimo também era para servir de cópia terrena da sala do trono celestial de Deus (9.23,24). Isso explica por que Salomão fez dois anjos como guardiães do templo interno:

No santuário interior fez dois querubins de madeira de oliveira, cada um com dez côvados de altura. De cinco côvados era o comprimento de uma das asas do querubim, e de cinco côvados era o comprimento da outra asa do querubim; era de dez côvados a medida da ponta de uma asa até a ponta da outra. O outro querubim também media dez côvados; ambos os querubins tinham a mesma medida e a mesma forma. De dez côvados era a altura de um dos querubins e também era essa a altura do outro. Ele pôs os querubins na parte mais interior da casa. As asas dos querubins estavam abertas, de maneira que a asa de um encostava em uma das paredes e a asa do outro querubim encostava na outra parede; suas outras asas encostavam uma na outra no meio da casa. E ele revestiu de ouro os querubins (1Rs 6.23-28).

Essas duas estátuas magníficas se destacavam no Lugar Santíssimo. Cada imagem angélica tinha 4,57 metros de altura, e, com uma envergadura igual

ou maior, os querubins se estendiam por todo o santuário interno. Foram esculpidos da dura madeira de oliveira e recobertos com ouro.

Os querubins dourados de Salomão nos lembram novamente da beleza de Deus e de sua régia majestade. Com base no livro de Isaías e outras passagens, sabemos que neste exato momento existem querubins na presença de Deus. Aliás, esses anjos são seus cortesãos, os assistentes de seu trono régio. Assim, os belos querubins dourados dentro do Templo de Salomão indicavam que o santuário interno do templo era a sala do trono de Deus — um sinal de sua presença régia e de sua glória majestosa. Nas palavras do salmista, Deus está “... entronizado acima dos querubins...” (Sl 80.1).

Os querubins também nos mostram a santidade de Deus. Nenhuma criatura é mais santa que um anjo, pois os anjos do céu não têm nenhum pecado. Eles são separados para o serviço santo de Deus. Com regozijo solene e dignidade radiante, eles estão sempre dizendo: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; a terra toda está cheia da sua glória!” (Is 6.3).

À medida que prestam esse culto santo, os querubins são um reflexo tão grande da glória de Deus que, caso pudéssemos vê-los, seríamos tentados a adorá-los. Todavia, essas criaturas santas não reivindicam nenhuma adoração para si mesmas. Aliás, sempre que homens tentaram adorar quaisquer dos anjos, eles disseram: “... Vocês não devem fazer isso!...” (Ap 19.10; 22.9). Em vez disso, os anjos nos ensinam a prestar todo o nosso louvor a Deus como aquele que merece todo o louvor e toda a glória que possamos dar. Os anjos em si são imaculadamente santos, mas, ao adorarem a Deus, nos mostram a grandeza suprema da santidade superior de Deus. Se essas criaturas santas prestam todo seu culto a Deus, então ele tem de ser ainda mais santo.

Essa comparação me faz lembrar a primeira vez que me encontrei com o reverendo William Still, o grande pastor evangélico escocês que ajudou a reavivar a Igreja da Escócia em meados do século 20. Dois de meus pregadores favoritos (Eric Alexander e Sinclair Ferguson) sempre falaram a respeito do rev. Still com um jeito respeitoso, porque ele tinha sido um dos pais deles na fé e no ministério. Eu respeitava muito o rev. Alexander e o dr. Ferguson, mas podia perceber que eles tinham uma consideração ainda maior pelo seu mentor espiritual. De modo que, quando fui estudar com o

rev. Still na Escócia, eu sabia que estaria na presença de piedade incomum, o que se confirmou.

Os querubins no interior do Templo de Salomão serviam a um propósito parecido. Por mais santos que sejam, os querubins apontam para uma santidade superior. Eles representam anjos celestes, que adoram a infinita santidade de Deus. Mediante seu exemplo, os querubins nos chamam a “... cultivar ao SENHOR no esplendor da santidade” (Sl 29.2; 96.9).

Agora que ouvimos o evangelho da crucificação e da ressurreição, prestamos esse culto em nome de Jesus Cristo, “... o Santo de Deus” (Mc 1.24). Temos ouvido o chamado de Deus a uma vida de santidade cristã que está livre do amor ao dinheiro, livre da concupiscência da carne e livre do orgulho de si mesmo. A maneira santa de lidar com nosso dinheiro é usá-lo todo para a glória de Deus. A maneira santa de controlar nossa sexualidade é mantê-la dentro dos limites da aliança do matrimônio. A maneira santa de utilizar nosso poder é usar nossa autoridade e influência para servir as pessoas com necessidades. Devemos cultivar um Salvador santo, que nos convida a ser seu povo santo: “Da mesma maneira que aquele que os chamou é santo, vocês também sejam santos em toda a sua conduta” (1Pe 1.15).

AS PORTAS DO PARAÍSO

O Templo de Salomão era um lugar de esplendor admirável. Seu interior dourado foi concebido para transmitir um senso da beleza régia e da santidade perfeita de Deus. A descrição bíblica de sua construção e decoração visam despertar no coração um anelo por Deus. O Espírito Santo está levantando o véu para que, pela fé, possamos ver dentro do Lugar Santo de Deus. Por mais maravilhoso que fosse ver a glória da arquitetura de Salomão, é infinitamente mais maravilhoso encontrar o Deus cuja beleza, realeza e santidade eram proclamadas por seu templo.

Ao mesmo tempo, por mais sublime (e aterrador) que fosse para o povo comparecer ao Templo de Salomão, havia portas (!) para as pessoas entrarem. A Bíblia descreve as portas que davam entrada para o Lugar Santíssimo: “Para a entrada para o santuário interno, ele fez portas de madeira de oliveira; a verga e os batentes tinham cinco lados. Ele cobriu as

duas portas de madeira de oliveira com entalhes de querubins, palmeiras e flores abertas. Ele os revestiu de ouro e passou uma camada de ouro por cima dos querubins e das palmeiras” (1Rs 6.31,32).

Salomão também instalou portas na entrada principal do templo:

E para a entrada da nave também fez batentes de madeira de oliveira em forma quadrada e duas portas de cipreste. As duas folhas de uma das portas eram articuladas, e as duas folhas da outra porta eram articuladas. Nelas ele entalhou querubins, palmeiras e flores abertas e as revestiu de ouro aplicado uniformemente sobre a madeira entalhada. Também construiu o pátio interno com três camadas de pedras lavradas e uma camada de vigas de cedro (v. 33-36).

Essas magníficas portas articuladas davam a Salomão e a seu povo acesso limitado à presença de Deus. Em contrapartida, as portas do templo estavam ali para deixar as pessoas entrarem. Havia um meio de entrar nesse prédio maravilhoso. Havia até mesmo um meio de chegar ao santuário interno, o Lugar Santíssimo. Louve a Deus pelas portas do Templo de Salomão! Elas dão testemunho de que o Deus infinitamente belo, majestosamente glorioso e perfeitamente santo deseja de fato um relacionamento com seu povo.

Contudo, as portas também estavam ali para manter pessoas do lado de fora. Só os sacerdotes obtinham autorização para entrar no templo, e mesmo eles só podiam entrar quando estavam desempenhando seus deveres sacerdotais. O acesso ao Lugar Santíssimo era ainda mais rigorosamente restrito. Só um homem chegava a entrar no Lugar Santíssimo, e isso apenas uma vez por ano. No Dia da Expição, o sumo sacerdote entrava sozinho no santuário interno, para fazer uma oferta de sangue pelos pecados do povo (veja Lv 16). Fora isso, o acesso ao templo era estritamente proibido; suas portas eram fechadas para mostrar que as pessoas não podiam entrar na presença de Deus, exceto quando representadas por seu sacerdote.

Para entender o propósito de limitar o acesso ao templo, é esclarecedor reconhecer o simbolismo de sua decoração. Como quase tudo o mais no interior do templo, as portas articuladas que davam acesso ao templo e as portas internas que davam acesso ao Lugar Santíssimo eram cobertas de ouro majestoso. Também eram decoradas com “... entalhes de querubins e palmeiras e flores abertas...” (1Rs 6.32,35). Salomão continuou com esse padrão decorativo no lado de dentro: “Ao redor de todas as paredes da casa

ele entalhou imagens de querubins, palmeiras e flores abertas, nas salas interna e externa” (v. 29). Tudo estava coberto de vegetação.

Talvez as reluzentes imagens angelicais e as belas representações botânicas que cobriam o templo estivessem ali simplesmente por causa de sua beleza, o que seria motivo mais do que suficiente. Afinal, Salomão acreditava na arte para a honra do próprio Deus. No entanto, talvez esses padrões decorativos também tivessem um significado mais profundo. Você consegue pensar em um lugar de vegetação exuberante que foi guardado por anjos?

O projeto do Templo de Salomão fazia referência ao jardim do Éden, o que significa que suas portas simbolizavam os próprios portões do paraíso. O jardim onde nossos primeiros pais viveram tinha “... toda árvore que é agradável à vista e boa para comer...” (Gn 2.9). De modo que as árvores dentro do Templo de Salomão naturalmente nos lembram o lar de nossos ancestrais, assim como toda árvore e flor deveria fazê-lo. Nesse caso, porém, também há anjos na decoração, o que estabelece uma ligação mais forte com o jardim do Éden. Quando expulsou Adão e Eva para fora do jardim pelo pecado de comerem o fruto proibido, Deus colocou querubins a leste do Éden “... para guardar o caminho que levava à árvore da vida” (3.24). Embora no passado o jardim do Éden tivesse sido um lugar para ir e se encontrar com Deus, agora anjos barravam o caminho, impedindo que o homem e a mulher tornassem a entrar no paraíso.

Dessa forma, quando as pessoas chegavam até a porta do Templo de Salomão e viam os querubins no meio das flores e das árvores, estavam chegando até as portas do paraíso. Para a maioria, o acesso ao jardim virtual de Salomão era ainda negado; a menos que fossem sacerdotes, nunca veriam as maravilhas douradas dentro do templo. Só o sumo sacerdote chegava a entrar na presença de Deus, que estava reinando de seu trono terreno no Lugar Santíssimo. Não obstante, por mais limitado que fosse, *havia* um acesso. Deus estava abrindo o caminho. O templo era um portal espiritual. O paraíso perdido poderia ser reconquistado. Aliás, o ouro no interior do templo sussurrava rumores de um paraíso eterno, onde até mesmo as ruas serão pavimentadas com ouro (Ap 21.21).

Era assim no passado; é assim agora. Ainda estamos vivendo em algum lugar a leste do Éden, em um mundo decaído e devastado. No entanto,

Deus está nos chamando de volta para casa. Ele quer ter um relacionamento conosco. Ele quer que vejamos sua beleza régia. Por conseguinte, ele está nos convidando a entrar na sala do trono do seu templo, onde é adorado por santos anjos.

O meio de entrar no paraíso de Deus é por intermédio da fé em Jesus Cristo. Jesus disse: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo...” (Jo 10.9). Jesus é a porta para nós porque ele *já entrou* no Lugar Santíssimo — não no interior do Templo de Salomão, que era apenas uma cópia da verdadeira realidade, mas no próprio céu. Jesus entrou na sala do trono do céu na condição de nosso sacerdote a fim de apresentar o sangue de seu próprio sacrifício na cruz como expiação, feita uma vez por todas, por nosso pecado.

Agora, por meio de Jesus, está aberto o caminho para chegarmos até Deus. O livro de Hebreus diz: “... visto que temos confiança para entrar nos santos lugares pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele abriu para nós através do véu, isto é, por meio de sua carne, e visto que temos um grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos com um coração verdadeiro, em plena certeza de fé...” (Hb 10.19-22). Sim, aproximemo-nos de Deus em seu santo templo por meio da fé em Jesus Cristo. Ele nos perdoará; ele nos receberá; ele nos salvará para sempre.

Houve um período em que Deus viveu na casa de Salomão, mas seu plano de longo alcance é que nos aproximemos e vivamos em sua casa, o palácio do paraíso. Fui certa vez a um palácio — o Palácio de Buckingham —, no ano seguinte ao incêndio do Castelo de Windsor, ano em que o palácio foi aberto ao público. Infelizmente, nunca cheguei a ver a rainha, com todo o seu esplendor da realeza. Mas que me importa? Por meio de Jesus fui convidado para o palácio de todos os palácios, o paraíso dourado de Deus. Quando eu chegar, o Rei estará à espera para me receber na beleza de sua santidade.

GUIA DE ESTUDO

O rei Davi teve um profundo desejo de construir o templo. Ele ansiava adorar a Deus em sua casa, conforme comprovado pelas palavras de Salmos 27.4: “Uma coisa tenho pedido ao SENHOR: que eu possa habitar na casa do

SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar em seu templo”. Davi queria honrar a Deus com a construção da casa de Deus e a entrega aos israelitas de um lugar para cultuá-lo. Contudo Deus impediu Davi de construir o templo, prometendo que, em vez disso, Salomão, o filho de Davi, o construiria. E, quando começou a trabalhar na casa de Deus, Salomão não economizou dinheiro. O templo de Salomão realmente foi uma das mais magníficas estruturas já construídas.

1. Qual é a construção mais espetacular que você já visitou? Descreva como você se sentiu enquanto olhava para sua linda arquitetura e experimentava sua grandiosidade.
2. Leia 1Reis 6.14-22. Enquanto lê essa descrição do Templo de Salomão, tente imaginar o local.
 - a. O Templo de Salomão era tão glorioso que alguns tentaram classificar sua descrição simplesmente como um exagero, mas em tempos recentes estudiosos de confiança têm concordado que não há motivo algum para duvidar de que o relato é historicamente preciso. Que detalhes nessa descrição se destacam para você?
 - b. Que podemos deduzir sobre o caráter de Deus a partir da leitura de todos esses detalhes do templo?
 - c. O que podemos deduzir do cuidado que Deus dedica à beleza em relação ao nosso modo de viver, como pessoas que carregam a imagem divina? Como podemos participar da beleza de Deus e expressá-la?

- d. A glória do Templo de Salomão era apropriada, já que Deus é digno de todo o esplendor e toda a beleza que os seres humanos conseguirem reunir e muito mais. O culto que você presta — a sós ou em grupo — expressa sua compreensão da excelência de Deus? Como podemos cultuar de uma maneira que exalte a excelência e a beleza de Deus?

3. Leia a descrição do santuário interno em 1Reis 6.23-36.

- a. Quais eram as características mais notáveis desse recinto?
- b. Como a planta do templo enfatiza a santidade de Deus? Quais as implicações disso para os israelitas? O que esse Deus santo exigia de seu povo? Veja o contexto em Deuteronômio 6 e Levítico 16.
- c. O Lugar Santíssimo ou Santo dos Santos era, inclusive com os querubins, a cópia terrena da sala do trono de Deus. Com base na descrição dessas criaturas angelicais em Isaías 6.3 e Apocalipse 22.8,9, o que você pode dizer sobre a posição e a função delas no reino de Deus?
- d. No Antigo Testamento, só o sumo sacerdote podia entrar no Lugar Santíssimo, e só podia fazê-lo uma vez ao ano. Todavia, quando Jesus morreu, o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo, indicando com isso que, por meio da morte de Cristo, temos acesso à própria sala do trono de Deus. Leia Hebreus 9.24-26 e 10.19-22. Relacione todas as coisas que, de acordo com esses versículos, Jesus fez por nós.

- e. No nível prático do dia a dia, o que significa para você o acesso direto ao Grande Sumo Sacerdote, Jesus Cristo (veja, p. ex., Rm 8.26,27)?
- f. Leia 1Coríntios 3.16,17. Quais são as implicações práticas da verdade de que os crentes agora são o templo do Espírito Santo?

¹William G. Dever, "Palaces and temples in Canaan and ancient Israel", in: *Civilizations of the ancient Near East* (New York: Scribners, 1999), 4 vols., 1:608.

²Augustine, *The city of God*, tradução para o inglês por R. W. Dyson (Cambridge: Cambridge University Press, 1998), 22.24 [edições em português: *A cidade de Deus contra os pagãos*, tradução de Oscar Paes Leme, coleção Pensamento Humano (Petrópolis: Vozes, 2012); *A cidade de Deus*, tradução de J. Dias Pereira (Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1991-2011)].

³Jonathan Edwards, *True virtue* (1765), in: John E. Smith, org., *The works of Jonathan Edwards* (New Haven: Yale University Press, 1957-), 8:550-1.

⁴S. J. DeVries, *1 Kings*, Word Biblical Commentary (Waco: Word, 1985), p. 96.

⁵G. H. Jones, *1 and 2 Kings*, New Century Bible Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), 1:169, 2 vols.

⁶E.g., Walter Brueggemann, *1 and 2 Kings*, Smyth and Helwys Bible Commentary (Macon: Smyth and Helwys, 2000), p. 90.

⁷Peter Leithart, *1 and 2 Kings*, Brazos Theological Commentary on the Bible (Grand Rapids: Brazos, 2006), p. 55.

⁸George Herbert, "Sion", in: Robert Atwan; Laurance Wieder, orgs., *Chapters into verse: poetry in English inspired by the Bible* (Oxford: Oxford University Press, 1993), vol 1: *Genesis to Malachi*, 1:235.

⁹Iain W. Provan, *1 and 2 Kings*, New International Biblical Commentary (Peabody: Hendrickson, 1995), p. 67.

UMA CASA MELHOR

... Considerem como os lírios do campo crescem: eles não trabalham nem tecem; no entanto, eu lhes digo que nem mesmo Salomão em toda sua glória se vestiu como um deles. Mas, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje está viva e amanhã é lançada no forno, acaso não vestirá muito melhor vocês, ó pessoas de pequena fé? (Mt 6.28-30).

Tenha a casa certa e você poderá ter uma vida excelente. Essa é a premissa do premiado e divertido *reality show* *Extreme Makeover: Home Edition*.¹ A cada semana é escolhida uma família em dificuldades financeiras com um histórico infeliz para receber uma novíssima residência dos sonhos, construída em apenas uma semana por uma equipe de projetistas e construtores capacitadíssimos. O programa tem tudo o que as pessoas esperam de um *reality show*: um apresentador vibrante, o drama de pais aflitos e crianças com necessidades especiais, o ritmo ágil da equipe que corre para terminar antes do prazo e lágrimas que mexem com todo mundo quando a família avista sua nova casa pela primeira vez.

O sucesso do programa tem mais um motivo: ele atiza o sonho americano por uma bela casa. “Olha só!”, exclamam os espectadores quando veem os reluzentes eletrodomésticos da cozinha, a banheira de hidromassagem no banheiro da suíte ou a cama em forma de carro de corrida no quarto dos meninos. “Você não adoraria morar numa casa dessas?”

Extreme Makeover: Home Edition não é o único programa de televisão que se aproveita desse rico filão de desejos domésticos. Também tem havido outros programas: *Lifestyles of the Rich and Famous* [Estilo de Vida dos Ricos e Famosos],² *MTV Cribs* [Mansões MTV],³ *Trading Spaces*

[Trocando de Lugar],⁴ *Flip this House* [Transforme essa Casa].⁵ Não há limite para o fascínio das pessoas por residências de luxo e melhorias na casa. Até mesmo o programa *This Old House* [Essa Casa Velha], transmitido pela rede de televisão pública, começou a atender a um público de maior poder aquisitivo, passando de reformas simples para o luxo rústico. Todo mundo quer uma bela casa, e, mesmo que não moremos na casa dos nossos sonhos, ainda assim temos aquela emoção de sentir como os abastados vivem.

Sabemos que essa é uma área de perigo espiritual, porque a Bíblia nos ordena não cobiçar a casa do próximo (Êx 20.17). Se Deus nos diz isso, é porque sabe que tendemos a esse tipo específico de cobiça. Então, para aqueles que seguem Jesus, essa é uma área importante de autoexame: “Será que estou vivendo para a glória de Deus no lugar onde vivo? Estou satisfeito com o espaço que Deus providenciou para eu viver? Tenho colocado sob o reinado de Jesus Cristo o meu desejo de uma casa melhor?”.

LAR, DOCE LAR

O Primeiro Livro de Reis descortina uma perspectiva bíblica sobre essas questões ao nos falar sobre a casa de Salomão — não apenas a casa que ele construiu para Deus, mas também sua própria casa. Existem duas casas nessa história: uma para Deus e outra para o rei Salomão.

A história de como Salomão construiu essa casa está inserida dentro da história mais longa de como ele construiu o templo de Jerusalém. Para alguns estudiosos essa inserção é uma digressão, mas o relato parece ocorrer em uma pausa natural do texto bíblico. O texto de 1Reis 5 conta como Salomão se preparou para construir o templo, e, em seguida, o capítulo 6 conta como ele de fato o construiu por dentro e por fora. O restante do capítulo 7 contará como Salomão mobiliou o templo — o que ele colocou dentro —, mas os primeiros doze versículos descrevem rapidamente as demais construções do rei.

Parece que havia cinco construções principais no complexo palaciano, embora alguns dos saguões que a Bíblia menciona possam ter sido parte de estruturas maiores. Três tinham títulos formais: a Casa da Floresta do Líbano (v. 2-5), o Salão das Colunas (v. 6) e o Salão do Trono, ou Sala do

Julgamento (v. 7). Depois há a residência do próprio Salomão e também a casa que construiu para sua esposa egípcia (v. 8).

Como devemos entender essas construções? Qual é, caso haja, seu significado espiritual para o povo de Deus hoje? É possível entender esses projetos de uma maneira positiva. Tal como qualquer outra pessoa, Salomão precisava de um lugar que pudesse chamar de casa, e, visto que era o rei, era justo e bom que vivesse em um palácio. Pela sua própria definição, o lugar onde um rei vive é o palácio. Faz parte da dignidade régia que ele tem por direito divino. Ele não é um cidadão comum, mas detém um cargo público. Portanto, em certo sentido sua casa pertence a toda a nação. O palácio não era só para Salomão, mas também para o reino de Deus.

Também é bom que a casa de Salomão ficasse adjacente à casa de Deus.⁶ O rei escolheu construir sua casa ao lado do templo, fazendo com que a pessoa do rei ficasse próxima da presença de Deus. Existem até mesmo alguns aspectos em que a casa de Salomão se parecia com a casa de Deus. Costuma-se dizer que a imitação é a forma mais sincera de adulação. Com certeza isso era verdade nesse caso, porque, nos materiais e no projeto do palácio, Salomão imitou vários detalhes do templo. À semelhança do templo, o palácio foi feito de pedra e de cedro. Em certos aspectos, ele tinha uma estrutura parecida, com um pórtico fora do saguão central. Por esse motivo, o puritano Matthew Henry observou que o átrio “da própria casa de Salomão era como o do templo; ele gostou tanto do modelo dos átrios de Deus que fez seu próprio átrio de acordo com esse modelo”.⁷ A estreita associação entre as duas casas mostrava que o rei estava sob o governo de Deus, que ele era o filho régio de Deus.

Além disso, Salomão usou vários desses prédios para atender a finalidades oficiais. Com certeza foi o que aconteceu com “... o Salão do Trono, onde devia emitir sentenças, a saber, a Sala do Julgamento, que tinha acabamento de cedro desde o chão até as vigas” (v. 7). A Bíblia não informa as dimensões dessa construção, por isso é difícil ter certeza, mas esse salão ou era um anexo da Casa da Floresta do Líbano ou então era independente. De um modo ou de outro, era usado para vereditos, tal como Salomão havia feito no famoso caso das prostitutas e os dois bebês. Na prática, o Salão do Trono era o prédio da Suprema Corte de Israel.

Administrar justiça ao povo era uma das principais responsabilidades do rei. A julgar por sua oração no salmo 72, Salomão levava esse trabalho a sério. “Dá ao rei a tua justiça, ó Deus...”, ele orou. “... Que ele julgue teu povo com retidão e teus pobres com justiça!” (Sl 72.1,2). Essas orações foram atendidas no Salão do Trono, onde o rei administrava a justiça.

Talvez pudéssemos até mesmo dizer que esse salão era um sinal ou símbolo do juízo final. Salomão construiu um templo que simbolizava a presença de Deus e abria o caminho para a vida eterna. Também construiu um salão de justiça, que simbolizava a justiça de Deus e profetizava o juízo final. De acordo com Salomão, “Um rei sábio examina atentamente os ímpios e faz passar a roda sobre eles” (Pv 20.26), que é uma maneira poética de dizer que ele castigará seus inimigos. Assim será no juízo final, quando Jesus Cristo se assentar em seu trono para administrar justiça e sabiamente declarar o destino eterno de cada pessoa que já existiu. O Salão do Trono nos lembra de que um dia todos iremos a julgamento. Todavia, Jesus pode nos salvar. Se formos sábios, resolveremos nossa situação muito antes de vir o dia do juízo, ao declararmos a cruz como nossa única defesa. Se cremos na crucificação de Jesus Cristo pelos nossos pecados, não seremos condenados, mas teremos vida eterna.

O PERIGO DA DISTRAÇÃO

Parte da glória de Salomão era o esplendor de seu palácio real. Uma vez que Salomão era o rei, era praticamente seu dever viver em uma casa assim tão bela. Isso era também uma bênção da parte de Deus, que havia prometido a Salomão riquezas incomparáveis. Ainda assim, existem alguns perigos espirituais que normalmente acompanham a vida no palácio. Devemos atentar cuidadosamente para duas tentações que Salomão enfrentou, porque elas são também tentações para nós: distração e excentricidade.

O perigo da distração se torna evidente quando pensamos no tempo que custou para Salomão terminar a construção: “Salomão esteve construindo sua própria casa durante treze anos e terminou a construção de toda a casa” (1Rs 7.1). Em outras palavras, levou quase o dobro de tempo para Salomão construir sua própria casa (treze anos) em relação ao tempo que levou para construir a casa de Deus (sete anos). Há de se reconhecer que Salomão

executou esses projetos na ordem certa, fazendo do templo sua prioridade mais alta. Talvez o motivo pelo qual levou tanto tempo para construir a própria casa foi que ela não tinha tanta prioridade, e por isso ele não teve pressa. Porém parece mais provável que levou mais tempo para Salomão construir sua casa porque ela era bem maior.

A Bíblia chama a atenção para esse contraste na transição entre 1Reis 6, que termina dizendo quanto tempo Salomão levou para construir o templo, e 1Reis 7, que começa dizendo quanto tempo ele levou para construir seu palácio. No original hebraico, 1Reis 7.1 começa com a palavra “mas”. Uma tradução mais literal é algo assim: “... ele terminou o templo [...] passou sete anos em sua construção. Mas sua *própria* casa Salomão passou treze anos construindo...”.⁸ Ao fazer esse contraste, é bem possível que a Bíblia esteja levantando uma preocupação quanto às prioridades de Salomão.

Se formos sábios, levantaremos a mesma preocupação quanto a nossas próprias prioridades. O culto a Deus e a construção de seu templo espiritual por meio da igreja devem ser nossos principais objetivos de vida. Fomos feitos para glorificar a Deus. Nós o glorificamos de modo mais direto quando nos reunimos com seu povo e cantamos seu louvor. Também somos chamados a convidar outras pessoas para se juntarem a nós a fim de dar glória a Deus. É por isso que mostramos o amor de Cristo a nossos vizinhos e compartilhamos a boa notícia do evangelho em todo o mundo. Isso é para que mais pessoas venham a fazer parte do templo espiritual de Deus em Jesus Cristo.

No entanto, as preocupações da vida nos distraem com muita facilidade das prioridades mais altas do reino de Deus. Uma das maiores distrações, especialmente para os ricos americanos, é nossa condição de vida. Pense em todo o trabalho que temos para encontrar a casa certa, pagar por ela e escolher a mobília e a decoração. Pense em todo o esforço necessário para mudar de um lugar para outro, arrastando todos os nossos bens conosco. Para as férias da família, a maioria dos americanos leva em média muito mais coisas do que muita gente no mundo nem sequer possui. Pense em todo o tempo que leva para consertar coisas pela casa, para não mencionar qualquer tipo de reforma. E há tudo o que fazemos para manter uma casa em ordem: limpeza e arrumação.

Uma boa casa não é algo ruim em si, tampouco foi errado o rei Salomão viver em um palácio, mas temos de estar alertas para o perigo da distração. Louvemos a Deus porque, pela presença do Espírito Santo, nossos lares podem ser locais de culto a serem usados para todo o tipo de trabalho em prol do reino. Porém, quanto mais temos, mais problemas isso cria. De modo que, em vez de nos aproximar de Deus e nos ajudar a promover seu reino, nossa casa ameaça absorver a atenção que seria melhor dar ao culto e ao serviço de Deus.

A menos que caminhemos na direção da simplificação, o que é difícil fazer enquanto estamos vivendo no “reino das coisas”,⁹ enfrentamos o perigo constante da distração. Muitos pensam que a vida deles seria ótima se tão somente pudessem ter a casa certa. Contudo, as distrações que vêm com uma casa melhor nem sempre são boas para a alma. Em seu profético livro *Gods that fail* [Deuses que falham], Vinoth Ramachandra escreve:

O povo do Ocidente moderno (e a classe média de culturas não ocidentais) tem alimentação melhor, casas melhores e condições melhores de cuidar da própria saúde do que as pessoas de qualquer outra época anterior na história humana. Entretanto, paradoxalmente, tais pessoas também parecem ser a geração mais temerosa, a mais dividida, a mais supersticiosa e a mais entediada na história humana. Todas as invenções da moderna tecnologia que têm diminuído o trabalho humano só têm aumentado o estresse, e a vida moderna se caracteriza pela movimentação impaciente de um lugar para outro, de uma experiência para outra, em um turbilhão frenético de atividade sem sentido.¹⁰

Seria melhor não priorizar tanto uma vida de conforto, mas, sim, o reino de Deus. O Primeiro Livro de Reis adota essa perspectiva na maneira de contar a história de Salomão. A grande ênfase nos capítulos 5 a 8 é a casa que Salomão construiu para Deus. A Bíblia nos dá todos os detalhes da estrutura e do mobiliário do templo, além de um longo relato sobre sua dedicação. A casa do próprio Salomão levou mais tempo para construir, mas recebe bem menos atenção — apenas doze versículos para cinco construções. Mesmo com todo o seu esplendor, o palácio de Salomão recebe apenas uma breve referência. No que diz respeito ao Espírito Santo, isso é tudo o que o palácio merece, pois a casa de Salomão era bem menos importante do que a casa que Salomão construiu para Deus. Ao dar pouca importância ao palácio de Salomão, a Bíblia está mantendo as coisas em sua devida prioridade.¹¹

Quais são as suas prioridades? O lugar onde moramos é menos importante que muitas coisas. É menos importante que aquilo que acontece *dentro* do lugar onde moramos — a maneira de recebermos pessoas em nossa casa e a maneira de tratarmos as pessoas com quem convivemos no dia a dia. Nossa casa é menos importante que nossos relacionamentos com os vizinhos de porta — o amor e o respeito que demonstramos por eles em nome de Jesus Cristo. Nossa casa é menos importante que o culto que prestamos na igreja, que é a família da fé. O salmista louvou a Deus dizendo: “... um dia em teus átrios é melhor que mil em outros lugares...” (Sl 84.10). O lugar onde moramos também é menos importante que a construção que Deus está erguendo em todo o mundo para edificar seu novo templo espiritual em Jesus Cristo. Não se distraia. Mantenha claras as suas prioridades: a casa de Deus é mais importante que sua casa.

O PERIGO DA EXCENTRICIDADE

Enquanto construía seu famoso palácio, Salomão enfrentou um segundo perigo espiritual: o perigo da excentricidade. Conforme já vimos, a riqueza do rei era uma bênção vinda de Deus, como o dinheiro sempre é. Entretanto, quanto mais recursos financeiros temos, mais importante é — e mais difícil pode ser — usá-los para a glória de Deus. Com todos os bens que tinha, Salomão foi tentado a ser excêntrico.

A casa que o rei construiu era admirável. Havia cinco construções no complexo do palácio, algumas bem grandes. Primeiro a Bíblia descreve um prédio enorme de vários andares que era usado para reuniões e que tinha câmaras laterais para guardar dinheiro e armamento:

Ele construiu a Casa da Floresta do Líbano. Tinha cem côvados de comprimento, cinquenta côvados de largura e trinta côvados de altura [aproximadamente 45 metros por 22,5 metros por 13,5 metros] e foi construída sobre quatro fileiras de colunas de cedro, com vigas de cedro em cima das colunas. E era coberta de cedro acima das câmaras que ficavam sobre quarenta e cinco colunas, quinze em cada fileira. Havia esquadrias de janelas em três fileiras, e janela em frente de janela em três níveis. Todas as portas e janelas tinham esquadrias quadradas, e as janelas ficavam em frente uma da outra em três níveis (1Rs 7.2-5; veja também 10.16,17).

A Casa da Floresta do Líbano deve ter sido muito bonita. Tinha fileiras de janelas para inundar o edifício com luz natural e um número tão grande

de colunas de madeira que quase parecia que Salomão havia levado uma floresta para dentro dela.

Depois Salomão “... fez o Salão das Colunas; tinha cinquenta côvados de comprimento e trinta côvados de largura. Na frente havia um pórtico com colunas e na frente das colunas havia uma cobertura ornamental” (1Rs 7.6). Embora por si mesma fosse uma construção independente, é possível que essa colunata também tenha servido de entrada para a Casa da Floresta do Líbano.

Além disso, o rei construiu sua própria residência, bem como os aposentos para sua esposa. Ele não tinha apenas um palácio, mas dois: “Sua própria casa, onde havia de morar, no outro átrio atrás do salão, era de padrão parecido. Salomão também fez uma casa parecida com esse salão para a filha do faraó, a qual ele havia tomado em casamento” (v. 8). Ao que parece, a rainha queria um lugar só para ela. Por causa do número de mulheres que Salomão mais tarde juntou (1Rs 11.3), é possível que os aposentos dela também tenham servido de harém do rei.

Mais tarde a filha do faraó veio a ser uma pedra de tropeço para Salomão, levando-o ao pecado de culto a ídolos. Porém o rei também enfrentou tentações mais imediatas com esse projeto de construção — as tentações que vêm com uma vida de luxo. Suas edificações não eram apenas grandes, mas também cobertas de cedro, que naqueles dias era material de construção de primeiríssima qualidade. Havia enormes colunas e vigas de cedro na Casa da Floresta do Líbano (1Rs 7.2,3). A Sala de Julgamento era revestida de cedro desde o chão até o teto (v. 7). Toda essa belíssima madeira havia sido importada de Tiro a um custo bem alto. De acordo com um comentarista, o projeto todo “cheira a opulência e excessos”.¹²

O Primeiro Livro de Reis não critica Salomão por construir um palácio assim tão bonito. Aliás, o tom dessa passagem parece ser de admiração. Contudo, de fato encontramos nos profetas palavras enérgicas de advertência. Jeremias pronunciou o lamento de Deus contra qualquer rei que diz: “... Construirei para mim uma casa grande com quartos espaçosos em cima...” ou que faz janelas para seu palácio e reveste de cedro o seu interior (Jr 22.14). Então Jeremias fez uma pergunta que poderíamos muito bem fazer acerca de Salomão: “Você pensa que é rei porque tem mais cedro do que os outros?...” (v. 15). Jeremias disse isso tendo em mente uma

preocupação especial com a justiça social. Ele sabia que aquilo que fazia um rei não era um palácio, mas a justiça em favor dos pobres e necessitados. Não que fosse necessariamente errado o rei viver em um palácio, mas, quando você está construindo uma residência luxuosa, é fácil esquecer as pessoas que não têm casa e poderiam receber alguma ajuda.

Por mais dispendioso que o cedro fosse, Salomão também gastou uma fortuna em pedras. Seus palácios reais

... foram feitos de pedras valiosas, cortadas sob medida, serradas com serras, na frente e atrás, desde o alicerce até a cumeeira e desde o lado de fora até o grande átrio. O alicerce era de pedras valiosas, pedras de oito e dez côvados. E em cima havia pedras valiosas, cortadas sob medida, e cedro. O grande átrio tinha três fileiras de pedra inteiramente lavrada e uma fileira de vigas de cedro; assim também era o átrio interior da casa do SENHOR e o vestíbulo da casa (1Rs 7.9-12).

As pedras do palácio de Salomão eram enormes: cerca de 3,5 a 4,5 metros de ponta a ponta. Eram também caríssimas. Apenas para serem extraídas na região montanhosa e transportadas até o alto do monte de Jerusalém, Salomão havia pagado uma fortuna só em custo de mão de obra. Praticamente todas as vezes em que essas pedras são mencionadas, elas são descritas como “valiosas”. Quando o assunto era o palácio do rei, não se economizou em nada.

Conforme observamos anteriormente, ter uma bela casa — ou querer uma casa mais bonita — não é em si mesmo errado, mas é uma área de perigo espiritual, tanto para Salomão quanto para nós. Não é tanto o dinheiro que nós amamos, mas as coisas que o dinheiro pode comprar, e uma das coisas que o dinheiro pode comprar é luxo, especialmente hoje, quando tantas coisas bonitas estão disponíveis tão prontamente. Deus nos tem dado materiais excelentes para usar na construção e reforma de nossa casa. Até mesmo Salomão teria inveja de nossos tampos de granito na cozinha, de nossos utensílios com acabamento de metal escovado e de nossos móveis com madeira da América do Sul. Essas coisas são todas elas parte do mundo que Deus fez e, portanto, são boas em si mesmas, mas elas também têm um preço. Cada vez que decidimos o que comprar ou deixar de comprar, estamos tomando uma decisão que vem do coração. Cuidado com os perigos da entrega aos prazeres!

DÁDIVA GENEROSA

Os americanos normalmente esperam desfrutar de uma melhora progressiva do padrão de vida. Em geral, pressupomos que nossa próxima casa será melhor do que a que temos agora, ou então que teremos condições de melhorar o lugar onde vivemos com o acréscimo de uma sala de estar para a família ou com a reforma da cozinha. Há quem pense até mesmo que os cristãos têm direito a um padrão de vida mais elevado e que, se confiarmos em Deus, ele nos abençoará com maior prosperidade, tal como a pregadora de televisão que declarou: “Quem iria gostar de morar em uma casa onde você se sente infeliz, pobre, quebrado e feio, tendo que se virar de qualquer jeito até chegar ao céu? Creio que Deus quer nos dar coisas boas”.¹³ Deus quer, sim, nos dar coisas boas, mas a melhor coisa que ele quer nos dar é a si mesmo, e às vezes as outras coisas boas que queremos interferem em nosso relacionamento com ele.

À semelhança de qualquer coisa boa na vida, melhorias na casa podem ser feitas para a glória de Deus. Fomos feitos para a eternidade e, enquanto vivermos em um mundo decaído, é mais do que natural querermos coisas que sejam melhores do que são. Mas cuidado com os perigos das expectativas cada vez maiores e da entrega aos prazeres. A menos que estejamos vivendo para o reino de Deus e não para nosso próprio prazer, procurar ascensão social só será uma maneira de adiar nossa insatisfação. Terminaremos como a dona de casa em *The man in the gray flannel suit* [O homem do terno de flanela cinza], que disse ao marido: “Não sei qual é o problema conosco. Nosso trabalho é ótimo [...], e uma porção de gente gostaria de ter uma casa como esta. Não deveríamos estar tão *insatisfeitos* o tempo todo”.¹⁴ Conseguir o que queremos pode nos tornar felizes por pouco tempo, mas logo voltaremos a querer mais, frustrados com nossa situação atual e sonhando com casas e jardins melhores.

Cada decisão que tomamos sobre nosso dinheiro requer sabedoria, oração e discernimento. Deus não nos disse exatamente o quanto devemos gastar com nossa casa (embora às vezes seja tentador querer que ele tivesse dito). Ele deixou que isso e quase todas as outras decisões que tomamos sobre nossa mordomia fossem decididas pela liberdade de nossa consciência. Uma diretriz esclarecedora é o dízimo bíblico, que significa oferecer dez por cento de nossa renda bruta para o reino de Deus. Deus não é ganancioso: se você lhe der dez por cento, ainda sobram noventa para você usar em tudo o

mais de que precisa. Todavia, não se esqueça de que cem por cento do que possuímos pertence a Deus; *tudo* deve ser usado para a sua glória. Também não devemos nos limitar a dez por cento, em especial aqueles dentre nós que são abastados, como é o caso da maioria dos americanos.

Outra maneira de testar nossa autodoação é comparar o quanto gastamos em nossa própria casa com o quanto gastamos edificando a casa de Deus por meio do ministério cristão da igreja. Pegue o valor que você gasta todo mês na prestação ou no aluguel da casa e compare com o quanto você dá para o reino de Deus. A tentação de Salomão foi gastar mais em sua própria casa do que gastou na casa de Deus. Uma vez que enfrentamos a mesma tentação, é bom examinarmos nossas despesas. Se acreditamos que edificar a igreja como o templo eterno de Deus é mais importante do que investir em nossa própria habitação terrena, isso deve ficar evidente na maneira de gastarmos nosso dinheiro.

Deus não opera estritamente com base em proporções ou porcentagens; ele olha para o coração. No entanto, nosso coração está diretamente ligado à nossa conta bancária. O que gastamos sempre reflete nossas verdadeiras prioridades espirituais. Devemos procurar ficar confiantes diante de Deus de que aquilo que gastamos também reflete as verdadeiras prioridades *dele*, o que significa, depois de uma comparação, alinhar nossas despesas com os valores de seu reino. Se estamos gastando mais conosco e sendo mesquinhos com Deus, devemos nos lembrar de quanto custou ao Pai nos dar o Filho e de quanto custou ao Filho dar sua vida por nossos pecados, e então orar para que o Espírito Santo nos dê a graça de dar a Deus mais e mais daquilo que ele merece.

OS LÍRIOS DO CAMPO

Para nos ajudar a evitar os perigos da distração e da excentricidade, Jesus fez uma comparação simples e inesquecível. Ele estava pregando seu famoso Sermão do Monte e incentivando as pessoas a não se preocuparem tanto com suas próprias necessidades diárias, mas buscar primeiro o reino de Deus. "... Considerem como os lírios do campo crescem...", disse Jesus; "... não trabalham, nem tecem; no entanto, eu lhes digo que nem Salomão em toda sua glória se vestiu como um deles" (Mt 6.28,29).

Ao fazer essa comparação, Jesus pressupôs que as pessoas soubessem das glórias do reino de Salomão, inclusive de seu magnífico palácio. O rei Salomão viveu em uma casa dos sonhos, repleta de ouro valioso. Contudo, Jesus não ficou muito impressionado com a riqueza do rei porque ele sabia que mesmo Salomão, apesar de toda a sua glória, não poderia se comparar com o simples esplendor de um único lírio do campo.

De alguma forma os lírios do campo conseguem evitar os perigos que tentaram Salomão e ainda nos tentam. Lírios do campo absolutamente não se distraem. Para construir sua casa, Salomão teve de enviar milhares de lenhadores e lavradores de pedra para as colinas. Quando eles voltaram, levaram mais de uma década para concluir o palácio de Salomão. Em contraste, os lírios do campo absolutamente não trabalham. Não trabalham nem tecem, mas crescem sem nenhum esforço, aquecendo-se sob a luz do sol e sendo regados com a chuva do céu. No entanto, a beleza deles é excepcional — uma das maiores obras-primas de seu Criador. Há mais glória em uma única flor silvestre do que em todos os palácios do rei Salomão.

Jesus quer que apliquemos essa lição, comparando o lírio do campo conosco. Embora trabalhe muito menos, o lírio do campo é mais belo do que nós. É também mais efêmero, que é outra ideia central da comparação. Flores não chegam a viver tanto quanto nós; estão vivas hoje e desaparecem amanhã (Sl 90.10; Mt 6.30). De modo que aqui está uma planta que trabalha menos do que nós e vive menos tempo, mas sem dúvida é mais bonita do que nós. Deus cobriu de glória os lírios do campo.

Se Deus cuida tão bem dos lírios, podemos confiar que ele tomará ainda mais cuidado conosco. É isso que Jesus quer que entendamos. Porque estamos destinados para a eternidade, somos muito mais valiosos para Deus do que todos os lírios do campo. Por conseguinte, não precisamos nos preocupar em conseguir algo para comer ou em ter algo para vestir, muito menos em achar uma casa melhor para viver. Deus sabe do que precisamos. Ele quer que vivamos para o seu reino e, como consequência, deixemos que tudo o mais na vida aconteça no devido tempo. Gastamos tanto tempo com o lugar onde vivemos, preocupando-nos com a questão de onde vamos morar, e gastamos tanto dinheiro melhorando nossa casa, quando aquilo

que realmente precisamos fazer é confiar que Deus providenciará aquilo de que temos real necessidade.

Também podemos confiar em que, quando for o momento certo, Deus nos dará uma casa muitíssimo melhor do que jamais poderíamos imaginar, a maior e mais radical das reformas do mundo. As pessoas que conseguem uma nova casa em *Extreme Makeover: Home Edition* ficam sempre de queixo caído quando veem sua nova casa. Lágrimas escorrem livremente pelo rosto de pessoas que achavam que iriam perder tudo e agora têm a casa dos seus sonhos. Isso nos diz algo importante sobre o coração humano: todos nós temos um profundo anseio de ter um lugar que possamos chamar de lar — o lugar que é exatamente aquilo de que precisamos. O apresentador do programa de televisão acentua ainda mais esse anseio ao escolher um aposento na casa para um projeto especial, como o quarto de uma criança com necessidades especiais. O projeto do quarto leva em conta os interesses da criança e faz adaptações para suas necessidades específicas. Na mansão há um quarto que foi preparado exclusivamente para aquela criança em particular.

Assim será no último de todos os dias, quando Jesus vier em seu reino e nos levar para casa para estar com Deus para sempre. “Na casa de meu Pai há muitos aposentos...”, disse Jesus. “... Se não fosse assim, acaso eu teria lhes dito que vou preparar um lugar para vocês? E, se eu for e lhes preparar um lugar, virei de novo e os tomarei para mim, para que, onde eu estiver, vocês também estejam” (Jo 14.2,3). Logo Jesus virá e nos levará para a casa de seu Pai. Quando lá chegarmos, descobriremos (a alegria das alegrias!) que ele preparou um lugar que é perfeito para nós. De modo que, qualquer que seja o lugar onde estivermos nesse intervalo de tempo, devemos nos lembrar de que ainda não estamos em casa, mas a caminho da melhor de todas as casas.

GUIA DE ESTUDO

Especialistas previram que em 2010 os americanos gastariam 270 bilhões de dólares em melhorias domiciliares. Parece que estamos constantemente buscando melhorar a aparência e a dinâmica funcional de nossas casas, ampliando-as ou comprando novos imóveis. Às vezes tomamos tais decisões

com pouquíssima consideração pela apreciação de Deus. Todavia, a Bíblia demonstra que Deus se importa com o lugar onde vivemos e com a maneira que gastamos nosso dinheiro. Ele deseja que nossas casas atendam a um propósito de ministério. Um dos mais antigos comentários que temos sobre construção de casas foi a construção da casa de Salomão, que aconteceu aproximadamente na mesma época da construção do templo.

1. Se você tivesse dinheiro, que melhoria específica gostaria de promover imediatamente em sua casa?
2. Leia 1Reis 7.1-12. Quais eram as semelhanças entre a casa de Salomão e o templo (descrito em 1Rs 6 e 7.13-51)? Que diferenças você observa?
3. Quais os possíveis motivos para que Salomão se demorasse treze anos na construção de sua casa, mas apenas sete no templo? O que isso talvez comunique sobre as prioridades dele, tanto boas quanto más?
4. Leia Jeremias 22.13-15. Quais são as armadilhas potenciais das extravagâncias domésticas? Que tentações isso pode trazer?
5. Leia Salmos 127.1,2. Você acha que sua casa reflete as prioridades exaltadas nesse salmo? Quais foram suas escolhas para sua casa, com base na mensagem que ela transmite ou nas finalidades de uso (p. ex., uma disposição específica dos móveis em um ambiente, uma peça de mobília, uma obra de arte)?
6. Em geral, você vive satisfeito com suas condições ou está sempre atrás de novidades e melhorias para sua casa, como a compra de mais um

aparelho? O que o ajuda a se sentir satisfeito? O que o deixa menos satisfeito?

7. Em relação a sua moradia, que fatores o distraem daquilo que é verdadeiramente importante na vida? Como sua casa pode ser uma ferramenta para o evangelho, em lugar de uma distração? O que você poderia fazer para manter as prioridades certas nessa área?
8. Como a casa das pessoas reflete as prioridades delas? Você acha que deveria mudar algo no seu padrão de moradia?
9. Quando comparamos o que gastamos em nossa casa e o que gastamos construindo a casa de Deus por meio do ministério do evangelho, concluímos que esses investimentos refletem nossas verdadeiras prioridades. Você está satisfeito com o que os seus gastos dizem sobre aquilo que é verdadeiramente importante para você? Cite algo que gostaria de mudar em sua vida na área da mordomia.
10. Em João 14.2,3, Jesus nos apresenta uma boa perspectiva sobre a vida ao nos lembrar de que este mundo não é nosso verdadeiro lar: “Na casa de meu Pai há muitos aposentos. Se não fosse assim, acaso eu lhes teria dito que vou preparar um lugar para vocês? E, se eu for e lhes preparar um lugar, virei de novo e os tomarei para mim, para que, onde eu estiver, vocês também estejam”. Como essa verdade pode se tornar uma realidade maior em sua vida cotidiana? Que diferença fará na sua maneira de viver quando essa perspectiva estiver firmada em seu coração?

¹No Brasil, esse programa passou na televisão a cabo com o nome *Extreme Makeover: Reconstrução Total*. (N. do T.)

²Programa de televisão transmitido no Brasil com o nome *Ricos e Famosos*. (N. do T.)

³Programa de televisão que consiste em visita às casas e mansões de celebridades. (N. do T.)

⁴Programa de televisão em que duas famílias reformam e decoram um dos ambientes da casa da outra família. (N. do T.)

⁵Programa de televisão que mostra a compra e a reforma de uma casa e o consequente aumento de seu valor. (N. do T.)

⁶Peter Leithart desenvolve esse argumento em *1 and 2 Kings*, Brazos Theological Commentary on the Bible (Grand Rapids: Brazos, 2006), p. 55, 60, 61.

⁷Matthew Henry, *Matthew Henry's complete commentary on the whole Bible* (New York: Fleming Revell, s.d.), vol. 2: *Judges to Job* [edição em português: *Comentário bíblico de Matthew Henry*, tradução de Degmar Ribas Júnior (Rio de Janeiro: CPAD, 2002), vol. 2: *Josué a Ester*].

⁸Iain W. Provan, *1 and 2 Kings*, New International Biblical Commentary (Peabody: Hendrickson, 1995), p. 69.

⁹Mark Buchanan usa essa expressão provocativa em “Trapped in the cult of the next thing”, *Christianity Today* (6 Sep. 1999), disponível em: <http://www.ctlibrary.com/ct/1999/september6/9ta062.html>.

¹⁰Vinoth Ramachandra, *Gods that fail: modern idolatry and Christian mission* (Downers Grove: InterVarsity, 1996), p. 12-3 [edição em português: *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã*, tradução de Milton Azevedo Andrade (São Paulo: ABU Editora, 2000)].

¹¹Dale Ralph Davis destaca essa ideia em *The wisdom and the folly: an exposition of the Book of First Kings* (Fearn: Christian Focus, 2002), p. 71-2.

¹²Walter Brueggemann, *1 and 2 Kings*, Smyth and Helwys Bible Commentary (Macon: Smyth and Helwys, 2000), p. 75.

¹³Joyce Meyer, citada em David Van Biema; Jeff Chu, “Does God want you to be rich?”, *Time* (18 Sep. 2006), p: 52.

¹⁴Sloan Wilson, *The man in the gray flannel suit* (1955), citado no periódico da cidade de Filadélfia *Inquirer Magazine* (20 Sep. 1998): 11.

A ARCA DA ALIANÇA E A GLÓRIA

Então Salomão reuniu os anciãos de Israel e todos os chefes das tribos, os líderes das casas paternas do povo de Israel, perante o rei Solomão em Jerusalém, para fazerem subir da cidade de Davi, que é Sião, a Arca da Aliança do SENHOR (1Rs 8.1).

Sem absolutamente dúvida nenhuma, esse é o mais extraordinário culto de adoração que qualquer um dos israelitas jamais havia presenciado. Aliás, esse talvez tenha sido o culto mais impressionante, excitante e arrepiante que qualquer grupo de pessoas chegou a oferecer ao Deus vivo.

Tente imaginar a cena, conforme descrita em 2Crônicas 5. Durante uma semana inteira a nação toda de Israel havia se reunido ao redor do templo de Deus no alto do monte Sião. Quando a celebração chegou ao seu ponto máximo, o rei Salomão apareceu em toda a sua glória, e, com ele, os líderes de seu povo. Enquanto as pessoas observavam, centenas e milhares de sacerdotes saíam do templo como uma enxurrada. Esses homens haviam se consagrado ao serviço de Deus, ao se lavarem no grande mar de bronze que ficava no Lugar Santo — o mar da purificação — e ao usarem roupas de linho fino. Muitos desses sacerdotes eram cantores no coro dos levitas. Outros tocavam instrumentos. Eles estavam do lado de fora do templo com suas harpas, liras e címbalos, sem mencionar 120 trombetas — essa era a orquestra do Deus vivo.

Bem naquele momento todos esses músicos irromperam em louvor. A uma só voz ofereceram uma melodia de gratidão a Deus. A letra era um famoso refrão de autoria do rei Davi: “... Porque ele é bom, porque seu

amor inabalável dura para sempre...” (2Cr 5.13; Sl 136.1). Enquanto o povo cultuava, a glória desceu para encher o Templo de Salomão com uma santa fumaça.

No centro desse espetacular evento litúrgico estava a única coisa que poderia ser digna de tão grande louvor: a presença viva do Deus vivo. A Arca da Aliança estava chegando em casa, a casa de Deus. Com a arca, o templo se tornaria aquilo que Salomão havia projetado que o templo se tornasse: não apenas uma bela edificação, mas o centro de culto de seu povo, a habitação terrena do Deus vivo e verdadeiro.

DEUS MERECE O LOUVOR DE TODOS

Os mesmos acontecimentos são descritos com um pouco menos de dramaticidade em 1Reis 8. Aqui não lemos nada sobre cantar salmos ou tocar trombetas, mas lemos, isto sim, sobre a arca sagrada da santa aliança de Deus e, por esse motivo, aprendemos sobre o caráter de Deus e sobre o que significa ter um relacionamento com ele pela fé.

O texto de 1Reis 7 termina dizendo que “... toda a obra que o rei Salomão fez na casa do SENHOR foi concluída. Então Salomão levou para dentro as coisas que seu pai, Davi, havia consagrado, a prata, o ouro e os utensílios, e os guardou nos tesouros da casa do SENHOR” (v. 51). De todo o mobiliário que Salomão levou para dentro do templo de Deus, de longe o mais importante era a caixa sagrada que representava a própria presença de Deus. Era chamada de “Arca da Aliança” por seu conteúdo: “Não havia nada na arca, com exceção das duas tábuas de pedra que Moisés colocou ali quando esteve em Horebe, onde o Senhor fez uma aliança com o povo de Israel, quando saiu da terra do Egito” (1Rs 8.9). A mesma aliança com que Moisés desceu do monte (Dt 10.1-5) — com todas as suas promessas e ordens — ainda estava dentro da arca. Isso funcionava como um lembrete permanente do amor de Deus pelo seu povo e da obrigação deste em guardar a santa lei de Deus. Enquanto a arca estivesse em Jerusalém, o Deus da aliança estaria com seu povo da aliança.

Para levar a arca para o templo, Salomão teve primeiro de ir apanhá-la: “Então Salomão reuniu os anciãos de Israel e todos os chefes das tribos, os líderes das casas paternas do povo de Israel, perante o rei Solomão em

Jerusalém, para fazerem subir da cidade de Davi, que é Sião, a Arca da Aliança do SENHOR” (1Rs 8.1). Para entender onde a arca estava e por que estava ali, é esclarecedor conhecer mais sobre sua história. A Arca da Aliança foi feita por Bezalel, que nos dias de Moisés serviu como artesão-mor de Israel (veja Êx 37.1-9). Durante quarenta anos os israelitas transportaram a arca consigo no deserto, enquanto peregrinavam de lugar em lugar. Sempre que acampavam, onde quer que fosse, eles colocavam a arca dentro do tabernáculo, que era a habitação portátil de Deus.

Quando os israelitas finalmente entraram na Terra Prometida, a Arca da Aliança foi à frente (Js 3.14-17). Por fim, eles armaram o tabernáculo em Siló, que por muitos anos foi o lugar onde Israel realizava suas assembleias solenes de culto (Js 18.1). Em algum momento, o tabernáculo foi levado para Gibeão, mas o rei Davi queria que a arca estivesse mais próxima de Jerusalém, de modo que organizou uma imensa procissão para trazê-la à cidade em um carro de boi. Essa foi uma viagem inesquecível porque, em determinado instante, quando os bois tropeçaram, um homem chamado Uzá estendeu a mão para segurar a arca e morreu fulminado. Quando percebeu o quanto a arca era santa e o quanto poderia ser perigosa, Davi decidiu não levá-la de jeito nenhum para Jerusalém, mas deixá-la na casa de Obede-Edom. Todavia, Deus abençoou Obede-Edom, e finalmente o rei decidiu levar a arca até Jerusalém com grande regozijo (2Sm 6.1-15). Assim como a arca havia abençoado a casa de Obede-Edom, da mesma maneira Davi queria que a arca abençoasse sua casa em Jerusalém.

De modo que, quando Salomão construiu seu templo, a Arca da Aliança já estava em Jerusalém. Ela não estava no monte do Templo, mas em algum local mais abaixo no monte, em uma tenda que Davi havia armado para ela (2Sm 6.17; 2Cr 1.4). Aliás, Salomão ofereceu sacrifícios diante da arca na noite em que teve seu famoso sonho e recebeu de Deus o precioso dom de sabedoria.

Agora era hora de levar a arca até o alto do monte. Por isso, o rei Salomão convocou uma assembleia nacional para culto; com essa assembleia aprendemos que nosso Deus merece todo o louvor: “... todos os homens de Israel se reuniram com o rei Salomão por ocasião da festa no mês de etanim, que é o sétimo mês. E todos os anciãos de Israel vieram, e os sacerdotes ergueram a arca. E levaram para cima a arca do SENHOR, a tenda

do encontro e todos os utensílios sagrados que estavam na tenda; os sacerdotes e os levitas os levaram para cima” (1Rs 8.2-4).

A ocasião dessa festa parece ser significativa. Salomão terminou de construir uma casa para Deus no oitavo mês (1Rs 6.38). A arca foi levada para cima no sétimo mês, o que provavelmente significa que o templo foi dedicado pouco antes de ser concluído ou (e isso parece mais provável) só onze meses depois, o que daria tempo suficiente para planejar uma celebração apropriada.¹ Visto que isso aconteceu no sétimo mês do calendário, a celebração foi agendada para coincidir com a Festa dos Tabernáculos.

O simbolismo desse agendamento não deve ter passado despercebido a ninguém em Israel, pois durante a Festa dos Tabernáculos as pessoas moravam em tendas e outros abrigos temporários como uma maneira de lembrar da fidelidade de Deus durante os anos em que peregrinaram pelo deserto. No entanto, agora que os dias de peregrinação tinham ficado para trás e eles tinham um lugar mais permanente para morar, era hora de também Deus ter uma habitação. Embora um tabernáculo fosse adequado para o deserto, era hora de Deus vir para casa e morar com seu povo na terra, conforme havia prometido.

Essa vinda de Deus para casa exigia a presença de todos em Israel, a começar pelo próprio rei. Assim, Salomão reuniu todos os anciãos de Israel — os homens que proporcionavam liderança espiritual para o povo de Deus. Em seguida, convocou os líderes das várias tribos de Israel, bem como os chefes de todas as famílias. Os sacerdotes também estavam ali, e igualmente os levitas, transportando a arca e os utensílios sagrados que eram usados para culto e sacrifício, em conformidade com a lei de Deus (Nm 4).

Aqui observamos um importante princípio de liderança espiritual: certos homens são chamados a liderar o povo no culto a Deus. Hoje essa é uma das responsabilidades dos anciãos na igreja. O primeiro exercício da autoridade espiritual desses anciãos é cumprir seu principal propósito para a vida, a saber, glorificar a Deus e desfrutar da comunhão com ele para sempre. À medida que cultuam a Deus, tanto em particular quanto em público, os anciãos inspiram outras pessoas a também cultuar a Deus. Quando as pessoas veem que os homens a quem respeitam são fascinados

pelo evangelho de Jesus Cristo e são levados ao regozijo na presença do Espírito Santo, elas são atraídas a se juntar a eles no culto a Deus. Embora às vezes vejamos igrejas lideradas em grande parte por mulheres, sem uma forte presença masculina, em geral uma igreja em que os homens cultuam a Deus será cheia de mulheres e crianças. Esse tem sido sempre o plano de Deus no que diz respeito ao louvor de seu povo.

O mesmo acontece na vida da família, na qual os pais são responsáveis perante Deus pelo culto na casa. Quando um homem escuta a voz de Deus falando nas Escrituras e conversa com Deus em oração, ele faz com que seu coração se volte para a eternidade, e, mediante a graça de Deus, seus filhos o acompanharão. Quem tem capacidade de fazer essas coisas, mas, ainda assim, pode vir a negligenciá-las? Mantenha simples o culto doméstico. Leia um trecho bíblico curto depois do jantar. Cante a primeira estrofe de um hino conhecido. Ore com sua esposa e filhos na hora de dormir. Não importa o que mais um homem faça na vida, ele deve liderar pelo exemplo no culto a Deus.

Israel desfrutou esse tipo de liderança sob Salomão com resultados maravilhosos. De acordo com o versículo 2, "... todos os homens de Israel..." se reuniram para o culto a Deus, mas o versículo 5 inclui as mulheres e as crianças: "... toda a congregação de Israel...". Foi tudo como deveria ser, pois Deus merece o louvor de cada pessoa. Ele é o criador de todo o universo e o Senhor de toda a graça. Por conseguinte, todos devem louvá-lo: homens e mulheres, jovens e idosos, ricos e pobres, nativos e estrangeiros — não há nem uma única pessoa que não deva dar louvor a Deus.

Nós também devemos louvá-lo. Na época de Salomão, Deus estava presente na Arca da Aliança; agora está presente conosco na pessoa do seu Filho e no poder do seu Espírito. Jesus disse que, a qualquer momento, quando pelo menos dois ou três se reúnem em seu nome, ele está bem ali com eles (Mt 18.20). Por isso, cada vez que cultuamos, experimentamos algo mais surpreendente do que a Arca da Aliança: a própria presença de Deus!

Essa é uma das razões pelas quais o culto público é uma prioridade para nós: assim como Salomão convocou a nação de Israel até o alto do monte, nós também temos sido convidados a nos encontrar com o Deus vivo. Todos

devem louvá-lo, atendendo à convocação e obedecendo à ordem que recebemos no versículo final do último salmo: “Tudo o que tem fôlego louve ao SENHOR! — Louvem ao SENHOR! (Sl 150.6).

DEUS EXIGE CADA SACRIFÍCIO

O Deus que merece o louvor de cada pessoa exige também cada sacrifício. Vemos isso nas inúmeras ofertas que as pessoas fizeram enquanto a arca subia o monte do Templo: “... o rei Salomão e toda a congregação de Israel que tinha se reunido perante ele estavam diante da arca, sacrificando um número tão grande de ovelhas e bois que era impossível contar” (1Rs 8.5).

Isso faz lembrar algo que aconteceu quando Davi trouxe pela primeira vez a arca até Jerusalém: “Quando aqueles que levavam a arca do SENHOR tinham dado seis passos, ele sacrificava um boi e um animal cevado” (2Sm 6.13). Deve ter sido uma lenta jornada: a cada seis passos os sacerdotes que conduziam a sagrada procissão paravam, colocavam a arca no chão e faziam outro sacrifício cruento. Salomão fez algo parecido. Tenha ou não feito sacrifícios a cada seis passos, ele e seu povo ofereceram um número tão grande de sacrifícios que o povo perdeu a conta. Isso parece estranho em um livro que apresenta tantas contagens, mas Salomão fez mais sacrifícios do que qualquer pessoa conseguiria contar.

Esses sacrifícios foram oferecidos com ações de graças a Deus e, pelo que se presume, também como expiação pelo pecado, o que era mais do que apropriado. As pessoas estavam na presença de Deus, simbolizada pela Arca da Aliança. Para que pessoas sem santidade estivessem na presença de um Deus santo, era necessário que se fizesse expiação pelo pecado delas. Uma vez que não há perdão de pecados sem derramamento de sangue (Hb 9.22), essa expiação tem de ser paga com sangue, nesse caso por meio de animais que substituem o povo de Deus. Esses animais pertenciam a Deus, porque foram feitos por ele, e com sua morte glorificavam seu criador. Somente um Deus infinitamente digno poderia chegar a exigir esse sacrifício tão custoso, mas ele de fato o exigiu. Assim o povo, com reverência e gratidão, ofereceu-lhe inúmeros sacrifícios, pagos com sangue.

Sacrifícios de animais eram especialmente apropriados para serem oferecidos na Arca da Aliança, que servia de lugar onde Israel fazia sua

expição anual pelo pecado. Embora muitas ofertas fossem feitas ao longo do ano — vários sacrifícios pelo pecado e muitos sacrifícios de ação de graças —, uma das ofertas era a mais importante de todas: o sacrifício com sangue que era aspergido sobre a Arca da Aliança. Conforme assinalamos anteriormente, a cada ano, no Dia da Expição, o sumo sacerdote fazia um sacrifício expiatório por todos os pecados do povo de Deus. Ele levava o sangue do sacrifício ao Lugar Santíssimo e o aspergia sobre a tampa de expiação da arca, também conhecida como propiciatório (Lv 16.15,16; Êx 25.17-22). Isso fazia propiciação pelo povo de Deus. Com a propiciação, a culpa do pecado do povo era reconhecida, o preço de sua expiação era pago e a ira de Deus era desviada.

Tudo isso ajudou a preparar o povo de Deus para um Salvador. Os profetas sempre disseram que um dia um Salvador viria para fazer o sacrifício perfeito que Deus exigia por causa do pecado, oferecendo sua vida como uma única expiação por muitos pecadores. Em vez de fazer inúmeros sacrifícios, ele pagaria por todos os nossos pecados em um único dia. Jesus fez esse sacrifício salvífico sobre a cruz. Conforme diz a Escritura: “... ele apareceu de uma vez por todas no final das eras para eliminar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo” (Hb 9.26). Esse é o evangelho de nossa salvação, em que Deus faz o sacrifício que Deus exige. Jesus, o Filho de Deus, ofereceu a si mesmo como expiação por nosso pecado.

No que se refere à nossa salvação, não é necessário nenhum sacrifício adicional. Uma vez que a exigência divina foi plenamente satisfeita por meio da cruz, não há nenhum sacrifício adicional que devemos ou até mesmo que possamos fazer pelos nossos pecados. Tudo o que sobra para retribuir a Deus é a oferta do nosso louvor. Esses sacrifícios da nossa ação de graças devem ser como os sacrifícios de Salomão pela Arca da Aliança: em muito maior quantidade do que alguém consiga contar. Se Deus tem o direito de exigir qualquer sacrifício, então devemos cantar-lhe uma infinidade de hinos de louvor, apresentar-lhe uma infinidade de orações de gratidão, oferecer-lhe uma infinidade de ofertas em dinheiro para o trabalho do reino e servi-lo com uma infinidade de atos de amor e de misericórdia.

Robert Coleman conta uma história que ilustra o tipo de sacrifício que Deus nos convida a fazer a seu serviço. É a história de um garotinho cuja

irmã precisava de uma transfusão de sangue. Ela estava sofrendo da mesma doença à qual o próprio menino havia sobrevivido dois anos antes. O médico explicou que a única chance de recuperação da menina era receber uma transfusão de sangue de alguém que havia vencido a mesma doença. Uma vez que as duas crianças tinham o mesmo tipo raro de sangue, seu irmão era o doador ideal.

— Você daria seu sangue para Maria? — perguntou o médico.

O pequeno João hesitou inicialmente, mas, com o lábio inferior trêmulo, finalmente respondeu:

— Para minha irmã, eu daria com certeza.

Logo as crianças foram levadas até uma enfermaria — Maria, pálida e magra; João, forte e saudável. Nenhum dos dois falou, mas, quando seus olhos se encontraram, João deu um largo sorriso. Seu sorriso desapareceu quando a enfermeira espetou a agulha no braço do menino e ele observou o sangue passar pelo tubo. Quando a experiência dolorosa estava quase acabando, a voz trêmula do pequeno João quebrou o silêncio.

— Doutor — chamou ele —, quando vou morrer?

Só então o médico percebeu o motivo pelo qual o pequeno João havia hesitado e por que seu lábio havia tremido quando concordou em doar seu sangue: ele achava que o médico estava pedindo todo o sangue! Mas, por amor à irmã, estava disposto a doá-lo.²

Algum dia Deus poderá exigir nosso sangue e vida para seu serviço. Se ele exigir, com certeza o merecerá. Afinal, seu Filho deu seu sangue e vida por nós. No entanto, graças a Deus que a maioria dos sacrifícios que ele nos pede para lhe dar são muito menores: nosso amor, nosso culto, nosso tempo, nosso dinheiro, nosso conforto, nossos sonhos e nossos desejos. Devemos dar a Jesus tudo isso e muito mais, até que finalmente percamos a conta de todos os sacrifícios que fizemos para o Salvador, o qual tem dado tudo para nós. Quanto mais damos, mais as idolatrias da ganância, do egoísmo, do prazer e do controle perderão seu poder sobre nosso coração pecaminoso. Talvez por fim cheguemos à condição em que David Livingstone se encontrava no final. Depois de uma vida fazendo sacrifícios muito grandes pelo trabalho do evangelho, o famoso missionário e explorador disse a uma plateia na Universidade de Cambridge: “Nunca fiz um sacrifício. Não devemos falar de ‘sacrifício’, quando nos lembramos do grande sacrifício

realizado por aquele que deixou o trono de seu Pai nas alturas e se deu por nós”.³

DEUS HABITA EM IMPRESSIONANTE SANTIDADE

A Arca da Aliança foi projetada para mostrar que o Deus que merece o louvor de todas as pessoas e exige cada sacrifício habita em impressionante santidade. A santidade da arca era evidente a partir de sua história. Basta considerar as mortes trágicas de Nadabe, Abiú e Uzá (veja Lv 10.1,2; 2Sm 6.6,7) ou as terríveis pragas que atingiram os filisteus quando roubaram a arca e souberam que ela era perigosa demais para se tocar, tão estreitamente associada que estava à santidade de Deus (1Sm 5—6).

De modo que, muito apropriadamente, a Arca da Aliança foi colocada em um lugar santo: “Então os sacerdotes levaram a Arca da Aliança do SENHOR ao seu lugar no santuário interno da casa, no Lugar Santíssimo, sob as asas dos querubins” (1Rs 8.6). Essa câmara sagrada, também conhecida como Santo dos Santos, era feita na forma de um cubo perfeito e coberta de ouro puro. Essa localização mostrava como a arca era santa: ela ficava no santuário interno, o lugar exato onde Deus estabeleceria sua presença terrena.

O Lugar Santíssimo era a sala do trono de Deus — uma cópia terrena do lugar onde Deus governa no céu (Hb 9.24). Aliás, a arca era o trono de Deus ou o estrado para seus pés. Um autor a chama de “o trono transportável de Yahweh”.⁴ Nos livros de Samuel, por exemplo, a Arca da Aliança é descrita como o lugar em que Deus está entronizado (1Sm 4.4; 2Sm 6.2).

De modo mais específico, a Arca da Aliança é o lugar em que Deus “... se assenta entronizado acima dos querubins” (1Cr 13.6; veja também Sl 80.1). Querubins são anjos santos que são constantemente empregados na santa adoração e no culto sagrado de Deus. Nós já os encontramos várias vezes nas descrições dos entalhes no Templo de Salomão (1Rs 6.23-29,35). Aqui os encontramos novamente, apoiados em cima da Arca da Aliança: “Pois os querubins estendiam as asas sobre o lugar da arca, de modo que cobriam a arca e suas varas. E as varas eram tão compridas que as

extremidades eram vistas do Lugar Santo diante do santuário interno; mas não podiam ser vistas de fora. E estão ali até o dia de hoje” (1Rs 8.7,8).

Não fica inteiramente claro exatamente onde essas varas eram posicionadas. É possível que estivessem encostadas no véu que dava acesso ao Lugar Santíssimo; talvez as pontas fossem avistadas de leve nas laterais da cortina. Em todo o caso, as varas acentuavam a sensação de mistério que cercava a arca sagrada. Os sacerdotes que serviam no templo nunca viam a Arca da Aliança, mas podiam ver as varas que eram utilizadas para transportá-la e, desse modo, sabiam que a arca estava ainda ali dentro, envolta em santo mistério.

Os querubins transmitiam ainda mais a sensação da santidade de Deus. Uma vez que querubins serviam de sentinelas da sala do trono de Deus no céu, os querubins no templo simbolizavam a arca como um lugar de entronização. Conforme assinalamos anteriormente, eles também davam testemunho da santidade de Deus. Os anjos que não caíram são totalmente sem pecado e, dessa maneira, são perfeitamente santos em todas as suas ações, pensamentos e palavras. Os querubins dão constantemente testemunho da santidade de Deus. O salmista proclama que Deus “... se assenta entronizado sobre os querubins...” e, em seguida, dá esta ordem: “Exaltem o SENHOR, nosso Deus; adorem-no diante de seu estrado para os pés! Santo ele é!” (Sl 99.1,5).

Sempre que entrarmos na presença de Deus para cultuar, devemos honrá-lo por sua santidade. Devemos separá-lo como o Deus único e incomparável. Devemos reconhecer seu ser de suprema perfeição. Devemos, portanto, nos curvar diante dele como o Deus santo, santo, santo.

Se entendermos que Deus está em toda parte e que Jesus está conosco em qualquer lugar aonde vamos, tudo na vida será inundado de uma sensação da santidade de Deus. O mesmo Deus que é adorado por anjos e habita em majestade impressionante também está vivendo em nós pelo Espírito Santo, tornando nosso coração um espaço sagrado. Por conseguinte, qualquer lugar onde um crente esteja é terra santa — até mesmo lugares de trevas e de pecado. Levamos a glória de Deus conosco aonde quer que vamos. Além disso, cada conversa que temos é uma santa oportunidade que o Espírito Santo pode usar para nos ajudar a dar testemunho do evangelho do Cristo crucificado e ressuscitado. É por isso

que a Bíblia chama cada cristão de “santo”; estamos sempre próximos da presença de um Deus santo.

DEUS DESCE EM GLÓRIA INACESSÍVEL

Isso nos leva ao momento mais impressionante da história de Salomão e da Arca da Aliança: o momento em que Deus desceu em glória inaccessível. Todo o culto havia sido espetacular, com dezenas de trombetas tocando, centenas de sacerdotes cantando em uníssono e milhares de pessoas celebrando a glória da casa de Deus. Entretanto, pouco depois de os sacerdotes levarem a arca para dentro do templo, eles voltaram correndo: “Quando os sacerdotes saíram do Lugar Santo, uma nuvem encheu a casa do SENHOR, de modo que os sacerdotes não conseguiam permanecer ali para ministrar por causa da nuvem, porque a glória do SENHOR havia enchido a casa do SENHOR” (1Rs 8.10,11).

Algo parecido aconteceu quando Moisés armou o tabernáculo pela primeira vez. No momento em que ele terminou de fazer uma casa para Deus, a glória desceu. Conforme lemos no final de Êxodo: “Então a nuvem cobriu a tenda da revelação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo. E Moisés não pôde entrar na tenda do encontro porque a nuvem pousou sobre ela, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo” (Êx 40.34,35).

Assim como foi nos dias de Moisés, aconteceu também nos dias de Salomão: quando Deus entrou pela primeira vez na casa, sua presença era tão gloriosa que os sacerdotes não podiam nem mesmo permanecer ali dentro tempo suficiente para executar seus deveres sacerdotais! Aqui encontramos uma ironia misteriosa, ou talvez um mistério irônico. O templo era o único lugar na terra onde as pessoas podiam ir se encontrar com Deus, por meio do ministério de um sacerdote. No entanto, quando o templo foi finalmente aberto para suas atividades, ninguém conseguiu entrar porque Deus era glorioso demais! O Deus vivo e verdadeiro não pode ser colocado em uma caixa, mesmo uma caixa tão bela quanto o Templo de Salomão.

O que as pessoas viram naquele dia foi uma *teofania*: uma manifestação visível do Deus invisível. Quando Deus aparece ao seu povo no Antigo Testamento, em geral ele o faz sob a forma de uma nuvem gloriosa. Essa foi

a mesma nuvem que Moisés e os filhos de Israel viram quando viajavam através do deserto e novamente quando chegaram ao santo monte de Deus (Êx 13.21,22; 16.10; 19.9; 24.15-17). Era a nuvem escura e gloriosa da presença de Deus — uma representação física de seu ser divino.

Essa nuvem era de longe a coisa mais gloriosa no templo, que, apesar de todo o seu esplendor de ouro, só era glorioso por causa da presença de Deus. Eis como o puritano Matthew Henry descreveu o que o Templo de Salomão seria sem o Deus do templo:

O templo, embora riquissimamente adornado, enquanto estava sem a arca era como um corpo sem alma, ou um castiçal sem vela, ou (para falar mais apropriadamente) uma casa sem morador. Todo o custo e esforço dedicados a essa estrutura grandiosa estão perdidos se Deus não os aceitar; e, a menos que lhe agrade possuí-la como o lugar onde gravará seu nome, ela não passa, afinal de contas, de um montão de escombros.⁵

Poderíamos dizer a mesma coisa sobre a igreja de Jesus Cristo: não somos nada sem o nosso Deus. Isso vale para construções de igrejas. Acaso existe coisa mais trágica do que uma magnífica casa de culto onde Deus não é mais cultuado, onde o evangelho não é mais pregado e onde o Espírito Santo não está mais presente com seu poder salvador e santificador? O mesmo princípio se aplica aos ministérios da igreja. A menos que o Senhor esteja conosco, nenhum dos trabalhos que fazemos na igreja — nenhuma atividade de ensino e pregação, nenhuma atividade de cuidar e compartilhar, nenhuma atividade de misericórdia ou de evangelização e missões — fará qualquer diferença para o reino de Deus. O que seria de um encontro de oração sem a presença de Deus para orientar as pessoas em suas orações? O que seria de uma classe de escola dominical sem a ajuda do Espírito Santo no ensino e na aplicação das Escrituras? O que seria de ministérios de misericórdia sem a presença viva de Cristo na alimentação dos famintos ou na visitação dos presos?

Quando, porém, Deus está na casa, sua Palavra sai com poder e seu Espírito transforma a vida das pessoas de dentro para fora. Que bênção foi para Israel ver a glória do Senhor encher o templo! Foi uma bênção para o rei, porque a nuvem confirmou que Deus de fato condescenderia em abençoar a casa que Salomão havia edificado em seu nome. Foi uma bênção para os sacerdotes, porque mostrou a eles a gloriosa santidade de Deus ao qual foram chamados a servir.

É também uma bênção para nós, porque estamos igualmente na presença do Deus de Salomão. Ele se revelou a nós, em especial na sua Palavra, para que possamos perceber sua glória. Todavia, jamais seremos capazes de dirigir ou controlar Deus. Jamais seremos capazes de mantê-lo em um único lugar e dizer que sabemos tudo o que há para se conhecer a respeito dele. Sempre haverá mistérios gloriosos sobre o caráter de Deus que vão além de nossa compreensão finita. Quanto mais nos encontramos com ele, mais impressionante sua glória parecerá para nós.

Os primeiros discípulos experimentaram essa glória impressionante quando subiram ao monte com Jesus Cristo e "... ele foi transfigurado diante deles, e as roupas dele se tornaram radiantes, extremamente brancas como ninguém na terra conseguiria branqueá-las" (Mc 9.2,3). Os discípulos estavam vendo a glória de Deus na pessoa de Jesus Cristo. Até mesmo viram uma nuvem majestosa, que pairou sobre eles com a glória de Deus. Isso os ajudou a saber que Jesus Cristo é o Deus de toda a glória. Ao mesmo tempo, ela os encheu de santa admiração. Eles sabiam que estavam em solo sagrado, que Jesus era infinitamente glorioso.

Um dia veremos por nós mesmos a plenitude dessa glória, conforme Jesus orou para que vissemos. Veremos Jesus Cristo, vindo para as nações, descendo na nuvem da glória de Deus. Seremos conduzidos à presença gloriosa do seu Deus e nosso Deus. Entraremos no sagrado santuário do céu, que está "... cheio da fumaça que vem da glória de Deus e do seu poder..." (Ap 15.8). Contudo, não veremos nenhum templo ali, pois o templo daquela grande cidade "... é o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro" (Ap 21.22).

Esse é o Deus a quem cultuamos e honramos: o Deus que habita em santidade impressionante e glória inacessível. Esse é também o Deus que somos chamados a servir. A missionária presbiteriana Elizabeth Freeman escreveu acerca desse serviço santo em uma carta a uma de suas sobrinhas. Elizabeth e seu marido, John, foram missionários pioneiros na Índia. Depois de apenas sete anos de serviço prestado ao evangelho, foram capturados em uma revolta muçulmana, obrigados a caminhar até uma área próxima usada para desfiles e mortos ali a tiros a sangue frio. Antes, Elizabeth Freeman havia escrito estas palavras como expressão de sua fé: "Espero que você venha a ser uma missionária onde quer que Deus a queira

e enquanto Deus poupar sua vida; porque, afinal, não faz praticamente nenhuma diferença onde gastaremos esses poucos anos fugazes, se tão somente forem gastos para a glória de Deus. Tenha certeza de que não existe nada mais pelo que vale a pena viver”.⁶ Isso mesmo, não há nada mais pelo que vale a pena viver, exceto a glória do Deus de Salomão, cuja presença santa está conosco aonde quer que vamos.

GUIA DE ESTUDO

Quando entes queridos morrem ou vão embora, às vezes perambulamos pelos lugares por onde eles passavam e sentimos saudades. Sua ausência é sentida mais intensamente nos lugares onde viviam. De alguma maneira, aqueles lugares parecem vazios sem nossos entes queridos preenchendo-os com sua voz, seu cheiro, seu próprio ser. Foi algo assim para Salomão, quando o templo foi concluído. Era um espetáculo para se apreciar, um prédio apropriado para Yahweh. Havia apenas um problema: Deus não estava ali. Salomão precisou levar a Arca da Aliança — que continha o propiciatório, o local onde Deus habitava — e colocá-la em sua casa definitiva no Lugar Santíssimo. Toda a história redentora havia levado a esse momento, quando Deus habitaria com seu povo. A glória de Deus estava prestes a encher o templo.

1. Identifique algo que viu ou uma experiência que teve que você descreveria como *glorioso(a)*. O que lhe vem à mente quando você ouve essa palavra?
2. Leia 1Reis 7.51—8.4. Que detalhes dessa passagem o levam a crer que esse foi um acontecimento importante na história de Israel?
3. Anciãos e sacerdotes foram reunidos para uma tarefa especial: levar a Arca da Aliança para o templo. No Novo Testamento, há ainda mais evidências de que Deus chama certos homens para estar à frente do

culto e da vida da igreja. Leia 1Timóteo 3.1-13. Relacione algumas qualificações dos líderes da igreja. Por que essas qualificações são tão importantes?

4. Maridos e pais cristãos são chamados a ser líderes do culto em seus próprios lares. De que maneiras práticas um homem pode fazer isso? Que barreiras podem impedir os homens de cumprir esse papel que Deus lhes atribuiu?
5. Leia 1Reis 8.5-9. Como o povo de Deus celebrou a vinda da Arca da Aliança ao templo? Ainda que, hoje em dia, nossos cultos girem corretamente em torno de Cristo e não incluam o templo ou a arca, quais princípios podemos extrair dessa passagem sobre como devemos adorar?
6. Leia Levítico 16.15,16. Por que o sacrifício de sangue fazia obrigatoriamente parte do culto no Antigo Testamento? O que ele realizava? O que era incapaz de realizar, isto é, por que, em última instância, era inadequado no cumprimento de seu objetivo?
7. Leia Hebreus 9.11-14,22. Por que já não oferecemos sacrifícios de sangue? A que detalhes do culto no templo o escritor de Hebreus faz alusão como coisas que se cumpriram em Cristo?
8. Cristo foi nosso sacrifício definitivo pelo pecado, mas somos chamados a fazer nossos próprios sacrifícios. Leia Romanos 12.1,2. Quais são os sacrifícios que Deus exige de nós? Existe alguma área específica que você sente que Deus o está chamando a sacrificar bem agora? Quais os

próximos passos que você dará para responder ao estímulo do Espírito Santo nessa área?

9. O que aconteceu quando a glória de Deus encheu o templo em 1Reis 8.10,11? Que atributos de Deus vêm à sua mente enquanto lê essa descrição?
10. John Piper define a glória de Deus como “o brilho de sua santidade, o brilho de suas perfeições múltiplas, infinitamente excelentes e preciosas” e “a revelação de sua excelência infinita”.⁷ Pense nos lugares que você ocupa durante o dia: seu local de trabalho, o carro da família, a mercearia, a igreja... Como você poderia levar uma reverência maior pela santidade de Deus a esses lugares? O que você poderia fazer para “revelar” a excelência de Deus, enquanto cumpre as tarefas do dia a dia? Como você pode incentivar outros a glorificar a Deus (Mt 5.16)?
11. O apóstolo Paulo nos diz que o povo de Deus está sendo edificado em “... um templo santo no Senhor” e em uma “... habitação para Deus pelo Espírito” (Ef 2.21,22). De que maneiras experimentamos agora a presença de Deus a encher os prédios de nossas igrejas, as nossas casas etc.? Que indícios exteriores da glória misteriosa de Deus nós podemos contemplar?

¹Para um resumo esclarecedor sobre as discussões em torno da data em que Salomão dedicou seu templo, veja Paul R. House, *1, 2 Kings*, The New American Commentary (Nashville: Broadman, 1995), p. 137.

²A história é encontrada em Robert Coleman, *Written in blood*, in: Craig Brian Larson, org., *750 engaging illustrations for preachers, teachers, and writers* (Grand Rapids: Baker, 2002), p. 74.

³David Livingstone, em palestra na Universidade de Cambridge (4 Dec. 1857); veja John Piper, *Desiring God: meditations of a Christian hedonist* (Sisters: Multnomah, 2003), p. 243 [edição em

português: *Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã*, tradução de Hans Udo Fuchs (São Paulo: Shedd, 2001)].

⁴Peter Leithart, *1 and 2 Kings*, Brazos Theological Commentary on the Bible (Grand Rapids: Brazos, 2006), p. 67.

⁵Matthew Henry, *Matthew Henry's complete commentary on the whole Bible* (New York: Fleming Revell, s.d.), vol. 2: *Judges to Job* [edição em português: *Comentário bíblico de Matthew Henry*, tradução de Degmar Ribas Júnior (Rio de Janeiro: CPAD, 2002), vol. 2: *Josué a Ester*].

⁶Ruth A. Tucker, *Guardians of the Great Commission: the story of women in modern missions* (Grand Rapids: Zondervan, 1988), p. 27.

⁷Disponível em:
http://www.desiringgod.org/ResourceLibrary/AskPastorJohn/ByTopic/3/4037_What_is_Gods_glory/.

A ESCOLHA DE SALOMÃO

E, quanto a você, se caminhar diante de mim como Davi, seu pai, caminhou, com integridade de coração e retidão, agindo de acordo com tudo o que lhe ordenei e guardando os meus estatutos e as minhas regras, então estabelecerei para sempre seu trono real sobre Israel, conforme prometi a Davi, seu pai, dizendo: “Não lhe faltará homem sobre o trono de Israel” (1Rs 9.4,5).

Existem apenas duas estradas para percorrer — apenas duas veredas para seguir na vida —, e cada um tem de escolher por qual irá. Essa é a premissa do famoso poema de Robert Frost “The road not taken” [A estrada que ficou para trás]. “A partir de um poste de madeira, de cor amarela, duas estradas seguiam em direções diferentes”, Frost escreve, e imediatamente o poeta sabe que terá de fazer uma escolha. Porque ele é um único viajante, não pode viajar pelas duas estradas. Também não é provável que volte a passar por esse caminho. Então ele faz sua escolha decisiva: “Segui pela estrada menos trilhada, e isso fez toda a diferença”.¹

Jesus disse algo parecido sobre estradas e trilhas: “... é fácil o caminho que conduz à destruição, e aqueles que entram por ele são muitos...”. Mas “... o caminho que conduz à vida é difícil, e aqueles que o encontram são poucos” (Mt 7.13,14). De acordo com Jesus, cada um tem de escolher qual vereda seguir, e ir pela estrada menos trilhada faz toda a diferença entre a vida eterna e a destruição eterna.

Alguns cristãos parecem pensar que essa é uma escolha que fazemos apenas uma vez na vida, quando inicialmente decidimos seguir a Cristo. Contudo, na verdade, a cada momento de cada dia nos defrontamos com essa escolha. Será que escolherei o caminho de Deus ou o meu caminho, o seu reino ou o meu reino, seu plano soberano ou minhas prioridades

peçoais? Qual vereda seguirei em como lido com meu trabalho, naquilo que faço com o meu tempo livre e em como trato as pessoas com quem convivo? Por qual caminho irei e qual estrada deixarei de pegar? Em que áreas da vida estou enfrentando a escolha entre o caminho de Deus e o caminho errado?

É UM OU OUTRO CAMINHO

O rei Salomão teve de fazer a escolha no auge de suas realizações: “Assim que Salomão terminou de construir a casa do SENHOR, a casa do rei e tudo o mais que quis construir, o SENHOR apareceu a Salomão uma segunda vez, como lhe havia aparecido em Gibeão” (1Rs 9.1,2).

Quando, no início, Salomão ascendeu ao trono de Israel, Deus havia lhe aparecido em Gibeão e lhe deu uma oportunidade única. O rei poderia pedir qualquer coisa que quisesse, e Deus lhe daria. Sabiamente, Salomão escolheu sabedoria.

Agora era a vez de o rei escolher de novo e, em seguida, continuar escolhendo. Deus apareceu a Salomão em outro sonho, oferecendo-lhe mais uma escolha. A primeira lição que aprendemos com esse encontro marcante é muito simples: *cada um tem de fazer uma escolha na vida, seja a favor de Deus, seja contra ele, e a escolha que fizermos terminará ou em bênção ou em catástrofe.*

Uma das estradas a seguir é o caminho da obediência que leva à bênção. Deus disse a Salomão:

E, quanto a você, se caminhar diante de mim como Davi, seu pai, caminhou, com integridade de coração e retidão, agindo de acordo com tudo o que lhe ordenei e guardando os meus estatutos e as minhas regras, então estabelecerei para sempre seu trono real sobre Israel, conforme prometi a Davi, seu pai, dizendo: “Não lhe faltará homem sobre o trono de Israel” (v. 4,5).

Esses versículos são apresentados na forma condicional. Existem certas condições que Salomão tem de satisfazer. *Se* ele escolher a estrada certa — se ele decidir caminhar com Deus tal como seu pai, Davi —, experimentará a bênção de Deus. Davi estabeleceu o padrão espiritual para todos os reis que vieram depois dele. Não que ele fosse perfeito, é claro. No entanto, foi um homem segundo o coração do próprio Deus (1Sm 13.14), um homem

de integridade espiritual que governou com justiça. Se Salomão escolhesse seguir os passos de seu pai, estaria percorrendo a vereda certa na vida.

As instruções que Deus deu a Salomão são quase idênticas àquelas que o próprio Salomão deu a Israel anteriormente em 1Reis 8.61, quando disse: “Deixem, portanto, que o coração de vocês seja inteiramente fiel ao SENHOR, nosso Deus, andando em seus estatutos e guardando seus mandamentos...”. O que Deus exige é nada menos que plena obediência à sua vontade revelada. Essa é uma questão do coração, não apenas de obediência exterior. O que Deus queria de Salomão — o que ele quer de cada um — é um coração inclinado à piedade. Se Salomão satisfizesse essa condição, a recompensa por caminhar com Deus seria nada menos do que um reino eterno. Deus cumpriria sua promessa feita a Davi de estabelecer a dinastia real de um trono eterno.

O mesmo princípio se aplica a nós: se seguirmos a Deus no caminho da obediência, teremos sua bênção. A obediência em si será uma bênção, enquanto experimentamos a alegria de caminhar com Deus. A virtude é, de fato, sua própria recompensa. Não obstante, a obediência também leva a muitas outras bênçãos. Se trabalharmos da maneira que Deus nos diz para trabalhar, teremos algo para compartilhar com os outros. Se amarmos da maneira que Deus nos diz para amar, seremos capazes de estabelecer relacionamentos fortes que durarão a vida toda. Se alimentarmos os famintos, ajudarmos os doentes e visitarmos pessoas na prisão, desfrutaremos da felicidade de nosso Pai (Mt 25.31-40). Essas e muitas outras bênçãos serão nossas, se formos pela estrada menos trilhada.

Existe, contudo, outro caminho para seguir na vida: o caminho da desobediência, que conduz à destruição. Aqui está como Deus apresentou a escolha ao rei Salomão:

Mas, se você ou seus filhos se desviarem de mim e não guardarem os meus mandamentos e os meus estatutos que coloquei diante de vocês, forem e servirem a outros deuses e os adorarem, então exterminarei Israel da terra que lhe dei, e a casa que consagrei ao meu nome eu a lançarei para longe dos meus olhos, e Israel se tornará um provérbio e motivo de gracejo entre todos os povos. E essa casa se tornará um montão de ruínas... (1Rs 9.6-8).

De novo a construção gramatical é condicional. *Se* Salomão descer pela estrada da desobediência, certas coisas acontecerão, todas elas calamitosas. Essa sóbria advertência tem um propósito gracioso. Deus quer que Salomão

saiba qual é o salário de seu pecado. E não apenas Salomão: seus filhos estão incluídos, os filhos da casa real de Israel. O linguajar muda do singular para o plural, incluindo não apenas o rei, mas também sua nação. Se escolherem o caminho errado, todos sofrerão praticamente as piores consequências que qualquer um deles poderia imaginar, inclusive a perda de tudo aquilo que prezam. O povo será separado da terra que Deus prometeu e do templo que Salomão construiu. Perderá seu direito à Terra Prometida e à condição de membros da casa de Deus.

Talvez, ainda pior, o povo de Deus se torne motivo de chacota para outras nações. As pessoas tratarão Israel com censura e desprezo. “Se vocês não tomarem cuidado”, as mães dirão aos filhos, “terminarão como os israelitas!”. À semelhança de Sodoma e Gomorra, Israel se tornará um exemplo de juízo divino, uma lição viva e permanente do que acontece quando as pessoas se desviam de Deus.

Tudo isso acontecerá se Salomão e o povo de Israel se desviarem para cultuar outros deuses. A Bíblia passa a profetizar o que as pessoas dirão quando virem Israel no fim de sua longa estrada rumo à idolatria:

... Todos os que passarem por ali ficarão admirados, assobiarão e dirão: “Por que o SENHOR agiu assim com essa terra e com essa casa?”. Então dirão: “Porque abandonaram o SENHOR, seu Deus, que trouxe seus pais da terra do Egito, e apegaram-se a outros deuses para adorá-los e servi-los. Por isso o SENHOR trouxe toda essa catástrofe sobre eles” (v. 8,9).

Os israelitas só poderão culpar a si mesmos. A catástrofe que sobrevier será obra do Senhor, como sempre acontece com qualquer catástrofe. Afinal, Deus é soberano sobre tudo o que acontece. Ainda assim, será culpa de Israel. Deus os abandonará porque abandonaram a Deus. Aquilo que começou simplesmente como uma escolha tola de Salomão se tornará uma catástrofe nacional. Então o mundo inteiro saberá que o rei e seu país pecaram por adorarem os ídolos.

Essa é uma advertência graciosa para nós acerca de para onde nossos ídolos nos conduzirão. Escolha a estrada errada na vida, e ela terminará em uma catástrofe tão grande que mesmo pessoas de fora da igreja saberão que você foi na direção errada. Por mais atrativos que outros deuses possam nos parecer — dinheiro e bens materiais, sexo e prazer físico, poder e controle sobre outras pessoas —, eles nos conduzirão à nossa destruição. A estrada para uma vida de engano começa com uma única e pequena mentira. A

estrada para a falência começa com uma única despesa imprudente. A estrada para o vício começa com um único ato tolo de busca de prazer. No entanto, logo nossos pecados serão expostos, sofreremos as consequências de nossas escolhas erradas e as pessoas vão ver o que aconteceu conosco; se não nos arrependermos, pereceremos, pois “... largo é o caminho [...] que conduz à perdição...” (Mt 7.13, KJV).

O SUCESSO DE SALOMÃO NO PASSADO

Eis uma segunda lição a aprender com a escolha de Salomão: *cada um tem uma escolha a fazer na vida, e essa escolha está sempre diante de nós, mesmo que anteriormente tenhamos feito a escolha certa*. Deus não é uma escolha que fazemos apenas uma vez no início da vida cristã, mas cada vez que escolhemos algo. Ainda temos uma escolha a fazer, mesmo que anteriormente tenhamos feito a escolha certa.

O rei Salomão é o exemplo perfeito disso. Até esse ponto de sua vida, ele tinha feito quase todas as escolhas certas. A Bíblia diz que “no fim de vinte anos [...] [Salomão] havia construído as duas casas: a casa do SENHOR e a casa do rei” (1Rs 9.10). Ele tinha escolhido seguir o plano de Deus para o reinado, não se apoderando do trono, mas confiando em que Deus iria exaltá-lo. Como resultado dessa escolha e pelo soberano propósito de Deus, ele se tornou o rei de Israel. Logo no início de seu reinado, Salomão escolheu pedir a Deus sabedoria em vez de riqueza. Como consequência dessa escolha e pela graça imerecida de Deus, foram-lhe concedidas riqueza e fama, e não apenas um intelecto superior. Mais tarde Salomão escolheu construir uma casa para Deus. Como resultado dessa escolha e pela consagração divina, o templo que ele construiu encheu-se da glória de Deus.

Salomão foi um sucesso total, um homem que realizou tudo o que queria na vida e recebeu todo tipo de elogio. Foi o tipo de homem que era o artilheiro do seu time de futebol, casou-se com a jovem mais bonita e popular, transformou um pequeno negócio em uma grande empresa, foi eleito para cargo público e (a propósito) ganhou um prêmio Nobel pela poesia que escreveu em seu tempo livre. Até hoje as pessoas falam de “... Salomão em toda a sua glória...” (Mt 6.29).

Salomão também foi um sucesso espiritual. O Senhor o abençoou em tudo o que ele realizou. Até mesmo honrou o rei como um homem de oração. A oração que Salomão ofereceu quando dedicou o Templo saiu de sua boca e foi diretamente para o ouvido de Deus. De modo que Deus disse a Salomão: "... Ouvi sua oração e sua súplica, que você fez em minha presença. Consagrei essa casa que você construiu, colocando ali o meu nome para sempre. Meus olhos e meu coração estarão ali o tempo todo" (1Rs 9.3). Deus faria o que Salomão pediu. Colocaria seu nome no templo, e então seus olhos e seu coração estariam voltados para aquele local para responder às orações. A intercessão de Salomão duraria para sempre, dando a Israel acesso direto ao trono da graça.

Aí estava um rei que fez mais por Deus do que praticamente qualquer pessoa na história do mundo. Entretanto, mesmo depois de todo o seu sucesso no passado, Salomão ainda tinha de escolher Deus a cada dia e a cada momento de cada dia. Ele não podia simplesmente considerar que seu reinado ungido por Deus estava garantido. Ele não podia simplesmente depender da escolha, feita no início do seu ministério, por sabedoria. Ele não podia depender de uma única oração perfeita apresentada em um único momento de devoção sincera. Ele não podia encontrar segurança espiritual naquilo que fez para Deus no passado, ainda que isso incluísse o templo mais magnífico do mundo.

Salomão ainda tinha de escolher. Se continuasse a caminhar com Deus — se conduzisse a família no culto a Deus, se governasse com justiça, se praticasse a santidade pessoal —, então receberia todas as bênçãos que Deus prometeu como resultado da obediência. Todavia, caso se desviasse de Deus e começasse a descer a estrada da idolatria, estaria sujeito a juízo.

Estamos diante da mesma escolha — a escolha da obediência diária. O que fizemos para Deus ontem não atenderá à exigência que ele coloca diante de nós hoje. Não importa o quão bom foi nosso começo na vida cristã, não importa o quão fiel foi nossa resposta ao chamado de Deus para o serviço, não importa o quão sincera foi nossa busca de Deus em oração, não importa quais têm sido nossas realizações no ministério, a escolha ainda está diante de nós hoje e a cada dia pelo resto da vida.

É claro que isso não significa negar a doutrina da eleição. Nossa escolha de Deus está baseada na escolha que ele fez de nós antes da fundação do

mundo. Desde que verdadeiramente tenhamos ido a Cristo, jamais perderemos nossa salvação. Contudo, a maneira de desenvolvermos nossa salvação, a maneira de termos certeza de nosso chamado e eleição e a maneira de glorificarmos a Deus é seguindo-o hoje, não confiando em algo que fizemos para Deus ontem ou anteontem.

Não há lugar para andar sem rumo na vida cristã. A única maneira de crescer espiritualmente é continuar escolhendo Deus agora, mesmo que já o tenhamos escolhido antes. Escolhemos Deus ao lermos sua Palavra. Escolhemos Deus ao irmos a ele em oração por tudo aquilo de que precisamos. Escolhemos Deus ao nos dedicarmos ao estudo e ao seguirmos seu plano para nossa vocação e carreira. Escolhemos Deus ao ficarmos satisfeitos com o que temos e não lutarmos desesperadamente para ter mais. Também escolhemos Deus ao dizer não ao pecado e sim à santidade. Escolhemos Deus quando dizemos a outras pessoas: “Desculpe-me”, “Eu o perdoo” e “Amo você”. Escolhemos Deus quando o colocamos em primeiro lugar em tudo o que fazemos, inclusive em qualquer área da vida em que sabemos o que ele quer que façamos, mas que estamos tendo dificuldade em fazer.

AS REALIZAÇÕES FUTURAS DE SALOMÃO

A escolha que fazemos a favor de Deus ou contra ele é mais importante do que qualquer outra coisa que alcancemos na vida. Esta é a terceira lição que temos de aprender com a escolha que Deus pôs diante de Salomão e com a maneira que o rei respondeu: *o que mais importa na vida — independentemente de qualquer outra coisa que alcancemos — é escolher a estrada espiritual certa.*

De novo Salomão é o exemplo perfeito (ou devo dizer imperfeito?). Além de mencionar as realizações passadas de Salomão, 1Reis 9 também relaciona suas futuras realizações nas áreas de comércio, política e defesa militar. Ao longo de seu reinado, Salomão fez todas as coisas que reis esperam fazer. No entanto, independentemente do que ele realizou na vida, seu feito mais importante foi sua escolha dia a dia a favor de Deus ou contra ele.

Considere algumas das muitas e notáveis realizações de Salomão. O homem foi um sucesso no comércio internacional:

Hirão, rei de Tiro, havia fornecido a Salomão madeiras de cedro, cipreste e ouro, na quantidade que ele quis; o rei Salomão deu a Hirão vinte cidades na terra da Galileia. Mas, quando Hirão foi de Tiro para ver as cidades que Salomão lhe havia dado, elas não lhe agradaram. Por isso, ele disse: “Que cidades são essas que você me deu, meu irmão?”. De maneira que elas são chamadas de terra de Cabul até o dia de hoje. Hirão havia enviado 120 talentos de ouro ao rei (v. 11-14).

Esses versículos descrevem a continuação de uma antiga aliança entre Tiro e Israel. O rei Hirão não ficou nada satisfeito com o negócio que Salomão fez com ele, mas, ao que parece, não estava em posição de reagir, pois acabou enviando a Salomão uma enorme quantidade de ouro (cerca de quatro toneladas). Dessa maneira, Salomão aumentou sua riqueza fabulosa, exatamente como Deus havia prometido, e o fez às custas de Hirão.

Salomão também foi um sucesso em concluir grandes projetos de construção. O rei tinha uma paixão por construir, e, além do templo e do palácio, sua impressionante força de trabalho ergueu extensas fortificações militares:

E este é o relato sobre a equipe de trabalhos forçados que o rei Salomão arregimentou para construir a casa do SENHOR, sua própria casa, o Milo, o muro de Jerusalém, Hazor, Megido, Gezer (o faraó, o rei do Egito, havia subido e capturado Gezer, e a havia incendiado, e havia matado os cananeus que moravam na cidade, presenteando a esposa de Salomão, sua filha, com ela, como dote; de modo que Salomão reconstruiu Gezer), Bete-Horom Baixa, Baalate, Tamar, no deserto, na terra de Judá, e todas as cidades-armazém que Salomão tinha, além de cidades para seus carros e cidades para seus cavaleiros, e tudo quanto Salomão quis construir em Jerusalém, no Líbano e em toda a terra de seu domínio (v. 15-19).

Salomão construiu cidades, muros e palácios ao longo da estrada que vai da Mesopotâmia até o Egito, conforme a Bíblia testifica e conforme podemos comprovar a partir de registros arqueológicos.² O rei conseguiu construir tudo aquilo que desejou.

Além de toda sua riqueza e poder militar, Salomão também tinha poder sobre seu povo. Milhares de seus trabalhadores vieram de outras nações: “Todo o povo que sobrou dos amorreus, dos heteus, dos perizeus, dos heveus e dos jebuseus, que não eram do povo de Israel — os descendentes deles que sobraram depois deles na terra, os quais os filhos de Israel não puderam dedicar à destruição —, esses Salomão recrutou para serem escravos, e eles o são até o dia de hoje” (v. 20,21). Outros trabalhadores

eram israelitas, que não trabalhavam como escravos, mas como servos do rei: “Mas do povo de Israel Salomão não fez escravos. Eles foram os soldados; foram seus funcionários, seus comandantes, seus capitães, seus comandantes de carros e seus cavaleiros. Estas foram as principais autoridades que supervisionavam as obras de Salomão: 550 homens que estavam encarregados do povo que executava as obras” (v. 22,23).

Salomão também tinha uma linda esposa, que era bem tratada, tendo um palácio só para ela: “... a filha do faraó subiu da cidade de Davi para sua própria casa, que Salomão havia construído para ela...” (v. 24). Salomão também construiu “o Milo” para ela, que é bem possível que tenha sido um lindo terraço.³

E tem mais. O rei também tinha uma marinha real, que lhe permitiu estabelecer lucrativas parcerias de transporte marítimo que lhe proporcionaram ainda mais ouro: “O rei Salomão fez uma frota de navios em Ezion-Geber, que fica perto de Elote, nas margens do mar Vermelho, na terra de Edom. E Hirão enviou seus servos junto com aquela frota, marinheiros que conheciam o mar, juntamente com os servos de Salomão. E eles foram a Ofir e de lá trouxeram ouro, 420 talentos, e o trouxeram ao rei Salomão” (v. 26-28).

Em resumo, Salomão tinha tudo o que um rei poderia querer da vida: dinheiro, propriedades, bens, servos e lindas mulheres. Era o seu reino, e ele estava vivendo nesse reino com muito mais coisas do que qualquer outra pessoa no mundo. No entanto, a cada dia ele ainda tinha de fazer sua escolha espiritual. Não importa o quão bem-sucedido ele era — não importa quanto dinheiro ou quanto poder tinha sobre outras pessoas —, Salomão ainda tinha de escolher estar do lado de Deus ou contra ele. Será que ele agradecia a Deus por todo o seu dinheiro e, então, o colocava a serviço da obra do reino? Será que exercia seu poder para servir aos pobres e proteger os fracos? Será que ficava cada vez mais orgulhoso do que havia feito ou será que dava toda a glória a Deus?

Quanto mais possuímos daquilo que este mundo tem a oferecer, mais fácil é pensar que estamos no caminho certo, ainda que estejamos descendo sem rumo pela estrada que leva à idolatria. O que realmente conta na vida não é sucesso acadêmico, conquistas no esporte, uma conta bancária maior, chegar ao topo da nossa profissão nem nos orgulhar de nossa família, mas a

escolha espiritual que fazemos no coração de estar do lado de Deus ou contra ele.

Essa verdade é uma advertência para pessoas que alcançaram grande sucesso (pelo menos da maneira que o mundo define sucesso). Podemos conseguir tudo o que queremos da vida, mas ainda acabar perdendo, se escolhermos nossa própria estrada e não a estrada de Deus. Dale Ralph Davis expressa muito bem: “Alguém pode ter uma carreira totalmente bem-sucedida como rei (ou na área financeira, profissional, ministerial) e ainda assim acabar totalmente arruinado, a menos que considere o primeiro mandamento o seu sublime chamado”.⁴ Em outras palavras, a menos que coloquemos Deus em primeiro lugar em tudo, estamos rumando para nossa própria destruição. Nosso amor por bens terrenos nos encherá de ganância; nosso desejo de prazer sexual nos conduzirá a relacionamentos arriscados; nossa ambição de nos destacar fará com que pisemos em cima das necessidades e dos direitos dos outros. Se é assim que estamos nos direcionando na vida, estamos fadados ao fracasso. Precisamos escolher outra direção e seguir pela estrada que não havíamos pegado — a estrada da fé em Jesus Cristo. Como diz a Escritura: “Cuidado, irmãos, para que jamais haja em qualquer um de vocês um coração mau e incrédulo, que os afaste do Deus vivo” (Hb 3.12).

Essa verdade é também um consolo em cada fracasso. Não importa o quanto as coisas tenham ido mal, talvez até mesmo como resultado de nosso próprio pecado, ainda assim temos a chance de escolher Deus. Escolhemos Deus ao nos arrepender totalmente de todas as coisas erradas que temos feito. Escolhemos Deus ao confiar que ele sabe o que está fazendo, mesmo quando não nos parece assim. Escolhemos Deus ao crer que ele nos proporcionará tudo de que precisamos. Escolhemos Deus ao perseverar em meio à mais sombria tribulação, sabendo que, enquanto caminharmos com ele, ele permanecerá conosco até o fim da estrada.

O QUE JESUS ESCOLHEU

Você fará a escolha certa na vida? Você escolherá o caminho largo e fácil que leva à destruição ou escolherá o caminho estreito que para a maioria das pessoas é “a estrada que elas não pegaram”? Não importa o que temos feito

para Deus ou quão bem-sucedidos somos na vida; a verdadeira questão é se escolheremos Deus hoje, amanhã e a cada dia do restante de nossa vida.

Para ver o que está em jogo nessa escolha, precisamos apenas considerar o que aconteceu com o rei Salomão. Alguns estudiosos são totalmente críticos daquilo que Salomão faz em 1Reis 9. Eles destacam a maneira que ele tira vantagem de Hirão, seu uso de mão de obra escrava, seus casamentos com mulheres estrangeiras, o fato de ter negociado áreas da Terra Prometida e seu exército cada vez maior como indícios de sua futura apostasia.⁵

É bem possível que haja algum fundamento nessas críticas. No entanto, aí também Salomão é elogiado por sua piedade. A Escritura diz: “Três vezes ao ano Salomão costumava oferecer holocaustos e ofertas pacíficas sobre o altar que construiu para o SENHOR, nele fazendo ofertas perante o SENHOR. Assim ele concluiu a casa” (v. 25). Sem dúvida esse versículo se refere à Páscoa, ao Pentecostes e à Festa dos Tabernáculos como as três festas que Salomão celebrava anualmente em Jerusalém. Esses eram os principais dias santificados em que o rei cumpria suas obrigações religiosas.

Talvez isso fosse apenas para salvar as aparências — uma exibição pública de religião civil, como alguns candidatos políticos são conhecidos por fazer na época das eleições. Contudo, o fato é que Salomão fazia os devidos sacrifícios no devido tempo. Ele escolheu Deus no templo, cumprindo toda a justiça.

O problema é que Salomão não terminou tão bem quanto havia começado, conforme descobriremos quando chegarmos ao capítulo 11 e lermos sobre sua falência espiritual. O “se” no início de 1Reis 9.6 acabou sendo um “quando”. Salomão não permaneceu na estrada certa, mas escolheu ir em outra direção. De modo que, mesmo enquanto registra os esplendores da era salomônica, a Bíblia está preparando o palco para mostrar como até mesmo a maior das glórias terrenas se perdem quando as pessoas param de escolher o único e verdadeiro Deus.

Como podemos evitar a loucura de Salomão e continuar escolhendo Deus? Seria bom pensar que faremos a escolha certa na vida e continuaremos a fazê-la, mas isso requer mais do que boas intenções. Nem todo mundo faz a escolha certa na vida. De fato, nem todos conseguem. Aliás, em certo sentido, ninguém absolutamente consegue.

Foi essa a lição que Israel aprendeu nos últimos dias de Josué e depois. A escolha que Deus deu a Salomão é parecida com a escolha que Josué deu ao povo de Israel antes de morrer. Naquele dia, Josué desafiou os israelitas a escolher a qual deus serviriam. Eles escolheram sabiamente, dizendo: “... nós também serviremos ao SENHOR, porque ele é o nosso Deus” (Js 24.18).

Foi um início promissor. Entretanto, Josué acreditava na doutrina do pecado e, dessa forma, respondeu com um choque de realidade. “... vocês não são capazes de servir ao SENHOR...”, ele disse, “... porque ele é um Deus santo...” (v. 19). Josué quis dizer que pecadores são incapazes de fazer todas as escolhas certas na vida. De modo que, mesmo que comecemos com a melhor das intenções, sem a graça de Deus ainda acabaremos na estrada para a destruição.

A advertência de Josué acabou sendo a história de vida de Salomão. Também pode ser a história de nossa vida: nem sempre escolhemos Deus, mas com frequência vamos na direção errada, a saber, rumo à nossa própria destruição.

Louvemos a Deus porque temos um Salvador que sempre fez a escolha certa na vida, seguindo até a cruz pela estrada menos trilhada. Jesus teve de fazer a mesma escolha que temos de fazer. Sempre houve duas estradas diante dele, forçando-o a escolher entre estar a favor ou contra a vontade de Deus. Ele teve de fazer a escolha quando era garotinho e precisou aprender a obediência. Ele teve de fazê-la de novo quando foi atacado pelo Diabo no deserto, enfrentando todas as tentações do inferno. Teve de fazê-la quando esteve sozinho com seu Pai no jardim, cogitando se poderia haver alguma alternativa para a crucificação.

Jesus escolheu Deus. Ele escolheu Deus em cada momento de cada dia, mesmo quando isso lhe custou a vida. Por ser a única pessoa que sempre escolheu Deus — o tempo todo, todas as vezes —, foi capaz de fazer expiação perfeita pelos nossos pecados. Agora Jesus é capaz de nos levar pela estrada toda até a salvação. Ele próprio é a estrada para Deus, o caminho para a vida eterna. Se confiarmos nele, suas escolhas acertadas são como se fossem nossas, mesmo quando fazemos a escolha errada. E, quando a escolha surge de novo para nós, conforme surge a cada dia; quando estamos lutando arduamente para escolher Deus, Jesus está ali para nos manter na estrada menos trilhada — a estrada que conduz à vida.

No início da década de 1990, a pergunta “O que Jesus faria?” vinha inscrita em pulseiras, *outdoors* e até mesmo lancheiras. Muitos cristãos fizeram uso dela como uma ajuda para a escolha certa em cada aspecto da vida. Alguns defenderam que o movimento se tornou demasiadamente comercial ou caracterizava Jesus como quase nada além de um bom exemplo moral, mas no coração do modismo “O que Jesus faria?” havia uma verdade profunda. A cada momento, temos a escolha entre o caminho de Deus ou o nosso próprio caminho. A salvação acontece uma única vez, mas é vivenciada — ou não vivenciada — nas decisões diárias da vida. Deus apresentou a Salomão a mesma escolha que Moisés apresentou aos israelitas em Deuteronômio 11.26-28, uma série de declarações condicionais: se vocês obedecerem, haverá bênçãos; se desobedecerem, haverá maldições. Essa é a mesma escolha que temos a cada dia de nossas vidas, em decisões tanto pequenas quanto grandes, desde escolher um emprego ou um cônjuge até escolher como reagir a uma pequena frustração na fila do caixa do supermercado.

1. Nas escolhas entre o caminho de Deus e o caminho errado, a que encruzilhadas você chegou? O que você escolheu e qual foi o resultado? Que pequenas decisões você tomou na semana passada que sentiu ter sido uma escolha entre o caminho de Deus e o caminho errado?
2. Leia 1Reis 9.1-9. Na decisão que Deus coloca diante de Salomão, vemos a escolha que cada um de nós tem diante de si a cada dia: o caminho de Deus ou o nosso próprio caminho. Que bênçãos Deus prometeu caso Salomão escolhesse o caminho de Deus? Que bênçãos você viu se seguirem como resultado de obediência em sua própria vida?
3. O que Deus prometeu que aconteceria caso Salomão escolhesse a desobediência (v. 6-9)?

4. Quais os resultados da desobediência no mundo de hoje? Você acha que são castigos ou apenas consequências naturais? Qual é a diferença?
5. Em Filipenses 2.12,13, Paulo diz aos crentes: "... desenvolvam sua própria salvação com temor e tremor, pois é Deus quem opera em vocês tanto o querer quanto o trabalhar, pela sua boa vontade". Apesar de ser difícil de entender o pleno sentido desses versículos, eles deixam bem claro que nossa salvação é tanto algo que Deus opera em nós quanto algo que desenvolvemos. Que escolhas Salomão foi chamado a fazer enquanto desenvolvia sua salvação? Que escolhas somos chamados a fazer? De que maneiras seguir Jesus é uma decisão que acontece uma única vez e de que maneiras é uma escolha diária, tais como as que Salomão enfrentou?
6. Leia João 10.27-29. Que promessa Jesus faz nesses versículos? Como essa promessa afetou sua vida nos momentos em que você tomou decisões erradas?
7. Leia 1Reis 9.10-28. Com base no texto, que decisão você acha que Salomão tomou? Defenda sua resposta com versículos específicos do texto.
8. Que medidas Salomão tomou que o puseram em posição de escolher a obediência? Que escolhas Salomão fez que poderiam tê-lo tentado a desobedecer a Deus?
9. Já que escolher o caminho de Deus é uma decisão diária, até mesmo minuto a minuto, como você pode continuar fazendo a escolha certa?

Pense em uma situação que você enfrenta com frequência em que tem de fazer uma escolha. Que passos práticos você pode dar para garantir que escolherá a obediência?

10. Por mais que tentemos escolher com sabedoria, em nossa fraqueza e pecado às vezes tomamos a decisão errada. O que devemos fazer quando isso acontece? Enquanto você reflete sobre as escolhas pecaminosas que fez recentemente, use o salmo 51 como um guia para arrependimento.

¹Robert Frost, “The road not taken”, in: Idem, *Mountain interval* (New York: Henry Holt, 1921).

²Veja Dale Ralph Davis, *The wisdom and the folly: an exposition of the Book of First Kings* (Fearn: Christian Focus, 2002), p. 98; Donald J. Wiseman, *1 and 2 Kings: an introduction and commentary*, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester: Inter-Varsity, 1993), p. 126-7 [edição em português: *1 e 2 Reis: Introdução e comentário*, tradução de Emirson Justino; Vicente de Paula dos Santos; James Reis (São Paulo: Vida Nova, 2006)].

³R. D. Patterson; H. J. Austel, *1 and 2 Kings*, Expositor’s Bible Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1988), 4:97.

⁴Davis, *The wisdom and the folly*, p. 101.

⁵Veja, e.g., Walter Brueggemann, *1 and 2 Kings*, Smyth and Helwys Bible Commentary (Macon: Smyth and Helwys, 2000), p. 128; e J. Gray, *1 and 2 Kings: a commentary*, 2. ed., Old Testament Library (Philadelphia: Westminster, 1970), p. 223-4.

SALOMÃO E A RAINHA DE SABÁ

Ora, quando a rainha de Sabá ouviu da fama de Salomão no que diz respeito ao nome do SENHOR, veio prová-lo com perguntas difíceis (1Rs 10.1).

Essa viagem continua sendo uma das mais famosas da história, um impressionante encontro entre o Oriente e o Ocidente. No ano de 1271, o jovem Marco Polo acompanhou o pai e o tio quando partiram de Veneza, seguiram pela Rota da Seda até a China e finalmente chegaram ao palácio de Kublai Khan, chefe do Império Mongol.

Marco Polo permaneceu por mais de uma década viajando por todo o Oriente em missões diplomáticas a serviço do Grande Khan. Quando ele finalmente voltou para a Itália, escreveu o livro que imortalizou sua viagem: *As viagens de Marco Polo*. Marco Polo tinha muitas histórias incríveis para contar sobre os lugares até onde foi e sobre as pessoas que encontrou ao longo do caminho, mas houve gente que duvidou de que essas histórias fossem de fato verdadeiras. Quase ninguém da Europa havia chegado a viajar até a China, e é claro que não havia como descobrir a verdade sobre coisas que nunca ninguém tinha visto.

De acordo com uma tradição, Marco Polo deu uma demonstração pública para convencer as pessoas de que suas histórias eram verdadeiras. Convidou os líderes de Veneza para jantar. Para receber seus hóspedes, estava vestido com a roupa simples de um camponês chinês. Porém, assim que todos chegaram, ele abriu os bolsos para mostrar centenas de rubis e

outras joias. Ele sabia que as pessoas não acreditariam em um reino distante até que por si mesmas vissem as riquezas desse reino.

A rainha de Sabá teve perspectiva semelhante. Também tinha ouvido falar das glórias de um reino distante, mas tinha dificuldade em crer que tudo o que tinha ouvido era verdadeiro. Então decidiu ver por si mesma, atravessando o Oriente Médio para visitar Jerusalém, uma viagem que levou a um dos mais famosos encontros diplomáticos na história das relações internacionais. Isso é muito mais do que uma simples questão de interesse histórico: é algo com profundas implicações espirituais, porque, de acordo com Jesus, Salomão e a rainha de Sabá podem nos ensinar o caminho para a vida eterna.

VEJA COM OS PRÓPRIOS OLHOS

Salomão e a rainha de Sabá não poderiam ser mais contrastantes. Uma árabe encontra um israelita; uma mulher curiosa visita um homem sábio e rico. O encontro foi repleto de intriga diplomática. Embora visitas de chefes de estado sejam mais comuns hoje em dia, naqueles dias era raro um monarca reinante fazer pessoalmente uma viagem dessas. Normalmente alguém como a rainha de Sabá teria enviado emissários até a corte de Salomão. Em vez disso, ela viajou cerca de dois mil quilômetros pelo deserto para encontrar-se pessoalmente com o homem.

É claro que o rei Salomão é mais famoso hoje em dia, mas por si mesma a rainha de Sabá era uma pessoa importante. Havia grandeza em torno dela — uma grandeza que Handel, em seu oratório *Salomão*, expressou magnificamente na triunfal “Chegada da rainha de Sabá”. Como monarca reinante, a rainha estava acompanhada de um enorme cortejo. Também era muito rica. A Bíblia diz que ela “... veio a Jerusalém com uma grande comitiva, com camelos carregados de especiarias, muito ouro e pedras preciosas...” (1Rs 10.2). Mais adiante na história ouviremos a respeito de todo o ouro, as especiarias e as pedras preciosas que ela ofereceu como presente para Salomão, particularmente as especiarias (v. 10). A rainha de Sabá foi uma das mulheres mais poderosas e influentes do mundo.

Contudo, a verdadeira fonte da grandeza da mulher era sua curiosidade intelectual. Não era simplesmente o que ela possuía que a tornava

importante, mas o que ela queria saber: “Ora, quando a rainha de Sabá ouviu da fama de Salomão no que diz respeito ao nome do SENHOR, veio prová-lo com perguntas difíceis. [...] E, quando veio até Salomão, ela lhe disse tudo o que estava em sua mente” (v. 1,2).

A reputação de Salomão como homem sábio era bem merecida, pois, conforme já observamos, tinha-lhe sido concedido o dom de sabedoria incomparável. Pela bênção de Deus, quando se tornou rei de Israel, Salomão recebeu “... sabedoria e entendimento sem medida, e uma largueza de mente como a areia da praia” (1Rs 4.29). Pessoas vindas de todo o mundo queriam ouvir o que o rei Salomão tinha a dizer sobre quase tudo.

A rainha de Sabá estava curiosa acerca de Salomão. Tinha ouvido falar da lendária sabedoria do rei e queria ver por si mesma. A bem da verdade, ela não acreditava muito nas informações que havia recebido. Tinha o tipo mais saudável de ceticismo: apesar de não acreditar em tudo o que ouvia, estava sempre aberta a crer na verdade. De modo que testou o conhecimento de Salomão, talvez apresentando enigmas do tipo mencionado em Provérbios 1.6 ou então descrevendo problemas difíceis para ver como ele iria resolvê-los. De acordo com estudiosos da Bíblia, “esses testes de sagacidade em questões práticas e de sensibilidade poética faziam parte dos encontros diplomáticos da época”.¹

A rainha de Sabá fez a Salomão as perguntas mais difíceis que ela conhecia porque queria um conhecimento pessoal desses assuntos. A mulher tinha o tipo de curiosidade que mais tarde veríamos em Marcela, uma das mães da igreja primitiva. Marcela era amiga chegada do grande erudito bíblico Jerônimo, que elogiou o grande desejo dela de saber o que a Bíblia de fato dizia. De acordo com Jerônimo, Marcela nunca participava de nenhum estudo bíblico ou culto “sem perguntar algo sobre a Escritura, nem aceitava de imediato como satisfatória a minha explicação, mas levantava perguntas a partir da perspectiva contrária, não para provocar controvérsia, mas para que, ao perguntar, pudesse aprender”. Em seguida Jerônimo disse: “o que quer que tivéssemos concluído como resultado de bastante estudo e de longa meditação [...], isso ela experimentava, isso ela aprendia, isso ela absorvia”.²

O mesmo poderia ser dito da rainha de Sabá: ela perguntava a fim de compreender. Quando Salomão terminou de responder a todas as suas perguntas, ela pôde declarar que ele conhecia a verdade. Ela disse ao rei: “... Era verdade a informação que ouvi na minha terra acerca de suas palavras e de sua sabedoria, mas eu não acreditava nas informações até que vim e vi com meus próprios olhos...” (1Rs 10.6,7).

Mais cedo ou mais tarde, quem segue o exemplo da rainha aprenderá a verdade sobre Jesus, da mesma maneira que ela aprendeu a verdade sobre Salomão. Se formos sábios, seremos curiosos o suficiente para obter respostas para todas as perguntas fundamentais: Por que existe algo em lugar de nada? Existe Deus? Se existir, qual é o significado da minha existência? Deus não fica intimidado com essas perguntas duras e difíceis nem é incapaz de respondê-las. No entanto, temos de ter o tipo certo de ceticismo — não o tipo que se recusa absolutamente a crer em alguma coisa, mas o tipo que está comprometido apenas com aquilo que é realmente verdade.

A Bíblia diz que Jesus Cristo é o Rei de todos os reis. Será que você virá e verá por si mesmo que o que ele diz é realmente verdade? A rainha de Sabá viajou dois mil quilômetros para descobrir se Salomão era tudo aquilo que as pessoas diziam que era. O que você está disposto a fazer para descobrir a verdade sobre Jesus? Se é para revelar algo, as informações sobre ele são ainda mais notáveis. A Bíblia diz que ele é o Filho de Deus e o Salvador do mundo. De acordo com a boa notícia de seu evangelho, Jesus morreu na cruz para pagar os pecados de todo aquele que nele crê, ressuscitando dos mortos para dar vida eterna. Se isso é verdade, então é a coisa mais importante que já aconteceu. Se não temos certeza se isso é verdade, pelo menos devemos ser curiosos o suficiente para descobrir!

Muitos cétricos, homens e mulheres, chegaram até Deus com todos os difíceis enigmas da vida e, para sua alegria, descobriram por si mesmos que “... Jesus [...] é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1Jo 5.20). Há muitos bons exemplos dessas descobertas na Bíblia. Pense em Jó, que tinha páginas e páginas de perguntas espirituais, até que ele próprio finalmente encontrou Deus. Então teve de dizer: “Eu te conhecia de ouvir falar, mas agora meu olho te vê; portanto, eu me desprezo e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42.5,6). Ou considere Tomé, o discípulo cético, que inicialmente se recusou

a crer que Jesus havia voltado da sepultura. Tomé disse que não creia até que pudesse ver as próprias feridas que Jesus havia sofrido quando foi pregado na cruz. Por mais cético que fosse, Tomé ainda estava aberto à verdade; dessa maneira, quando ele mesmo viu Jesus, estava pronto para dizer: “... Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20.28).

Existem também, na história da igreja, muitos bons exemplos de descobertas espirituais. Um exemplo notável de tempos recentes é Lee Strobel, o premiado jornalista que escreveu *The case for Christ*.³ Strobel sempre tinha suposto que “Deus era meramente um produto de pensamento ilusório, da mitologia antiga, de superstição primitiva”. Também tinha suposto que todos os dados disponíveis mostravam que Jesus foi apenas um ser humano comum. Então, para sua consternação, a esposa de Strobel se tornou cristã. A mudança na vida dela foi tão extraordinária que ele decidiu fazer uma investigação exaustiva dos fatos em torno do cristianismo. Pondo de lado seus antigos preconceitos, examinou os dados a partir de uma nova perspectiva. Leu livros, fez perguntas, entrevistou especialistas, estudou história, explorou arqueologia e, o mais importante, estudou a Bíblia versículo por versículo. Quando terminou, Strobel teve de admitir o impensável: Jesus Cristo é o Deus Salvador.

Qualquer pessoa que esteja disposta a examinar Jesus a sério descobrirá que ele é tudo o que proclamam acerca dele e muito mais. A melhor maneira de fazer um bom exame de Jesus é ler o que a Bíblia diz sobre ele, em especial nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Esses livros foram escritos “... para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida em seu nome” (Jo 20.31). Os Evangelhos bíblicos apresentam relatos de testemunhas oculares, isto é, de pessoas que não só ouviram falar de Jesus, mas também o viram e tocaram. Leia os Evangelhos para ver a vida de Jesus — as coisas que ele disse e fez. Estude sua morte — o sofrimento que suportou ao morrer na cruz, bem como tudo o que a Bíblia diz sobre o significado dessa crucificação. Considere também sua ressurreição — seu retorno triunfal da sepultura.

Ler os Evangelhos é ouvir notícias de um reino longínquo. É também ver Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo, o único Salvador do pecado. Quem quer que nele confie estará pronto para dar o mesmo testemunho a respeito de Jesus que a rainha de Sabá deu a respeito de Salomão: “... eu

não acreditava nas informações até que vim e vi com meus próprios olhos. E eis que não me contaram a metade...” (1Rs 10.7).

HONRE A SABEDORIA DO REI, UMA SABEDORIA DE TIRAR O FÔLEGO

A rainha de Sabá é um exemplo maravilhoso a ser seguido de alguém que vem a confiar em Cristo. Ela passou da incredulidade (ou descrença) para a fé no reino de Deus. Ao mesmo tempo, ela também nos mostra como reagir ao rei desse reino. Tenha em mente que Salomão é um “tipo” de Cristo. Em outras palavras, Salomão revela o padrão da salvação que mais tarde Deus providenciou em Cristo. Por conseguinte, na história de Salomão e da rainha de Sabá vemos como se deve reagir a Jesus: honrando sua sabedoria de tirar o fôlego, adorando sua régia majestade e oferecendo-lhe tesouros valiosos.

Se sabedoria é aquilo que a rainha de Sabá estava procurando, sabedoria é exatamente o que ela encontrou. Primeiro ela testou a perspicácia intelectual, teológica e filosófica de Salomão. O que quer que ela perguntasse, o rei era capaz de responder: “E Salomão respondeu a todas as suas perguntas; não houve nada oculto ao rei que ele não conseguisse explicar para ela” (1Rs 10.3). Perguntas que eram difíceis para outros eram fáceis para Salomão. Com seu dom divino de sabedoria, ele sabia todas as respostas. É assim que o poeta Robert Browning descreveu a resposta do rei à rainha: “Ela o testa com perguntas difíceis: antes de ela chegar à metade da pergunta / Ele, sorridente, apresenta o final; sem dificuldade soluciona enigma após enigma”.⁴

Podemos testemunhar a sabedoria de Salomão ainda hoje ao contemplarmos seus famosos provérbios, ao lermos suas cartas de amor em Cântico dos Cânticos ou ao estudarmos sua filosofia no livro de Eclesiastes. A rainha de Sabá testemunhou a sabedoria de Salomão posta em prática no governo de seu reino em várias áreas: arquitetura, gastronomia, moda, culto e administração. Depois de fazer sua visita de chefe de estado à refinada corte do rei, depois de ver o seu elegante palácio e de jantar em sua suntuosa mesa, ela ficou totalmente sem palavras: “Depois de a rainha de Sabá ter visto toda a sabedoria de Salomão, a casa que ele havia construído, a comida de sua mesa, a área onde seus oficiais se assentavam e as funções e

as vestimentas de seus servos, e seus copeiros, e seus holocaustos que ele oferecia na casa do SENHOR, ela ficou sem fôlego” (v. 4,5).

A rainha de Sabá ficou impressionada com o que viu. Ainda que fosse uma grande rainha, reconheceu que estava na presença de alguém superior. Salomão tirou-lhe o fôlego. Ele era um rei muito mais sábio do que ela jamais imaginara. Inicialmente ela não acreditou muito nas informações sobre ele, mas agora percebia que aquelas informações não lhe faziam justiça. “... E eis que”, concluiu ela, tentando respirar, “não me contaram nem a metade. Sua sabedoria e prosperidade vão muito além da informação que ouvi” (v. 7). Assim, a rainha de Sabá honrou a sabedoria do rei Salomão, uma sabedoria de tirar o fôlego.

Ela ficou tão impressionada que não pôde deixar de invejar os súditos leais de Salomão: “Felizes são seus homens! Felizes são seus servos, que continuamente estão em sua presença e ouvem sua sabedoria!” (v. 8). A rainha de Sabá reconheceu que Salomão tinha sabedoria não apenas para benefício pessoal, mas para a bênção de seu povo, o qual tinha o maior prazer no serviço de seu admirável rei.

Nossa honra e nossa alegria em Jesus Cristo devem ser ainda maiores. Pois, por mais sábio que Salomão fosse, ele não sabia nem mesmo metade do que Jesus sabe. E o que Jesus sabe é de tirar o fôlego! A Bíblia diz que em Jesus “... estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2.3). Não há nada a ser conhecido que Cristo já não saiba. Ele é totalmente onisciente; sua sabedoria é infinita; ele é “... o único Deus sábio...” (1Tm 1.17, KJV).

Na condição de Deus criador (veja Cl 1.16), Jesus Cristo sabe tudo o que há para saber sobre a criação, desde a menor partícula subatômica que ainda tem de ser descoberta pela ciência até o maior buraco negro no espaço sideral. Jesus tem conhecimento total do universo físico. Considere sua sabedoria de tirar o fôlego em colocar a terra exatamente onde está: perto o suficiente do sol para nos dar luz e calor, mas não tão perto a ponto de sermos completamente queimados. Ou considere sua compreensão absoluta de cada ser vivo. Apenas para dar um exemplo, certa vez tive o privilégio de ver o elefante-da-savana macho no Safári Noturno, em Singapura — um animal imenso ao luar, com suas duas presas enormes. Sendo o Filho de Deus, Jesus fez esse animal magnífico. Ele sabe tudo sobre a vida desse

animal, desde as imensas unhas de suas patas até as dobras da pele de suas orelhas gigantes.

Porém, isso não é tudo. Considere a sabedoria de tirar o fôlego que Jesus demonstrou em tudo o que chegou a ensinar. Pense em todas as suas parábolas enigmáticas, repletas de sentido, tais como a do Bom Samaritano ou a do Filho Pródigo. Pense em seu ensino provocador no Sermão do Monte ou em suas palavras sensatas acerca do futuro no Sermão Profético. Pense, por exemplo, naquilo que Jesus disse sobre o ódio equivaler, na realidade, a assassinato, ou sobre fazer aos outros aquilo que gostaríamos que fizessem a nós, ou sobre a diferença total entre servir a Deus e servir ao dinheiro. Cada palavra proferida por ele está cheia de sabedoria divina.

Considere, em seguida, o que Jesus fez pela nossa salvação — a sabedoria da sua obra salvadora. Vendo que somos incapazes de nos salvar, ele sabiamente veio fazer tudo o que tinha de ser feito para nos salvar: viver a vida perfeita que jamais conseguiríamos viver, oferecer sua própria vida como um sacrifício infinitamente precioso por nossos pecados, ressuscitar para dar vida a todo aquele que nele confia. Então, em vez de nos deixar entregues à própria sorte para encontrarmos nosso caminho de volta a Deus, Jesus sabiamente nos enviou o Espírito Santo para nos dar vida espiritual nova.

Considere também a sabedoria que Jesus tem exibido na igreja. Assim como a rainha de Sabá admirou a beleza do templo de Salomão, a comida da mesa de Salomão e as roupas dos servos de Salomão, nós também podemos admirar a beleza do templo que Deus está construindo pelo seu Espírito, o alimento sacramental que comemos na mesa régia da ceia do Senhor e os mantos de justiça que ele dá a todos os seus servos. As realidades físicas do reino de Salomão nos dirigem para as realidades espirituais do reino de Deus.

Jesus é, em todos os sentidos, mais sábio do que Salomão. Sua sabedoria na criação e na redenção deveria ser suficiente para nos deixar sem fôlego. Como deveríamos estar alegres por servir a esse Rei que sabe todas as coisas e por ouvir suas palavras de sabedoria! Honramos sua sabedoria ao louvá-lo por tudo o que vemos na criação. Honramos sua sabedoria ao ouvir e, em seguida, ao fazer o que ele diz. Honramos sua sabedoria ao confiar em seu plano de salvação, crendo totalmente na cruz e no túmulo vazio.

Também honramos a sabedoria de Deus ao confiar naquilo que ele está fazendo agora mesmo em nossa vida. Às vezes é fácil pensar que, ao cuidar de nossos assuntos, Deus poderia ou deveria fazer um pouco melhor do que está fazendo. Quando consideramos nossa situação familiar, nossa situação no emprego ou nossa situação financeira, podemos ser tentados a pensar que conhecemos alguma maneira mais sábia de ele dirigir nossa vida. Isso também é de tirar o fôlego — uma arrogância de tirar o fôlego. Se Jesus Cristo é o Deus da criação e da salvação que sabe todas as coisas, nós honramos sua sabedoria ao confiar plenamente em seu plano para nossa vida. Como somos tão mais felizes quando aprendemos a crer na sabedoria de nosso Rei sem duvidar, sem nos queixar ou sem tentar antecipar sua vontade.

ADORE A MAJESTADE RÉGIA DO REI

Assim que recuperou o fôlego, a rainha de Sabá tinha algo a dizer. Foi esta a sua resposta de louvor: “Bendito seja o SENHOR, seu Deus, que tem tido prazer em você e o colocou no trono de Israel! Porque o SENHOR amou Israel para sempre, por isso o fez rei, para que você execute a justiça e a retidão” (1Rs 10.9).

Dessa maneira, a rainha de Sabá cultuou a majestade régia do rei. Ela se regozijou com o governante do reino de Deus e, ao regozijar-se, cultuou a majestade régia do próprio Deus — o Rei de todos os reis. A rainha reconheceu que Salomão era um presente de Deus para seu povo — um presente de seu amor eterno. Ao colocar Salomão no trono, Deus estava estabelecendo a justiça e a retidão em Israel. Deus fez isso porque amava seu povo e também porque amava Salomão. Salomão era o rei em quem Deus tinha prazer, bem como a prova do amor de Deus pelo seu povo.

Pelo seu bom exemplo, a rainha de Sabá nos atrai para os profundos mistérios do culto a Deus. Tudo o que ela disse acerca de Salomão é algo que podemos dizer com ainda maior ênfase acerca de Jesus Cristo como o Rei do reino eterno de Deus. Por mais que Deus tivesse prazer em Salomão, ele tem ainda maior prazer em seu Filho eterno. Conforme ouvimos muitas vezes o Pai dizer nos Evangelhos, ele tem “muita satisfação” em seu Filho (veja Mt 3.17; 17.5). Aliás, ele tem uma satisfação tão grande

que deu a Jesus o trono eterno do universo. Deus agiu assim porque nos ama e porque quer estabelecer sua justiça e retidão na terra. Ele nos deu Cristo para ser nosso rei, para nos governar e nos proteger. De maneira que cultuamos sua régia majestade, dizendo: “Bendito seja o Senhor, seu Deus, que tem tido prazer em você e o colocou no trono do céu!”. Ao declarar isso, cultuamos tanto o Pai quanto o Filho, que é a prova do amor de nosso Pai.

O que torna o culto da rainha especialmente significativo é que ela veio de Sabá, que estava fora da comunidade da aliança. Ela não pertencia à família de Israel, mas veio da Península Arábica, provavelmente de algum lugar próximo de onde fica o país hoje conhecido como Iêmen.⁵ Esse fato aumenta a importância do culto prestado por ela. A rainha de Sabá foi, entre os gentios, uma das primeiras pessoas a adorar o Rei do reino de Deus, conforme tipificado no rei Salomão.

Isso tornou a rainha de Sabá um dos primeiros cumprimentos das antigas profecias de que Deus abençoaria todas as nações com sua graça salvadora. As promessas de Deus estavam se tornando realidade para as nações. A origem étnica da rainha também foi uma resposta às orações de Salomão. No salmo 72, quando fez seus pedidos a Deus para que abençoasse seu régio reino, o rei Salomão pediu explicitamente que tribos do deserto se inclinassem diante dele, que reis se prostrassem a seus pés e que todas as nações o chamassem de bem-aventurado (v. 9,11,17). Mais tarde, em sua oração de dedicação do templo, Salomão orou para que “... todos os povos da terra soubessem que o SENHOR é Deus...” (1Rs 8.60). Com a chegada da rainha de Sabá, suas orações estavam se tornando realidade.

Testemunhamos uma resposta ainda maior às orações de Salomão no culto a Jesus Cristo por todo o mundo. Quando Cristo nasceu, homens sábios vieram do Oriente, anunciando que estavam ali para cultuar Sua Majestade, o Rei (Mt 2.1,2). Eles também eram da realeza e, à semelhança da rainha de Sabá, simbolizavam as nações que viriam a Cristo. Na condição de Rei de todos os reis, Jesus agora merece e recebe o culto e o louvor de todas as nações. Ele não é o Rei somente dos judeus, mas também dos árabes, dos asiáticos, dos africanos e dos americanos. Jesus Cristo é o salvador do mundo.

É por isso que a rainha de Sabá é tão importante e é por isso que sua viagem até Jerusalém é uma das mais importantes visitas de chefe de estado na história do mundo. Sua Majestade, a rainha de Sabá, é um sinal evangélico que aponta para o culto de Jesus Cristo no mundo inteiro. Já no Antigo Testamento vemos o plano de Deus para que todas as nações e todos os povos o adorem. A fama internacional de Salomão antecipa o poder de atração de Jesus Cristo, o alcance mundial do seu reino. Quando cultuamos Jesus em sua régia majestade — não importando quem sejamos e qual seja nossa proveniência —, cumprimos o propósito de Deus para o mundo.

DÊ SEUS TESOUROS DE OURO AO REI

Uma última coisa que podemos fazer pelo nosso Rei é dar-lhe nossos tesouros de ouro. A rainha de Sabá fez mais do que simplesmente impressionar-se na presença da sabedoria superior de Salomão ou dizer-lhe palavras de louvor; ela também fez algo mais tangível: “Então ela deu ao rei 120 talentos de ouro e uma grande quantidade de especiarias e pedras preciosas. Nunca mais veio tanta abundância de especiarias como essas que a rainha de Sabá deu ao rei Salomão” (1Rs 10.10).

Nem ela foi a única a trazer coisas, pois “... a frota de Hirão, que trouxe ouro de Ofir, trouxe dali uma grande quantidade de madeira de sândalo e de pedras preciosas. E com a madeira de sândalo o rei fez suportes de madeira para a casa do SENHOR e para a casa do rei e também fez liras e harpas para os cantores. Até hoje não chegou nem se viu tanta madeira de sândalo” (v. 11,12).

Essa foi também uma resposta às orações de Salomão. Não era apenas o culto das nações que ele desejava, mas também a dádiva do tributo delas. De modo que orou: “Que os reis de Tárzis e das regiões costeiras lhe rendam tributo. [...] Que ele receba ouro de Sabá!...” (Sl 72.10-15). Em resposta a essas orações, o rei de Tiro e a rainha de Sabá vieram com todo o tipo de pedras preciosas, com belíssimas madeiras para a construção do templo e para a fabricação de instrumentos musicais, com especiarias valiosas dos famosos centros comerciais árabes e com um grande tesouro de ouro, apropriado para um rei. É claro que os tesouros de Salomão já

estavam repletos de ouro, mas ele foi um rei tão poderoso que era digno de ainda mais tributos.

Esses presentes extravagantes voltam a nos lembrar aquilo que os profetas disseram sobre o Salvador — profecias sobre a vinda de Cristo. Isaías disse:

As nações virão até a tua luz,
e reis, até o esplendor da tua aurora. [...]
Uma multidão de camelos te cobrirá,
os camelos novos de Midiã e Efá;
todos aqueles de Sabá virão.
Trarão ouro e incenso
e trarão boa notícia, os louvores do SENHOR (Is 60.3,6).

Essa foi uma das muitas promessas específicas cumpridas com o nascimento de Jesus Cristo. Os sábios do Oriente vieram fazer algo mais do que cultuar o rei recém-nascido. Também trouxeram presentes de incenso e ouro — a riqueza própria dos reis, a qual Deus havia prometido que viria em camelos procedentes do oriente. Essa foi a promessa sobre as nações: que elas trariam seus tesouros ao Rei.

Jesus Cristo é digno de todos os nossos tesouros de ouro e de tudo o mais que possamos lhe oferecer. É claro que qualquer coisa que lhe oferecermos jamais poderá aumentar o saldo bancário dele, como se precisasse de alguma coisa de nós. Quem é que chegou a dar algo para Deus? Tudo o que temos é dele e por meio dele (Rm 11.35,36). Não obstante, o que quer que tenhamos é também *para* ele; portanto, ele é digno de nossa riqueza. De modo que levamos a ele nossos tesouros de ouro, dando dinheiro ao Rei para o trabalho de seu reino. Sustentamos o ministério de sua Palavra, o culto de sua igreja e a proclamação de sua graça às nações. Fazemos isso porque Jesus Cristo é majestosamente digno de receber nosso tributo e porque o trabalho do seu reino glorioso é o melhor investimento que é possível fazer.

RECEBA A BÊNÇÃO RÉGIA DO REI

Toda essa história de tesouros de ouro pode suscitar a ideia de que ser cristão custa muito caro. É possível que alguns tenham dito a mesma coisa sobre a rainha de Sabá, pois ela ofertou, de sua fortuna pessoal, grandes

presentes a Salomão. No entanto, por fim ficou comprovado que isso foi para seu benefício pessoal, porque, em troca, ela recebeu uma bênção do rei.

Isso já era verdade por ocasião de sua visita: “O rei Salomão deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou, tudo aquilo que ela pediu, além daquilo que ela recebeu pela generosidade do rei Salomão. Então ela se foi e voltou com seus servos para sua própria terra” (1Rs 10.13). Salomão deu à rainha tudo o que ela quis — não apenas sua sabedoria, mas também sua riqueza. Ele a despediu com a bênção generosa de seu reino.

Uma bênção ainda maior a aguarda, no último de todos os dias, quando Jesus Cristo receber seu reino eterno. Então a rainha de Sabá receberá a bênção da vida eterna. Sabemos disso porque Jesus declarou explicitamente que ela estaria presente no juízo final, junto com os justos. Jesus disse isso às pessoas da sua própria geração que queriam que ele lhes desse algum tipo de sinal para provar que era o Cristo. Eles estavam se perguntando se valia a pena seguir Jesus. Ele lhes disse: “A rainha do Sul se levantará por ocasião do juízo junto com os homens desta geração e os condenará, porque ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e eis que alguém maior do que Salomão está aqui” (Lc 11.31).

Aqui há uma comparação e também uma advertência. O rei Jesus é maior — infinitamente maior — do que o rei Salomão. Assim como Salomão deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou, da mesma maneira Jesus prometeu nos dar tudo o que pedirmos com fé. Mas é claro que Jesus tem muito mais para dar. Em sua sabedoria perfeita e por sua riqueza infinita, ele pode nos dar todas as bênçãos do céu. Devemos, portanto, ir até Jesus da maneira que a rainha de Sabá foi até Salomão. Diríamos acerca de Jesus o que a rainha de Sabá disse quando se encontrou com Salomão: “Bendito seja o SENHOR!”... (1Rs 10.9). Até mesmo o rei Salomão era digno de algum reconhecimento. A rainha de Sabá demonstrou isso, ao viajar mais de 1.600 quilômetros para honrar a sabedoria de Salomão e dar-lhe o ouro que ela possuía. Se Salomão foi digno de receber tudo isso, então Jesus é digno de ainda mais — mais honra, mais culto, mais tesouros.

Se não dermos a Jesus tanto quanto ele merece, a rainha de Sabá nos condenará por ocasião do juízo final. Mas o que mais ela poderia fazer? Ela deu plena honra a Salomão, que não foi sequer metade daquilo que Jesus é como rei. Assim sendo, como poderia fazer qualquer outra coisa que não

condenar alguém que se recusa a honrar a sabedoria de Jesus Cristo, ou cultuar sua majestade, ou dar-lhe o ouro que ele merece?

Você verá a rainha de Sabá no juízo final. O que ela dirá sobre você? E o que Jesus dirá, pois você também o verá? Quem quer que se recuse a reconhecer Cristo como rei será condenado. No entanto, quem quer que procure sinceramente Jesus e o honre como rei receberá todas as suas bênçãos para sempre.

GUIA DE ESTUDO

Em *O mágico de Oz*, Dorothy e seus amigos ficam decepcionados quando descobrem que o grande Oz não passa de um homem comum atrás de uma cortina. Eles tinham sido levados a crer que ele era a resposta para todos os problemas deles, mas logo viram com os próprios olhos que ele não era tudo aquilo que diziam. Muitas vezes a vida é assim. Ouvimos grandes coisas a respeito de alguém, mas ficamos decepcionados quando o conhecemos e descobrimos que é apenas um ser humano falho, tal como nós. Porém, houve alguém que superou sua grande reputação: o rei Salomão. A rainha de Sabá foi levada a acreditar que o rei Salomão era irreal. Afirmava-se que ele era o homem mais sábio e mais rico da época, e ela não podia acreditar muito nisso. De modo que ela partiu para ver com os próprios olhos e descobriu que ele era ainda maior do que os rumores a seu respeito.

1. Pense na sua infância e descreva dois tipos de situação: quando você não acreditou em algo que lhe contaram até que viu com os próprios olhos e quando acreditou no que lhe contaram só para descobrir que havia sido enganado.
2. Para quais perguntas você tem diligentemente procurado respostas? Como você consegue respostas para suas perguntas mais prementes?

3. Leia 1Reis 10.1-13. Que palavras você usaria para descrever a rainha de Sabá?
4. Qual era a pergunta da rainha e de que modo ela obteve a resposta (v. 1-3)?
5. A que conclusões a rainha de Sabá chegou? Como agiu diante dessas conclusões (v. 4-12)?
6. Leia Salmos 72.10,11,15. Encontre em 1Reis 10.1-13 versículos que ilustrem respostas específicas às orações de Salomão nesse salmo.
7. Se a sabedoria de Salomão levou a rainha de Sabá a honrá-lo e a lhe oferecer grandes presentes, quanto mais a sabedoria de Deus deve nos levar a cultuá-lo! De que maneiras práticas podemos imitar a resposta da rainha de Sabá a Salomão em nossa resposta a Cristo?
8. A rainha de Sabá honrou Salomão de modo apropriado à excelência e posição dele. Se queremos cultuar a Deus de maneira apropriada à sua excelência e posição, é útil examinar as instruções específicas da Escritura sobre que tipo de culto presta honra e que tipo não presta honra a Deus. Em Isaías 29.13,14, Deus relaciona queixas específicas sobre o culto dos israelitas. O que havia de errado no culto deles? Quais são as consequências do culto falso?
9. Leia Romanos 12.1,2. Que tipo de culto Deus deseja? Que benefícios nos são prometidos, caso cultuemos a Deus dessa maneira?

10. É possível cultuar a Deus corretamente, mesmo que você esteja se debatendo com perguntas sobre seu caráter ou cuidado? Como você pode cultuar e ao mesmo tempo ser honesto acerca de suas perguntas e dúvidas? Cite exemplos bíblicos de pessoas que tiveram dúvidas sobre Deus e ainda assim continuaram a cultuá-lo.
11. Passe algum tempo em oração, louvando a Deus por manifestações específicas de sua sabedoria conforme exibida na criação, na história da redenção e em sua própria vida. Ore também por sabedoria e coragem para responder à sabedoria e à graça divinas com adoração, generosidade e uma confiança infantil.

¹J. Gray, *1 and 2 Kings: a commentary*, 2. ed., Old Testament Library (Philadelphia: Westminster, 1970), p. 241.

²Jerome, “Epistle 127”, citado em Christopher A. Hall, *Reading Scriptures with the church Fathers* (Downers Grove: InterVarsity, 1998), p. 44.

³Lee Strobel, *The case for Christ* (Grand Rapids: Zondervan, 1998) [edição em português: *Em defesa de Cristo: um jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo*, tradução de Antivan Guimarães Mendes; Hans Udo Fuchs (São Paulo: Vida, 2006)].

⁴Robert Browning, “Solomon and Balkis”, in: Robert Atwan; Laurance Wieder, orgs., *Chapters into verse: poetry in English inspired by the Bible: Genesis to Malachi* (Oxford: Oxford University Press, 1993), vol. 1, p. 240.

⁵Donald J. Wiseman, *1 and 2 Kings: an introduction and commentary*, Tyndale Old Testament Commentaries (Leicester: Inter-Varsity, 1993), p. 129 [edição em português: *1 e 2 Reis*, tradução de Emerson Justino; Vicente de Paula dos Santos; James Reis (São Paulo: Vida Nova, 2006)].

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI

Assim, o rei Salomão superou todos os reis da terra em riquezas e em sabedoria. E a terra toda procurava a presença de Salomão para ouvir sua sabedoria, a qual Deus havia posto em sua mente. Cada um deles trazia seu presente — artigos de prata e de ouro, roupas, mirra, especiarias, cavalos e mulas — em grande quantidade ano a ano (1Rs 10.23-25).

O ano era 1859. A cidade era Titusville, no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, onde um homem chamado Edwin Drake estava prospectando petróleo. Naqueles dias o petróleo era tirado da superfície de lugares de onde ele brotava do solo — um processo que permitia produzir apenas alguns barris por dia. Contudo, Edwin Drake teve a ideia ousada de que talvez houvesse alguma maneira de bombear o petróleo para fora do solo. Assim, ele construiu uma geringonça original para testar sua teoria — um tubo de ferro movido por uma máquina a vapor para perfurar o chão até o leito rochoso. “A loucura de Drake” foi como a chamaram... até o dia em que ele encontrou ouro negro e começou a bombear 25 barris por dia.

Assim começou a “corrida ao ouro líquido”. Logo Titusville estava tomada de pessoas em busca de fortuna — empresários, empreendedores e tolos que perderam seu dinheiro quase tão rápido quanto conquistaram. Nas palavras de uma testemunha ocular: “Quase todo mundo que você encontrava havia enriquecido muito rápido ou havia perdido tudo muito rápido (talvez as duas coisas em um curto espaço de tempo)”. O próprio Drake perdeu tudo o que tinha e perambulava pelas ruas com um casaco velho e esfarrapado. Um fazendeiro conhecido pelo nome de “Johnnie Petróleo de Carvão” usou o lucro obtido com o petróleo para cobrir com

diamantes a frente de sua camisa, mas em três anos estava falido, tendo jogado fora meio milhão de dólares.

No entanto, o homem que chegou ao ápice e caiu mais rapidamente deve ter sido Henry Rouse. Quando Rouse finalmente viu o petróleo jorrando de seu poço, acendeu um charuto para comemorar. Infelizmente, uma fagulha de seu charuto pôs fogo no petróleo. Rouse foi pego pelas chamas e se queimou seriamente. De alguma maneira ele conseguiu se arrastar para fora daquele incêndio e jogar sua carteira para um lugar seguro. A carteira foi salva, mas o próprio Rouse não chegou a viver para ver qualquer lucro.¹

Uma famosa expressão latina descreve Titusville muito bem: *Sic transit gloria mundi*, que significa: “Assim passa a glória do mundo”. Os tesouros desta vida sempre duram pouco tempo. De modo que, sempre que virmos prosperidade, é sábio dizer: *Sic transit gloria mundi*. Qualquer que seja a fama ou a fortuna que experimentemos, ela logo passará. Basta perguntar ao rei Salomão.

TESOURO NACIONAL

A segunda metade de 1Reis 10 descreve o período áureo do império de Salomão, que é o ponto alto de realza antes da vinda de Cristo. A palavra-chave nessa passagem é “ouro”, que é mencionada nada menos que dez vezes. A Bíblia nos quer impressionar com as glórias esplêndidas do reino de ouro de Salomão. No entanto, também precisamos manter tudo isso no devido contexto bíblico, lembrando quão rapidamente a glória terrena passará e quão fácil é o ouro se tornar nosso deus.

Uma maneira de medir a glória de Salomão é pesar todo o seu ouro, que é o que as pessoas ainda fazem com o ouro hoje em dia. A Bíblia diz que “o peso do ouro levado até Salomão em um único ano era de 666 talentos de ouro” (1Rs 10.14). Quer esse fosse o rendimento anual de Salomão, quer tenha sido a receita recorde de impostos recebidos em um único ano, 666 talentos de ouro é uma fortuna impressionante. Isso equivale a centenas de milhões de dólares em valores de hoje — talvez até um bilhão de dólares. Mas isso não é tudo. Também precisamos incluir o comércio internacional de Salomão e contar todo o ouro que “... vinha dos exploradores, dos

negócios dos comerciantes, de todos os reis do ocidente e dos governadores da terra” (v. 15).

Não sabemos exatamente qual a quantidade desse ouro, mas podemos ter uma estimativa razoável ao fazermos uma visita ao palácio de verão do rei: “Salomão fez duzentos grandes escudos de ouro batido; seiscientos siclos de ouro foram usados em cada escudo. E fez trezentos escudos de ouro batido; três minas de ouro foram usadas em cada escudo. E o rei os colocou na Casa da Floresta do Líbano” (v. 16,17). Hoje em dia nós transformaríamos esse ouro em barras maciças, mas o ouro do tesouro de Salomão foi convertido em escudos cerimoniais. Cada escudo valia uma pequena fortuna, e Salomão tinha centenas deles, tanto grandes quanto pequenos.

Às vezes se diz que esses números devem ser um exagero, mas não há nenhum motivo para duvidar deles. A Bíblia registra cuidadosamente os detalhes exatos, como seria de esperar em registros oficiais da corte de um rei, em especial no caso de algo tão valioso como o ouro. Além disso, a quantidade de ouro registrada está em conformidade com registros contemporâneos de outros lugares, como a casa real do Egito ou os templos da Mesopotâmia.²

O fato é que Salomão possuía uma enorme quantidade de ouro — uma quantidade tão grande que, em comparação, a prata não valia quase nada: “Todas as taças do rei Salomão eram de ouro. Não havia nenhuma de prata; a prata não era considerada valiosa nos dias de Salomão” (v. 21). Naqueles dias Jerusalém era de fato “Jerusalém, a cidade de ouro”. Houve uma superabundância tão grande de ouro que levou à desvalorização da prata. Um comentário parecido é feito no versículo 27: “E o rei tornou a prata tão comum em Jerusalém quanto as pedras e tornou o cedro tão abundante quanto os sicômoros da Sefelá”. No oratório de Handel baseado na vida de Salomão, o rei celebra sua prosperidade com uma canção:

O ouro agora é comum em nosso alegre país,
e cedros são tão frequentes como os sicômoros.
Tudo, tudo conspira para abençoar os meus dias;
a abundância faz aumentar os tesouros do país,
e exhibe seus incontáveis presentes nas fecundas planícies.

Há um dito popular que diz: “Nem tudo o que reluz é ouro”. Todavia, quando se trata de Salomão, podemos dizer algo assim: “Quase tudo o que reluz é ouro”. Pois Salomão possuía muitos outros tesouros preciosos de suntuosa beleza. Pense em seu trono:

O rei também fez um grande trono de marfim e o revestiu de ouro puríssimo. O trono tinha seis degraus, e na parte de trás do trono havia uma cabeça de bezerro, e em cada lado do assento havia braços e dois leões ao lado dos braços, enquanto doze leões ficavam ali, um em cada extremidade de cada um dos seis degraus. Nunca se fez algo parecido em nenhum reino (v. 18-20).

Todo rei precisa de um trono para servir de símbolo da sua supremacia régia, mas o trono do reino de Salomão fazia inveja a imperadores. Feito de marfim e coberto de ouro, seu trono era realmente exclusivo; não havia nada parecido em parte alguma do mundo. Os leões no trono de Salomão eram insígnias da tribo de Judá (veja Gn 49:9,10) e, desse modo, serviam de símbolos régios do poder que o rei recebera de Deus.

Salomão também foi bem-sucedido nos negócios: “Pois o rei tinha no mar uma frota de navios de Társis junto com a frota de Hirão. Uma vez a cada três anos a frota de navios de Társis costumava trazer ouro, prata, marfim, macacos e pavões” (1Rs 10.22). Salomão possuía uma frota de grandes navios de alto-mar que eram capazes de velejar até Társis e voltar. Eles retornavam das viagens repletos de metais preciosos e exemplares raros de animais exóticos em estrita conformidade com o profundo interesse do rei em zoologia.

Todas essas riquezas, tanto animais quanto minerais, seguiam continuamente para Jerusalém. O reino de Salomão se tornou um importante centro de comércio internacional. Com todas as receitas e trocas comerciais, para não dizer nada sobre impostos e tarifas, o negócio global do rei acumulou uma enorme fortuna.

A ERA DE OURO

Tudo isso soa muito impressionante. Não obstante, como a Bíblia avalia os dias de glória do império de Salomão? Como devemos entender todo esse ouro? O que os bens materiais de Salomão podem nos ensinar sobre as implicações espirituais da riqueza e nossa própria relação com as coisas boas da vida?

Temos de reconhecer que o ouro é bom em si. O mesmo se aplica a macacos, pavões, prata e até mesmo marfim, dependendo de como tudo isso é obtido. Essas são coisas belas criadas por Deus para deleite de seu povo. O ouro é especialmente belo, uma das razões pelas quais é universalmente reconhecido como um bem valioso. Em conformidade com essa reputação, com frequência a Bíblia trata o ouro de forma positiva. Existem centenas de referências ao ouro nas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento, e muitas delas reconhecem seu esplendor indelével.

O primeiro texto fica bem no início, quando o ouro foi criado por Deus como um dos elementos fundamentais da terra. Na descrição dos belos rios que cortavam o jardim do Éden, o livro de Gênesis diz que eles “... contornavam toda a terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro daquela terra é bom...” (2.11,12). O ouro faz parte do mundo bom que Deus criou. É uma dádiva de sua graça comum e um motivo para louvá-lo. Em Ageu, a Bíblia diz: “... meu é o ouro, declara o SENHOR dos Exércitos” (2.8).

A excelência do ouro explica a presença de uma quantidade tão grande do metal precioso nas casas construídas para o culto a Deus. Quando Moisés montou seu tabernáculo no deserto de acordo com as instruções que Deus lhe deu no monte Sinai, tudo no santuário foi coberto com ouro. O mesmo se aplica ao templo de Salomão em Jerusalém, com seu interior dourado. Esses espaços sagrados mostram que o ouro é um elemento apropriado para expressar a majestade de Deus.

Alguns dos grandes heróis da fé bíblica — como Abraão, José e Mardoqueu — contavam o ouro como um de seus bens mais valiosos. Também existem imagens bíblicas que se baseiam na beleza e na durabilidade do ouro. O ouro é um adorno apropriado para uma noiva usar no dia de seu casamento (Sl 45.13). A purificação do ouro, que por meio de calor intenso expelle as impurezas, é um símbolo da obra santificadora do Espírito Santo (Jó 23.10; Ml 3.3). O ouro é até mesmo descrito como um material bom para ser usado ao se construir sobre o fundamento espiritual de Jesus Cristo (1Co 3.11-13).

Em conformidade com essas imagens bíblicas de adorno e purificação, o ouro dos dias gloriosos de Salomão é apresentado de uma maneira positiva. O ouro é o metal dos reis, e, dessa forma, o ouro de Salomão era um sinal

de sua régia majestade. Isso fica evidente na maneira que a Bíblia descreve sua riqueza e sabedoria:

Assim, o rei Salomão superou todos os reis da terra em riquezas e em sabedoria. E a terra toda procurava a presença de Salomão para ouvir sua sabedoria, a qual Deus havia posto em sua mente. Cada um deles trazia seu presente — artigos de prata e de ouro, roupas, mirra, especiarias, cavalos e mulas — em grande quantidade ano a ano (1Rs 10.23-25).

Essa declaração exalta as glórias do reino de Salomão, colocando sua riqueza e sabedoria na categoria de coisas excelentes. Foi para a glória de Salomão que o mundo buscou sua sabedoria e lhe trouxe preciosos tesouros.

Lembre-se também de que essa era de ouro foi resposta de Deus à oração de Salomão. No salmo 72, o rei pediu a riqueza das nações — não para si mesmo, mas por causa do reino de Deus. Portanto, o ouro do rei foi resposta de oração e cumprimento de promessa. No início de seu reinado, quando Salomão honrou a Deus pedindo sabedoria, Deus lhe havia prometido a bênção adicional de riquezas incomparáveis: “Eu também lhe dou aquilo que você não pediu — tanto riquezas quanto honra —, de modo que durante todos os seus dias nenhum outro rei poderá se comparar com você” (1Rs 3.13). Portanto, é desta maneira que devemos entender o ouro de Salomão: resposta à oração do rei e cumprimento de uma promessa divina, para a glória do reino de Deus.

Podemos dizer algo parecido sobre as riquezas que Deus nos tem dado. Deus tem cumprido sua promessa de cuidar de nós. Tem respondido às nossas orações, providenciando tudo aquilo de que precisamos. Aliás, tem feito muito mais do que isso. Há no Ocidente um bom número de cristãos muito mais ricos que Salomão. Talvez não tenhamos tanto ouro, mas comemos uma variedade maior de alimentos frescos, vestimos roupas mais confortáveis, sentamos em móveis mais práticos, ouvimos uma seleção melhor de músicas e usamos transporte muito mais rápido. A vida é boa, e devemos louvar a Deus por todas as suas bênçãos, as quais são mais do que merecemos e em número muito maior do que a maioria das pessoas no mundo já teve. Louvado seja Deus por todas as glórias da nossa era do ouro!

ESSE ESPLENDOR PASSAGEIRO

No entanto, apesar de toda a glória do ouro terreno, temos sempre de nos lembrar de que ele é apenas um esplendor passageiro. Não importa quão caro seja; em uma perspectiva eterna, o ouro tem um valor extremamente limitado. Por conseguinte, devemos ter o cuidado de não ficar demasiadamente impressionados com as glórias terrenas do reino de Salomão, muito menos com nossos próprios tesouros terrenos. Em breve os dias gloriosos de Salomão passariam. Ele já estava chegando ao ponto de ganhos cada vez menores. De qualquer modo, quantos escudos de ouro um rei pode realmente usar?

Para manter as coisas na devida perspectiva, precisamos ouvir o outro lado daquilo que a Bíblia diz sobre o ouro. Ainda que reconheça abertamente o esplendor do ouro, a Bíblia também menciona algumas coisas espirituais que são muito mais valiosas. Por exemplo, o ouro não é tão precioso como a sabedoria. Como disse o próprio Salomão em um de seus famosos provérbios: “É muito melhor obter a sabedoria do que o ouro!...” (Pv 16.16). Ou ouça as palavras de Jó, que disse acerca da sabedoria:

Não pode ser comprada com ouro,
e não se pode pesar a prata em troca dela.
Não pode ser avaliada com base no ouro de Ofir,
no ônix precioso ou na safira.
O ouro e o vidro não conseguem se equiparar a ela,
nem pode ser trocada por joias de ouro fino (Jó 28.15-17).

O ouro também é muito menos valioso do que a Palavra de Deus, que é a fonte de toda a verdadeira sabedoria. O rei Davi disse que a lei de Deus é mais desejável do que o ouro, “... mais até do que muito ouro puro...” (Sl 19.10; veja também Sl 119.127). De modo parecido, o apóstolo Pedro apresentou a fé em Cristo como algo “... mais precioso que o ouro...” (1Pe 1.7). Por mais valioso que seja, o ouro não pode ser comparado ao tesouro inestimável de conhecer a vontade de Deus, ou de fazer o que agrada ao Espírito Santo, ou de crer no evangelho de Jesus Cristo — sua morte e ressurreição para nossa salvação. Todas essas coisas estão nas Escrituras, nas quais encontramos o verdadeiro e inestimável tesouro de nossa alma, Jesus Cristo. Todo o ouro do mundo não vale nem mesmo uma porção mínima da verdade salvadora que conduz à vida eterna.

Se Jesus Cristo é o tesouro dos tesouros, então o mais pobre pecador que tem uma Bíblia para ler e crê em sua mensagem salvadora é mais rico do que o homem mais rico do mundo, porque o ouro não consegue satisfazer a alma. O primeiro-ministro britânico Tony Blair estava certo quando disse: “Desfrutamos mil vezes mais vantagem material do que qualquer geração anterior e ainda assim sofremos uma profunda insegurança e dúvida espiritual que aquelas gerações jamais conheceram”.³ Embora haja muitas coisas que o dinheiro pode comprar, as preciosidades de Deus não estão à venda. Em que pese tudo aquilo que nosso ouro terreno consiga fazer por nós, ele não consegue nos consolar, nos perdoar ou nos salvar. Conforme o profeta Ezequiel disse ao povo debaixo de juízo divino, “... a prata e o ouro não são capazes de livrá-los no dia da ira do SENHOR...” (Ez 7.19).

É importante saber isso, porque muitas pessoas depositam realmente sua confiança em tesouros terrenos. Apesar de muitas advertências bíblicas contra o perigo mortal da falsa adoração, tais pessoas se curvam diante de sua prata e de seu ouro. Esse era um problema já nos dias de Moisés. É verdade que havia ouro no tabernáculo, mas também houve ouro na vaca sagrada que Arão fez para o povo cultuar. Também houve ouro em muitos dos outros ídolos que as pessoas adoravam nos tempos antigos. “Os ídolos deles são prata e ouro...”, disse o salmista (Sl 115.4).

Enfrentamos a mesma tentação — talvez não de nos curvar a ídolos de ouro, mas de adorar coisas que o dinheiro pode comprar. Alguns cobiçam joias de ouro; sentem-se melhor quando podem ostentar um penduricalho reluzente. Outros sentem-se importantes com suas casas e automóveis — símbolos de sucesso e prosperidade. E há quem goste da atenção que recebe pelo último lançamento tecnológico ou por uma roupa nova.

Pelo preço certo, no momento certo e pelo motivo certo, qualquer uma dessas compras pode ser legítima. Mas — quer usemos ouro, quer usemos cartão de crédito — o perigo é tentar encontrar nosso bem-estar e segurança em algo que podemos comprar. Clemente de Alexandria disse, com sabedoria, que a riqueza, quando não devidamente controlada, torna-se

... um bastião do mal. Muitos que lançaram os olhos nela jamais alcançarão o reino dos céus, pois têm um profundo desejo pelas coisas do mundo e vivem arrogantemente em luxo. No entanto, aqueles que levam a salvação a sério devem ter isto claro em mente: tudo o que possuímos nos é

dado para não precisarmos depender de outros, e é possível alcançar isso com apenas algumas poucas coisas.⁴

Uma maneira prática de resistir às nossas próprias tentações douradas é adotar o tipo de comparação que a Bíblia faz, lembrando que tesouros terrenos não valem tanto quanto as Sagradas Escrituras ou quanto a sabedoria espiritual que elas trazem. “Eu adoro a minha nova mobília”, talvez digamos — ou, quem sabe: “Eu adoraria ter uma nova mobília” —, “mas isso não deve ser tão precioso para mim quanto o tempo que posso passar hoje lendo a Palavra do Deus vivo”. “Com certeza eu gostaria de ter um *desses*”, talvez admitamos quando vemos um novo e reluzente produto na vitrine ou na tela do computador, “mas por que eu deveria perder meu tempo querendo um desses, quando sei que um dia Jesus me levará para o céu?”.

A menos que estejamos fazendo esse tipo de comparação o tempo todo, correremos constantemente o perigo de transformar ouro em um ídolo ímpio e esqueceremos que a melhor maneira de gastar nosso dinheiro é investir em pessoas e ministérios que espalham o evangelho. Por isso, lembre-se de que os tesouros deste mundo não são as glórias do reino de Deus. Não confie no ouro ganho nesta terra para satisfazer sua alma. Jó estava no caminho certo quando declarou: “Se fiz do ouro a minha segurança ou se chamei o ouro fino de minha confiança, se me regozijej porque minha riqueza era abundante [...] eu teria sido falso com Deus lá no alto” (Jó 31.24,25,28).

Lembre-se também disto: você perderá todo o seu ouro quando morrer. Você pode muito bem perdê-lo antes disso, como acontece com muitas pessoas. Todavia, mesmo que você acumule uma enorme fortuna e consiga mantê-la até a velhice e os cabelos grisalhos, ainda assim, quando morrer, terá de deixar tudo para trás. Charles Spurgeon contou a história de um armador a quem perguntaram sobre a condição de sua alma. “Alma?”, o homem respondeu com incredulidade. “Não tenho tempo para cuidar da minha alma. Tenho tempo apenas para cuidar dos meus navios.” Entretanto, conforme Spurgeon salientou, o homem não estava ocupado demais para morrer, o que aconteceu uma semana depois.⁵ Assim passa a glória do mundo; *sic transit gloria mundi*.

Existe um melhor exemplo dessa verdade do que o rei Salomão? Como sua glória passou tão rapidamente! Em 1Reis 14, lemos que “... Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém. Ele levou os tesouros da casa do SENHOR e os tesouros da casa do rei. Levou tudo embora. Também levou todos os escudos de ouro que Salomão havia feito” (v. 25,26). Assim, o mesmo ouro que tornou tão glorioso o reino de Salomão terminou no Egito.

No entanto, é claro que a essa altura Salomão já havia morrido. Ele já havia deixado para trás todos os seus tesouros terrenos, tal como acontece com todo mundo. Assim passa a glória do mundo, como Salomão bem sabia que aconteceria. Em Eclesiastes, o rei lamentou ter de deixar tudo “... ao homem que virá depois de mim, e quem é que sabe se ele será sábio ou tolo?...” (Ec 2.18,19). Quando isso aconteceu, os piores receios de Salomão se concretizaram: ele deixou seus tesouros para o tolo de seu filho Roboão, que começou a perder tudo. *Sic transit gloria mundi!*

Se dizemos isso acerca de Salomão, também devemos estar preparados para dizê-lo acerca de nós mesmos e de nossos próprios tesouros de ouro, pois eles também passarão.

O OURO DE TOLO E OUTRAS TENTAÇÕES

As glórias do ouro, com todo seu esplendor fugaz, nos chamam a ser sábios na maneira de viver. Alguns pensam que aquilo que possuem é a coisa mais importante da vida: quem tiver mais ouro ganha. Porém a coisa mais importante na vida é glorificar a Deus, o que fazemos ou deixamos de fazer independentemente de nosso padrão econômico ou de quanto pagamos de imposto de renda.

É aí que a história de Salomão toma um rumo trágico. Por mais sábio que tenha sido, pelo menos durante a maior parte do seu reinado, em algum ponto do caminho Salomão começou a fazer certas concessões espirituais mortais. Ele parou de escolher seguir a Deus de todo o coração a cada dia e começou a viver para sua própria glória, buscando segurança e prazer.

Isso não deveria nos surpreender! É difícil para os ricos entrar no reino de Deus — aliás, é praticamente impossível. Jesus disse: “... é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Mt 19.24). Isso é algo que só Deus pode fazer pelo poder

sobrenatural de seu Espírito. É preciso o trabalho do Espírito Santo para remover toda confiança em nós mesmos e, em vez disso, nos capacitar a pôr toda a nossa confiança na graça de Deus. De modo que não causa surpresa que alguém tão rico como Salomão tenha fracassado em ser totalmente obediente à lei de Deus, assim como não causaria surpresa pessoas ricas como nós serem apanhadas em todas as tentações de uma vida boa.

O ouro é uma das tentações mais perigosas do mundo. Conforme Agostinho afirmou certa vez: “O amor aos bens é uma espécie de armadilha que enlaça a alma e a impede de voar para Deus”.⁶ O rei Salomão teria feito bem — e igualmente fariamos nós — em dar atenção às advertências de Moisés no livro de Deuteronômio: “Tome cuidado para não se esquecer do SENHOR, seu Deus, [...] para não acontecer de, quando tiver comido e estiver satisfeito e tiver construído casas boas e nelas viver, e, quando [...] a sua prata e o seu ouro se multiplicarem, [...] você se esquecer do SENHOR, seu Deus, que o tirou da terra do Egito, da casa da escravidão” (Dt. 8.11-14). Como é fácil as pessoas ricas se esquecerem do Deus da sua salvação! Quanto mais nós temos, mais fácil é pensar que temos tudo de que precisamos sem Deus.

A acumulação progressiva de ouro foi um sinal de que Salomão estava cedendo a esse perigo. A Lei de Moisés dizia explicitamente o que o rei de Israel não deveria fazer: “... adquirir para si prata e ouro em excesso” (Dt 17.17). Talvez seja difícil decidir exatamente quanto ouro é ouro demais, mas, no caso de Salomão, provavelmente foi em algum momento entre o primeiro escudo e o escudo de número quinhentos. O desejo de acumular estava começando a controlar seu coração.

O que dizer de nosso próprio coração? Será que temos aprendido a dizer “basta, isso é mais do que suficiente” ou será que continuamos pensando em mais e mais coisas que gostaríamos de possuir? Clemente de Alexandria disse:

Deus nos deu — sei muito bem — a liberdade de usar as coisas, mas só até onde é necessário; e ele estabeleceu que o nosso uso delas deve ser compartilhado. [...] É bem mais sábio gastar dinheiro em seres humanos do que em joias e ouro! [...] No final, não é aquele que guarda para si, mas aquele que doa que é rico; e é o ato de doar, não de possuir, o que torna alguém feliz.⁷

O rei Salomão também enfrentou outra séria tentação, que foi colocar sua confiança no poder militar. Dessa maneira, o capítulo termina com mais

uma advertência de perigo espiritual:

E Salomão ajuntou carros e cavaleiros. Ele tinha mil e quatrocentos carros e doze mil cavaleiros, os quais ele posicionou nas cidades dos carros e junto ao rei em Jerusalém. [...] E a importação de cavalos de Salomão era do Egito e de Coa, e os comerciantes do rei os recebiam de Coa por preço determinado. Um carro podia ser importado do Egito por seiscientos siclos de prata; e um cavalo, por cento e cinquenta; e, assim, por intermédio dos comerciantes do rei, eles eram exportados para todos os reis dos heteus e para os reis da Síria (1Rs 10.26,28,29).

Falando sem rodeios, o rei Salomão tinha se tornado um fornecedor de armas para o Oriente Médio. Como agenciador entre os egípcios e os sírios — importando e exportando carros, comprando por preço baixo e vendendo por preço alto —, Salomão conseguia um grande lucro. Contudo, a longo prazo, isso se revelou uma grande tolice. Em dias posteriores, tanto os sírios quanto os egípcios atacaram os israelitas (1Rs 14.25,26; 20; 2Rs 5.1,2). Dessa maneira, o rei estava fornecendo a seus inimigos as armas para a destruição do próprio Israel.

O que Salomão fez também era uma violação direta da Lei de Moisés, que dizia que o rei “... não deve adquirir muitos cavalos para si nem fará o povo voltar ao Egito a fim de adquirir muitos cavalos, pois o Senhor lhes disse: ‘Vocês nunca tornarão a voltar por aquele caminho’” (Dt 17.16). Ao negociar cavalos e carros com o Egito, Salomão estava indo ao exato lugar onde estava proibido de ir.

Quando chegamos a 1Reis 11, Salomão está espiritualmente falido. No entanto, os sinais de advertência de sua futura queda já eram óbvios no capítulo 10, em sua equivocada busca de mais e mais ouro, bem como em sua confiança inapropriada no poder terreno.

Isso aconteceu com Salomão, mas o que dizer de nós? Quais são os sinais de advertência de que estamos caminhando na direção de nossa própria ruína? Talvez seja a busca incessante por mais, como se o fato de conseguir algo que não temos agora realmente satisfizesse nossa alma. Talvez seja a confiança que depositamos no dinheiro para assegurar o futuro ou em nossas habilidades para garantir o sucesso. Seria fácil nos desculpar dizendo que todo mundo faz a mesma coisa. Salomão podia dizer o mesmo. Afinal, ele era o rei, e espera-se que reis consigam mais ouro para comprar mais carros, não é?

Antes de darmos desculpas por investir no tipo errado de tesouro, devemos ouvir a advertência do apóstolo João: “O mundo está passando, juntamente com seus desejos, mas todo aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1Jo 2.17). Essa foi a maneira de João dizer *sic transit gloria mundi*. Este mundo está passando, juntamente com tudo o que há nele. Por isso, não fique impressionado demais com o ouro terreno. Não faça as escolhas espirituais erradas que arruinarão sua alma. E não perca a verdadeira glória que está à espera de todo aquele que confia unicamente em Jesus para a salvação.

DIAS GLORIOSOS

Um dia haverá outro reino dourado. Aliás, o ouro de Salomão continha a promessa de um reino mais glorioso. Foi por essa razão, talvez mais do que por qualquer outra, que Deus deu a Salomão uma quantidade tão grande de ouro: fez isso para nos preparar para o reino áureo de Deus. Quando Jesus pregava o reino de Deus, ele pressupunha que as pessoas tivessem uma ideia do que era um reino, e ele usou o reino de Salomão como exemplo. O reino de Salomão era o reino *por excelência* — “... Salomão em toda a sua glória...” foi como Jesus o classificou (Mt 6.29).

No entanto, apesar de toda a sua glória, o ouro de Salomão dá apenas um vislumbre das glórias maiores do reino de Jesus Cristo. Quando chegamos ao livro do Apocalipse, em que a Bíblia abre uma janela para a eternidade, vemos muitos esplendores reluzentes. Tal como foi na criação, assim será na consumação: o ouro do paraíso é bom. As coroas dos santos são feitas de ouro. Assim são as ruas do céu. Aliás, a cidade celeste toda é descrita como uma metrópole dourada — uma cidade de ouro puro (Ap 4.4; 21.18-21).

O objetivo dessas comparações não é nos dizer quais materiais de construção Deus usará na Nova Jerusalém, mas nos dar uma noção da permanência e da grandiosidade daquele bendito lugar. O reino dourado de Salomão é apenas um lampejo das glórias que Deus tem para nós em Jesus Cristo. Seu reino celestial será glorioso, como ouro puro, e durará para sempre — uma era de ouro que jamais acabará. Conforme John Newton escreveu, no final de seu hino “Glorious things of thee are spoken” [Falam-

se coisas gloriosas a teu respeito], ao contrastar os bens terrenos com a glória celeste:

Desvanecente é o prazer mundano;
toda sua ostentação e exibição, arrogantes.
Alegrias concretas e tesouro permanente
ninguém, senão os filhos de Sião, conhecem.

Nenhum dos filhos da Sião celeste jamais diz: *Sic transit gloria mundi*. Ao contrário, todos dizem: *Sic durat gloria Dei*: “Assim perdura a glória de Deus”. Esse é, então, o lugar para guardar nosso tesouro: não em um reino que está passando, mas em uma era de ouro que jamais acabará.

GUIA DE ESTUDO

A maioria de nós gostaria de dispor de um dinheiro a mais. Muitos buscam diligentemente uma promoção no trabalho ou passam tempo todos os dias negociando ações, e até mesmo comprando bilhetes de loteria. Sintonize qualquer canal de televisão a cabo a qualquer hora depois das dez da noite, e você será bombardeado por esquemas para ficar rico rapidamente. Todavia, como saberemos quando temos o suficiente? Bem poucos dispõem daquele autocontrole para decidir de quanto precisam para viver e então doar o que sobra. Parece que, quanto mais temos, mais achamos que precisamos. Mesmo Salomão, por mais rico que fosse, ignorava o momento de parar de ajuntar riqueza.

1. Cite celebridades que perderam todo o dinheiro que ganharam, ao que parece, de um dia para o outro. Que excessos de materialismo você já testemunhou na vida dos super-ricos?
2. Leia 1Reis 10.14-22. Tente imaginar as glórias do reino de Salomão conforme descritas aqui. Que detalhes você mais gostaria de presenciar?

3. As pessoas admiravam mais a sabedoria de Salomão que sua riqueza. Leia 1Reis 10.23-25. Como as pessoas expressaram sua admiração pela sabedoria de Salomão? As pessoas de hoje em dia parecem dar à sabedoria o mesmo valor que davam na época de Salomão? Que elementos você pode apresentar em apoio à sua resposta?
4. Leia Jó 28.12-17,28. De que maneiras a sabedoria é mais valiosa que o ouro? Como o temor de Deus nos torna sábios?
5. Leia Salmos 19.7-10. De que maneiras a Palavra de Deus é mais valiosa que os tesouros terrenos? O uso do seu tempo reflete esse valor? De que maneiras sua vida seria diferente se você realmente agisse como se a Palavra de Deus fosse mais valiosa que qualquer tesouro terreno?
6. Leia 1Reis 10.26-29. O que Salomão fez com sua riqueza? Você acha que essas eram as prioridades certas? Por que sim ou por que não?
7. Leia Eclesiastes 5.10-12. Que problemas a riqueza às vezes pode criar? Em que área específica você sente que a riqueza poderia se tornar um ídolo para você? De que maneiras específicas você pode evitar a idolatria nessa área?
8. Como podemos usar nossa riqueza para honrar o Senhor?
9. Quais são os sinais de que nossas prioridades — em que gastamos tempo e dinheiro — podem estar fora de sintonia com as prioridades de

Deus? Como o uso do dinheiro (poupar, gastar, doar) pode nos ajudar a evitar que a riqueza se torne um ídolo?

10. De que modo pertencer a uma comunidade cristã ajuda a resolver questões que envolvam idolatria, riqueza e prioridades? Como você poderia ajudar outros a considerarem esses temas enquanto pensa a respeito deles em sua própria vida?
11. Se você está insatisfeito porque suas ações e posturas não refletem a visão de Deus sobre o dinheiro, o que pretende mudar para alinhar melhor sua vida com a Escritura? Ainda que, no geral, seu estilo de vida reflita de fato os valores que acha que Deus quer que você tenha, existe algo que você pode fazer para se tornar um mordomo melhor dos recursos que Deus lhe deu?

¹Essas histórias são contadas em Marvin Olasky, *The American leadership tradition* (Wheaton: Crossway, 2000), p. 127. Veja também o artigo de Deborah Lynn Black “Titusville, PA”, postado no website AmericanProfile.com.

²A. R. Millard, “Solomon’s gold”, *Vox Evangelica*, 12 (1981): 13-7; e “Does the Bible exaggerate king Solomon’s golden wealth?”, *Biblical Archaeology Review*, 15/3 (1989): 20ss.

³William Shawcross, *Queen and country: the fifty-year reign of Elizabeth II* (New York: Simon and Schuster, 2002), p. 226.

⁴Clement of Alexandria, “True wealth”, *re:generation Quarterly*, vol. 4 (Wint. 1998): 15.

⁵A história de Spurgeon é contada por Richard D. Phillips em *Turning your world upside down: kingdom priorities in the parables of Jesus* (Phillipsburg: P&R, 2003), p. 102.

⁶Jill Haak Adels, org., *The wisdom of the saints: an anthology* (Oxford: Oxford University Press, 1989), p. 164.

⁷Clement of Alexandria, “True wealth”, p. 15.

UMA TRAGÉDIA NA REALEZA

Pois, quando Salomão ficou idoso, suas mulheres fizeram seu coração se desviar para seguir outros deuses; e seu coração já não era plenamente fiel ao SENHOR, seu Deus, como havia sido o coração de Davi, seu pai (1Rs 11.4).

A maioria das histórias bíblicas são comédias — não no sentido popular de que são engraçadas (embora haja mais humor na Bíblia do que muitas pessoas percebem), mas no sentido literário de que têm um final feliz. Noé e sua família passam pelas águas profundas de um grande dilúvio, mas veem o arco-íris no outro lado. José é vendido como escravo, mas ascende à grandeza e salva da fome uma nação. E assim por diante. A Bíblia está repleta de finais felizes. É claro que a história mais feliz de todas é o evangelho, no qual Jesus ressuscita depois de morrer e, então, vem até nós com a promessa de que nossa própria história também terá um final feliz: a vida eterna mediante a fé nele.

Porém, nem toda história tem um final feliz. Algumas histórias bíblicas são tragédias — não apenas no sentido popular de que são tristes, mas no sentido mais técnico com que usamos a palavra “tragédia” na literatura mundial. Shakespeare escreveu várias tragédias famosas: grandes peças teatrais tais como *Rei Lear*, *Otelo* e *Romeu e Julieta*. Muito antes de Shakespeare, houve os antigos trágicos gregos: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Com os dramas que esses homens escreveram, ficamos sabendo que a tragédia é uma “história de uma calamidade excepcional”, que passa da prosperidade à catástrofe, “em que um protagonista de destaque e grandeza de espírito faz uma escolha e, como consequência, cai inevitavelmente em um estado de sofrimento, às vezes percebendo o que

fez”.¹ Expressando essa definição em termos mais simples, uma tragédia é uma história em que um grande homem que faz a escolha errada cai em terrível desgraça e (às vezes) aprende com seus erros.

Uma das tragédias mais tristes da Bíblia é a história do rei Salomão. Este foi um dos maiores reis que o mundo já viu. Contudo, no final da vida, suas escolhas foram das mais insensatas, com consequências desastrosas para si e seu reino. Ah, Salomão! Como você agiu tão errado e como podemos aprender a evitar os erros que você cometeu?

A GRANDEZA DE SALOMÃO

Uma tragédia de verdade é sempre a história de alguém grande. De acordo com as convenções da literatura mundial, a tragédia se concentra no “protagonista trágico, uma pessoa de alta posição social, geralmente um rei ou governante. A elevada posição de um herói trágico no início da história transcende sua pertinência a dado grupo social; entende-se que essa personagem exaltada representa a humanidade em geral. Normalmente um herói trágico possui algo que podemos chamar de grandeza de espírito”.²

Salomão cumpre com louvores os requisitos de um herói trágico, por ser um dos maiores homens que já viveu. Para começar, veio de berço nobre. Na condição de filho de Davi, era herdeiro da mais famosa dinastia do mundo. Tinha uma posição elevada: era o rei de Israel.

Além disso, quase tudo o que empreendeu foi um sucesso total. Sua ascensão ao poder foi celebrada por toda a nação. Absolutamente todos os rivais que tinham pretensão ao seu trono foram rapidamente subjugados. Salomão tinha um exército poderoso de cavalos e carros, que ele nunca precisou usar porque seu reino sempre esteve em paz. Sob a bênção de Deus, o reino de Israel alcançou sua maior extensão geográfica nos dias de Salomão.

O rei Salomão também foi um construtor famoso. Seu templo de ouro em Jerusalém era uma das maravilhas do mundo antigo. Para seu permanente mérito, construiu a morada terrena para o Deus vivo. Também construiu um grande palácio, com os anexos Salão das Colunas, Salão do Trono e a Casa da Floresta do Líbano. Salomão foi extraordinariamente rico, como qualquer um pode dizer só ao observar essas construções. Seu

reino estava cheio de prata e ouro, para não mencionar joias valiosíssimas e outros tesouros inestimáveis. Comerciantes e investidores vinham a Israel de todos os cantos do mundo. Tudo em que Salomão tocava virava ouro. A Bíblia diz que ele tinha riquezas inigualáveis — um reino glorioso!

Além disso, o rei era famoso por suas habilidades e aptidões. Salomão foi um naturalista de alto gabarito, com vasto conhecimento de plantas e animais. Foi um acadêmico de grande cultura, cujos escritos filosóficos ainda hoje oferecem discernimento sobre o lugar do homem no universo. Foi um poeta brilhante, cujas canções de amor ardem de paixão romântica. Acima de tudo, Salomão foi um homem de sabedoria, pois esse era o dom exclusivo que o distinguiu de todos os outros, o dom que recebeu de Deus. Salomão foi o homem mais sábio do mundo — talvez o homem mais sábio da história do mundo (sem contar, evidentemente, o Filho de Deus). Pessoas vinham de todo o mundo para ouvir o que Salomão tinha a dizer, e, quando o ouviam pessoalmente, sua sabedoria lhes tirava o fôlego.

Salomão foi um rei tão bom que, em vez de invejar seu sucesso, as pessoas se regozijavam com a glória de seu reino. Seus próprios cidadãos “... bendiziam o rei e iam para casa com júbilo e alegria no coração, por causa de toda a bondade que o SENHOR havia demonstrado a Davi, seu servo, e a Israel, seu povo” (1Rs 8.66). De modo parecido, a rainha de Sabá bendisse a Deus pela felicidade do reino de Salomão.

E, além de tudo o mais, Salomão foi um homem de oração. Sua piedade pessoal é demonstrada na magnífica oração que fez por ocasião da dedicação do templo (1Rs 8.22-53). A oração de dedicação feita por Salomão é uma das mais admiráveis orações em toda a Bíblia — um modelo de ação de graças, confissão, intercessão e louvor. Parte da grandeza de Salomão era sua piedade.

O rei Salomão foi um grande homem, mas ainda não mencionamos o fato mais importante sobre ele: seu reino revela o padrão do reino do Senhor Jesus Cristo. Salomão ocupa um lugar central na teologia bíblica, a história da redenção. Ele está na linhagem de reis que preparam o caminho para a realeza de Cristo. A glória de seu reino mostra, dessa forma, a glória de Jesus Cristo como o Salomão maior do reino de Deus.

Em termos bem simples, Salomão foi um dos maiores homens que já viveu. Se tivéssemos ouvido a sabedoria de seu conselho ou se o tivéssemos

observado dirigindo seu povo em oração, jamais teríamos esperado que seu reinado terminasse em tragédia. “Qualquer um, menos Salomão”, teríamos dito. “Ele era praticamente a última pessoa que alguém poderia imaginar caindo em pecado grave — um dos melhores e mais sábios homens do mundo.”

Talvez algumas pessoas digam algo parecido sobre você, assim como têm dito sobre muitos cristãos que caíram tragicamente em pecado, inclusive diversos líderes cristãos. Talvez você seja uma das melhores pessoas que eles conhecem. Você se comprometeu com Jesus Cristo pelo resto da vida e é ativo nos cultos da igreja. Deus lhe deu dons espirituais que você está usando para servir aos irmãos. Para alguns de seus amigos, vizinhos e membros da família, você é a definição viva e inspiradora de cristão.

Apesar disso, como seria fácil sua vida se transformar em uma verdadeira tragédia! Por isso, considere cuidadosamente o pecado ou os pecados que você pode ser tentado a cometer, ou que tenha cometido, que só podem conduzir a uma calamidade excepcional. Se isso aconteceu com o rei Salomão, por mais sábio e grandioso que fosse, pode acontecer com qualquer pessoa. “Portanto...”, diz a Bíblia, “... quem pensa que está de pé preste atenção para que não caia” (1Co 10.12).

A LOUCURA DE SALOMÃO

Para evitar cometer o mesmo erro que Salomão cometeu, é importante compreender a exata natureza de sua escolha trágica. Na tragédia, o herói sempre tem uma escolha, e é a escolha errada que conduz a todas as dificuldades. Nas palavras de um crítico literário:

Em geral, a ação trágica começa com o protagonista enfrentando um dilema. Ele é arrastado para duas ou mais direções e tem de fazer uma escolha moral. Isso significa que um herói trágico é sempre responsável por sua ruína, visto que fez a escolha trágica. Em geral, o herói trágico também é merecedor de sua catástrofe, pois sua queda é resultante de alguma fragilidade de caráter.³

A palavra que Aristóteles usava para essa imperfeição trágica era *hamartia*, que também é uma das principais palavras do Novo Testamento para pecado — errar o alvo. Aristóteles descreveu *hamartia* como “algum grande erro ou fragilidade moral”, um “defeito que é doloroso ou destrutivo”.⁴

Então qual foi o defeito destrutivo de Salomão? O que é irônico em seu caso em particular é que inicialmente ele fez a escolha certa, não a escolha errada. Quando Salomão inicialmente ascendeu ao poder, Deus lhe deu uma oportunidade única de escolha: o que quer que o rei pedisse, Deus daria. Sabiamente Salomão escolheu a sabedoria, e, como resultado, Deus lhe prometeu uma vida toda de bênçãos.

Contudo, conforme consideramos anteriormente, escolher a piedade não é o tipo de situação com que deparamos apenas uma vez na vida e então tudo o mais se encaixa automaticamente em seu devido lugar. Isso é algo que, em geral, as pessoas entendem errado acerca de Salomão. Elas pressupõem que, assim que ele escolheu a sabedoria, seu sucesso estava garantido. Lamentavelmente, muitos têm a mesma ideia errônea sobre tomar uma decisão em relação a Jesus Cristo. Pressupõem que, assim que deram suas vidas a Cristo ou fizeram uma oração de entrega a ele, nunca mais precisam voltar a escolher a piedade. Entretanto, o próprio Salomão sabia que cada seguidor de Deus é chamado a continuar seguindo. Em Provérbios, ele escreveu:

Meu filho, não perca isto de vista:
mantenha total sabedoria e discrição,
e elas serão vida para sua alma
e adorno para seu pescoço (3.21,22).

Na realidade, a escolha a favor ou contra o reino de Deus chega até nós a cada dia em cada escolha que fazemos. Deus deixou isso claro para Salomão em inúmeras ocasiões. Imediatamente após conceder seu dom de sabedoria a Salomão, Deus lhe disse: “Se você andar nos meus caminhos, [...] prolongarei os seus dias” (1Rs 3.14). Uma vida longa dependia de obediência fiel. Deus disse praticamente a mesma coisa a Salomão depois de ele ter construído o templo e novamente depois de ele ter feito sua oração de dedicação. Apenas enquanto Salomão andasse com Deus é que ele experimentaria a bênção de Deus. Essa era a escolha que ele tinha de fazer a cada dia de sua vida enquanto vivesse.

Essa é também a mesma escolha que *nós* temos de fazer. Um cristão não é alguém que escolhe Cristo uma única vez, mas alguém que escolhe Cristo e, então, vive essa escolha a cada dia pelo resto da vida. Nosso acesso contínuo à sabedoria divina depende de um relacionamento vivo e vital com

o Filho de Deus. Em nossos relacionamentos, na maneira de gastarmos nosso tempo e dinheiro, no uso de nosso corpo, nas pequenas frustrações que acontecem a cada dia — em todas as complexidades da vida —, será que escolheremos a favor ou contra Deus?

A escolha de Salomão foi trágica. De acordo com 1Reis 11, o rei por fim cometeu muitos pecados vergonhosos que foram ofensivos à santidade de Deus e levaram diretamente à derrocada de seu reino. Salomão não foi fiel no casamento, mas “... amou muitas mulheres estrangeiras, juntamente com a filha do faraó: mulheres moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e heteias” (v. 1). Quantas mulheres ele “amou”? Pelo menos mil, o que era mil vezes demais! O rei tinha um estilo de vida tão exagerado que até mesmo seu pecado era desmedido: “Ele teve setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas...” (v. 3).

Naqueles dias era costume os reis terem muitas esposas, mas Salomão teve mais do que a maioria. Ele foi chamado a ser homem de uma só mulher, da mesma maneira que os maridos cristãos são hoje chamados a dar todo o seu afeto àquela única mulher que Deus os chamou a amar sacrificialmente (Ef 5.25-31). Em um casamento piedoso, só existe espaço para um único vínculo emocional básico, uma única paixão básica, uma única ligação sexual. Em vez disso, Salomão insensatamente desperdiçou seus afetos com mulheres que ele era proibido de tocar. É óbvio que ele não conseguiu amar de verdade essas mulheres em nenhum sentido real da palavra *amar*. Quando a Bíblia diz que ele “... se apegou a essas [mulheres] apaixonadamente” (1Rs 11.2), a conotação é, com toda franqueza, sexual. Esse foi um pecado insensato de infidelidade conjugal.

Contudo, Salomão não foi culpado apenas de pecado sexual. A menção a “princesas” é uma indicação clara de que muitos desses casamentos representavam alianças políticas. Ao se casar com as filhas de reis estrangeiros, Salomão estava fazendo política, cobiçando poder, e não apenas sexo. Essas mulheres vinham justamente daquelas nações que Deus disse a Israel para expulsar da Terra Prometida. Apesar disso, Salomão insensatamente uniu-se a elas por meio de alianças matrimoniais.

Pior ainda, o rei começou a adorar os deuses delas. Isso era algo contra o que Deus havia advertido desde o início. “Vocês não terão casamentos mistos com eles...”, disse ele, “... dando as filhas de vocês aos filhos deles

ou tomando as filhas deles para os filhos de vocês, pois elas fariam os filhos de vocês se desviarem de me seguir para servir a outros deuses. Então a ira do SENHOR se acenderia contra vocês, e ele os destruiria prontamente” (Dt 7.3,4; veja também Êx 34.14-16). Insensatamente Salomão falhou em dar ouvidos a essa advertência. O problema com essas mulheres estrangeiras não era sua origem étnica (a Bíblia endossa plenamente casamentos multiétnicos), mas sua religião. As mulheres com quem Salomão se casou não criam no único Deus verdadeiro, mas vieram “das nações sobre as quais o SENHOR havia dito ao povo de Israel: ‘Vocês não entrarão em casamento com elas, nem elas com vocês, pois elas com certeza farão o coração de vocês se desviar para seguir seus deuses...’” (1Rs 11.2).

Já era bem ruim que Salomão se casasse com essas mulheres, quebrando o sétimo mandamento, ao cometer adultério. Não obstante, ele também começou a adorar os ídolos delas, dessa forma quebrando tanto o primeiro quanto o segundo mandamentos, que proíbem o culto a outros deuses. A poligamia de Salomão o tornou politeísta. Ele “... seguiu Astarote, a deusa dos sidônios, e Milcom, a abominação dos amonitas” (v. 5). Astarote era a deusa cananeia do sexo. Milcom é menos conhecido, mas alguns estudiosos o identificam com Moloque, que era cultuado com sacrifício de crianças. Contudo, “... Salomão construiu um alto para Camos, a abominação de Moabe, e para Moloque, a abominação dos amonitas, no monte a leste de Jerusalém. E fez o mesmo para todas as suas mulheres estrangeiras, que faziam ofertas e sacrifícios a seus deuses” (v. 7,8). O monte a leste de Jerusalém é o monte das Oliveiras, que fica bem em frente ao monte do Templo. Desse modo, Salomão praticava os rituais grotescos e condenáveis de culto pagão bem à vista do templo santo de Deus.

O que Salomão fez foi perverso. A Bíblia diz que “... ele fez o que era mau aos olhos do SENHOR e não seguiu exclusivamente o SENHOR, ao contrário do que Davi, seu pai, havia feito” (v. 6). O que Salomão fez foi não apenas perverso, mas também insensato. Era insensatez cobiçar sexo e poder, era insensatez ter mil mulheres e era insensatez adorar os deuses delas. Essas coisas eram insensatas porque violavam os mandamentos de Deus e também porque, para começo de conversa, proceder assim não fazia muito sentido. “No mundo antigo”, assinala Paul House, “os politeístas tendiam a adorar os deuses das nações que haviam vencido seus exércitos ou

pelo menos os deuses das nações que eram mais poderosos do que os seus. É irônico que Salomão adore os deuses de pessoas que ele venceu e já controla. O que possivelmente teria a ganhar com isso?”.⁵

A insensatez perversa de Salomão também nos é bem familiar porque os pecados que ele cometeu são igualmente comuns hoje em dia. Estamos vivendo em uma sociedade obcecada por sexo, em que a sedução do pecado sempre está à vista. Tendo profundo anseio por intimidade, jovens das igrejas são, com frequência, tentados a fazer o que Salomão fez, relacionando-se com alguém que não acredita no Deus da Bíblia. Em vez de cultuarem o único verdadeiro Deus, muitos cultuam uma grande quantidade de deuses falsos: dinheiro e prazer, trabalho e lazer, o ego e o sexo. Outros dizem que todas as religiões são basicamente iguais, que Buda e Maomé merecem tanta honra quanto Jesus. Às vezes isso acontece até mesmo na igreja, quando alguns afirmam cultuar Jesus, mas também seguem outros deuses.

Salomão parece ser exatamente o rei para estes tempos pós-modernos. Seus pecados ainda estão muito conosco, o que significa que nós mesmos podemos estar correndo o perigo de sofrer uma queda trágica. A menos que aprendamos com os erros de Salomão, poderemos cair em tentação sexual, acabar casando com alguém incrédulo ou nos envolver com religiões falsas, da mesma maneira que aconteceu com ele.

PRIMEIRA LIÇÃO: AS PEQUENAS ESCOLHAS QUE FAZEMOS

Em geral, o herói trágico aprende com seus erros. Sua história não termina simplesmente com a destruição, mas o conduz a um profundo reconhecimento do que deu errado. O herói chega a um ponto em que vislumbra a escolha trágica que levou a seu fracasso trágico. Ele pode até mesmo chegar a se arrepender.

O Primeiro Livro de Reis não nos diz de forma direta o que Salomão aprendeu com seus erros. Para isso, precisamos do Livro de Eclesiastes, em que o rei explica que aprendeu a “... temer a Deus e guardar seus mandamentos...” (12.13). Ainda podemos aprender as mesmas lições estudando 1Reis e examinando cuidadosamente o que deu errado. Um presbítero da Décima Igreja Presbiteriana de Filadélfia resumiu a vida de

Salomão com as seguintes palavras: “Por que cometer seus próprios erros quando você pode aprender com os meus?”.

Podemos aprender pelo menos duas importantes lições com a tragédia do rei Salomão. A primeira é que *começamos a cair em pecado muito antes de cair em desgraça*. Se queremos evitar nossa própria queda trágica, precisamos lutar, com o poder do Espírito Santo, contra cada pequeno pecado.

Observe o contraste ou até mesmo a contradição entre a maneira em que a história de Salomão começou e a maneira que terminou. Quando Salomão inicialmente ascendeu ao poder e escolheu sabedoria em vez de riqueza, a Bíblia nos diz que ele “... amou o SENHOR...” (1Rs 3.3). A palavra usada aqui para “amar” (*ahab*) é a mesma que a Bíblia emprega no fim da história para descrever o relacionamento do rei com mulheres estrangeiras. Houve uma mudança total nos afetos de Salomão. O homem que no passado amava a Deus acabou amando muitas mulheres pagãs. Conforme Richard Phillips escreve em sua análise da “deformação” do Israel do Antigo Testamento, o rei Salomão “tomou esposas estrangeiras, as mais lindas filhas do Egito, Moabe, Amom e Sidom, e, ao fazê-lo, recebeu no coração os deuses delas”.⁶

Como essa mudança aconteceu? Não foi de um dia para o outro. Salomão não acordou certo dia e de repente decidiu parar de amar a Deus e começar a amar alguma outra pessoa. Não, tal como sempre acontece, a transformação espiritual aconteceu pouco a pouco. “Uma pequena diferença na trajetória”, comenta Mark Dever, “pode fazer uma grande diferença no destino. [...] Com frequência o pecado começa com aquilo que aparenta ser uma pequena concessão — talvez uma desculpa para esse lapso ou uma breve satisfação daquele desejo. Mas essa simples mudança de trajetória pode colocá-lo na direção de um destino mortal”.⁷

Ao longo de toda a história de Salomão, são perceptíveis os sinais de uma tragédia iminente. O rei seguia a trajetória espiritual errada. Tudo começou quando ele fez uma aliança justamente com o Egito, casando-se com a filha do faraó. Essa foi uma das sementes de sua destruição: casar-se fora da fé. De tempos em tempos, Salomão ia cultuar em um dos altos dos cananeus — outro sinal da idolatria iminente.

Houve também a quebra das ordens dadas aos reis. Deus havia ordenado especificamente aos reis de Israel para não constituírem uma

cavalaria e também para não acumularem quantidades excessivas de prata e ouro (Dt 17.14-17). Mas Salomão adquiriu dezenas de milhares de cavalos e carros, inclusive muitos do Egito, o que Deus havia expressamente proibido. O rei também ajuntou imensos tesouros de prata e ouro. Essas eram as glórias do reino de Salomão, mas também se tornaram a ruína de sua alma. Pouco a pouco, ele estava fazendo as escolhas espirituais erradas, até que finalmente, quando "... ficou idoso, suas mulheres fizeram seu coração se desviar para seguir outros deuses; e seu coração já não era plenamente fiel ao SENHOR, seu Deus, como havia sido o coração de Davi, seu pai" (1Rs 11.4).

Há quem se surpreenda que Salomão tenha tido um final tão ruim, mas os detalhes de sua história prenunciam claramente sua ruína. A vida de Salomão foi como uma torre de tijolos. Com cada escolha trágica e pecaminosa, ele estava tirando mais um tijolo da estrutura de sua existência. Por um longo tempo sua vida parecia, pelo menos do lado de fora, que ainda estava firme. No entanto, o rei se enfraquecia cada vez mais, até que finalmente desmoronou em um montão de pecados ultrajantes.

Não foi só no final que Salomão fez a escolha errada, mas ao longo de todo o caminho. Sua história nos apresenta "um quadro de aquiescência gradual ao mal. O escritor da tragédia de Salomão não apresenta a tragédia como um ato isolado da vontade. Ele não está interessado nos instantes de sensualidade, materialismo e idolatria, mas no hábito, cultivado ao longo da vida, de fraqueza por mulheres, amor pelo esplendor e idolatria".⁸ Era nessa direção que a vida de Salomão estava seguindo. Ele nunca decidiu explicitamente parar de amar a Deus. No entanto, quanto mais amava outras coisas, menos amava a Deus, até que um dia ele não estava absolutamente vivendo para Deus. Salomão começou a cair em pecado muito antes de chegar a cair em desgraça. Como sempre acontece, houve uma série de pequenas decisões que conduziram à grande catástrofe.

Que escolhas você está fazendo e para onde elas o levarão no final? As consequências da escolha trágica de Salomão foram totalmente catastróficas. Elas acabaram dividindo e destruindo uma nação inteira. No entanto, no início elas pareciam pecados tão pequenos: um pouco mais de luxo, um pequeno flerte com alguém atraente e exótico, um novo estilo de

culto. Quem é que esperava que isso levasse Salomão à imoralidade e à idolatria?

Nossos próprios pecados talvez pareçam igualmente pequenos e ainda mais fáceis de justificar. “Talvez eu não precisasse comprar aquilo”, podemos dizer, “mas na verdade não era assim tão caro”. “Essas fotos não mostram tanto assim para serem consideradas pornografia.” “Sei que estou ficando emocionalmente apegado, mas é bom ter uma boa relação profissional com minha colega de trabalho.” “Não me importa que ele não é cristão; ele é uma boa pessoa e, além disso, talvez eu tenha uma oportunidade de compartilhar o evangelho.” Antes que percebamos, já fomos atraídos a usar nosso dinheiro na satisfação de nossos desejos, ou a adquirir o hábito de um pecado sexual, ou a ter um relacionamento que nunca foi da vontade de Deus. Muito antes de cair em desgraça, a maioria semeia para a própria destruição, com uma série de pequenas concessões espirituais.

Aprenda com o erro de Salomão! Resista a cada pequeno pecado, como se sua vida dependesse disso. Certa vez um dos puritanos comparou pequenos pecados a cobras recém-nascidas que vão serpenteando para fora do ninho: são minúsculas, mas mortais, e, se não forem mortas quando saem do ovo, crescerão até se transformar em enormes serpentes. De modo que, sempre que vírmos até mesmo o menor dos pecados que poderia transformar nossa vida em uma tragédia, devemos lutar contra ele com todo o poder do Espírito Santo. Leia a Bíblia, a qual o Espírito deu para nos ajudar a crescer na graça, prestando bastante atenção naquilo que ela diz sobre as tentações predominantes em sua vida. Receba os sacramentos que o Espírito usa para fortalecer sua fé e santidade. Ore para que o Espírito aumente seu desejo por Deus e diminua seu apetite pela iniquidade. A Escritura afirma que, “... se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis” (Rm 8.13).

Em seguida peça a Deus que lhe dê a graça de fazer as escolhas certas com seu dinheiro, seus relacionamentos e tudo o mais na vida. Mesmo que seja apenas uma pequena decisão, tomar a decisão certa evitará que você caia em declínio espiritual. Se você é jovem, escolha o caminho que Deus quer que você tome na vida e, então, permaneça nele. Se você é idoso e já escolheu esse caminho, ao contrário do que Salomão fez em seus últimos

anos, não se desvie dele. Escolha Jesus e, em seguida, continue a escolhê-lo por todo o caminho até o final de sua vida.

SEGUNDA LIÇÃO: O PECADO ESTÁ ONDE O CORAÇÃO ESTÁ

Esta é uma segunda lição a aprender com o erro de Salomão: *até mesmo os maiores dons espirituais não nos impedirão de pecar, caso nossos corações se desviem de Deus.*

Essa lição nos ajuda a entender o mistério da tragédia de Salomão. As pessoas sempre perguntam: Como um homem tão sábio pôde ser tão insensato? Se Deus deu, de fato, o dom da sabedoria a Salomão, então por que ele não foi suficientemente sábio para evitar cair em desgraça?

A resposta é que os dons de Deus nunca operam de modo independente ou automático, mas sempre de acordo com os afetos de nosso coração. De acordo com o uso bíblico, o coração é “o centro da vontade, do amor e do pensamento da pessoa”.⁹ O coração também é o centro de controle da nossa vida, e, dessa maneira, o uso dos nossos dons é governado pela condição do nosso coração.¹⁰ Nossos talentos podem ser úteis para a edificação do reino de Deus, mas apenas à medida que nosso coração está comprometido com a glória de Deus. Quando o nosso coração se desvia de Deus, até mesmo os dons que ele deu serão usados contra ele. Essa é uma advertência solene para qualquer um que tenha muitos dons, porque, quanto mais dons nós temos, mais prejuízos provavelmente causaremos quando nosso coração se desviar do Deus da graça. De modo que, quando o coração de Salomão se desviou de Deus, até mesmo sua sabedoria se transformou em loucura.

No início de seu reinado o coração de Salomão estava no lugar certo. O motivo pelo qual ele pediu sabedoria a Deus foi que tinha um coração desejoso do bem do povo de Deus; ele queria governá-los bem. Quando orou pedindo “... uma mente compreensiva...”, seu pedido foi, mais literalmente, um *coração* compreensivo (1Rs 3.9). Ter um coração voltado para Deus é a essência do que significa ser crente. Salomão começou com aquele afeto santo; o Deus vivo era seu primeiro e mais verdadeiro amor. Isso fica evidente na maneira que governou seu povo, construiu o templo e orou ao Deus vivo. O rei Salomão guardou o primeiro e maior

mandamento: “Ame o SENHOR, seu Deus, com todo o seu coração” (Dt 6.5).

A tragédia é que o coração de Salomão terminou no lugar errado. Ele perdeu seu primeiro amor. O texto de 1Reis 11 enfatiza isso ao diagnosticar sua ruína como problema no coração. No versículo 1, lemos que o rei “... amou muitas mulheres estrangeiras...”. Salomão foi culpado de afetos pecaminosos, de amar as coisas erradas na vida. No versículo 2, quando Deus explica o que está errado nos casamentos com mulheres pagãs, ele diz: “... elas farão o coração de vocês se desviar para seguir seus deuses...”. Foi exatamente isso o que aconteceu. “... Suas mulheres fizeram seu coração se desviar” (v. 3). Ou, repetindo: “Quando Salomão ficou idoso, suas mulheres fizeram seu coração se desviar para seguir outros deuses; e seu coração já não era plenamente fiel ao SENHOR, seu Deus” (v. 4).

O vocabulário usado para descrever a mudança nos afetos de Salomão é enfático. A Bíblia diz que ele “se apegou” às suas esposas. Normalmente o verbo hebraico para apegar-se (*dbq*) é usado para descrever a maneira de alguém se apegar a Deus pela fé. Porém, no caso de Salomão, é usado para descrever afetos ímpios que o levaram ao grande pecado de adorar outros deuses. A Bíblia fala disso repetidas vezes: a história de Salomão se tornou uma tragédia porque seu coração amou outras coisas mais do que o Deus vivo. Ele amou de fato a Deus até certo ponto, mas tinha um coração profundamente dividido que também amava muitas mulheres e adorava muitos deuses.

Quando nosso coração se desvia de Deus, nossos dons espirituais não nos impedirão de cair em pecado grave. A sabedoria de Salomão não o manteve santo, nem o templo que ele construiu o guardou da idolatria. A Bíblia diz que Salomão acabou fazendo “... o que era mau aos olhos do SENHOR...” (1Rs 11.6). O mesmo homem que foi suficientemente sábio para construir uma casa para Deus foi tão insensato que acabou construindo altos para o culto de divindades pagãs. Não dá para dizer o que alguém fará quando seu coração se desviar do Senhor!

Você consegue aprender com o erro de Salomão e aplicar a lição à própria vida? Saiba disto: seus dons não o guardarão do pecado, caso você tenha um coração que está se desviando de Deus. Cultivar um conhecimento vasto de teologia, servir aos pobres, ofertar para a obra cristã,

ensinar na igreja, oferecer conselhos espirituais — nenhum desses dons nos protegerá do fracasso espiritual, caso amemos o mundo ou a nós mesmos mais do que amamos a Deus. Salomão foi um dos homens com mais dons que já viveu. Se sua sabedoria não pôde salvá-lo, como os nossos próprios dons poderão chegar a nos salvar?

Não dá para dizer o que poderíamos vir a fazer, caso nosso coração se desviasse de Deus. Sem a graça de Deus e a obra do seu Espírito, poderíamos muito bem acabar fazendo algo maligno, tal como Salomão fez. As pessoas sempre parecem surpresas quando cristãos bem conhecidos caem em pecado. Isso acontece porque elas estão prestando atenção nos dons, e não no coração deles. Contudo, o coração é a mais importante de todas as coisas.

Qual é o estado de seu coração? Qual é o maior objeto de seus afetos? Sendo bem honesto, você está crescendo cada vez mais profundamente no amor por Jesus, ou seu coração está se desviando para uma tragédia, como aconteceu com o coração de Salomão? Não confie em que seus dons o tornarão fiel, mas “mantenha-se no amor de Deus, aguardando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a qual conduz à vida eterna” (Jd 21). Mediante sua graça, o próprio Deus o guardará de pecar, pois ele é “... capaz de impedi-lo de cair, apresentando-o diante de sua gloriosa presença sem defeito e com grande alegria” (v. 24, NIV).

E O QUE ACONTECEU COM O IDOSO REI SALOMÃO?

Com frequência as pessoas ficam imaginando o que aconteceu com Salomão. Chegou a se arrepender de seus pecados? Nós o veremos no céu? Ele foi salvo?

Essa é sempre a pergunta mais importante para qualquer um. Nada é mais importante na vida do que onde vamos parar na eternidade — no céu ou no inferno. Uma pessoa pode cometer muitos pecados nocivos, tal como fez Salomão, e ainda assim chegar ao céu pela graça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo. Tudo está bem quando a alma acaba bem.

Temos bons motivos para esperança quanto à salvação de Salomão. Um dos motivos para a esperança é que Deus havia prometido a Davi que seu filho, embora viesse a ser disciplinado, não seria abandonado: “Serei um pai

para ele, e ele será um filho para mim. Quando ele cometer iniquidade, eu o disciplinarei com a vara de homens, com os açoites dos filhos de homens, mas não se afastará dele o meu amor inabalável, que tirei de Saul, a quem removi de diante de você” (2Sm 7.14,15). Se o livro de Eclesiastes serve de indicação, o rei aprendeu com seus erros e voltou a um relacionamento correto com Deus. Além disso, com base no que sabemos dos Evangelhos, Jesus considerava que Salomão ocupava uma posição vital na história da salvação. Quase dá para imaginar Salomão cantando o famoso hino de George Beverly Shea como confissão de sua própria fé:

Jesus é melhor, sim, que ouro e bens.
Jesus é melhor do que tudo o que tens;
melhor que riquezas e posições,
melhor muito mais do que milhões.

Do que ser um rei com poder nas mãos,
mas do mal escravo, sim.
Mil vezes prefiro o meu Jesus
e amá-lo até o fim.

Quer Salomão tenha ou não sido salvo, podemos ter certeza absoluta de nossa salvação. Mesmo depois de todos os nossos afetos errados — depois de todas as vezes que nosso coração perambulou para longe do Deus que amamos —, nossa salvação ainda está segura. Isso acontece porque não somos salvos pelo nosso amor por Deus; somos salvos por seu amor por nós em Cristo. Essa é a boa notícia do evangelho: a maneira de chegarmos ao céu não é amando suficientemente a Deus para fazer com que ele queira nos deixar entrar, mas é Jesus nos amando o suficiente a ponto de morrer na cruz por nossos pecados. Jesus Cristo é o Salomão maior de nossa salvação, cujo coração nunca se desviou de Deus, mas continuou a amá-lo até o fim e continuará a nos amar até chegarmos à glória.

Deus tem misericórdia de nós, mesmo depois de todas as escolhas trágicas que temos feito e de todos os afetos errados que têm nos levado a nos afastar dele. Se formos sábios, nós nos arrependemos de coração por todas as coisas erradas que temos feito. Pediremos ao Espírito Santo para escrever alguns novos capítulos na história de nossa vida — capítulos melhores do que 1Reis 11! Mediante o amor de Jesus, a história que o Espírito escreve será, no final, melhor do que jamais imaginamos. Jesus é

um novo tipo de herói, aquele que entra em nossa trágica história para ocupar nosso lugar. Somos pessoas com uma imperfeição trágica e pecaminosa. Somos aqueles que merecem sofrer as consequências de nosso pecado. No entanto, Jesus interveio para sofrer a ira de Deus em nosso lugar. É por isso que ele veio ao mundo: para entrar em nossa situação trágica e nos resgatar de nossa ruína. É por isso também que Jesus morreu na cruz: para suportar o pleno castigo que merecemos por nosso pecado.

Ao morrer em nosso lugar, Jesus transforma nossa tragédia em comédia — em uma história com final feliz. Deus está irado conosco por causa de nosso pecado. Merecemos estar debaixo de seu justo juízo. Não obstante, Deus nos salvou de sua própria ira, ao enviar seu Filho para ser nosso Salvador.

GUIA DE ESTUDO

Bons livros despertam nossas emoções, e essa é uma de suas melhores qualidades. Chegamos a nos identificar com as personagens: quando estão tristes, ficamos tristes; quando estão felizes, nos alegramos com elas. Podemos até mesmo odiar algumas personagens do livro e ficar contentes quando recebem o merecido castigo. Todavia, alguns livros brincam com nossas emoções de formas inesperadas. Pode ser difícil dizer com quais personagens se espera que simpatizemos, e, quando terminamos a leitura, pode ser até difícil decidir se de fato gostamos do livro. A Bíblia contém muitos e diferentes gêneros de história. Muitos deles têm um final feliz, em que os bandidos recebem o que merecem e o herói aprende com quaisquer erros que tenha cometido. Porém, neste capítulo, estamos considerando uma história que está mais para tragédia — a triste história do rei Salomão.

1. Você prefere ler *Hamlet* ou *Sonho de uma noite de verão*? Quando escolhe um livro ou um filme, sua preferência recai em comédia ou tragédia? E, nesse gênero específico, do que você mais gosta?

2. Na literatura o herói trágico é alguém de alta posição social — alguém que é visto como representante da humanidade em geral e possui algo que podemos chamar de grandeza de espírito —, mas também exibe uma imperfeição trágica. Quais são algumas das características que qualificam Salomão como um herói trágico?
3. Leia o começo da história de Salomão em 1Reis 3.3-15. Com um começo assim tão majestoso, é difícil imaginar como Salomão poderia ter enfrentado uma ruína trágica. Quando nos vemos pensando que nós ou alguém que admiramos “jamais poderia cair *naquele* pecado”, estamos subestimando a atração do pecado. Que advertências a Bíblia apresenta sobre essa forma de pensar?
4. A realidade é que a escolha a favor ou contra o reino de Deus chega até nós a cada dia em cada decisão que tomamos sobre absolutamente tudo. Dê alguns exemplos de escolhas que você teve de fazer recentemente e que refletem essa verdade, talvez quando você interagiu com pessoas em seu trabalho, quando decidiu como gastar seu tempo “livre” ou quando ponderou sobre uma compra específica.
5. De que maneiras podemos nos proteger contra uma ruína trágica em nossa vida?
6. Leia 1Reis 11.1-8. Quais eram as imperfeições trágicas de Salomão? Que ações e atitudes pecaminosas levaram à sua ruína?
7. Cada um de nós tem tendência para certos pecados, dado o nosso passado, por nossa constituição emocional ou personalidade. Dê alguns

exemplos de pecados costumeiros que podem nos fazer tropeçar repetidamente. Quais seriam as estratégias para lidar com esses pecados?

8. É importante examinar nossa vida e reconhecer as sementes do pecado que podem nos arrastar para uma grande enrascada. De modo específico, o que fazer para se assegurar de que pecados habituais sejam arrancados de sua vida pela raiz antes que levem a tragédias?
9. Lemos, em 1Reis 3, que o Senhor deu a Salomão o dom de sabedoria, mas a história de Salomão mostra que nem sempre ele agiu sabiamente. Como você pode conciliar o dom espiritual de Salomão com seus pecados insensatos?
10. O que a loucura de Salomão nos ensina sobre o mau uso dos dons espirituais? Que casos você já testemunhou de dons espirituais que foram depreciados ou usados indevidamente por alguém cujo coração se desviou de Deus?
11. No final da vida, Salomão escreveu no livro de Eclesiastes aquilo que havia aprendido. Leia Eclesiastes 12.13,14. Que conselho ele nos deixa no final de sua vida? O que isso nos diz sobre tudo o que Salomão aprendeu com seus erros?

¹Leland Ryken, *How to read the Bible as literature* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), p. 83-4.

²Ibidem.

³Leland Ryken, *The literature of the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), p. 95.

⁴Ryken, *How to read the Bible as literature*, p. 83-4.

⁵Paul R. House, *1, 2 Kings*, The New American Commentary (Nashville: Broadman, 1995), p. 167.

⁶Richard D. Phillips, *Turning back the darkness: the biblical pattern of reformation* (Wheaton: Crossway, 2002), p. 58.

⁷Mark Dever, *The message of the Old Testament: promises made* (Wheaton: Crossway, 2006), p. 293 [edição em português: *A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética*, 2. ed., tradução de Lena Aranha (Rio de Janeiro: CPAD, 2008)].

⁸Ryken, *The literature of the Bible*, p. 100.

⁹Dale Ralph Davis, *The wisdom and the folly: an exposition of the Book of First Kings* (Fearn: Christian Focus, 2002), p. 114.

¹⁰Em suas pregações, é frequente Paul David Tripp usar a analogia do coração como centro de controle.

A QUEDA DA CASA DE DAVI

Por isso o SENHOR disse a Salomão: “Visto que essa tem sido a sua prática e visto que você não guardou minha aliança e meus estatutos que lhe ordenei, certamente tirarei o reino de você e o darei a seu servo. No entanto, por causa de Davi, seu pai, não farei isso em seus dias, mas o tirarei da mão de seu filho” (1Rs 11.11,12).

Uma tragédia de verdade sempre resulta em um intenso sofrimento. Nós o constatamos em todas as tragédias, de Sófocles a Shakespeare, e não apenas nas tragédias que lemos na Bíblia. O herói trágico fez uma escolha trágica. Por alguma imperfeição específica de seu caráter, ele tomou uma decisão insensata e frequentemente pecaminosa que só pode terminar em catástrofe. Por isso, enquanto a tragédia se desenrola, ele sofre profundamente por sua decisão.

Constatamos o sofrimento trágico em *Rei Lear*, uma das famosas tragédias de Shakespeare. A peça começa com o idoso rei dividindo seu reino entre três filhas. Duas delas adulam o pai, na esperança de ganhar uma fatia maior da herança. Todavia, quando a irmã delas, Cordélia, se recusa a fazer o jogo egoísta das outras duas, o rei Lear tem um acesso de raiva. Depois de dividir a herança em partes iguais entre as irmãs, que não a mereciam, o rei expulsa Cordélia de seu reino. Quando percebe seu erro e reconhece que rejeitou a única filha que o ama de verdade, é tarde demais. A peça termina com Lear angustiado, segurando o cadáver da filha nos braços e dizendo: “Eu poderia tê-la salvado; agora ela se foi para sempre! Cordélia, Cordélia!”.¹

No entanto, mesmo essa tristeza profunda não se compara ao sofrimento presente na tragédia de Salomão, o Sábio. Salomão também havia feito sua

escolha fatídica. Havia escolhido casar-se com mulheres estrangeiras e cultuar os muitos deuses delas. O resultado de sua trágica decisão foi um sofrimento intenso para si, sua família e seu reino.

A JUSTA IRA DE DEUS

A Bíblia conta a história da tragédia de Salomão para que possamos evitar cometer os mesmos erros que ele cometeu. As escolhas do pecado são sempre trágicas, e somos tentados a fazê-las a cada dia. Por isso, se formos sábios, deixaremos o Espírito Santo usar o exemplo de Salomão para nos ensinar sobre nossa própria necessidade da graça salvadora de Deus.

A primeira coisa que aprendemos com o sofrimento trágico de Salomão é que Deus está indignado por causa do nosso pecado, e com razão. A Bíblia diz isso com bastante clareza: “O SENHOR ficou indignado com Salomão, porque o coração dele havia se desviado do SENHOR...” (1Rs 11.9). Não foi simplesmente o pecado que deixou Deus indignado, como se de alguma maneira fosse possível fazer separação entre o pecado e o pecador; era o homem que cometeu esse pecado que se tornou objeto pessoal da ira divina. O Senhor se indignou com Salomão. A reação divina nos confronta com uma verdade bíblica em que a maioria das pessoas não crê e sobre a qual a maioria delas prefere não falar, ainda que eventualmente creiam nela. Essa verdade bíblica é a ira de Deus.

Estes são tempos imorais, quando as pessoas querem a liberdade para fazer o que querem na hora que querem e com a pessoa que querem, ou talvez seja mais exato dizer que estes são tempos *am*orais, quando ninguém pondera muito sobre fazer o que é certo. Isso é especialmente verdadeiro nos Estados Unidos, onde em geral as pessoas gostam de pensar que aquilo que fazem é assunto pessoal, que não é da conta de ninguém mais. Com frequência as pessoas ficam ofendidas quando são questionadas em alguma área específica de moralidade individual. “O que *você* tem que ver com isso?”, questionam. “Isso não é nada de mais.” Então passam a justificar suas palavras de raiva, sexo antes do casamento ou alguma prática desonesta nos negócios — quaisquer que sejam os pecados que são tentadas a cometer.

Com certeza as pessoas não querem que Deus seja trazido para a discussão. Elas falam sobre a separação entre igreja e estado, mas com

frequência o que querem dizer com isso é a separação entre Deus e a vida diária. De qualquer maneira, que direito Deus tem de nos dizer o que devemos fazer? Se as pessoas chegam a acreditar em Deus, gostam de pensar nele como uma espécie de Papai Noel cósmico que existe para fazer coisas boas para as pessoas, não para desaprovar o que estamos fazendo.

No entanto, o Deus que colocou Salomão no trono de Israel se revela como um Deus da ira, e não apenas de misericórdia. A indignação de Deus não é um sentimento irracional, mas uma justa rejeição do pecado. Dizer que Deus está indignado não significa que ele seja culpado de uma fúria descontrolada e insensata. Sua ira não é uma imperfeição de caráter. Também não é um atributo divino indigno, uma mancha na reputação de Deus, que nos demais aspectos é perfeita. Pelo contrário, a ira de Deus é uma das suas santas perfeições. Dizer que Deus está indignado é expressar em termos humanos sua oposição absoluta à impiedade, uma oposição que é livre de tudo o que torna pecaminosa a nossa indignação. Leon Morris define a ira de Deus como a “repulsa pessoal divina ao mal”.² De modo parecido, John Stott diz que a ira de Deus é seu “contínuo e resolutivo antagonismo, provocado apenas pelo mal e expresso em sua condenação”.³ Em outro texto, Stott define a ira de Deus como sua “justa reação ao mal, sua implacável hostilidade a ele, sua recusa em compactuar com ele e seu juízo contra ele”.⁴ Deus é perfeitamente justo e imaculadamente santo. Como, então, ele poderia reagir ao pecado senão com uma pura intenção de destruí-lo?

A verdade é que Deus tinha um bom motivo para estar indignado com o rei Salomão. A Bíblia nos diz exatamente por que ele esteve sujeito ao juízo divino. Foi “... porque seu coração havia se desviado do SENHOR, o Deus de Israel, que lhe havia aparecido duas vezes e lhe havia ordenado, acerca deste assunto, que ele não deveria ir atrás de outros deuses. Porém ele não cumpriu o que o SENHOR ordenou” (v. 9,10).

Observe todas as maneiras pelas quais Salomão havia ofendido a santidade de Deus. Para começar, o coração do rei havia se desviado do amor de Deus. Embora anteriormente houvesse professado abertamente sua afeição por Deus, mais tarde Salomão deixou de amar a Deus. Deus é totalmente amável; por ser o único Deus e por sua absoluta perfeição, ele é singular e infinitamente digno de toda a nossa afeição. O único Deus

verdadeiro merece todo o nosso amor. No entanto, Salomão havia abandonado essa afeição sublime; e, porque Deus nos considera responsáveis por aquilo que nosso coração escolhe amar, ele ficou indignado com Salomão. Ficou indignado com um ciúme santo, que é a prerrogativa justa de qualquer cônjuge que tem um direito exclusivo sobre o afeto de seu amado.

Salomão havia abandonado seu primeiro amor, embora Deus lhe tenha aparecido em duas ocasiões distintas para abençoá-lo e dizer-lhe como ele deveria viver. Bem poucas pessoas têm tido o raro e extraordinário privilégio de se encontrar com Deus face a face. No entanto, isso aconteceu *duas vezes* com Salomão, uma no início de seu reinado e outra mais tarde, quando construiu seu famoso templo. Ainda assim, Salomão se afastou de Deus. Suas experiências espirituais não o impediram de pecar, assim como seus dons espirituais não o impediram. Por isso, Deus estava indignado com Salomão por rejeitar o relacionamento entre eles.

Salomão também cometeu o maior de todos os pecados, o que ajuda a explicar ainda mais por que Deus estava tão indignado com ele. Salomão foi culpado de “... ir atrás de outros deuses...”. Há apenas um Deus vivo e verdadeiro, que era, que é e que há de vir — o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Apesar disso, Salomão havia decidido adorar deuses falsos, que são incapazes de salvar. Não há pecado maior que do este: desonrar a Deus mediante o culto de qualquer outra pessoa ou coisa.

Deus também estava indignado com Salomão porque “... ele não cumpriu o que o SENHOR ordenou”. Salomão quebrou o primeiro mandamento ao ter outros deuses diante de Deus. Quebrou o segundo mandamento ao fazer imagens idólatras. Seu pecado desonrou seu pai, Davi, e, por conseguinte, violou o quinto mandamento. Esse pecado incluiu adultério e, dessa forma, quebrou o sétimo mandamento. É isto o que acontece quando as pessoas se desviam de Deus: quando acabam de se desviar, já quebraram todos os mandamentos da Bíblia. Não basta conhecer os mandamentos, embora seja um bom ponto de partida. Deus requer que *cumpramos* os mandamentos, e, caso não os cumpramos, então ele tem razão de ficar indignado.

Por todos esses motivos, Deus ficou indignado com Salomão, e com razão. Sua ira estava inteiramente em conformidade com seu caráter divino

e com as palavras que havia falado ao seu povo: “Você não irá atrás de outros deuses, os deuses dos povos que estão ao seu redor — pois o SENHOR, seu Deus, que está em seu meio, é um Deus ciumento —, para que a ira do SENHOR, seu Deus, não se acenda contra você...” (Dt 6.14,15).

Se Deus é santo, precisa se opor totalmente ao pecado, inclusive nosso próprio pecado. Isso é devastador para nós porque somos culpados dos mesmos pecados de Salomão. Com frequência nosso coração tem se desviado do amor de Deus. Mesmo que digamos que o amamos de verdade, também temos de admitir que nossos afetos espirituais com frequência esfriam. Deus tem vindo até nós não apenas uma ou duas vezes, mas repetidas vezes. Cada vez que ouvimos sua Palavra, ele vem de novo até nós, oferecendo-nos sua graça e nos mostrando seu amor. Ainda assim insistimos em pecar contra ele. De todos os pecados que amamos cometer, o maior é ir atrás de outros deuses: os prazeres egoístas e tolos de um mundo decaído. Agindo assim, acabamos quebrando os mandamentos de Deus. Em nossa ganância, quebramos a ordem de não cobiçar; em nossa concupiscência, quebramos a ordem de não cometer pecado sexual; em nossa ambição, quebramos a ordem de não violar os direitos de outros que estão em situação mais frágil. Quem pode, com toda honestidade, afirmar que cumpriu todos os mandamentos de Deus ou que o amou com um amor puro e perfeito? Todavia, se não amarmos nem obedecermos a Deus, ele ficará indignado conosco por causa de nosso pecado, e com razão.

Stephen Lungu descobriu dolorosamente a indignação de Deus contra seu pecado em uma reunião evangelística realizada em uma tenda em Highfield, na Rodésia (atual Zimbábue). Lungu tinha ido à reunião decidido a provocar destruição. Ele e os outros membros de uma gangue de rua chamada Sombras Negras estavam armados com explosivos. Eles haviam decidido matar o máximo de cristãos que pudessem.

Quando os membros da gangue chegaram um pouco antes da hora da reunião, decidiram entrar por alguns minutos e ouvir o evangelista. Logo Lungu estava fascinado pelo que estava ouvindo. “Muitos de vocês correm sério perigo”, advertia o pregador. “Todos vocês têm pecado. Vocês têm enganado. Vocês têm mentido. Vocês têm feito mal às pessoas.” Stephen Lungu sentiu como se o dedo do pregador estivesse apontando diretamente para ele. Como esse homem sabia o que ele havia feito? Ele achou que

alguém devia ter contado ao pregador tudo a respeito dele, porque esses eram exatamente os pecados que ele próprio havia cometido. Lungu começou a abaixar a cabeça toda vez que o pregador apontava o dedo, esperando evitar aquele dedo acusador. Mas o evangelista continuava lhe dizendo o que todo mundo precisa ouvir: Deus sabe tudo sobre nosso pecado e nos julgará por causa dele.⁵

AS CONSEQUÊNCIAS DO PECADO DE SALOMÃO

A indignação de Deus tem consequências reais, tanto nesta vida quanto na vida futura. Se Deus está indignado conosco por causa de nosso pecado, com certeza ele nos castigará por isso. Essa é parte da tragédia do pecado: ele leva a juízo. Por causa da justiça perfeita de Deus, estamos sujeitos a sofrer as consequências de nosso pecado.

Vemos isso claramente na tragédia do rei Salomão. Anteriormente, Deus havia falado com Salomão usando a palavra “se”: *se* Salomão andasse com Deus em santa obediência, Deus estabeleceria seu trono (1Rs 9.4,5). Caso contrário, perderia seu reino. As bênçãos de sua dinastia dependiam da guarda dos mandamentos.

Contudo, quando Deus falou a Salomão dessa vez, ele começou com a expressão “visto que”: “... Visto que essa tem sido a sua prática e visto que você não guardou minha aliança e meus estatutos que lhe ordenei, certamente tirarei o reino de você e o darei a seu servo” (1Rs 11.11). Infelizmente, a prática costumeira de Salomão havia se tornado *não* guardar os mandamentos de Deus. Uma vez que a condição da aliança não tinha sido cumprida, era certo que algumas consequências viessem em seguida. O reino de Salomão seria arrancado de suas mãos — a ruína trágica da casa de Davi.

Embora Salomão não fosse perder o reino imediatamente, as dificuldades que começou a enfrentar alertavam para uma catástrofe que se avizinhava. O reino do rei Salomão tinha sempre estado em paz, mas agora ele começava a ter inimigos. Onde anteriormente havia paz por todos os lados, parece que agora havia inimigos por todos os lados.

O texto de 1Reis 11 conta a história de dois desses “adversários”. Um deles veio de Edom, que ficava no sul: “... o SENHOR levantou um

adversário contra Salomão, Hadade, o edomita. Ele era da casa real de Edom” (v. 14). Desde os dias de Jacó e Esaú tinha havido tensão entre os israelitas e os edomitas. Os edomitas eram descendentes de Esaú, ao passo que os israelitas vinham de Jacó, o irmão mais novo de Esaú que lhe roubou a bênção e o direito de primogenitura (veja Gn 25.29-34; 27.1-45).

Na época do rei Salomão tinha havido alguns episódios recentes entre essas duas tribos: “Porque, quando Davi estava em Edom, e Joabe, o comandante do exército, subiu para enterrar os mortos, ele eliminou todos os homens de Edom (pois Joabe e todo o Israel permaneceram seis meses ali, até que destruíram todos os homens de Edom)” (1Rs 11.15,16). É desnecessário dizer que a conquista pelos israelitas não fez com que os edomitas tivessem simpatia por eles. Em outra passagem, lemos que os homens de Davi mataram quase vinte mil homens antes de escravizar os demais (2Sm 8.13,14). A atitude dos poucos edomitas que de alguma maneira conseguiram sobreviver não era muito favorável à casa de Davi.

Esse era especialmente o caso do único membro da família real de Edom que escapou com vida: “Quando ainda era pequeno, Hadade fugiu para o Egito, juntamente com alguns edomitas dos servos de seu pai” (1Rs 11.17). A Bíblia diz então, sobre Hadade e seus homens:

Eles partiram de Midiã, chegaram a Parã e dali levaram homens consigo até o Egito, até o faraó, rei do Egito, que deu a Hadade uma casa, atribuiu-lhe uma dotação de alimentos e deu-lhe a terra. E Hadade caiu nas boas graças do faraó, de modo que este lhe deu em casamento a irmã de sua própria esposa, a irmã da rainha Tafnes. E a irmã de Tafnes gerou seu filho Genubate, a quem Tafnes desmamou na casa do faraó. E Genubate esteve na casa do faraó entre os filhos do faraó (v. 18-20).

Vivendo no Egito, Hadade não apenas sobreviveu, mas prosperou. Foi acolhido como um membro destacado da corte real do faraó. Foi abençoado com uma casa bonita e boa comida. Pediu a mão da cunhada do faraó em casamento. Seu filho foi criado como um dos príncipes do Egito.

Apesar de todas as bênçãos que experimentou no Egito, Hadade nunca esqueceu o que Israel havia feito aos edomitas. Deu ao filho o nome de Genubate, que significa “roubar” (do verbo hebraico *ganab*), possivelmente como um lembrete constante de que o reino havia sido tirado dele. Ele ficou esperando no Egito a hora de agir — uma vítima amargurada que

alimentava um ressentimento cheio de ódio enquanto reunia suas forças e esperava o dia de se vingar.

A história de Hadade tem um paralelo contemporâneo na personagem Inigo Montoya, do filme *The princess bride* [*A princesa prometida*], de 1987. Quando Montoya era garoto, assistiu ao assassinato do pai por um homem que tinha seis dedos na mão. Dedicando sua vida para vingar a morte do pai, o menino treinou para se tornar o maior espadachim do mundo e, quando alcançou idade suficiente, viajou pelo mundo em busca do assassino. Durante todo esse tempo, ele recitava sem parar as palavras famosas que finalmente proferiria quando se encontrasse face a face com seu inimigo: “Olá! Meu nome é Inigo Montoya! Você matou o meu pai; prepare-se para morrer!”.

À semelhança de Inigo Montoya, Hadade estava esperando se vingar, e, quando a oportunidade finalmente chegou, ele a aproveitou: “Entretanto, quando Hadade ouviu no Egito que Davi havia dormido com seus pais e que Joabe, o comandante do exército, havia morrido, Hadade disse ao faraó: ‘Deixe-me partir, para eu ir para o meu próprio país’. Porém o faraó lhe disse: ‘O que lhe falta comigo para que agora você esteja procurando ir para seu próprio país?’. E ele lhe disse: ‘Apenas deixe-me partir’” (v. 21,22). Então Hadade convenceu o faraó a deixá-lo ir, e a partir desse momento os edomitas começaram a hostilizar Salomão na fronteira sul, solapando pouco a pouco o seu império.

Por que a Bíblia se dá ao trabalho de nos contar essa história, a qual, à primeira vista, parece ter bem pouca relação com a história do rei Salomão? Na verdade, a vingança de Hadade é uma das consequências trágicas do pecado de Salomão. A partir desse momento, a oposição dos edomitas causaria problemas para Israel. O relato também mostra como foi inútil Israel fazer aliança com o Egito. Ao mesmo tempo em que o faraó estava vendendo carros a Salomão e oferecendo a mão de sua filha em casamento, também estava dando refúgio a inimigos de Israel. Tudo isso é verdade. Mas por que a Bíblia conta essa história com tantos detalhes?

Para responder a essa pergunta, é importante observar como a história de Hadade soa parecida com a história de Israel no Egito. Uma nação reside temporariamente no Egito, onde recebe pão para comer e um lugar para viver, e onde alguns de seus filhos se tornam príncipes. Ao final desse

tempo, o líder dessa nação pede ao faraó que deixe seu povo ir, um pedido que inicialmente ele não aceita, mas ao qual no final atende. Algo disso soa familiar? A história de Hadade segue o enredo principal do Êxodo, quando Moisés e os filhos de Israel escaparam do Egito e voltaram à Terra Prometida.

Exceto que tudo na história de Hadade acontece invertido. A nação que sai do Egito não é Israel, mas Edom. Essa guinada é obra de Deus — não para benefício de Israel, mas em detrimento de Israel. A Bíblia afirma claramente que o Senhor levantou Hadade como adversário de Salomão (v. 14). A ideia principal é que isto é o que acontece quando nosso coração se desvia do Senhor: sua mão vem contra nós, e sofremos as consequências de nosso pecado.

A história de Rezom ensina algo parecido. Se Hadade estava hostilizando Salomão no sul, Rezom o estava atacando no norte:

Deus também levantou como seu adversário Rezom, filho de Eliada, que havia fugido de seu senhor, Hadadezer, rei de Zobá. E, após o morticínio feito por Davi, ele reuniu homens ao seu redor e se tornou líder de um bando de saqueadores. E foram para Damasco, onde viveram e o fizeram rei. Ele foi adversário de Israel todos os dias de Salomão, causando mal da mesma maneira que o fez Hadade. Ele detestava Israel e reinou sobre a Síria (v. 23-25).

Esse relato tem tanta relevância política quanto a mais recente informação que apareceu no noticiário da televisão. Israel e a Síria ainda hoje estão lutando pelo mesmo território, como é o caso das colinas de Golã. Vemos esse conflito ao longo de 1 e 2 Reis, em que os sírios atacam os israelitas vez após outra. Por isso, esse episódio tem importância para o texto: ele prepara o palco para algumas das histórias que se seguem.

Contudo, esse relato também tem em si mesmo importância espiritual. Basicamente Rezom e seu bando de rebeldes estavam usando uma tática de guerrilha. Em tempos passados, esse tinha sido o papel que Davi havia desempenhado. Nos dias anteriores a sua régia dinastia, quando Saul ainda era o rei de Israel, Davi tinha sido o líder de um bando de saqueadores. Contudo, agora tudo está invertido. A casa de Davi não está *no* ataque, mas *sob* ataque. Os papéis estão trocados. Salomão está fazendo o papel de Saul, e Rezom, o papel de Davi, o que é um claro sinal de que sua dinastia ficou sujeita ao juízo de Deus.

AS CONSEQUÊNCIAS DE NOSSO PECADO

Isto é o que acontece quando nosso coração se desvia do Senhor: por causa da justiça de Deus, estamos sujeitos a sofrer as consequências trágicas de nosso pecado. Em certo aspecto, os relatos sobre Rezom e Hadade dizem respeito a política de guerra. Entretanto, em um aspecto mais fundamental, dizem respeito a pecado e juízo. Conflitos políticos e militares nunca estão fora do alcance da soberania de Deus. Nesse caso em particular, a Bíblia nos diz que Deus estava levantando adversários contra Salomão, porque o rei havia cometido o grande pecado de cultuar outros deuses. Seus sofrimentos eram merecidos, como consequência trágica de sua trágica escolha.

Deus ainda opera da mesma maneira hoje em dia. Sendo juiz justo, com frequência ele leva pecadores a juízo. É certo que nem sempre conhecemos os propósitos de Deus. Por que ele permite que essa nação triunfe ou que aquelas pessoas sofram? Ainda assim, por meio da justiça soberana de Deus as pessoas sofrem frequentemente as consequências de seus pecados. Escolhas autodestrutivas conduzem à destruição, não apenas porque é dessa forma que o universo funciona, mas porque o universo é governado por um Deus justo e reto. As pessoas que pecam estão sujeitas a sofrer o juízo divino.

Para todos os que pertencem a Deus por meio da fé em Cristo, esses juízos nunca são punitivos, apenas corretivos. Em seu amor e disciplina paternos, Deus usará quaisquer consequências que soframos por causa de nossos pecados para realizar sua boa obra em nossa vida. Apesar disso, os juízos de Deus são um assunto sério que deve levar ao exame pessoal. Nossas escolhas morais têm consequências reais. O que fazemos com nosso dinheiro, a maneira de lidar com o sexo, o exercício do poder — somos responsáveis diante de Deus por cada decisão que tomamos. Será que alguns de nossos sofrimentos no presente são o resultado trágico de nosso próprio pecado? Nesse caso, Deus está nos corrigindo com justiça.

Considere as escolhas pecaminosas que você está fazendo na vida: talvez um ressentimento cada vez maior por causa de um desentendimento ou pequenas concessões em relação ao pecado sexual. Talvez você seja tentado a usar palavras iradas ou a buscar prazeres inconsequentes. Para onde esses pecados o conduzirão no final? Em que consequências trágicas resultarão?

Há também a realidade do juízo final a se considerar. Todos estaremos diante de Deus para ser julgados por tudo o que já fizemos. Todos os justos juízos que vemos na Bíblia — inclusive aquele que Salomão sofreu nas mãos de Hadade e Rezom — têm como alvo nos fazer lembrar o último de todos os juízos, quando Jesus Cristo retornar para abrir e fechar as portas do céu e do inferno.

Você está pronto para o juízo final? Para muitos, a vinda de Cristo será uma tragédia que acabará com todas as tragédias. Como consequência da escolha deliberada dessas pessoas de seguir outros deuses, elas estarão sujeitas ao juízo e sofrerão para sempre a ira de Deus.

COMO A TRAGÉDIA SE TORNA COMÉDIA

Há alguma esperança de recebermos misericórdia? Sempre há esperança em Jesus, mesmo durante a hora mais sombria. Encontramos essa esperança aqui nessa passagem, assim como fazemos por toda parte na Bíblia. É verdade que Deus está indignado conosco por causa de nosso pecado e que merecemos estar sujeitos a seu justo juízo. Contudo, isto também é verdadeiro: Deus nos salvou do juízo ao enviar seu Filho para ser nosso Salvador. Somos objetos da ira, mas assim mesmo temos recebido misericórdia (veja Ef 2.1-7).

Ao mesmo tempo em que vemos Deus agindo com justiça contra Salomão por causa de seu pecado, também o vemos agindo com misericórdia para salvar seu povo. Mesmo enquanto testemunhamos a ruína da casa de Davi, sabemos que esse não pode ser o fim de sua linhagem real. Pois, de acordo com as promessas de Deus, Salomão era um filho amado que não estaria perdido para sempre. “... Quando ele cometer iniquidade...”, disse Deus, “... eu o disciplinarei com a vara dos homens, com os açoites dos filhos dos homens, mas não se afastará dele o meu amor inabalável...” (2Sm 7.14,15). Qualquer juízo que Salomão sofresse seria corretivo, e não destrutivo, pois o amor de Deus jamais o abandonaria. Deus também prometeu que a casa de Davi, o reino de Davi e o trono de Davi durariam para sempre (2Sm 7.16).

Deus nunca volta atrás em suas promessas. Portanto, mais tarde, quando o rei Salomão tragicamente se desviou do Senhor e sofreu por causa de seus

pecados, Deus ainda preservou uma parte de sua dinastia — o suficiente para manter suas promessas. Deus de fato tiraria o reino de Salomão, mas sua justiça foi amenizada pela misericórdia de seu amor inabalável: “No entanto, por causa de Davi, seu pai, não farei isso em seus dias, mas o tirarei da mão de seu filho” (1Rs 11.12).

Havia nisso um pouco de misericórdia para Salomão. O pleno peso do juízo divino seria adiado, o que é mais do que ele merecia. O reino de Salomão não se perderia senão depois que o idoso rei morresse.

No entanto, existe uma misericórdia bem maior naquilo que Deus prometeu em seguida: “... eu não arrancarei todo o reino, mas darei uma tribo a seu filho, por amor a Davi, meu servo, e por amor a Jerusalém, que escolhi” (v. 13). Mesmo em sua ira, Deus se lembrou da misericórdia, como ele sempre faz. Lembrou-se das promessas que havia feito a seu rei ungido e a seu povo escolhido, aqui representado pela cidade de Jerusalém. Deus se lembrou de que havia prometido a seu povo um reino eterno, governado pelo filho de Davi. Por causa dessas promessas, ele protegeria a tribo régia de Judá. Ele preservaria a linhagem real para que, na plenitude do tempo, um rei-salvador proveniente da casa de Davi ascendesse ao trono eterno de Deus.

Aqui está uma promessa para crermos, uma promessa que se cumpre na casa e na linhagem de Davi. Se Deus não tivesse preservado uma tribo para Davi nos dias depois do rei Salomão, então nenhuma das promessas de salvação se concretizaria. No entanto, Deus protegeu um remanescente do reino, preparando o caminho para nossa salvação. Isso faz parte da história de Jesus Cristo, conforme sabemos com base nas genealogias régias nos Evangelhos. Jesus de Nazaré era filho de Salomão (veja Mt 1.6,7) e, portanto, o herdeiro legítimo ao trono de Davi.

Jesus é o Salvador régio, o único que pode nos resgatar da ira que merecemos. Ele faz isso especificamente por meio da cruz em que foi crucificado. Algumas pessoas dizem que a morte dolorosa de Jesus Cristo foi um erro trágico. Entretanto, estritamente falando, *trágico* é a palavra errada para usar na descrição da morte de nosso Salvador. Em uma tragédia, o herói é a vítima de seus próprios erros trágicos, de suas próprias imperfeições pecaminosas. No entanto, Jesus Cristo é totalmente perfeito. Ele nunca cometeu nem mesmo o mínimo pecado. Por isso, todo

sofrimento que ele suportou não foi merecido, mas imerecido, e, portanto, isso não poderia ser trágico no sentido correto da palavra.

Então, qual foi a causa da morte dolorosa que Jesus experimentou? Ela não foi causada por algum pecado seu, mas por causa do nosso próprio pecado. Isso torna Jesus um novo tipo de herói, alguém que entra em nossa história trágica para ocupar nosso lugar. Nossa imperfeição é trágica e pecaminosa. Merecemos sofrer as consequências de nosso pecado. Todavia, Jesus interveio para sofrer a ira de Deus em nosso lugar. É por isso que os Evangelhos quase dão a impressão de serem tragédias: eles conduzem à cruz, em que Jesus sofreu o castigo completo e doloroso que merecemos por causa de nosso pecado. Esses sofrimentos, porém, não foram resultado de qualquer imperfeição de seu caráter, mas de uma perfeição: seu infinito amor por pecadores caídos.

Ao morrer em nosso lugar, Jesus transforma nossa tragédia em comédia — em uma história com final feliz. Deus está indignado conosco por causa de nosso pecado. Merecemos estar sob seu justo juízo. Não obstante, Deus nos salvou de sua própria ira, ao enviar seu Filho para entrar em nossa situação trágica e nos salvar da ruína eterna.

A história de Stephen Lungu termina exatamente com esse tipo de resgate. Anteriormente, neste capítulo, eu descrevi como Lungu foi a uma reunião evangelística armado com explosivos e pronto para usá-los. Ao ouvir o pregador, ele chegou à conclusão súbita e dolorosa de que Deus estava indignado com seu pecado. Mas o evangelista não ficou apenas na ira de Deus; também pregou a compaixão de Cristo. “De repente comecei a entender qual era a essência do cristianismo”, Lungu escreveu mais tarde. Jesus...

... havia sofrido de todas as maneiras que eu conhecia tão bem. Pobreza, opressão, fome, sede, solidão. Eu tinha experimentado tudo isso, e ele também. No entanto, o fato surpreendente era que ele não precisava experimentar esse sofrimento, mas o tinha aceitado em seu amor por mim. Ele havia vindo à terra por minha causa, para pagar o preço de meus pecados. Meu salário era a morte, mas Jesus pagou o preço por mim.⁶

Sim, essa é a essência do cristianismo. A tragédia de nosso pecado recaiu sobre Jesus Cristo. Embora sejamos tão culpados quanto Salomão no uso errado que fazemos de dinheiro, sexo e poder, há perdão para nós por meio

da cruz. Portanto, somos salvos da ira de Deus para viver felizes para sempre.

GUILA DE ESTUDO

Não há nada mais frustrante para um pai do que ver o filho quebrar determinada regra mesmo depois de suas advertências específicas. “Se você não terminar de arrumar seu quarto, não poderá sair com seus amigos mais tarde.” Ou, quando a situação é mais crítica: “Se você usar drogas, não poderá morar aqui em casa”. Pais não querem precisar castigar os filhos, mas, quando os filhos desobedecem, é claro que pais amorosos têm de discipliná-los. Deus Pai estava em situação parecida com o rei Salomão. O rei havia sido advertido sobre o que aconteceria caso desobedecesse, e agora tinha chegado a hora de Deus cumprir o que havia dito, ainda que isso partisse seu coração.

1. Descreva uma ocasião em sua infância quando a disciplina de seus pais foi especialmente eficaz em impedi-lo de repetir uma ação errada.
2. Leia 1Reis 11.9-11. Por que Deus estava indignado com Salomão? O que Salomão havia feito de errado? (Veja logo antes 1Reis 11.1-8.)
3. O salmo 90, uma oração de Moisés, louva a Deus por seu caráter e provisão — inclusive por sua indignação. Leia Salmos 90.7-11. Como a indignação de Deus faz parte de sua perfeição? Você sempre louva a Deus pela ira divina? Por que sim ou por que não?
4. Você enxerga em sua vida algum dos mesmos pecados que Salomão cometeu? Quais dos pecados de Salomão você é mais tentado a cometer?

5. Leia 1Reis 11.11-25. Quais foram as consequências dos pecados de Salomão? Como essas consequências estavam à altura de suas transgressões?
6. Salomão experimentou a dura disciplina de seu Pai amoroso. Você já foi disciplinado por Deus? Como você percebe que Deus usou as consequências lógicas de pecados na sua vida para ajudá-lo a ver o erro de seus caminhos?
7. O escritor de Hebreus incentiva seus leitores a aceitar a disciplina de Deus. Leia Hebreus 12.3-11. Por que devemos ser gratos pela disciplina de Deus? O que torna difícil para você aceitar a correção de Deus? De que maneiras práticas você poderia reagir melhor à disciplina de Deus em sua vida?
8. Deus é um Deus santo, que fica indignado com o pecado, mas é também um Deus misericordioso, que lida com seu povo com brandura, mesmo quando castiga o pecado. Como Deus mostrou misericórdia a Salomão, mesmo em meio a seu castigo? (Veja 1Rs 11.12,13,34-36.)
9. Leia Salmos 103.1-14. Relacione todas as misericórdias de Deus que são exaltadas nesses versículos. Quais desses atos divinos são mais significativos para você?
10. Pense de novo na disciplina de Deus em sua vida (veja a pergunta 6). Como você percebeu a misericórdia de Deus naquela situação? Como Deus tem sido terno com você, mesmo enquanto o corrige?

11. Cite uma ou duas verdades ou princípios que mais causaram impacto em você nesse estudo sobre a vida de Salomão e as tentações relacionadas a dinheiro, sexo e poder. Como seu tempo estudando 1Reis 1—11 afetou sua vida diária?

¹William Shakespeare, *Rei Lear*, ato 5, cena 3.

²Leon Morris, *The cross in the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1965), p. 190-1.

³John Stott, *The cross of Christ* (Downers Grove: InterVarsity, 1986), p. 106 [edição em português: *A cruz de Cristo*, tradução de João Batista (São Paulo: Vida, 2006)].

⁴John Stott, “God’s judgment”, in: John W. Alexander, org., *Believing and obeying Jesus Christ: the Urbana 1979 compendium* (Downers Grove: InterVarsity, 1980), p. 48.

⁵Stephen Lungu, com a colaboração de Anne Coomes, *Out of the black shadows* (Grand Rapids: Monarch, 2001), p. 78-80.

⁶Ibidem, p. 81.

O EPITÁFIO DE SALOMÃO

Epitáfio é a palavra final a respeito da vida de alguém. Escrito em uma lápide ou em outro monumento, o significado da existência de alguém é captado em uma frase curta ou em algumas linhas de versos poéticos.

Alguns epitáfios nos lembram de nossa própria mortalidade, tal como a famosa inscrição latina que diz *Hodie mihi, cras tibi* (“Hoje para mim, amanhã para ti”). Outros epitáfios nos lembram da dívida que temos com os soldados que morreram lutando pela nossa liberdade, tal como a inscrição de John Maxwell Edmonds que aparece no Monumento Kohima, da Segunda Guerra Mundial: “Quando você for para casa, conte a eles sobre nós e diga: *Pelo amanhã de vocês estes deram o seu hoje*”.

E existem todos aqueles epitáfios que dão testemunho da graça salvadora e santificadora de Jesus Cristo. David Livingstone foi um missionário pioneiro no interior da África. Seu túmulo na Abadia de Westminster, em Londres, tem a seguinte inscrição: “Durante trinta anos sua vida foi gasta em um esforço incansável de evangelizar”. O epitáfio de Ruth Bell Graham, que foi esposa do evangelista Billy Graham, diz menos sobre seu trabalho e mais sobre a ajuda do Espírito Santo. Ela o tomou emprestado de uma placa de sinalização em uma estrada: “Fim das obras: obrigada por sua paciência”.

Um dia a morte virá para cada um de nós, assim como vem para todos. Se a morte não vier hoje, virá em algum amanhã. Quando ela vier para você, o que as pessoas escreverão na *sua* lápide? O que elas dirão quando o seu tempo na terra tiver acabado?

O relato da vida de Salomão termina com estas palavras: “Ora, acaso o restante dos atos de Salomão, tudo o que fez e sua sabedoria, não estão escritos no Livro dos Atos de Salomão? O tempo que Salomão reinou em Jerusalém sobre todo o Israel foi quarenta anos. Salomão dormiu com seus

pais e foi sepultado na cidade de Davi, seu pai. E seu filho Roboão reinou em seu lugar” (1Rs 11.41-43).

Ao contrário dos escritos dos epitáfios, essas palavras não são muito notáveis. Ao concluir o registro sobre a vida de Salomão, esse resumo menciona outros documentos oficiais que há muito desapareceram. O registro bíblico simplesmente nos lembra do longo reinado do rei. Salomão governou durante quarenta anos — uma geração inteira —, o mesmo que seu pai, Davi. Quando seu trabalho na terra acabou, sua alma voltou para Deus, enquanto seu corpo foi sepultado em Jerusalém, onde dormiu com seus pais. A linhagem real continuou, com Roboão, o filho de Salomão, governando em seu lugar. Mas os dias de glória tinham acabado, como Israel logo descobriria.

Ao chegarmos ao final da vida de Salomão, que epitáfio devemos escrever em seu túmulo?

Existem muitas frases boas para escolher entre os escritos do próprio Salomão. Se considerarmos a maneira que ele começou, pedindo a Deus sabedoria para governar Israel, poderíamos escolher Provérbios 1.7: “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria”. Se examinarmos a maneira que o rei viveu, especialmente mais tarde na vida, podemos, em vez disso, escolher este versículo: “Comer e beber e encontrar prazer [...] debaixo do sol” (Ec 5.18). Mas Salomão aprendeu como é vazio viver sem Deus, de modo que talvez devêssemos colocar um lamento em seu túmulo: “Vaidade das vaidades! Tudo é vaidade” (Ec 1.2). Ou podemos examinar a maneira que o rei morreu e citar suas famosas palavras de Eclesiastes 3.20: “Tudo procede do pó, e ao pó tudo voltará”. Todavia, se temos esperança quanto à salvação de Salomão, como creio que devemos ter, podemos extrair o epitáfio do cântico de amor que ele escreveu para seu Salvador: “Ele me levou à casa de banquetes, e seu estandarte sobre mim era o amor” (Ct 2.4).

Independentemente do epitáfio que escrevamos para Salomão, o fato de que ele precisa de um epitáfio é um lembrete das limitações desse rei. No final ele morreu e, com isso, perdeu todos os seus poderes terrenos.

Louvado seja Deus porque conhecemos o Salomão maior de um reino maior, um Salomão que tem graça para nós. Conhecemos Jesus Cristo, o Rei, sem epitáfio. Ninguém registrou uma inscrição para o túmulo de nosso Salvador. As pessoas nem sequer tiveram tempo de preparar seu corpo para

o sepultamento, quanto mais de gravar seu nome em pedra. Além disso, que epitáfio você escreveria para um homem que voltaria à vida no terceiro dia? “Volto logo”? “Vejo você no domingo”? Talvez bastassem as palavras dos anjos: “Ele não está aqui, mas ressuscitou” (Lc 24.6).

Louvado seja Deus por Jesus Cristo, o Rei ressuscitado, o Salomão verdadeiro e justo da nossa salvação! Pelo poder de sua ressurreição, seremos capazes de servir a Deus até o fim de nossos dias. E depois ressuscitaremos com Salomão e todos os filhos de Deus, para oferecer a nosso Salvador uma eternidade de louvor.

ÍNDICEDE PASSAGENS BÍBLICAS

Gênesis

1.26 *100*

2.9 *127*

2.11,12 *218*

3.24 *128*

9.6 *44, 51*

15.18 *100*

22.16-18 *63*

25.29-34 *264*

27.1-45 *264*

49.9,10 *217*

Êxodo

4.10 *63*

13.21,22 *166*

16.10 *166*

19.9 *166*

20.17 *134*

21.12-14 *30*

21.14 *44*

24.15-17 *166*

25.17-22 *160*

34.14-16 *240*

34.15,16 *58*

37.1-9 *155*

40.34,35 165

Levítico

10.1,2 162

16 127

16.15,16 160

Números

4 157

4.2 158

4.5 158

27.16,17 63

Deuteronômio

6 131

6.4 61

6.5 248

6.14,15 262

7.3,4 58, 240

8.11-14 226

10.1-5 155

11.26-28 188

12.2,4 60

12.2-6 72

12.5,6 60

17.14-17 244

17.16 97, 110, 227

17.17 226

19.15 79

23.17 86

31.2,3 63

Josué

18.1 155

24.18 187

24.19 187

1Samuel

4.4 *163*

5 e 6 *162*

10.1 *20*

13.14 *175*

16.7 *18*

16.10-13 *17*

16.13 *20*

2Samuel

3.1-30 *42*

6.1-15 *156*

6.2 *163*

6.6,7 *162*

6.13 *159*

6.17 *156*

7.10,11 *102*

7.12 *55*

7.12,13 *35*

7.12-16 *23*

7.14,15 *250, 270*

7.16 *270*

8.13,14 *265*

14—18 *17*

16.5-13 *45, 51*

16.21,22 *39*

20 *17*

20.1-23 *42*

1Reis

1 *23, 24, 29, 57*

1—10 *57*

1.1 *15*

1.2-4 *16*

1.5-10 *19, 28*

1.6 *18*

1.7 51
1.8 22
1.31 19
1.32 19, 28
1.32-35 28
1.32-53 28
1.33,34 15
1.33-35 44
1.36,37 21-8
1.38,39 22
1.39,40 23, 46
1.47,48 23
1.50 30
1.52 37
1.52,53 30
2 35-6
2.3 60
2.5,6 35
2.6,9 64
2.8,9 45
2.10,11 34
2.12 34
2.12-46 50
2.13-17 38
2.13-25 35
2.18 39
2.19 40
2.20,21 40
2.22-25 40
2.26,27 35, 41
2.28 43
2.28-35 35
2.29 43
2.30 43
2.31-33 43
2.33 44

2.34,35 44
2.36 52
2.36,37 21
2.36-46 35
2.38 43
2.39,40 23, 46
2.41-43 46
2.44,45 46
2.44-46 33
2.46 34, 47
3 255
3.1 57-9
3.1-4 71
3.2 59
3.3 54-9, 243
3.3,4 59
3.3-15 253
3.4 44
3.5 55, 62
3.5-15 72, 253
3.6 55
3.6-8 72
3.7,8 62
3.8 63, 105
3.9 63-4, 73, 248
3.10,12 66
3.10-14 73
3.11,12 53
3.12 76
3.13 219
3.13,14 67
3.14 239
3.15 61, 68
3.16 77
3.16-28 90
3.17-21 77

3.22 78
3.23 79
3.24,25 80
3.26 80
3.27 81
3.28 75, 82, 91
4 95-6, 97, 105
4.7-19 96
4.20 98
4.20,21 93
4.20-28 110
4.21,24 100
4.22,23 183
4.24 183
4.24,25 102
4.25 98, 103
4.26 110
4.26-28 110
4.29 105-95
4.29-34 112
4.30,31 105
4.32 106
4.33 106
4.34 107
5 135
5—8 140
5.1-12 115
6 59, 136-44, 150
6.2-10 114
6.11-13 114
6.14-18 115
6.14-22 130
6.14-36 114
6.18 116
6.19-22 119
6.21 120

6.23,24 123
6.23-36 131
6.23-28 123
6.23-29,35 163
6.29 127
6.30 119
6.31,32 126
6.32,35 127
6.33-36 126
6.37,38 113-4
6.38 156
7 59, 138-54
7.1 138
7.1-12 150
7.2,3 143
7.2-5 135-42
7.6 135-42
7.7 135-43
7.8 135-42
7.9-12 144
7.13-51 150
7.51 154
7.51—8.4 169
8 154
8.1 153-5
8.2-4 156
8.5 159
8.5-9 170
8.6 163
8.7,8 163
8.9 154
8.10,11 165-72
8.22-53 236
8.60 204
8.61 175
8.66 236

9 181-6
9.1,2 174
9.1-9 189
9.3 120-79, 9.4,5 173-5, 264
9.6 186
9.6-8 176
9.6-9 189
9.8,9 177
9.10 178
9.10-28 191
9.11-14 182
9.15-19 182
9.20,21 183
9.22,23 183
9.24 182
9.25 186
9.26-28 184
10 108, 214
10.1 193
10.1,2 195
10.1-3 210
10.1-13 210
10.2 195
10.3 199
10.4,5 200
10.4-12 210
10.6,7 196
10.7 199, 200
10.8 200
10.9 203-8
10.10 205
10.11,12 206
10.13 207
10.14 215
10.14-22 230
10.15 215

10.16,17 142, 215
10.18-20 217
10.21 216
10.22 217
10.23,24 67
10.23-25 213-9, 230
10.26,28,29 227
10.26-29 231
10.27 216
11 227-39, 248-52, 264
11.1 58, 239-48
11.1-8 71, 254
11.1-10 274
11.2 240-8
11.3 142,239-48
11.4 233-44, 248
11.5 241
11.6 241-9
11.7,8 241
11.9 258
11.9,10 260
11.9-11 274
11.11 264
11.11,12 257
11.11-25 275
11.12 271
11.12,13, 34-36 275
11.13 271
11.14 264-7
11.15,16 264
11.17 265
11.18-20 265
11.21,22 266
11.23-25 267
11.41-43 278
14 224

14.25,26 224-7
20 227

2 Reis

2.5,32 51
5.1,2 227
14.4 59
15.35 59

1Crônicas

13.6 163
22.9,10 18

2Crônicas

1.4 156
1.5,6 60
1.10 63
1.11,12 66
5 153
5.13 154

Jó

23.10 218
29.12-17,28 231
28.15-17 221
31.24,25,28 223
42.5,6 197

Salmos

19.7-10 231
19.10 221
20.7 97
27.4 117-29
29.2 125
33.16,17 97, 110
45.13 218

72 83,106-36, 204-19

72.1 84

72.1,2 137

72.1,2,4 83

72.1-4 91

72.8 101

72.9 204

72.10,11,15 210

72.10-15 206

72.11 204

72.12,13 86

72.17 204

80.1 124-63

84.10 141

84.11 99

88 106

89 106

90 274

90.7-11 274

90.10 148

90.12 70

90.17 118

96.6 116

96.9 125

99.1,5 164

103.1-14 276

110.1 26

115.4 222

119.127 221

127 106

127.1,2 150

136.1 154

150.6 158

Provérbios

1.6 195

1.7 62, 74, 278

2.6 67

2.1-12 74

2.16-19 86

3.21,22 238

4.7-9 68

5.1-23 86

6.6 107

8.11 66, 74

16.16 66, 220

20.8 82

20.26 137

25.2 82

30.19,28 107

Eclesiastes

1.2 278

2.18,19 224

3.20 279

5.10-12 231

5.18 278

12.1 16

12.13 243

12.13,14 255

Cântico dos Cânticos

2.4 279

2.12 107

Isaías

6.3 124-32

9.7 27, 95

11.2-4 88, 92

11.6 93

19.19-25 59

25.6 98

29.13,14 *211*

30.18 *92*

31.1 *97, 110*

53.2 *117*

55.1,2 *98*

60.3-6 *206*

Jeremias

1.6 *63*

22.13-15 *150*

22.14 *143*

22.15 *143*

Ezequiel

7.19 *222*

29.13-16 *59*

Miqueias

4.4 *103*

Ageu

2.8 *218*

Zacarias

3.10 *103*

9.9 *24*

Malaquias

3.3 *218*

Mateus

1.6,7 *24, 271*

2.1,2 *204*

2.1-11 *29*

3.16 *24*

3.17 *203*

5.16 172
6.28,29 147
6.28-30 133
6.29 179, 228
6.30 148
6.33 48, 68
7.7,8 70
7.13 178
7.13,14 173
8.11 98
12.42 69, 82, 91
13.41-43 42
16.27 84
17.5 203
18.20 158
19.16-22 47
19.24 225
21.1-11 24
25.31-40 176
27.27-31 29
28.18 101

Marcos

1.24 125
9.2,3 167

Lucas

2.14 95
3.21,22 24
4.18 25, 83, 91
9.10-17 98
11.31 13, 108, 208
12.32 95
14.12-24 98
24.6 279
24.26,27 82

João

6.38 *48*

10.9 *128*

10.27-29 *190*

14.2 *104*

14.2,3 *149-52*

20.28 *197*

20.31 *198*

Romanos

2.16 *84*

3.26 *88*

5.1 *103*

5.6-11 *92*

8.13 *246*

8.26,27 *132*

11.35,36 *207*

12.1,2 *171, 211*

1Coríntios

1.18-25,30 *70*

1.24 *69*

1.21-25 *109*

1.30 *108*

3.11-13 *219*

3.16,17 *132*

10.12 *237*

11.26 *99*

15.24-28 *101*

2Coríntios

5.10 *84, 91*

Efésios

1.3 *99*

2.1-7 *270*

2.14 *103-12*
2.21,22 *118-72*
3.20 *67*
5.25-31 *240*

Filipenses

2.12,13 *190*
2.9-11 *26*
4.7 *104-12*

Colossenses

1.16 *101, 201*
1.20 *103*
2.3 *69, 74, 108, 201*
3.15 *104*

1^o Timóteo

1.17 *201*
3.1-13 *170*

2^o Timóteo

3.15 *69*
3.16 *82*

Hebreus

3.12 *185*
9.11-14,22 *171*
9.22 *159*
9.23,24 *123*
9.24 *163*
9.24-26 *132*
9.26 *160*
10.19-22 *129-32*
12.3-11 *275*

Tiago

1.5 70
3.17 73

1Pedro

1.7 221
1.15 125
1.21 122

1João

2.17 228
5.20 197

Judas

21 250
24 250

Apocalipse

4.4 229
11.15 95
15.8 168
19.1,2 85
19.9 99, 111
19.10 124
21.8 42
21.18-21 229
21.21 128
21.22 168
22.8,9 132
22.9 124
22.12 84

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abiatar 35, 37, 40, 41, 42, 44, 49, 51

Abisague 16, 38, 39, 40, 47, 50

Abraão 100

Absalão 17, 18, 39, 43

Adão 100, 127

Adonias 18, 19, 21, 28, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 49, 50,
51, 52

 sua loucura (sexo e poder) 41

Agostinho 116, 225

ahab 243

Alexandre, o Grande 76

altos. *Veja bemah*

Arca da Aliança

 levada ao templo por Salomão 154, 155, 156, 165

 querubins da 163

 santidade da 162

Aristóteles 238

B

Bate-Seba 18, 40

bemah 59

Benaia 19, 21, 43

bens 224

Blair, Tony 221

Boston, Thomas 95

Browning, Robert 199
Brueggemann, Walter 35

C

campeonato de beisebol e a campanha da Master-Card 121
Cântico dos Cânticos de Salomão 67
Carter, Howard 118
casamento
 com incrédulos 58, 240
 piedoso 240
Churchill, Winston 25, 26
Clemente de Alexandria 222
cobiça 134
Coleman, Robert 161
colinas de Golã 267
coração 64, 247, 250
cristãos, riqueza dos 220
cristianismo 272, 273
culto 158, 203
 doméstico 157
 público 158

D

dar/dizimar 147
Davi 34, 45, 61, 67, 155, 159, 244, 268
 e a Casa de Davi 268, 271, 273
 seu anseio em construir o templo de Deus 130
 sua idade avançada 18, 23
 sua integridade espiritual 175
 suas instruções para a
 coroação de Salomão 21
Davis, Dale Ralph 36, 184
dbq (hebr., “apegar-se”) 249
Defesa de Cristo, Em 198

Deus 57, 62, 69, 70, 83, 135, 139, 148, 157, 178
 amor a 57
 seu amor pela beleza 117
 seu juízo final 85, 88
 sua beleza 118
 sua glória 122, 168
 sua ira 263
 sua misericórdia 89, 251, 273
 sua oposição ao pecado 262
 sua santidade 44, 124, 125, 131, 162, 164, 167, 172, 239, 260
 suas riquezas 220
 sua vontade 64
Dever, Mark 244
Dia D 25
Dia da Expição 126, 160
distração, o perigo da 141
Drake, Edwin 213
 “A loucura de Drake” 213

E

Eclesiastes, livro de 250
Éden, jardim do 127
Edmonds, John Maxwell 277
edomitas 239, 264, 265, 266
Edwards, Jonathan 56, 57, 117
Eisenhower, Dwight David 25
eleição 180
Elizabeth II (rainha da Inglaterra) 17, 27, 113, 221
entrega aos prazeres 144-5
epitáfios 277, 278
escolhendo o que Deus quer 174, 180, 184, 239, 247
Escrituras 69, 87, 106, 167, 218, 221, 223
Espírito Santo 24, 25, 55, 57, 88, 101, 107, 118, 125, 139, 140, 147, 157,
 164, 166, 167, 202, 218, 221, 225, 251, 258, 261, 277
 seu poder 158, 167, 202

sua obra santificadora 243, 246
Ésquilo 233
Eurípedes 233
excentricidade, perigo da 144
expição 44, 159
Reconstrução Total 133, 148

F

Festa dos Tabernáculos 156
Flip this House [Transforme essa Casa] 134
Freeman, Elizabeth 168
Freeman, John 168
Fretheim, Terence 35
Frost, Robert 106, 173

G

ganab (hebr., “roubar”) 265
George VI (rei da Inglaterra) 25
Glorious things of thee are spoken [Falam-se coisas gloriosas a teu respeito]
229
Gods that fail (Ramachandra) [A falência dos deuses] 139
Graham, Billy 277
Graham, Ruth Bell 277

H

Hadade, o Edomita 267, 269
hamartia (gr., “falha trágica”) 238
Henry, Matthew 58, 136, 166
Herbert, George 120
Hicks, Edward 94, 104
“O reino pacífico” 93
Hirão 115, 181, 182, 184, 186, 205, 217
hodie mihi, cras tibi (lat., “hoje para mim, amanhã para ti”) 277
House, Paul 241

I

ídolos/idolatria 52, 59, 60, 61, 72, 142, 162, 178, 184, 222, 231, 232, 241, 244, 245

Israel (Antigo Testamento) 243

Israel (dias atuais) 267

J

Jeremias 63

Jerônimo 196

Jesus 82, 87, 128, 149, 157, 199, 251, 279

como Cristo (o Ungido) 24

como juiz de toda justiça 83

entrega de dádivas a 206

honra a sua sabedoria 203

maior que Salomão 13, 91, 108, 208

seu culto 205

seu domínio 101

seu reinado 27

seu sofrimento 272

sobre os lírios do campo 148

sua beleza 117

sua crucificação 26, 69, 88, 271

sua escolha 188

sua glória 121

sua prioridade para o reino de Deus 49

sua sabedoria 69, 109, 201

suas bênçãos 207

suas parábolas 201

sua transfiguração 168

Jó 197, 220

Joabe 35, 37, 40, 41

sua loucura (poder e violência) 45

Johnnie Petróleo de Carvão 214

Josué 187

juízo final 85, 269
justiça 85

K

Keller, Tim 33, 34

L

Leithart, Peter 120
liderança espiritual 61, 72, 157
Lifestyles of the Rich and Famous [Estilo de Vida de Ricos e Famosos] 134
Livingstone, David 162, 277
Lungu, Stephen 263, 273
Lutero, Martinho 61

M

mágico de Oz, O (Baum) 209
man in the gray flannel suit, The [O homem no terno de flanela cinzenta] 145
Marcela 196
Marco Polo 193
Moisés 63, 118, 154
 e o tabernáculo no deserto 165, 166, 218
monarquia
 e oposição 49
 e sucessão 27
Montoya, Inigo 266
Morris, Leon 259
MTV cribs [Mansões MTV] 134

N

Natã 22, 35, 39
new kind of urban Christian, A [Um novo tipo de cristão urbano] (Keller) 33

Newton, John 229

nó górdio 76

O

Obede-Edom 155

obediência 175, 180. *Veja tb.* escolhendo o que Deus quer

O que Jesus faria? 188

oração 55, 63, 65, 83, 136, 146, 158, 180, 236

de entrega 238

de Moisés 118

de Salomão para a dedicação do templo 179, 204, 236, 239

ouro

beleza do 219

como tentação perigosa 226

e o templo de Salomão 122

esplendor passageiro do 222

no tesouro de Salomão 217

P

pecado 236

cair em 243

consequências do 269

onde está o coração 250

oposição de Deus ao 262

tragédia do 273

Personal narrative [Narrativa pessoal] (Edwards) 56

Phillips, Richard 243

Piper, John 55, 56, 162, 172

politeístas 241

princess bride, The (1987) [A princesa prometida] 266

prioridades espirituais 139

Projeto de Recuperação de Prostitutas de Accra 87

Provan, Iain 22, 36, 63, 97, 123, 138

Provérbios, livro de 67, 195, 238, 278

Q

querubim/querubins

na Arca da Aliança 163

no templo de Salomão 123, 164

R

radah (hebr., “domínio”) 100

Ramachandra, Vinoth 139

raq (hebr., “apenas”) 60

Rei Lear 233, 257, 258

reino de Deus 34, 42, 203, 225, 228

road not taken, The (Frost) [A estrada que ficou para trás] 173

extensão do 101

fatura do 98

paz do 103

priorizando o 49

promessa do 95

Rezom 268, 269

Roboão 224, 278

Rouse, Henry 214

S

Sabá, rainha de 196, 199, 208, 209, 236

adorando a majestade régia de Salomão 203

honrando a sabedoria de Salomão 199

presentes para Salomão 205

recebendo a bênção de Salomão 207

sabedoria 66

de Jesus 69, 109, 201

de Salomão 68, 77, 109, 195, 203, 235, 238

riqueza da 70

sacrifício 162

de Jesus 161

- do Antigo Testamento 160
- que os cristãos são chamados a fazer 162
- salmos régios 83
- Salomão 40, 65, 279. *Veja tb.* Sabá, rainha de; reino de Salomão; palácio de Salomão; Templo de Salomão
 - bênçãos de Deus a 68
 - como tipo de Cristo 199
 - construção do “Milo” para sua esposa 182, 183
 - coração no lugar errado 249, 261
 - desvio de 249
 - escolhido por Deus 17
 - execução de rivais 37
 - ira de Deus contra 262
 - misericórdia de Deus com Salomão 271
 - seu amor por Deus 55, 245
 - seu sucesso 181
 - seu trono 23, 36, 217
 - sinais de que seu amor por Deus não era de todo o coração 62
 - sua coroação 24
 - sua desobediência 178, 228
 - sua idolatria 242
 - sua loucura 242
 - sua queda em pecado 245
 - sua sabedoria 65, 76, 109, 195, 203, 235, 238
 - sua salvação 251, 279
 - sua solução para a disputa de duas mulheres por um bebê 82, 87
 - suas realizações 185
- Salomão (Handel) 194, 216
- Salomão, palácio de 137
 - Casa da Floresta do Líbano 135, 136, 141, 142, 143, 235
 - e o perigo da distração 141
 - e o perigo da excentricidade 144
 - Salão das Colunas 135, 142, 235
 - Salão do Trono (Salão do Julgamento) 135, 136, 137, 235
- Salomão, reino de
 - extensão do 100

fartura do 99
paz no 104
período áureo do 220
Salomão, Templo de 59, 129, 186, 218
beleza do 118
construção do 116
e a Arca da Aliança 153, 154, 157, 167
e a descida de Deus em glória 165
Lugar Santíssimo (câmara interna) 115, 119, 122, 123, 126, 127, 128,
132, 160, 163, 169
Lugar Santo (câmara externa) 122
oração para dedicação do 204, 236, 239
ouro no 122
portas do 129
querubins dourados do 125, 164
salvação 48, 63, 69, 97, 99, 109, 161, 180, 199, 202, 222, 228, 271
de Salomão 251, 279
santidade 125
Saul 20, 250, 268
Sebá, o Benjamita 17
Sermão do Monte 147, 201
Sermão Profético 201
Shakespeare, William 233, 257, 258
Shea, George Beverly 251
shomea (hebr., “ouvir”) 64
Simeí 35, 37
sua loucura (dinheiro) 47
simul iustus et peccator (lat., “ao mesmo tempo justo e pecador”) 61
Síria 227, 267
Sófocles 233
Spurgeon, Charles 45, 95, 101, 102, 224
Still, William 124
Stott, John 260
Strobel, Lee 197, 198

T

teofania 166

This Old House [Essa Casa Velha] 134

Three Wishes [Três Desejos] 53

Tomé 197

Trading Spaces [Trocando de Lugar] 134

tragédia 234, 253, 258

do pecado 263

heróis trágicos 234, 238

na literatura mundial 233

transit gloria mundi (lat., “assim passa a glória do mundo”) 214, 224, 228, 229

Tripp, Paul David 247

U

unção 21

Uzá 155, 162

V

viagens de Marco Polo, As 194

violência 44

W

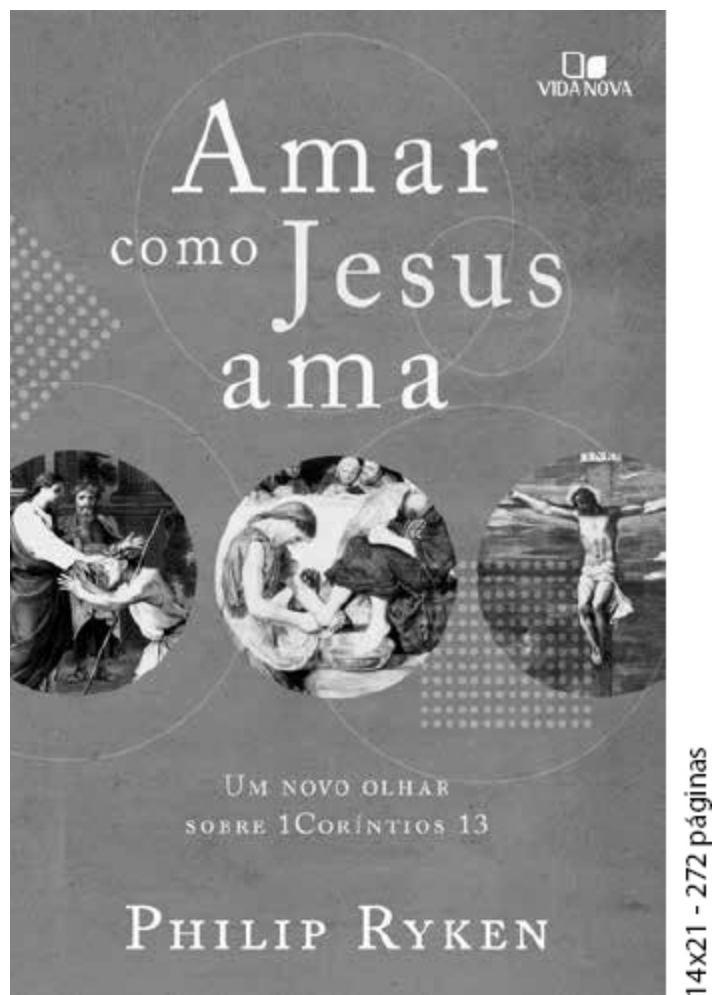
Washington, George 103

Woods, Tiger 11, 12

Z

Zadoque 15, 19, 20, 22, 35, 44

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DO AUTOR



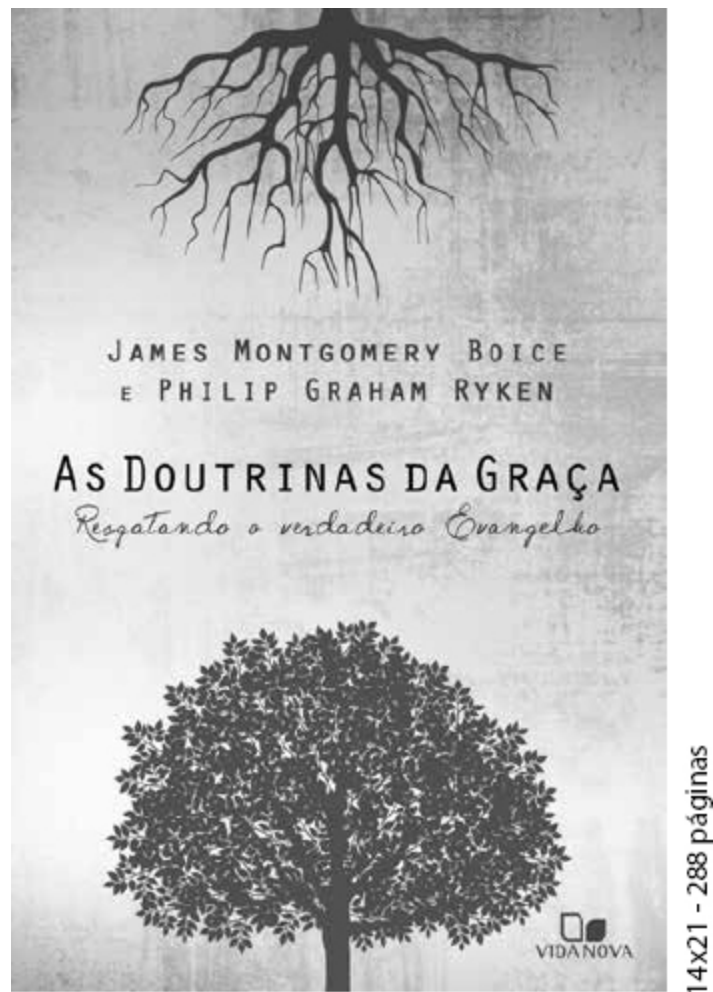
“O amor é paciente, o amor é benigno. Não é invejoso; não se vangloria, não se orgulha, não se porta com indecência, não busca os próprios interesses...”

A maioria das pessoas está familiarizada com os versículos de 1Coríntios 13 — o “Capítulo do Amor”. Talvez esse seja um dos primeiros lugares em que muitos procuram *amor* na Bíblia e provavelmente seja a passagem

mais lida e pregada em cerimônias de casamento. A certeza é que esse poema de Paulo (muitos estudiosos o classificam assim) é o mais completo retrato do amor encontrado na Bíblia e, mesmo assim, não é tão bem compreendido quanto deveria ser.

Philip Ryken, porém, tem algo novo a dizer. Com base na vida e no ministério de Jesus, o autor ilustra o que é (e o que não é) o amor e traz uma perspectiva única para essa passagem. *Amar como Jesus ama* integra com sucesso ensino bíblico, guias de estudo e uma linguagem acessível — tudo para ajudar o leitor a entender melhor o amor profundo de Cristo e, por sua vez, aprender a amar mais profundamente em resposta. Afinal de contas, “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19).

COM GUIA DE ESTUDO AO FINAL DE CADA CAPÍTULO.



"Quando a Igreja abandona a sã doutrina, as bases da fé cristã, ela fatalmente definha."

Vivemos numa era de teologia fraca e cristianismo sem compromisso com a Palavra. A verdade, a fé e a esperança vindoura foram substituídas pela intuição, pela emoção e pela gratificação imediata. Mas, se a igreja denunciar essa fé egoísta e se voltar para Cristo e sua cruz como o centro, ela verá reforma e avivamento. E isso só acontecerá quando ela redescobrir as doutrinas da graça!

Esta obra foi composta em Adobe Caslon Pro,
impressa em papel off-set 75 g/m², com capa em cartão 250 g/m²,
na Imprensa da Fé, em setembro de 2018.